

Universidade Federal de Minas Gerais

Alex Sander Luiz Campos

**MACHADO DE ASSIS CONTRA A CONCEPÇÃO DE SUJEITO SOLAR:  
IMPLICAÇÕES NA CRÔNICA**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2013

Alex Sander Luiz Campos

**MACHADO DE ASSIS CONTRA A CONCEPÇÃO DE SUJEITO SOLAR:  
IMPLICAÇÕES NA CRÔNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira  
Linha de pesquisa: Poéticas da Modernidade

Orientador: Prof. Dr. Sergio Alcides Pereira do Amaral (FALE/UFMG)

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2013

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A848b.Yc-m Campos, Alex Sander Luiz.  
Machado de Assis contra a concepção de sujeito solar [manuscrito]  
: implicações na crônica / Alex Sander Luiz Campos. – 2013.  
162 f., enc.

Orientador: Sergio Alcides Pereira do Amaral.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa: Poéticas da Modernidade.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 145-159.

Apêndices: f.160-162.

1. Assis, Machado de, 1839-1908. – Bons dias! – Crítica e interpretação – Teses. 2. Assis, Machado de, 1839-1908. – A semana – Crítica e interpretação – Teses. 3. Ficção brasileira – história e crítica – Teses. 4. Sujeito (Filosofia) – Teses. 5. Subjetividade na literatura – Teses. 6. Heteronímia – Teses. I. Alcides, Sergio, 1967-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.33



pós-lit  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de  
Letras - FALE



Dissertação intitulada *Machado de Assis contra a concepção de sujeito solar: implicações na crônica*, de autoria do Mestrando ALEX SANDER LUIZ CAMPOS, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

**Linha de Pesquisa:** Poéticas da Modernidade

**Área de Concentração:** Literatura Brasileira/Mestrado

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Sérgio Alcides Pereira do Amaral - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dra. Ana Maria Clark Peres - FALE/UFMG

Prof. Dr. José Raimundo Maia Neto - FAFICH/UFMG

Prof. Dra. Graciela Inés Ravetti de Gómez  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 10 de janeiro de 2013.

À memória de meu avô,  
Belarmino Luiz de Campos,  
que não se foi sem que eu pudesse ainda o  
conhecer,  
como dizia a canção,  
*“somewhere between a dream and a memory”*.

## AGRADECIMENTOS

A Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG) propiciou-me o contato com pessoas admiráveis, que farão parte de minha vida para sempre. Por tudo que contribuíram para meu crescimento acadêmico e pessoal durante os anos de Mestrado, expresso aqui meus agradecimentos.

A meu orientador, professor Sérgio Alcides, pelas críticas pertinentes e pela perspicácia com que me auxiliou no amadurecimento da ideia inicial desta dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit), particularmente àqueles em cujas disciplinas completei meus créditos, pelos comentários enriquecedores e sugestões de leituras: Andréa Werkema (atualmente na UERJ), Claudia Soares, Elcio Cornelsen, Elisa Vieira, José Américo de Miranda e Marcelino Rodrigues. Às professoras Constância Duarte e Emília Lopes, orientadoras em meu estágio de docência na graduação.

À professora Ana Maria Clark Peres, pelo parecer sobre nosso Projeto definitivo de dissertação.

Ao professor Osmar Oliva, com quem iniciei meu estudo das crônicas machadianas ainda na graduação em Letras, na Universidade Estadual de Montes Claros.

Aos professores José Raimundo Maia Neto (FAFICH/UFMG) e Generosa Souto (Unimontes), cujas aulas também contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores John Gledson (University of Liverpool) e Leonardo Affonso de Miranda Pereira (PUC-Rio), que gentilmente me enviaram material bibliográfico de interesse.

Aos funcionários do Pós-Lit, em especial a Letícia Magalhães Teixeira, pelo auxílio tão competente.

À professora Aurora de Quadros (Unimontes), que me presenteou com a edição das *Obras completas* machadianas que pertenceu a seu pai, Mario Cardoso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, que, em momentos distintos, permitiram-me a dedicação aos estudos e a escrita da dissertação.

Aos professores Ana Maria Clark Peres e José Raimundo Maia Neto, agradeço também pelos comentários, sugestões e críticas que fizeram a este trabalho quando de sua defesa pública, na Faculdade de Letras da UFMG.

A todos, enfim – incluindo colegas da pós-graduação e estudantes de graduação com que trabalhei no meu estágio CAPES/REUNI –, agradeço pelas “provocações” e interlocuções tão necessárias à pesquisa em estudos literários. É preciso ressaltar, entretanto, que as imprecisões relutantes neste trabalho são de minha inteira responsabilidade.

A Tia Vanda e sua família, agradeço pela gentil recepção quando de minha chegada a Belo Horizonte.

Com imenso carinho, agradeço a toda minha família, particularmente a meus pais, Antenor e Cleusa, pela presença terna em minha vida.

*Last but not least* agradeço a Deus, que me concedeu tão sonhada oportunidade.

*E precisaria cada um, para simultaneidades no sentir e pensar,  
de vários cérebros e corações. Quem sabe, temos?*

João Guimarães Rosa, “Sobre a escova e a dúvida”,  
*Tutameia: terceiras estórias*

## RESUMO

Contrariando a tradição moderna do sujeito, que atesta sua indivisibilidade, a obra de Machado de Assis permaneceu alheia ao ditame metafísico da unidade do sujeito. Investigaram-se as implicações dessa postura na crônica, partindo de um *corpus* composto pelas duas últimas séries escritas pelo autor: “Bons dias!” e “A semana”. Baseando-se na via alternativa proposta por Costa Lima, a de um sujeito fraturado, este trabalho identificou, em cada uma das séries, um cronista distinto, dotado de características particulares. Em relação a “Bons dias!”, foi estudado o cronista Policarpo, um ex-relojoeiro atormentado em um mundo de relógios em descompasso. No caso d’“A semana”, identificou-se um cronista enfasiado com os “assuntos graves”. Concluiu-se que a “heteronímia” em Machado de Assis deve ser entendida em sentido amplo: mantendo o controle de suas criações literárias, teria praticado o “outramento” a fim de ocultar-se, dificultando o trabalho daqueles que procuram por uma “identidade anterior” à ficção e dando vida a uma galeria notável de cronistas, capaz de pôr em xeque, como o fazem os heterônimos pessoais, a concepção solar de sujeito.

**Palavras-chave:** concepção de sujeito, Machado de Assis, crônica, “Bons dias!”, “A semana”.

## ABSTRACT

Contrary to the modern tradition of the subject, which attests to its indivisibility, Machado de Assis remained oblivious to the dictates of the metaphysical unity of the subject. We investigated the implications of this stance in the *crônica*, starting from a *corpus* composed of the last two series written by the author: “Bons dias!” [“Good Morning!”] and “A semana” [“The Week”]. Based on the alternative route proposed by Costa Lima, the fractured subject, this work has identified, in each series, a distinguished *cronista*, endowed with particular characteristics. Regarding “Good morning!”, we studied the *cronista* Policarpo, a former watchmaker in a tormented world of watches at odds. In the case of “The Week”, we identified a chronicler bored with “serious issues.” It was concluded that the “heteronomy” in Machado de Assis must be understood in a broad sense: keeping track of his literary creations, have practiced the “otherness” to hide himself, hindering the work of those looking for an “identity previous” to fiction and bringing to life a notable gallery of *cronistas*, able to question, as Pessoa’s heteronyms do, the conception of a solar subject.

**Keywords:** concept of subject, Machado de Assis, *crônica*, “Bons dias!” [“Good Morning!”], “A semana” [“The Week”].

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
 <b>PARTE I – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS</b>	
 <b>1 MACHADO DE ASSIS: CRONISTA <i>ENTRE</i> CRONISTAS? .....</b>	<b>22</b>
1.1 A crônica e seu lugar na obra de Machado de Assis .....	22
1.2 “Sinto-me múltiplo” .....	39
1.3 Considerações sobre a fratura do sujeito em Machado de Assis .....	49
 <b>PARTE II – ESTUDO DO <i>CORPUS</i></b>	
 <b>2 “BONS DIAS!” (1888-1889) .....</b>	<b>67</b>
2.1 Recepção crítica de “Bons dias!” .....	73
2.2 À sombra de Brás: o cronista impudente .....	82
 <b>3 “A SEMANA” (1892-1893) .....</b>	<b>107</b>
3.1 Recepção crítica de “A semana” .....	113
3.2 À sombra de Aires: o cronista enfasiado .....	123
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>141</b>
 <b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>145</b>
 <b>ÍNDICE DE AUTORES .....</b>	<b>160</b>

## INTRODUÇÃO

“*Sans tambour ni trompette*” foi como Artur Azevedo, assinando A. A., caracterizou a publicação, pela casa Garnier, de livro então inédito de Machado de Assis – o romance *Dom Casmurro*.<sup>1</sup> Enquanto muitos dos literatos brasileiros coetâneos daquele escritor anunciavam obras que jamais seriam publicadas, relatou Artur Azevedo na seção “Palestra” d’*O País* de 13 de março de 1900, “Machado de Assis, o primeiro dos nossos escritores mortos e vivos, não anda[va] a badalar aos quatro ventos que [ia] publicar este ou aquele volume.” O escritor maranhense, na resenha sobre *Dom Casmurro*, exprime ainda: “Tem [Machado de Assis] horror ao anúncio e ao espalhafato. Faz como as senhoras pudicas e discretas que, se concebem, ficam em casa para não dar em espetáculo a sua gravidez.”<sup>2</sup>

Em 1900, já era Machado de Assis escritor consagrado – o primeiro entre mortos e vivos, na avaliação de Artur Azevedo. Até aquele ano, já havia publicado os trabalhos que lhe garantiriam a imortalidade – as *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e o recém-lançado *Dom Casmurro*, para ficar apenas nos romances. Já havia publicado também um número formidável de contos, muitos deles considerados obras-primas no gênero. No que se refere à crônica, gênero em que é considerado o responsável por um “corte agudo”,<sup>3</sup> já havia publicado todas as suas contribuições na forma de série.<sup>4</sup> Como os romances, também as séries de crônicas ganhariam a letra impressa “sem tambor nem trompette”, sem o alarde tão comum no cenário literário do Rio oitocentista. Duas séries publicadas pela *Gazeta de Notícias*, uma na década de 1880 – “Bons dias!” – e outra na década de 1890 – “A semana” –, refletem o incômodo machadiano pelo anúncio e pelo espalhafato – retomando os termos de Artur Azevedo. A última delas, “A semana”, embora reconhecidamente, na época de sua publicação original, fruto da pena de Machado de Assis, não trazia assinatura do autor, nem pseudônimo. A penúltima série de crônicas machadiana,

<sup>1</sup> Embora a primeira edição do livro seja de 1899, os primeiros exemplares só em 1900 chegariam da capital francesa, onde foram impressos, ao Rio de Janeiro (cf. MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 4, p. 113).

<sup>2</sup> As citações do texto de Artur Azevedo foram retiradas do Anexo “Resenhas e comentários sobre os romances machadianos”, organizado por Hélio de Seixas Guimarães para seu *Os leitores de Machado de Assis* (cf. GUIMARÃES. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, p. 406). Modernizou-se a grafia das citações, nesta dissertação, consoante o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

<sup>3</sup> ARRIGUCCI JÚNIOR. Fragmentos sobre a crônica, p. 58.

<sup>4</sup> A última série de crônicas de Machado de Assis, “A semana”, fora finalizada a 28 de fevereiro de 1897. Entretanto, a *Gazeta de Notícias* ainda publicaria, nos dias 4 e 11 de novembro de 1900, duas contribuições do escritor, sob o título de “Crônica” (cf. ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 28, p. 431).

“Bons dias!”, permaneceu por décadas fora da relação de obras conhecidas de Machado de Assis, dada a não identificação do autor.<sup>5</sup>

A ausência de “espalhafato”, condizente com a moderação e as “meias-tintas” não raramente louvadas por Machado, não implica, absolutamente, poucos leitores para determinada obra, ainda mais quando se trata de um autor como Machado de Assis – “o ‘grande’ Machado de Assis”, lembra John Gledson.<sup>6</sup> A verdade é que as duas séries de crônicas mencionadas chegaram aos nossos dias, com o reconhecimento demonstrado por parte dos leitores especializados do empenho machadiano no processo de criação literária – seria um erro pensar nas crônicas como um simples ganha-pão, adverte John Gledson na Introdução a sua edição de “Bons dias!”.<sup>7</sup> O próprio Gledson, reconhecendo o valor das crônicas de “Bons dias!”, afirma serem elas das mais importantes e fascinantes escritas por Machado de Assis.<sup>8</sup> Ayrton Marcondes, discorrendo sobre a série “A semana”, vai além: amadurecido com o passar do tempo, teria Machado atingido, como cronista d’“A semana”, a perfeição.<sup>9</sup>

Não pode ser negligenciado, entretanto, o fato de que o reconhecimento do valor desses textos para a pesquisa em literatura brasileira não se encontra generalizado. Tal condição nem é exclusiva da crônica; também a poesia e o teatro machadianos ainda não possuem a investigação e a fortuna crítica que seguramente merecem. Essa situação, a bem da verdade, já foi pior. Elias José, em texto publicado no *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais* de 15 de julho de 1989, expunha quão raro era encontrar estudiosos do Machado de Assis cronista, poeta e dramaturgo. Escassez injustificada particularmente no caso do cronista, assevera Elias José, dado que fora a crônica uma das responsáveis por propiciar a Machado não somente o acesso às letras, mas também o desenvolvimento da vocação de escritor e o estabelecimento de contatos importantes com leitores, jornalistas, escritores e políticos representativos de sua época.<sup>10</sup>

Felizmente, as décadas subsequentes à de 1980 assistiram a um aumento cada vez maior do interesse dos estudiosos pela crônica de Machado de Assis. Primeiramente, no que

<sup>5</sup> Cf. GLEDSON. *Bons dias!*, p. 138.

<sup>6</sup> GLEDSON, *Bons dias!*, p. 136

<sup>7</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 15. Gustavo Franco, na mesma direção, qualifica como impróprio o pensamento de que a crônica representou, para Machado de Assis, apenas “algum sacrifício que lhe permitia a dedicação aos gêneros literários ditos superiores.” (FRANCO. *A crônica do tempo*, p. 13).

<sup>8</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 58.

<sup>9</sup> MARCONDES. *Machado de Assis: exercício de admiração*, p. 136.

<sup>10</sup> JOSÉ. Um Machado de Assis menos prestigiado, p. 3. Também John Gledson, em 1986, relataria: “é espantoso como se tem estudado pouco, de maneira mais séria, o jornalismo de Machado” (GLEDSON. *Bons dias!*, p. 136).

diz respeito à edição desses textos. Várias séries mereceram nova apresentação, retorno aos periódicos em que saíram originalmente, pesquisa de referências literárias e históricas nelas contidas, muitas vezes até contextualização do diálogo que o cronista mantinha com as demais seções do jornal, como artigos de outros colaboradores, anúncios, notícias, “a pedidos”, etc.<sup>11</sup> A contribuição machadiana para *O Espelho*, jornal que circulou no Rio de Janeiro no segundo semestre de 1859 – Machado era então um jovem de 20 anos –, foi organizada e recebeu Introdução e notas por João Roberto Faria.<sup>12</sup> Os “Comentários da semana” (1861-1862), primeira série de Machado para o *Diário do Rio de Janeiro*, foram organizados por Lúcia Granja e Jefferson Cano.<sup>13</sup> A contribuição de Machado para a *Ilustração Brasileira*, intitulada, conforme a periodicidade da revista – quinzenal ou mensal –, “História de quinze dias” ou “História de trinta dias” (1876-1878), ganhou duas edições recentes – a primeira, preparada por Leonardo Pereira para a Editora da UNICAMP; a segunda, preparada por Silvia Azevedo para a Editora UNESP.<sup>14</sup> As “Notas semanais” (1878) foram organizadas por John Gledson e Lúcia Granja.<sup>15</sup> As “Balas de estalo”, primeira série de Machado na *Gazeta de Notícias*, saíram em edição de Heloisa De Luca.<sup>16</sup> Por fim, as duas séries de que se ocupa esta dissertação, “Bons dias!” – em sua totalidade (1888-1889) – e “A semana” – dois primeiros anos de publicação (1892-1893) – receberam edições com Introdução e notas por John Gledson.<sup>17</sup>

Durante as últimas décadas, é perceptível também um aumento significativo no número de estudos – dissertações, teses, artigos e livros – que se concentram, prioritariamente, na crônica de Machado de Assis. Muitos nomes importantes nesse processo

<sup>11</sup> Teve prosseguimento, portanto, o trabalho iniciado por estudiosos como Mário de Alencar (ASSIS. *A semana*), Aurélio Buarque de Holanda – que preparou o texto d’“A semana” para a edição Jackson das *Obras completas* de Machado de Assis, edição essa que serviu de base a muitas outras (cf. ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*) – e Raimundo Magalhães Júnior [cf. ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”], pioneiros na divulgação das crônicas machadianas em livro.*

<sup>12</sup> Cf. ASSIS. *O Espelho*.

<sup>13</sup> Cf. ASSIS. *Comentários da semana*.

<sup>14</sup> Cf., respectivamente: ASSIS. *História de quinze dias*; ASSIS. *História de quinze dias, história de trinta dias: crônicas de Machado de Assis* – Manassés.

<sup>15</sup> Cf. ASSIS. *Notas semanais*.

<sup>16</sup> Cf. ASSIS. *Balas de estalo de Machado de Assis*.

<sup>17</sup> Cf., respectivamente: ASSIS. *Bons dias!*; ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*. Deixou-se de mencionar um bom número de edições recentes que se configuram como “antologias” de crônicas para os fins mais diversos, como são os volumes preparados por Salette Cara (ASSIS. *Melhores crônicas*), Gustavo Franco (ASSIS. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*), além de número da Coleção “Para gostar de ler” dedicado a Machado (ASSIS. *Fuga do hospício* e outras crônicas). O boom de novas edições de séries de crônicas machadianas, muitas delas impulsionadas pelas comemorações do centenário de morte do escritor, em 2008, não foi suficiente, entretanto, para abranger a totalidade da contribuição machadiana à imprensa fluminense. Algumas séries, como as publicadas n’*O Futuro* (1862-1863) e na *Semana Ilustrada* (1867-1876), ainda carecem de edição anotada.

de aprofundamento na leitura e pesquisa de textos machadianos por décadas relegados a segundo plano serão citados e discutidos nesta dissertação. A título de ilustração, entretanto, é que destacamos a presença de um capítulo dedicado à crônica machadiana – especificamente “Bons dias!” – em *Machado de Assis: ficção e história*, de John Gledson,<sup>18</sup> livro lançado originalmente em 1986 – e que, no parecer de Nicolau Sevcenko, marcou época e propiciou a reconfiguração da percepção de um repertório já conhecido.<sup>19</sup> Seguindo outra perspectiva teórica, seria lançado, em 2007, *Narradores de Machado de Assis*, livro de Gabriela Betella derivado de sua tese de doutorado, defendida cinco anos antes pela Universidade de São Paulo – USP. Defendendo a estética da crônica machadiana, esse trabalho compara as séries “Bons dias!” e “A semana” a dois romances, *Esau e Jacob* e *Memorial de Aires*, apontando características que seriam compartilhadas pelos dois gêneros, como a intimidade entre narrador e leitor, entre outras.<sup>20</sup>

Os dois trabalhos citados no parágrafo anterior<sup>21</sup> são representativos da variedade de perspectivas sob as quais a crônica machadiana vem sendo estudada – seja pelo viés da estética, da relação entre ficção e história, da experimentação narrativa, do diálogo entre literatura e filosofia, etc.<sup>22</sup> Naturalmente, muitas divergências interpretativas surgem entre os pesquisadores – uma delas será especialmente referida no capítulo 2 desta dissertação, “‘Bons dias!’ (1888-1889)”. Uma constatação, porém, tem sido bem acolhida entre os estudiosos que vêm, sistematicamente, investigando a crônica de Machado de Assis: a de que “os gêneros ‘menores’ não devem ser ignorados, ainda mais quando o autor [...] é um mestre do gênero”.<sup>23</sup> Além do que, como pontuou Gledson, “muitas vezes se esquece de que Machado escrevia em vários gêneros, e de que um relato da sua carreira que se concentrar num só – quase sempre os romances – nunca poderá ser completo.”<sup>24</sup> Obviamente, não é um “relato completo” da carreira de Machado que esta dissertação propõe. No entanto, se não estudarmos as crônicas machadianas e as várias questões que elas suscitam, será sempre deficitário nosso conhecimento daquele que é considerado um dos maiores escritores da língua de Camões. Em

<sup>18</sup> Cf. GLEDSON, Bons dias!.

<sup>19</sup> SEVCENKO. A ficção capciosa e a história traída, p. 13.

<sup>20</sup> Cf. BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esau e Jacob e Memorial de Aires)* e a simulada displicência das crônicas (*Bons dias!* e *A semana*), p. 189.

<sup>21</sup> GLEDSON. Bons dias!; BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esau e Jacob e Memorial de Aires)* e a simulada displicência das crônicas (*Bons dias!* e *A semana*).

<sup>22</sup> Em 1972, Josué Montello já sugeria a possibilidade de três perspectivas de investigação, no que se refere à crônica de Machado: a crônica como “espelho” dos acontecimentos comentados, a crônica como pretexto à reminiscência pessoal – o que permitiria um conhecimento maior do escritor Machado de Assis – e a crônica como obra de arte literária (MONTELLO. *Machado de Assis*, p. 44-45).

<sup>23</sup> GLEDSON, Bons dias!, p. 136.

<sup>24</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 16.

que, portanto, especificamente, pretende esta dissertação contribuir, somando-se ao esforço dos estudiosos que vêm mostrando novas faces e vozes em Machado de Assis?

Ayrton Marcondes, discorrendo sobre as qualidades da crônica de Machado de Assis, sintetiza bem um dos alicerces iniciais desta dissertação, fundamental para a posterior delimitação do problema:

O Machado cronista é plural: não existe um só cronista escrevendo um só tipo de crônica. Em Machado de Assis, o cronista sério quase sempre se transfigura num outro, galhofeiro e irônico: o homem de pince-nez cede lugar, sem a maior cerimônia, ao carioca da rua que frequenta os júris e assiste às sessões do Senado, sentado nas galerias. É desses lugares, do meio do povo cuja voz reproduz, que surgem crônicas saborosas e que nos dão grande prazer.<sup>25</sup>

O sabor das crônicas e o prazer que elas dão já seriam, certamente, bons estímulos para uma pesquisa que as tivesse como *corpus*. Não foi isso, entretanto – pelo menos a princípio –, que motivou a leitura e o estudo de um bom número de crônicas fluminenses do século XIX, mas o interesse em investigar a “pluralidade” machadiana em um gênero considerado “menor”. De uma forma geral, a “metamorfose” do cronista – bem exemplificada por Marcondes quando cita o cronista sério que dá lugar ao galhofeiro e irônico, mas que também não se restringe a isso – já havia rendido bons estudos, como os de John Gledson,<sup>26</sup> pesquisador que defende, no caso de “Bons dias!”, a liberdade do escritor Machado de Assis em relação ao que define como “necessidade de consistência na criação da *persona* do cronista”<sup>27</sup> ou o artigo de Osmar Oliva “Metamorfoses dos narradores machadianos – entre defuntos, burros e filósofos”, estudo cujo título já parece ser suficiente para sugerir a variedade narrativa das crônicas machadianas.

A percepção de que “não existe um só cronista escrevendo um só tipo de crônica”<sup>28</sup> ocorreu-nos antes mesmo da leitura da biografia *Machado de Assis: exercício de admiração*, em que isso é constatado. Na realidade, tal exame, em um primeiro momento talvez até bastante evidente, começou a nos inquietar desde as primeiras leituras de crônicas de Machado de Assis. Gustavo Bernardo, após crítica que formula à sobreposição da história da

<sup>25</sup> MARCONDES. *Machado de Assis: exercício de admiração*, p. 137.

<sup>26</sup> Cf. GLEDSON. Bons dias!; GLEDSON. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*; GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*; GLEDSON. Uma leitura equivocada: incompreensão do funcionamento da crônica de Machado de Assis.

<sup>27</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 26. Não haveria, segundo John Gledson, a mínima necessidade de criação dessa *persona*, já que “tudo é brincadeira [na série “Bons dias!”], e as contradições fazem parte do jogo” (GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 26).

<sup>28</sup> MARCONDES. *Machado de Assis: exercício de admiração*, p. 137.

literatura à própria literatura, afirma que, “antes de qualquer teoria, é necessário que o leitor efetivamente ‘se encontre’ a sós com o texto, de modo a desenvolver com ele o mínimo de intimidade”.<sup>29</sup> Com efeito, apenas depois de um “mínimo de intimidade” com as duas séries de crônicas destacadas no início desta Introdução – “Bons dias!” e “A semana” – foi possível articular a hipótese fundamental deste trabalho, a partir da qual serão desenvolvidos os três capítulos que o constituem: seria possível pensar a “pluralidade” do cronista machadiano como golpe à concepção de sujeito ditada pela modernidade? Em outras palavras, não seria interessante fazer objeção, procurando na teoria literária uma via alternativa, à imagem do sujeito literário como um ser “uno”, “coeso”, “sem fraturas”? E se os cronistas ficcionais machadianos fossem estudados à luz da heteronímia, assim como são estudados Alberto Caieiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Fernando Pessoa “ortônimo” – também este considerado um heterônimo?<sup>30</sup> E se as séries de crônicas, enfim, fossem obras de cronistas distintos, cada um com estilo próprio, ideias, biografia, etc.? No caso de uma série de crônicas, “Bons dias!”, tal hipótese já havia sido testada em trabalho anterior.<sup>31</sup>

Embora este trabalho tenha como *corpus* apenas as duas últimas séries que escreveu Machado de Assis para a *Gazeta de Notícias*, parte do princípio de que elas não são casos isolados do fenômeno que discutimos, como hipótese, para a “pluralidade” ou “multiplicação” dos cronistas em Machado de Assis – uma pluralidade que é efeito, como será discutido no capítulo 1 – “Machado de Assis: cronista *entre* cronistas?” –, de uma concepção de sujeito fraturado. O que justificaria, no entanto, a escolha de “Bons dias!” e “A semana”? Por que a escolha de duas séries, quando somente uma daria matéria, sem sinais de esgotamento, para muitas páginas? A escolha por “Bons dias!”, série de 49 crônicas publicadas em sua quase totalidade pela *Gazeta de Notícias* em momento decisivo de nossa história política, marcado pela abolição da escravatura e o advento da República (1888-1889), era necessária por vários motivos. Primeiramente, por um feitiço intrínseco à série: se lida a contrapelo, verifica-se que há ali um “programa” muito bem elaborado – por mais que o cronista o negue –, uma harmonia de várias características que carecem de investigação e parecem reclamar a existência de um cronista (escritor) inconfundível, assim como, na ficção romanesca machadiana, há o defunto autor – Brás Cubas, um “autor particular”, como o trata Machado

<sup>29</sup> BERNARDO. *O problema do realismo de Machado de Assis*, p. 17.

<sup>30</sup> Segundo Jorge de Sena, “o chamado Pessoa-ele-mesmo, ou (repetamos) o *ortônimo* como ele chamou a essa parte de si próprio, pareceu e ainda parece a muitos o principal Pessoa, com os heterônimos como inteligentes jogos, ainda que jogos de génio. Na realidade, o Pessoa-ele-mesmo era tão heterônimo como todos os outros.” (SENA. *Fernando Pessoa & c.<sup>a</sup> heterônima: estudos coligidos 1940-1978*, v. 2, p. 186).

<sup>31</sup> Trata-se de nossa monografia de graduação em Letras, desenvolvida sob a orientação do professor Osmar Pereira Oliva (cf. CAMPOS. *Sob o signo de relógios em discrepância: um estudo da série de crônicas “Bons dias!”*, de Machado de Assis).

de Assis no “Prólogo da quarta edição”<sup>32</sup> – e Bento Santiago, alcunhado *Dom Casmurro*, “autor” do livro homônimo. Outra justificativa para a escolha de “Bons dias!” é o debate crítico já existente quanto à interpretação da série e a consistência de uma *persona* para o cronista ou um narrador para a série – debate que perpassa pelas obras de Leonardo Pereira, John Gledson e Sidney Chalhoub.<sup>33</sup>

A inclusão da série “A semana” na pesquisa veio propiciar-lhe um caráter contrastivo. Se se parte da hipótese de que a cronística machadiana – entendida como o conjunto de crônicas escritas por Machado de Assis durante cerca de quarenta anos – é caracterizada, ainda que não uniformemente, por certa coerência entre a “proposta” de cada série e o pseudônimo escolhido para assinatura – pseudônimo suscetível de revelar-se, a um exame mais atento, um heterônimo –,<sup>34</sup> é útil que o estudo de Machado cronista à luz da concepção de sujeito fraturado procure pelos efeitos disso em sua colaboração para a imprensa. Várias outras séries poderiam ter sido escolhidas, algumas até com possíveis benefícios à análise. Uma contraposição de “Bons dias!” com a série imediatamente anterior, por exemplo, a também publicada na *Gazeta de Notícias* “Gazeta de Holanda”,<sup>35</sup> série composta por 48 “artigos em quadras” ou “crônicas rimadas” – conforme as designações cunhadas, respectivamente, pelos editores das *Obras completas*<sup>36</sup> ou por Galante de Sousa<sup>37</sup> –, favoreceria o conhecimento de aproximações e distanciamentos entre dois possíveis “heterônimos” machadianos que optaram por formas distintas de expressão: a crônica em versos de Malvílio e a crônica em prosa de Policarpo. O cotejo de “Bons dias!” com as “Balas de estalo” teria pelo menos um interesse próprio: enquanto nas crônicas em que o cronista se apresenta como Policarpo – “Bons dias!” –, ele é “senhor” de seu espaço, o único responsável pelas crônicas – a irregularidade na saída desses textos no jornal, às vezes com um mês de distância entre um número e outro,<sup>38</sup> parece até condizente com a agressão que, por vezes, aparenta esse cronista tratar seu leitor –, algo diferente ocorre nas “Balas de estalo”: o cronista Lélío é “mais um” cronista, já que a série era coletiva e cada “pseudônimo” tinha características próprias e coerentes.<sup>39</sup>

<sup>32</sup> ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 36.

<sup>33</sup> Cf. PEREIRA. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*; GLEDSON. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*; GLEDSON. Uma leitura equivocada: incompreensão do funcionamento da crônica de Machado de Assis; CHALHOUB. John Gledson, leitor de Machado de Assis.

<sup>34</sup> A distinção entre pseudônimo e heterônimo é discutida nas páginas 58 e 59 desta dissertação.

<sup>35</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 25, p. 281-467.

<sup>36</sup> NOTA dos editores. In: ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 25, p. 281.

<sup>37</sup> SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 31.

<sup>38</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 9-10.

<sup>39</sup> Cf. RAMOS. Política e humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de estalo”, p. 97.

O que justificaria, então, a inclusão d’“A semana” neste trabalho, malgrado a rica possibilidade trazida pelas séries comentadas no parágrafo anterior e ainda outras? Basicamente, há duas justificativas. Como as séries de crônicas não foram escritas simultaneamente, mas em períodos distintos, um contra-argumento forte à hipótese deste trabalho seria a de que as diferenças encontradas nas séries não são efeitos da concepção de “sujeito fraturado” em Machado de Assis, mas do natural desenvolvimento de um escritor em sua trajetória, marcada por escolhas, “influências”, leituras, preocupações de toda ordem, maturidade intelectual, etc. Não há neste trabalho a intenção de descartar essa possibilidade – nem ela se configura, absolutamente, como obstáculo à hipótese da presente dissertação, uma vez que é bem possível que cada “cronista” tenha tido seu “momento propício” para aparecer ou expressar-se: como negar a importância do contexto da abolição da escravatura e as discussões por ela exigidas para o Policarpo de “Bons dias!”? O cronista de “A + B”, um conjunto de sete crônicas em forma de diálogo publicadas em setembro e outubro de 1886 na *Gazeta de Notícias*,<sup>40</sup> seria realmente o cronista de “A + B”, João das Regras, sem a crise que ameaçava o regime monárquico?<sup>41</sup> Ainda assim, para que o estudo da crônica machadiana como golpe a certa concepção de sujeito não fosse prejudicado por um contra-argumento daquela natureza, pareceu seguro comparar a série “Bons dias!” com a série subsequente, “A semana”. São, afinal, as duas últimas séries de crônicas que Machado de Assis escreveu. Já era Machado, quando as compôs, um escritor “formado”, dotado de suas principais referências, dono de estilo inconfundível. Já havia publicado seu *Brás Cubas*, no início dos mesmos anos de 1880 que viram surgir a publicação original de “Bons dias!”. A escrita dessa série cobre aproximadamente dois anos do período de publicação seriada de *Quincas Borba*, em folhetim n’A *Estação* (1886-1891). Finda “A semana”, viria a público, em poucos anos, outra obra-prima do escritor, *Dom Casmurro*.

Outra justificativa há para a escolha d’“A semana” ao lado de “Bons dias!”: a possibilidade de pensar, ainda que para depois contestar, em que medida seria “Bons dias!” exemplar de um “heterônimo” machadiano, enquanto seria “A semana” obra de um possível “Machado ortônimo” ou “Machado ele-mesmo” – distinção baseada na que, tradicionalmente,

<sup>40</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 21-50.

<sup>41</sup> Segundo Sidney Chalhoub, o pseudônimo João das Regras não foi escolhido ao acaso. Remete a personalidade homônima do século XIV, “período de D. João I, a quem servia fazendo retornar à Coroa prerrogativas e direitos perdidos para nobres e bispos. Tratava-se [...] de um dos construtores ou ideólogos do absolutismo monárquico em Portugal.” (CHALHOUB. *A arte de alinhar histórias: a série “A+B” de Machado de Assis*, p. 74). O pseudônimo machadiano obrigaria, assim, a pensar a questão da crise do regime monárquico, evidente em meados da década de 1880 (CHALHOUB. *A arte de alinhar histórias: a série “A+B” de Machado de Assis*, p. 75).

mas não ao abrigo de críticas, se faz na obra de Fernando Pessoa.<sup>42</sup> Essa sugestão surge do fato de as crônicas d’“A semana” não terem sido publicadas sob pseudônimo, mas sob a autoria conhecida de Machado de Assis. Seria esse Machado, como expõe Lúcia Miguel Pereira na biografia que escreveu do autor, o desenvolvimento do pseudônimo Job, que assinou duas “Cartas fluminenses” no *Diário do Rio de Janeiro* em 1867<sup>43</sup> e que acompanharia Machado, segundo a biógrafa, “a vida toda, se [...] confundindo com ele, e acab[ando] por dominá-lo”, resultando na figura “do Conselheiro Aires, diplomata aposentado, homem polido e medido, que se punha à margem da existência”?<sup>44</sup> Operada uma “fusão”<sup>45</sup> entre Machado e Aires, seria “A semana” obra do Conselheiro, como propõe a autora de *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*? São algumas das questões que nortearam a presente pesquisa e justificaram sua natureza comparativa.

Em texto de abertura, presente em cada um dos capítulos que se dedicam especificamente às crônicas – os capítulos 2 e 3 desta dissertação, referentes ao estudo das séries “Bons dias!” e “A semana” como efeitos, na crônica de Machado de Assis, do questionamento de uma concepção de sujeito solar, uno –, foram delimitados os critérios utilizados na seleção das edições das crônicas, bem como breve histórico da vida delas em dois momentos: a publicação em jornal e a publicação em livro. Entretanto, é importante que já nesta Introdução fique definido quais foram, efetivamente, os textos levados em consideração como *corpus* do estudo ora proposto. No caso da série “Bons dias!” (1888-1889), foram examinadas 49 crônicas – é o número total de crônicas da série, ou, pelo menos, é o número hoje conhecido de textos publicados sob o título “Bons dias!”. No caso d’“A semana”, entretanto, não foi levada em consideração toda a série, por se tratar de uma publicação longa (1892-1897, com duas crônicas soltas em 1900), o que comprometeria o equilíbrio desejado em trabalhos de natureza comparativa. Há de se destacar, também, que o exame das 248 crônicas que constituem a série completa<sup>46</sup> poderia não alcançar um nível esperado de concentração nos textos, o que não seria o ideal, dada a riqueza que essas crônicas representam para qualquer estudioso de Machado de Assis. Optou-se, então, por recorrer aos dois primeiros anos de publicação da série (1892-1893), o que significou o exame de 83 crônicas – número maior que em “Bons dias!”, mas correspondente a um intervalo de

<sup>42</sup> Cf., sobre o caso pessoano, os seguintes trabalhos: SENA. *Fernando Pessoa & c.<sup>a</sup> heterónima: estudos coligidos 1940-1978*; FINAZZI-AGRÔ. *O álbi infinito: o projecto e a prática na poesia de Fernando Pessoa*; PERRONE-MOISÉS. *Fernando Pessoa: aquém do eu, além do outro*.

<sup>43</sup> SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 27.

<sup>44</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243.

<sup>45</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 244.

<sup>46</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*, p. 11.

tempo equivalente.<sup>47</sup> Em virtude da proposta maior desta dissertação – testar a viabilidade da identificação, em Machado cronista, de uma concepção de sujeito alternativa àquela imposta pela tradição da modernidade, um sujeito solar e dono de suas representações –,<sup>48</sup> as crônicas não foram lidas como peças individuais, mas como produção de possíveis “heterônimos”. Dessa perspectiva de leitura, é necessário ressaltar que em momento algum a presente pesquisa pretendeu dar conta da completa diversidade de elementos e referências presentes nas séries – trabalho hercúleo e quiçá impossível –, nem pretendeu encontrar ou sugerir soluções para todos os problemas – ou, como diria o cronista d’“A semana”, “charadas”<sup>49</sup> – que as crônicas trazem. Dada tal impossibilidade, direcionou-se o olhar, prioritariamente, para os elementos das séries que mais fortemente pudessem contribuir para as discussões sobre a possível heteronímia em Machado de Assis.

Não é a primeira vez que esse fenômeno – a heteronímia – é estudado em nossa literatura, como demonstram trabalhos sobre Cyro dos Anjos e Guimarães Rosa.<sup>50</sup> Machado de Assis, naturalmente, ao contrário dos dois escritores citados, não pôde ter contato com a produção de Fernando Pessoa, poeta português que levou a extremos nunca antes vistos a demonstração, por meio da literatura, da fratura do sujeito em personalidades várias. Ainda assim, a “comparação” com o autor de *Mensagem*, nesse aspecto, é válida. Castelar de Carvalho já estudou outro aspecto que aproxima os escritores, por meio do que chama “intertextualidade antecipada”, em obra de referência sobre Machado de Assis.<sup>51</sup> Citando fragmento de *Esau e Jacob*, de Machado – “Aires, parecendo-lhe que ficara um desenho último e escondido, pediu [a Flora] que lho mostrasse. – É um esboço, não vale a pena. – Tudo vale a pena; quero acompanhar as tentativas da artista; deixe ver.”<sup>52</sup> –, Castelar de Carvalho não hesita em identificar a existência de uma intertextualidade adiantada do escritor brasileiro com o vate lusitano, autor dos versos de “Mar portuguez” – “Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.”<sup>53</sup> Segundo Carvalho, “dá a impressão de que o poeta

<sup>47</sup> Também Dilson Cruz Jr., em estudo que enfoca “A semana”, recorta para análise as crônicas publicadas entre abril de 1892 e novembro de 1893, com uma justificativa de ordem prática: as crônicas desse período receberam confiável edição [ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*] preparada por John Gledson (cf. CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*, p. 23).

<sup>48</sup> Cf. COSTA LIMA. *Mímesis: desafio ao pensamento*, p. 74.

<sup>49</sup> ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*, p. 45.

<sup>50</sup> Cf., respectivamente, CARDOSO. *Hoje amanuense. Amanhã diplomata? – A memória em O amanuense Belmiro e Memorial de Aires*; GALVÃO. *Heteronímia em Guimarães Rosa*.

<sup>51</sup> CARVALHO. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*, p. 187.

<sup>52</sup> Citado por CARVALHO. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*, p. 187. A cena está no capítulo C, “Duas cabeças”, do romance (ASSIS. *Esau e Jacob*, p. 251).

<sup>53</sup> PESSOA. *Obra poética: volume único*, p. 82.

português completou, anos depois, a frase de Machado de Assis.”<sup>54</sup> Uma semelhante impressão foi constante durante a pesquisa ora apresentada: teria Pessoa dado uma dimensão maior, da forma admirável que é sua arte, ao questionamento da centralidade do sujeito, preocupação que já passara, de certa forma, pelo Bruxo do Cosme Velho?

Durante a escrita deste trabalho, houve uma constante preocupação: a de não “forçar” demasiadamente a aplicação de determinadas teorias – a saber, a que postula a fratura do sujeito e a desenvolvida, por Fernando Pessoa e estudiosos que sobre ele se debruçaram, sobre a heteronímia, teorias discutidas no primeiro capítulo desta dissertação – ao texto literário, como se ele tivesse que “dar conta” das prerrogativas teóricas, e não o contrário. Em Apresentação a *Os leitores de Machado de Assis*, de Hélio de Seixas Guimarães, John Gledson faz a seguinte constatação: já se foi o tempo “em que se considerava suficiente aplicar a Machado (ou a qualquer outro escritor) as teorias mais recentes surgidas na Europa e nos Estados Unidos, sem quaisquer ajustes. Roberto Schwarz mais de uma vez mostrou como isso pode ser estéril.”<sup>55</sup> É evidente a importância da teoria, ela não pode estar ausente em um trabalho de natureza acadêmica. Entretanto, como o *corpus* da pesquisa é constituído por textos pertencentes a um gênero, a crônica, menos presente nos debates teóricos – por vezes ausente, ainda mais levando em consideração seu particular desenvolvimento na sociedade brasileira –, foi imprescindível a recorrência a ponderações, de forma a “adaptar”, na medida do possível, a teoria às necessidades e imperativos do texto literário. Também houve o cuidado de, na aproximação que se faz entre Machado de Assis e Fernando Pessoa, não ignorar importantes diferenças existentes entre os dois escritores, principalmente no que tange à motivação psicológica para a multiplicação dos “eus”, alegada por Fernando Pessoa, mas certamente estranha a Machado de Assis. Foi preciso também delimitar as diferenças do fenômeno heteronímico tal como se deu em Pessoa e tal como pode ter acontecido, sob a perspectiva apontada, em Machado de Assis.

Em capítulo incluído em *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*, obra organizada por José Luís Jobim, Roberto Reis utiliza-se de uma referência que, dificilmente, foge à memória do leitor das crônicas de Machado de Assis: “um relojoeiro que contempla o mundo desde os ponteiros de seu relógio de pulso. Tanto pode ser pontual o meu quanto o de meus leitores.”<sup>56</sup> Logo a seguir, Reis convida seu leitor a “acertar um mínimo as nossas horas”, no sentido de, por meio de observações preliminares, “desenhar um

<sup>54</sup> CARVALHO. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*, p. 187.

<sup>55</sup> GLEDSON. Apresentação, p. 19.

<sup>56</sup> REIS. Cânon, p. 65. Trata-se de referência ao relojoeiro Policarpo, de “Bons dias!”, mais precisamente à primeira crônica da série, a de 5 de abril de 1888 (ASSIS. *Bons dias!*, p. 79).

horizonte” que propiciasse a maior coerência de suas elaborações. O “acerto dos ponteiros” é também uma boa imagem para o primeiro capítulo desta dissertação – “Machado de Assis: cronista *entre* cronistas?”. Procurou-se nele a delimitação dos mais importantes conceitos utilizados na leitura proposta das séries machadianas. No tópico 1.1 – “A crônica e seu lugar na obra de Machado de Assis” –, perquiriu-se, dentro dos limites de uma dissertação, considerações históricas e teórico-críticas acerca da crônica no Brasil e, principalmente, seu lugar na obra machadiana. Foi pesquisada a concepção de crônica em vários estudiosos desse gênero “menor”. Nos tópicos seguintes do mesmo capítulo – “Sinto-me múltiplo” e “Considerações sobre a fratura do sujeito em Machado de Assis” –, a preocupação foi trabalhar os conceitos teóricos basilares a esta dissertação, em um movimento que partisse do lugar em que estes conceitos já estão, de algum modo, devidamente consolidados – a heteronímia em Fernando Pessoa e a crise da concepção de sujeito – para o lugar da obra machadiana e sua crônica, em que eles ainda requerem mais formulação e representam desafio ao analista.

Os capítulos 2 e 3 da Parte II – “‘Bons dias!’ (1888-1889)” e “‘A semana’ (1892-1893)” –, seguem estruturas semelhantes. Primeiramente, é apresentada uma “recepção crítica” da série em questão, oportunidade em que se estabeleceu diálogo com outras perspectivas de estudo da crônica machadiana – destacando no que elas se aproximam ou se distanciam de uma leitura das crônicas amparada na ideia de crise da concepção de sujeito. Em um segundo momento, é apresentado nosso “corpo-a-corpo” com os textos hebdomadários. Procurou-se verificar em que medida seria válida a utilização dos conceitos previamente estudados na leitura dos textos, atendendo a sugestões e procurando responder, respeitadas nossas limitações e certos de que um trabalho sempre possui lacunas, indagações propostas por vários autores que a eles já se dedicaram.<sup>57</sup> No caso de “Bons dias!”, procurou-se em suas páginas indícios da existência de uma personalidade mais ou menos coerente e delimitada para Policarpo, possível “cronista heterônimo” da série. Policarpo foi aproximado do tipo “Brás Cubas”, atendendo à sugestão tácita em Miguel Pereira<sup>58</sup> de que duas “almas exteriores” teriam se alternado no espírito machadiano – o outro tipo seria o do Conselheiro Aires. Também foi aproximado de sugestão do próprio “cronista”, tão versado em assuntos

---

<sup>57</sup> Uma crítica possível a este trabalho seria o número relativamente reduzido de crônicas efetivamente citadas e comentadas nos capítulos 2 e 3. Entretanto, é preciso destacar mais uma vez que a preocupação da análise recaiu sobre o “cronista” da série; ou seja, a análise de vários assuntos presentes nas séries, conquanto pudesse favorecer a defesa, poderia, em contrapartida, comprometer a unidade do trabalho.

<sup>58</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243-244.

literários, o herói Pável Ivánovitch Tchítchikov,<sup>59</sup> do romance *Almas mortas* (1842), do escritor de origem ucraniana Nikolai Vasilievich Gogol. No caso do cronista d’“A semana”, foi ele estudado principalmente à luz de Aires, diplomata interessado e ao mesmo tempo entediado do espetáculo da vida humana.<sup>60</sup> Discutiu-se a hipótese de se tratar de um Machado “ortônimo”, não negligenciando, entretanto, que o “ortônimo” não deixa de ser, da mesma forma, um “heterônimo”, bem como o “outramento” necessário a todo escritor na composição de um trabalho. De forma crítica, também, procurou-se perceber os momentos em que a presença do suposto “sujeito empírico” Machado de Assis seria mais evidente nas duas séries de crônicas, o que contribuiria, *a priori*, para o desvanecimento temporário daqueles “cronistas” e o aparente retorno do “sujeito fraturado” a uma conjecturada unidade. Um pesquisador português, Abel Barros Baptista, já censurou certa tradição crítica brasileira incansável na busca por uma identidade machadiana anterior à ficção, ao abrigo de seus efeitos, funcionando como centro estável.<sup>61</sup> Com efeito, se partimos da hipótese, conforme desenvolvida no capítulo 1, de que não há uma centralidade para o sujeito e de que a heteronímia é um fundamento da literatura, não há por que defender a existência de um retorno, nas crônicas, à metafísica de um “centro estável”, que o próprio escritor teria se esforçado por questionar. No entanto, ao mesmo tempo em que se procurou evitar, por mais tentadora que pudesse ser, a radicalização da designação “Machado de Assis”, também não há como ignorar que esse escritor é o sujeito da enunciação, o “autor empírico”, embora o interesse deste trabalho recaia sobre as vozes que falam “no texto”, os sujeitos do enunciado que se apresentam como “cronistas” – não, portanto, como “narradores-personagens” – das séries “Bons dias!” e “A semana” como efeitos da fratura do sujeito.

Se as ideias discutidas nesta dissertação não demonstrarem, sob a ação do tempo, a sustentação e a validade almejadas, que fique, quando menos, a tentativa sincera de explorar algumas das riquezas “insuspeitas” na crônica de Machado de Assis. Não será este trabalho que dará às séries o tambor e o trompete que, certamente, elas merecem. Mas se, de alguma forma, os capítulos que seguem forem suficientes para despertar alguma reação no leitor ou, pelo menos, chamar a atenção de mais pesquisadores para a releitura de páginas machadianas que, centenárias, às vezes parecem ter saído há pouco do prelo, já terá essa empreitada, para usar a expressão presente em Machado de Assis e Fernando Pessoa, “valido a pena”.

<sup>59</sup> Tchítchikov ou Tchitchikof, consoante diversa transliteração do nome russo, Чичиков.

<sup>60</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243.

<sup>61</sup> Cf. BAPTISTA. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*, p. 15.

## PARTE I

### CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

---

*Machado e Pessoa são poetas da alteridade,  
fingidores da proliferação indefinida das  
diferenças, completamente alheios ao ditame  
metafísico da unidade do sujeito monadicamente  
concentrado em si mesmo.*

Ronaldes de Melo e Souza,  
“O estilo narrativo de Machado de Assis”

## 1 MACHADO DE ASSIS: CRONISTA *ENTRE* CRONISTAS?

Conforme apontado na Introdução, este capítulo pretende, num primeiro momento, discutir a concepção de crônica em vários pesquisadores desse gênero. A condição da crônica como gênero que, ainda quando discutido em *abstracts* ou artigos em língua estrangeira, preserva a feição que tem em língua portuguesa – em virtude do particular desenvolvimento que teve em terras brasileiras –, justifica a presença quase exclusiva de autores nacionais no tópico seguinte, “A crônica e seu lugar na obra de Machado de Assis”.<sup>62</sup> Procurando apresentar os estudiosos desse gênero em ordem aproximadamente cronológica, deixaremos para a parte II da dissertação – constituída pelos capítulos 2 e 3 – as recepções críticas cujo foco seja mais localizado nas séries de crônicas “Bons dias!” e “A semana”, reservando para este capítulo apenas as discussões de ordem mais geral. No tópico “Sinto-me múltiplo”, que segue ao primeiro, a preocupação ainda é com a delimitação dos conceitos-chave deste trabalho, discutindo os sentidos em que serão consideradas as expressões “heteronímia” e “sujeito fraturado”, necessárias à análise aqui proposta das duas séries de crônicas machadianas. No terceiro tópico, “Considerações sobre a fratura do sujeito em Machado de Assis”, propõe-se a articulação dos conceitos anteriormente delimitados com o *corpus* de estudo, as duas últimas séries de crônicas escritas pelo autor estudado nesta dissertação.

### 1.1 A crônica e seu lugar na obra de Machado de Assis

Terceiro escritor a ocupar a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras – cadeira, por sinal, fundada por Machado de Assis –, Alfredo Pujol foi também dos primeiros estudiosos da vida e da obra do Bruxo do Cosme Velho. Menos de uma década após a morte de Machado, Pujol já organizava um curso literário, em sete conferências, para ser oferecido na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, fundada em 1912 com o objetivo de incentivar o desenvolvimento cultural naquela cidade. A primeira conferência é datada de 29 de novembro

---

<sup>62</sup> Exemplo da “intraduzibilidade” da palavra “crônica”, com as especificidades que possui na literatura brasileira, é o artigo de John Gledson “Machado de Assis and the Abolition of Slavery: an Almost Unknown Cronica” (*Letterature d’America*, Roma, p. 101-116, 1983), em que o substantivo português não é substituído por seu esperado equivalente inglês, *chronicle*, portador de conotações distintas. A referência do artigo de Gledson aparece em: MACHADO. *Bibliografia machadiana*, p. 135.

de 1915, enquanto a última ocorreu dois anos após, em 16 de março de 1917. A conferência que nos interessa foi pronunciada em 1916 e intitula-se “O crítico e o cronista”.<sup>63</sup>

Nessa conferência, que preserva ainda algo de fecundo, Alfredo Pujol já defende o espaço devido à crônica na obra de Machado de Assis. Conforme o crítico fluminense, “não foi somente no conto e no romance que Machado de Assis nos legou os tesouros da sua prosa incomparável. Na crítica literária e na crônica de imaginação e fantasia deixou matéria para vários volumes”.<sup>64</sup> O parecer de Pujol chama a atenção especialmente pelo fato de a crônica nunca ter sido considerada um “gênero maior”, digno de perdurar ou de facultar inovações literárias a seus autores, conforme será visto nas apreciações a serem analisadas no decorrer das páginas seguintes. Ao defender o estudo desse gênero na obra de Machado – como também faz em relação à crítica literária do autor –, Pujol assumirá uma posição de relevo, talvez hoje ainda não devidamente reconhecida. À época em que Pujol pronunciou suas conferências, a única coleção de crônicas reunidas em livro era a seleção d’“A semana” por Mário de Alencar publicada provavelmente, segundo Galante de Sousa, em 1914.<sup>65</sup> Considerando embora a dificuldade de definição particular do gênero – “O velho Larousse, mestre de todos nós, adverte que, de todos os vocábulos da língua francesa, a palavra – *chroniqueur* – é talvez a mais difícil de definir...”<sup>66</sup> –, Pujol afirma ter sido Machado “inimitável” naquele gênero, “ressuscitado”, segundo ele, “em França, a meio do século passado [refere-se ao século XIX], pela alacridade estonteante de Eugène Guinot”.<sup>67</sup>

Antes de sugerir sua definição de crônica, o autor de *Mocidade e poesia* traz a conceituação formulada por Jules Lemaître com base nas crônicas de Albert Wolf – “...um certo número de linhas impressas, onde se relatam coisas insignificantes, ou o que disseram e fizeram os homens do dia, que as mais das vezes são os homens de um só dia...”<sup>68</sup> –, definição que, para Pujol, não serviria para bons escritores: o crítico cita Émile Blavet, Henry Fouquier, entre outros franceses, que considerava bons. São todos eles cronistas que, segundo

<sup>63</sup> Todas as sete conferências ministradas por Alfredo Pujol no curso sobre Machado de Assis estão disponíveis em volume editado pela Academia Brasileira de Letras, em parceria com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*.

<sup>64</sup> PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 229.

<sup>65</sup> Cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 121. Não se pode considerar uma “coletânea” organizada de crônicas as “páginas avulsas” coligidas no volume publicado por H. Garnier em 1910 [cf. ASSIS. *Outras reliquias* (proza e verso)].

<sup>66</sup> PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 243.

<sup>67</sup> PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 244.

<sup>68</sup> PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 243.

o crítico, “se nutriram da sabedoria e da graça do século XVIII e que as deliciosas fontes do aticismo abeberaram...”.<sup>69</sup> Continua o autor, formulando sua definição pessoal de crônica:

Uma crônica, firmada por qualquer desses nomes, é uma página rutilante, em que a pena desliza, ao sabor da curiosidade e do imprevisto, através dos homens ou dos fatos, dos livros ou das ideias, no eterno turbilhão da vida, na comunhão das coisas sérias e das coisas ridículas, fixando os traços passageiros da comédia do dia e esboçando a pintura dos costumes contemporâneos. Os cronistas são os “diseurs de riens”. Um acontecimento vulgar, que passa despercebido a toda a gente, desperta na alma do cronista reminiscências e sugestões que criam às vezes uma obra-prima... O fato em si é nada. O engenho do cronista, a sua imaginação, a sua filosofia, – é tudo.<sup>70</sup>

Ao definir o cronista como um *diseur de riens*, ou “contador de ninharias”, nem por isso Pujol lhe oferece um lugar secundário no mundo das letras. Afinal, não é destituído de importância o papel de um escritor que pode fazer de *riens*, ou “ninharias”, obras-primas. Antes de dar à crônica o tamanho dos fatos de que ela trata – fatos cotidianos, o que faria dela um gênero menor –, Pujol valoriza, no papel do cronista, aspectos peculiares ao processo da criação literária: seu engenho, sua imaginação, sua filosofia. Essas características, que a crítica literária não tem negado a Machado de Assis, fazem dele – na linha de raciocínio apresentada por Pujol – um de nossos maiores cronistas.<sup>71</sup> A definição acima transcrita também valoriza o que no cronista há de aberto às sugestões do dia-a-dia, que o podem levar a reminiscências, sugestões e divagações, em torno das próprias leituras que faz. Autor famoso pelas digressões que elaborou em seus romances da chamada “segunda fase”, Machado teria exercitado também na crônica seu gosto pelas citações e alusões literárias – característica que, conforme advertem Ruth Silviano Brandão e José Marcos Oliveira, não implica ter sido o autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas* um leitor ingênuo e submisso, “repetidor deslumbrado de estilos e escolas”, mas, ao contrário, “um pensador da cultura, um escritor-crítico”.<sup>72</sup>

<sup>69</sup> PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 243. O termo “aticismo” surgiu na língua portuguesa em 1836 e, dentre as definições que lhe dá o *Houaiss*, estão a de elegância de maneiras, polidez, e a de “estilo próprio aos escritores áticos e que se caracterizou pela concisão da linguagem [Especialmente dos séculos V a.C. e IV a.C., de Ésquilo a Demóstenes.]” (HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 214, abreviaturas desenvolvidas).

<sup>70</sup> PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 243.

<sup>71</sup> Para Álvaro Simões, “em Machado de Assis, reconhece-se o cronista excepcionalmente talentoso” (SIMÕES. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira, p. 235).

<sup>72</sup> BRANDÃO; OLIVEIRA. *Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros*, p. 16. Referindo-se, sobretudo, ao Machado romancista, Brandão e Oliveira também fazem menção ao fato de muitas de suas

Para Gustavo Corção, que assina o texto introdutório à seleção de crônicas de Machado de Assis publicadas na *Obra completa* da José Aguilar, organizada por Afrânio Coutinho,<sup>73</sup> as crônicas machadianas são “saladas” *à la* Montaigne, composições em que “entram Voltaire, a instituição do júri, a carta que o grão-turco escreveu do próprio punho no jubileu do Papa, as saudades de Granada, algumas reflexões sobre o *Corão*, aplicadas logo após as eleições de Ubá, tudo isto envolto nos melhores molhos da língua”.<sup>74</sup> O que poderia resultar num texto problemático e sem harmonia, resulta num texto que prima pela excelência do estilo, pela beleza – ainda quando trata dos assuntos mais variados –, fazendo com que, finda a leitura, sinta o crítico “um acre-doce na alma, mistura de contentamento e de nostalgia, de admiração e de perplexidade”.<sup>75</sup> A defesa que faz da estética da crônica de Machado de Assis permite a Gustavo Corção inclusive questionar a definição de crônica usualmente oferecida por dicionários não especializados:

Estávamos naquele ponto em que abri o dicionário para saber o que ele dizia serem as crônicas: “História ou narração dos fatos, segundo a ordem dos tempos” ou “narração dos principais acontecimentos”. Não julgue daí o leitor que eu seja homem de acreditar piamente no que dizem os dicionários, sobretudo quando se trata de apurar o conceito representado por um vocábulo. [...] De algum modo, aproximado e vago, o dicionário me diz o que todo mundo pensa de uma coisa quando usa um termo. Ora, no caso vertente, se o consenso acompanha o verbete, concluo que Machado de Assis não é e nunca quis ser cronista.<sup>76</sup>

A fim de conciliar a definição do dicionário com as “páginas delirantes” que são as crônicas machadianas – a expressão entre aspas é do próprio Corção, em referência às crônicas da série “A semana” –, o crítico propõe a divisão do gênero crônica em duas espécies: “de um lado”, expõe, “teríamos as crônicas que se submetem aos fatos, e que pretendem fornecer material contemporâneo à peneira dos historiadores; e de outro lado teríamos aquelas crônicas que se servem dos fatos para superá-los, ou que tomam os fatos do tempo como pretextos para divagações que escapam à ordem dos tempos”.<sup>77</sup> No parágrafo seguinte, o autor argumenta pela pertença das crônicas machadianas à segunda espécie por ele

---

citações serem modificações do original, seja por lapso de memória ou pura invenção. Segundo esses autores, “o efeito desse ‘atreimento’ pode ser considerado uma releitura do texto alheio, uma passagem pelo Outro, sem submissão a ele” (BRANDÃO; OLIVEIRA. *Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros*, p. 32). Tal peculiaridade machadiana, conforme pretendemos desenvolver nos capítulos 2 e 3, também foi marcante no Machado cronista.

<sup>73</sup> Cf. ASSIS. *Obra completa*, v. 3.

<sup>74</sup> CORÇÃO. Machado de Assis cronista, p. 325.

<sup>75</sup> CORÇÃO. Machado de Assis cronista, p. 325.

<sup>76</sup> CORÇÃO. Machado de Assis cronista, p. 328.

<sup>77</sup> CORÇÃO. Machado de Assis cronista, p. 328.

delimitada, uma vez que, nelas, “para bem marcar sua independência, o autor [Machado] não se cansa de repetir sua preferência pelos acontecimentos miúdos e sua aversão, ou sua inabilidade para tratar dos acontecimentos importantes”.<sup>78</sup> Talvez tenha sido essa mesma percepção, de que os feitos externos – as notícias do dia, os “grandes acontecimentos”, as polêmicas etc. – não sejam o cerne da crônica machadiana, que tenha levado Alfredo Pujol, primeiro autor citado nessa revisão da literatura sobre a crônica, a atribuir a Machado não a mestria na escrita de “crônicas”, simplesmente, mas a perícia na composição de crônicas “de imaginação e fantasia”, o que, parece-nos, já sinaliza uma consciência do crítico quanto ao caráter literário da crônica, para além do que ela pode dizer aos estudiosos da história ou disciplinas afins.<sup>79</sup>

Outro ponto da definição de crônica proposta por Corção será recuperado em texto publicado várias décadas depois por Gerson Tenório dos Santos (2007). Em seu artigo, Gerson dos Santos aponta como essência de toda crônica a problemática do tempo. Segundo o pesquisador, “ao trabalhar com o tempo cronológico, o tempo das ações cotidianas, a crônica as coloca em xeque, lançando sobre elas um olhar novo que as reveste de novos significados”.<sup>80</sup> Ao trabalhar, portanto, com o tempo cronológico – “seu alimento é o mesmo das notícias cotidianas”, vai ressaltar Gerson dos Santos na sequência do texto –, a crônica faria desse tempo seu material necessário, constituindo-se, juntamente com as notícias do dia, como não aspirante à transcendência de seu próprio tempo. Ele afirma que “o tempo da crônica é o tempo profano, o da miríade de acontecimentos sem densidade de significado”.<sup>81</sup> Entretanto, algumas páginas depois, o pesquisador reconhece que o tempo da crônica não é puramente o *chronos* (χρόνος), tempo mensurável. Da mesma forma que Gustavo Corção já percebera que a crônica machadiana se utiliza dos fatos para superá-los, escapando à ordem temporal, e que um cronista de nossos dias, Walcyr Carrasco, já escrevera que “o cronista é crônico, ligado ao tempo, deve estar encharcado, doente de seu tempo *e ao mesmo tempo pairar acima dele*”,<sup>82</sup> Gerson dos Santos vai atribuir à crônica, em maior ou menor intensidade – pois tal caráter pode estar mais ou menos explícito –, o aspecto restaurador e subversivo do “tempo *kairós*” (καιρός). Valendo-se da tradição religiosa, o pesquisador distingue *kairós* de *chronos*:

<sup>78</sup> CORÇÃO. Machado de Assis cronista, p. 328.

<sup>79</sup> Mesmo ao tratar de assuntos locais, Machado teria sido capaz de compor, por meio de suas crônicas, textos “universais”: transpõem seu leitor a uma “terra estranha” e, ao mesmo tempo, fazem-no “sentir-se em casa” (ZAPATERO. Una charla de vecinos: la crónica periodística en Machado de Assis, entre lo local y lo universal).

<sup>80</sup> SANTOS. Desconstruindo Sísifo: o tempo kairótico da crônica, p. 32.

<sup>81</sup> SANTOS. Desconstruindo Sísifo: o tempo kairótico da crônica, p. 32.

<sup>82</sup> Citado por SANTOS. Desconstruindo Sísifo: o tempo kairótico da crônica, p. 38, grifo nosso.

Esta palavra grega [*kairós*], que contrasta com *chronos*, o tempo quantitativo, é usada para denotar qualquer propósito prático em que se apresenta uma boa ocasião para ação. [...] Ou seja, o *kairós* é um tempo de renovação, de criação em que, do ponto de vista religioso, a manifestação da divindade se faz plena e possibilita a dinâmica da autotranscendência da história.<sup>83</sup>

Evidentemente, não é a qualquer crônica que se aplicam as palavras de Gerson dos Santos, nem as de Gustavo Corção, quando evocam o caráter subversivo desse gênero à ordem temporal. Integrante do vocabulário português desde o século XIV, quando remetia tão somente a uma “compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo”<sup>84</sup> – gênero em que a língua de Camões é pródiga de representantes, como Gomes Eanes Zurara e Fernão Lopes, apenas para citar alguns –, foi unicamente no século XIX que “crônica” – a partir do *feuilleton* francês – passou a assumir as características formais e temáticas que possibilitariam o surgimento de cronistas como Machado de Assis, ainda no Oitocentos, e vários outros no século XX, como um Rubem Braga, autor cujas crônicas constituem a parte principal de sua obra.<sup>85</sup> Certamente, o “tempo kairótico” a que se refere Gerson dos Santos é um dos elementos fundamentais para entendermos o porquê de um texto publicado originalmente em jornal e sem “maiores pretensões” poder ser tão fecundo como gênero literário.<sup>86</sup> As características que fizeram da crônica um texto tão particular e tão prezado pela cultura brasileira serão discutidas nos autores que seguem, num panorama que passa pelas décadas de 1980 e 1990 – quando ocorreram dois eventos acadêmicos fundamentais para a compreensão da crônica brasileira – e vai até 2008 – ano significativo para os estudos sobre Machado de Assis, em virtude das comemorações relacionadas ao primeiro centenário de morte do escritor.

Em seus *Novos estudos de literatura brasileira*, o crítico pernambucano Haroldo Bruno dedica capítulo ao gênero crônica em que questiona a necessidade recorrente da crítica

<sup>83</sup> SANTOS. Desconstruindo Sísifo: o tempo kairótico da crônica, p. 38.

<sup>84</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 577.

<sup>85</sup> Sobre o papel do *feuilleton* (folhetim) na consituição do gênero crônica, ver: MEYER. De estação em estação com Machadinho; MEYER. *Folhetim: uma história*; MEYER. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica.

<sup>86</sup> Em entrevista à *Gazeta do Povo* de 2 de agosto de 2008, o professor John Gledson, questionado sobre a atualidade da crônica machadiana em face da provisoriedade própria do gênero, afirmou: “Crônica é um tipo de texto que tem um pé assentado na efemeridade, [...] Mas, quando recuperamos a informação (de época), como nas edições críticas e anotadas que temos feito, os textos são de um interesse absoluto e, em termos literários, atualíssimos.” (GLEDSON; GRANJA. Machado de Assis, o maior cronista de seu tempo, acesso online, grifo nosso).

literária brasileira de definir a crônica – caracterizando-a, tal qual se faz com o conto, com o romance etc.<sup>87</sup> Por outro lado, afirma o crítico:

O espírito criador tornou-se universal e insubmisso por excelência, a expressão literária enveredou por um sentido de essencialidade inventiva, abrangente, unívoca e onívora, tentando exprimir-se por um microcosmo onde se harmonizem ou se conflituem dialeticamente todas as relações entre o homem e o mundo.<sup>88</sup>

Haroldo Bruno percebe então que, a fim de atingir uma expressão universal, certos gêneros literários teriam sofrido um processo de hibridação – o crítico cita, além da crônica, o conto e a prosa memorialística –, de forma que muitas vezes um gênero se impregna de atributos tradicionalmente pertencentes a outros. Cita, assim, a relação da crônica com formas literárias breves, pois, não raramente, a crônica “deixa-se impregnar por atributos nitidamente ficcionais, tornando-se às vezes pura criação de personagens e situações, intumescida de recursos imagéticos”.<sup>89</sup>

Possivelmente, foi essa dificuldade de delimitação da crônica frente a outros gêneros um dos problemas que reclamaram a publicação, em 1985, de número do *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade* dedicado à crônica.<sup>90</sup> Dividido em quatro sessões – “A crônica: teoria e história do gênero”, “Leituras de cronistas brasileiros”, “Documentação: textos dispersos” e “Pesquisa bibliográfica” –, a publicação reúne tanto estudos teóricos e históricos sobre a crônica quanto estudos específicos sobre autores como José de Alencar, João do Rio e Carlos Drummond de Andrade. Chamamos a atenção, entretanto, para o primeiro texto do *Boletim*, de autoria do professor Luiz Roncari. Assim como Haroldo Bruno, Roncari trata da hibridização da crônica; opta, entretanto, por outro viés de análise: o da “ambiguidade” desse gênero, sobretudo no momento de publicação. Esse recurso possibilita a Roncari distinguir pelo menos dois “momentos” no percurso da crônica no tempo: sua publicação original, no jornal ou revista, e sua publicação “definitiva” em livro.<sup>91</sup> No primeiro momento, Roncari pontua que tal texto “ainda não é visto unicamente como peça literária, mas na sua ambiguidade, combinando com ela fins mais imediatos,

<sup>87</sup> Cf. BRUNO. A crônica como ficção.

<sup>88</sup> BRUNO. A crônica como ficção, p. 235.

<sup>89</sup> BRUNO. A crônica como ficção, p. 236.

<sup>90</sup> Trata-se do volume 46 do *Boletim* – números 1 a 4, referentes ao ano de 1985. Já em seu Editorial, assinado por Nádia Batella Gotlib, se expressa a dedicação do referido volume à crônica no Brasil, “procurando apreendê-la nas suas diferentes formas de manifestação” (GOTLIB. Editorial, p. 5). Batella Gotlib também coordenou uma útil bibliografia sobre a crônica que consta na parte final do *Boletim* (cf. GOTLIB. A crônica: uma bibliografia comentada, p. 181-220) e é também autora de uma *Teoria do conto* (1985).

<sup>91</sup> RONCARI. A estampa da rotativa na crônica literária, p. 9 *et seq.*

voltados para interlocutores definidos e atuando na formação de opinião”.<sup>92</sup> Para esse crítico, tal momento – em sua natureza transitória de matéria jornalística – configura a realização do modo de ser primeiro da crônica, ao passo que a publicação em livro representaria o repouso após a passagem agitada e curta pelo jornal – o livro recorda o primeiro estado do texto, como a imagem daquilo que ele foi um dia. Assim, mesmo que o cronista já vislumbre a divulgação de seu texto em livro, sua coletânea constituir-se-á de “almas mortas”, separadas das vizinhas, perdidas no jornal, as notícias do dia.<sup>93</sup>

Em 1986, ano seguinte à publicação do *Boletim bibliográfico*, outra obra continuaria a discussão empreendida sobre a crônica no Brasil. Trata-se de volume organizado por Domício Proença Filho, que reúne estudos apresentados em 1984 por ocasião da 2ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira.<sup>94</sup> A obra conta com três bons estudos sobre o gênero: “A crônica brasileira da modernidade”, de Eduardo Portella; “O rapsodo”, de Artur da Távola e “A crônica: algumas considerações em cima do cotidiano”, de Lourenço Diaféria, além de intervenções nos debates ocorridos durante as conferências.

Eduardo Portella não restringiu sua contribuição aos estudos sobre a crônica ao volume organizado por Proença Filho. Na década seguinte, participou de coletânea comemorativa dos 90 anos de morte de Machado de Assis,<sup>95</sup> desenvolvendo estudo específico sobre o cronista. Do texto de 1986, pelo menos três pontos devem ser registrados. Primeiramente, o que Portella chama de “teoria [literária] opulenta e predatória”, segundo a qual o trabalho da linguagem divide-se em gêneros maiores e espécies menores. De forma preconceituosa, a crônica teria sido vista, por essa teoria, como espécie menor – embora o gênero “desdenhe” das classificações, impondo-se, enfim, como “entidade inclassificável”.<sup>96</sup> Antonio Candido, muito sutilmente, ironiza a classificação dos gêneros literários em “maiores” e “menores” quando, pontuando que “a crônica não é um ‘gênero maior’”,<sup>97</sup> vê justamente nesse possível “defeito” uma de suas maiores qualidades.

<sup>92</sup> RONCARI. A estampa da rotativa na crônica literária, p. 9.

<sup>93</sup> RONCARI. A estampa da rotativa na crônica literária, p. 13-14. Entretanto, conforme afirma John Gledson, pesquisador responsável por algumas edições de crônicas machadianas em livro – “A semana”, “Bons dias!” e, em parceria com Lúcia Granja, “Notas semanais” [respectivamente, ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*; ASSIS. *Bons dias!*; ASSIS. *Notas semanais*] –, “não há uma leitura [da crônica] melhor que a outra, no suporte de origem ou fora dele, mas elas são primordialmente diferentes”, destacando ainda que nem mesmo os efeitos de leitura dos contos e romances de Machado são os mesmos hoje se comparados aos de sua leitura no suporte material da imprensa (In: GLEDSON; GRANJA. Machado de Assis, o maior cronista de seu tempo, acesso *online*).

<sup>94</sup> PROENÇA FILHO. *Literatura brasileira: crônica, teatro, crítica*.

<sup>95</sup> SECCHIN; ALMEIDA; MELO E SOUZA. *Machado de Assis: uma revisão*, p. 179-182.

<sup>96</sup> PORTELLA. A crônica brasileira da modernidade, p. 7.

<sup>97</sup> CANDIDO. A vida ao rés-do-chão, p. 13.

Dois outros pontos trazidos por Eduardo Portella merecem ser comentados: a relação da crônica com a modernidade e o cotidiano como sua matéria-prima. Afirmo o acadêmico:

A modernidade secular, descrente e insegura, viu-se obrigada a deixar de lado – não raro nostalgicamente – a ilusão da cidade solar, a uma só vez luminosa e plena. A opacidade, os pedaços, os restos, começaram a recortar, enfaticamente, os seus contornos. A essa dispersão teria de corresponder uma voz, quando não um rosto. A crônica veio a ser a construção cidadina que realizou desinibidamente a fragmentariedade da vida moderna. A sua cidade, e ela assim o aceita sem a menor consternação, é uma cidade inacabada.<sup>98</sup>

Precursor que foi da modernidade na literatura brasileira, Machado de Assis, como poucos talvez em seu século, valeu-se da fecundidade da crônica para a “fotografia” do ambiente urbano em que viveu. De fato, o Rio de Janeiro oitocentista se faz presença viva nas crônicas, com suas óperas, clubes, agremiações literárias, personagens públicos, problemas sociais, boatos, etc.<sup>99</sup> Nas palavras de Antonio Martins Rodrigues, a cidade, “inegavelmente, tocava Machado. [...] não só na sua arquitetura. São as relações, a ligação entre carne e pedra.”<sup>100</sup> Isso, é importante destacar, sem ofuscar o diálogo do cronista com o leitor e todo o jogo de sedução aí presente. O cotidiano, matéria-prima do cronista, é um dos fatores que possibilitam a sedução do leitor da crônica. Eduardo Portella parece ratificar esse posicionamento quando afirma que o material do qual é feita a crônica são “as suas projeções vinculadas no fluente anedotário público, os cruzamentos de ruas e de pessoas, cada ângulo que nos chega renovado com o chegar das estações”.<sup>101</sup> Conforme se constatará neste trabalho, entretanto, não se limita a esses aspectos a complexidade da crônica de Machado de Assis. Não é apenas o fato de seu material ser o cotidiano que confere a ela o interesse que possui ou que desperta.

No texto de Artur da Távola, há uma defesa da crônica importante para o desenvolvimento desta dissertação.<sup>102</sup> Segundo o autor de *Mevitevendo*,

A crônica é a canção da literatura. Pode dizer o mesmo que a sinfonia. Mas o faz aos poucos. Ao simples. Para todos. No volume diário de oferta de

<sup>98</sup> PORTELLA. A crônica brasileira da modernidade, p. 8.

<sup>99</sup> Sobre a presença do Rio na literatura machadiana, é de interesse o trabalho de Miécio Táci (1995) intitulado *O mundo de Machado de Assis: o Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis*.

<sup>100</sup> RODRIGUES. Machado de Assis é moderno por excelência, p. 11.

<sup>101</sup> PORTELLA. A crônica brasileira da modernidade, p. 10.

<sup>102</sup> Artur da Távola é pseudônimo do escritor, professor e político Paulo Alberto de Barros, morto em 2008. Entre as várias atividades que desempenhou, consta a de cronista dos jornais *O Globo* e *Última hora*, além de conduzir programas sobre música clássica veiculados pela televisão.

leitura, a crônica é, ao mesmo tempo, a poesia, o ensaio, a crítica, o registro histórico, o factual, o apontamento, a filosofia, o flagrante, o miniconto, o retrato, o testemunho, a opinião, o depoimento, a análise, a interpretação, o humor. Polivalente. Poli/valente. De ouros.<sup>103</sup>

Embora possam ser questionadas algumas das características elencadas, Artur da Távola parece acertar quando, em vez de tentar restringir a crônica a um só padrão, com limites bem definidos, defende a abertura desse gênero às várias possibilidades que a literatura oferece – o miniconto, o retrato, a opinião, o humor, etc. A crônica machadiana pode, certamente, ser considerada exemplo perfeito da polivalência que a crônica possui. Machado, em nenhum momento, parece ter limitado sua atividade aos possíveis contornos do gênero, mas procurou, a cada série, desenvolver e ampliar novas sugestões que lhe vinham. A afirmação de Távola segundo a qual a crônica diz o mesmo que a sinfonia, porém “ao simples” e “para todos”, entretanto, merece atenção. É possível que se enquadre bem a um bom número de cronistas brasileiros, cientes da necessidade de uma escrita voltada para a publicação de massa. Não nos parece ser esse o caso, entretanto, de Machado. Em suas crônicas, não faltam citações em línguas estrangeiras e referências históricas e culturais, elementos injustificáveis em um texto *a priori* escrito “para todos”. Além disso, há de se considerar a elevada taxa de analfabetos no Brasil oitocentista – cerca de 70% da população – e, mesmo dentre os letrados, o “horror à letra redonda” denunciado por José Veríssimo nos seus *Estudos brasileiros*.<sup>104</sup>

Ainda sobre a relação da crônica com o leitor, alguma contribuição é dada pelo texto de Lourenço Diaféria, presente no volume organizado por Proença Filho.<sup>105</sup> Para esse cronista, “a crônica subsiste graças à sintonia com o leitor. Não existe crônica se ela não conquista a sintonia, se ela não afina seu diapasão com o do leitor. [...] Donde por vezes ocorre que o cronista acaba íntimo dos leitores, sem que estes nem de longe o conheçam na verdade.”<sup>106</sup> É conhecida de todos a importância da imagem do leitor – e da leitora – na ficção machadiana, a qual desperta no enunciador os mais diversos sentimentos, como, por exemplo, a aguda agressividade das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que leva o narrador a ver em seu leitor “o maior defeito” do livro.<sup>107</sup> Na crônica não seria diferente: a relação do cronista

<sup>103</sup> TÁVOLA. O rapsodo, p. 14.

<sup>104</sup> Informações apuradas e discutidas por GUIMARÃES. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, p. 65-66.

<sup>105</sup> Falecido em 2008, Lourenço Diaféria dedicou boa parte de sua vida à escrita de crônicas. Há mesmo uma *Antologia* (2005), com organização de Douglas Tufano, que traz crônicas de autores compreendidos, cronologicamente, entre Machado de Assis e Diaféria.

<sup>106</sup> DIAFÉRIA. A crônica: algumas considerações em cima do cotidiano, p. 19.

<sup>107</sup> Trata-se do capítulo LXXI, “O senão do livro” (cf. ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 162).

com o leitor é, em especial na série “Bons dias!”, um entranhado arranjo de urbanidade e combatividade, o que não condiz exatamente com a “sintonia” e a “intimidade” defendidas por Diaféria. Há, inclusive, uma crônica em que um dos “motes” é o leitor: nos “Bons dias!” de 29 de junho de 1888, ele seria metaforizado em nada mais, nada menos, que um “carapicu”.<sup>108</sup>

Ainda a 1986 deve-se o estudo sobre o gênero crônica realizado por Davi Arrigucci Jr., “Fragmentos sobre a crônica”, publicado no ano seguinte em *Enigma e comentário*. O crítico não nega a dificuldade de definir o gênero, “apesar de aparentemente fácil quanto aos temas e à linguagem coloquial”.<sup>109</sup> Também destaca que, já entre nós há mais de um século, tal gênero teria se aclimatado tão bem à literatura do país, “que parece nosso”. Quando elabora uma proposta de estabelecimento de limites para a crônica, Arrigucci Jr. parece apostar em sua relação com a memória. Segundo ele, “trata-se [a crônica] de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido”.<sup>110</sup> Embora cite a relação da crônica com a imprensa, o crítico de *Enigma e comentário* vê como injusto o ato de “reduzi-la a um apêndice de jornal, pelo menos no Brasil, onde dependeu na origem da influência européia, alcançando logo, porém, um desenvolvimento próprio extremamente significativo”.<sup>111</sup> Essa posição vai ao encontro da defendida por Marlyse Meyer, que, estudando a transformação dos folhetins de influência francesa em crônica, percebe que tal designação em princípio genérica para um espaço do jornal – o *feuilleton* remete ao *rez-de-chaussée*, ou ao rodapé – proporcionará o surgimento, baseado em produções com os fins mais diversos de entretenimento, informação, ficção seriada etc., da chamada “chronica”.<sup>112</sup>

O lugar da “chronica” machadiana, a propósito, no contexto da obra do autor, não é de forma alguma negligenciado por Davi Arrigucci. Considerando o material folhetinesco – constituído, conforme Marlyse Meyer, de vários tipos, entre os quais o *roman-feuilleton*, as

<sup>108</sup> Essa crônica pode ser lida em várias edições, entre as quais: ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 125-128; ASSIS. *Obra completa*, v. 3, p. 499; ASSIS. *Bons dias!*, p. 154-157. Hélio de Seixas Guimarães, amparando-se no *Dicionário brasileiro da língua portuguesa* de Antônio Joaquim de Macedo Soares, define “carapicu” como “peixe pequeno e de pouco valor comercial, designação da gíria para um tipo desclassificado e, por extensão, para a gente miúda” (GUIMARÃES. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, p. 23).

<sup>109</sup> ARRIGUCCI JÚNIOR. Fragmentos sobre a crônica, p. 51.

<sup>110</sup> ARRIGUCCI JÚNIOR. Fragmentos sobre a crônica, p. 51.

<sup>111</sup> ARRIGUCCI JÚNIOR. Fragmentos sobre a crônica, p. 53.

<sup>112</sup> MEYER. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica, p. 93-133.

*variétés*, etc.<sup>113</sup> –, Arrigucci Jr. vê em Machado o responsável por um corte agudo nessa tradição. Segundo o crítico,

Como sempre, Machado de Assis entrou a fundo também no material folhetinesco. Percebeu logo a liga do “útil e do fútil” que fazia sua graça. E pôs mãos à obra, dedicando-se a uma espécie de prática de relativização dos solavancos entre os altos e baixos do assunto; balanceando, com distanciamento irônico, os pesos e contrapesos de toda questão. [...] Machado se afina pelo tom menor que será, daí para frente, o da crônica brasileira, voltada para as miudezas do cotidiano.<sup>114</sup>

Como signo do corte que representa Machado para o desenvolvimento dos folhetins em crônica, Arrigucci Jr. aponta a graça espontânea do povo que há em Machado, bem como as fraturas expostas da vida social, os perfis psicológicos – que a crônica, apesar do relativo pouco espaço para tanto, desenvolverá –, o quadro de costumes, o ridículo do cotidiano e a poesia em prosa, características que chegarão ao século XX e serão desenvolvidas por cronistas diversos, como produto de uma experiência estética sem a qual nossa cronística dificilmente atingiria o nível que alcançou.<sup>115</sup>

No ano seguinte à publicação de *Enigma e comentário* ocorreria, no auditório da Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB, sob os auspícios do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, o talvez mais importante evento acadêmico sobre a crônica já realizado no Brasil. Produto dele é o volume organizado pelo Setor de Filologia da FCRB.<sup>116</sup> O primeiro texto desse livro foi nele incluído por sua importância para a bibliografia sobre a crônica, a despeito de ter sido divulgado antes como prefácio a uma coletânea de crônicas, obra de iniciação à leitura, destinada a um público jovem: trata-se de “A vida ao rés-do-chão”, de Antonio Candido, já referido brevemente nesta seção.<sup>117</sup>

Na discussão sobre o lugar da crônica entre as espécies literárias, Candido afirma ser inimaginável uma literatura constituída por “grandes cronistas”, que dessem a ela o mesmo brilho dos grandes romancistas, poetas ou dramaturgos. Candido duvida ainda que se atribua algum dia o Nobel de Literatura a algum autor de produção exclusiva de crônicas. Em vez de se lamentar por isso, entretanto, o crítico dá “graças a Deus”: sendo “gênero menor”, a

<sup>113</sup> MEYER. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica, p. 99.

<sup>114</sup> ARRIGUCCI JÚNIOR. Fragmentos sobre a crônica, p. 58-59.

<sup>115</sup> ARRIGUCCI JÚNIOR. Fragmentos sobre a crônica, p. 61

<sup>116</sup> CANDIDO *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.*

<sup>117</sup> Trata-se de volume da coleção *Para gostar de ler* dedicado à crônica, trazendo textos de Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, entre outros (São Paulo: Ática, 1979-1980).

crônica “fica perto de nós”.<sup>118</sup> Segue daí o reconhecimento de seu papel e seu lugar em nossas letras. Candido toca em ponto essencial da história da crônica no Brasil, que faz desse gênero talvez um dos mais relevantes, se pensarmos nas conquistas literárias do século XX: a quebra do monumental e da ênfase. Se antes havia em nossas letras, com grande força, a tendência ao “ruibarbosismo”, ao culto da oratória e de uma linguagem verbalmente inflada, a crônica traria uma perspectiva diferente: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.<sup>119</sup> Como o intuito do cronista não é o de ser eternizado, o de permanecer na lembrança da posteridade, sua perspectiva é a dos que escrevem ao rés-do-chão. Segundo Antonio Candido, essa aparente “limitação” do gênero faria, na verdade, com que ele conseguisse transformar a literatura em algo íntimo, de forma que “a sua durabilidade [da crônica] pode ser maior do que ela pensava”.<sup>120</sup>

Outro significativo estudo presente n’*A crônica* é o de Margarida de Souza Neves.<sup>121</sup> Dele destacamos, inicialmente, a longa – mas profícua – epígrafe, extraída justamente de uma crônica de Machado de Assis. Nas “Histórias de quinze dias” de 1º de novembro de 1877, lê-se:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.<sup>122</sup>

Souza Neves passa, imediatamente, a desenvolver o porquê da escolha de sua epígrafe, fragmento de uma crônica metalinguística, em que o cronista machadiano fala do próprio ofício de escriba das coisas miúdas. Segundo a estudiosa, a “explicação” dada na crônica para a origem desse gênero tem o mérito de relativizar, por via da ironia, o vício das abordagens feitas do ângulo da História – ou seja, abordagens que insistem em identificar origens, situar

<sup>118</sup> CANDIDO. *A vida ao rés-do-chão*, p. 13.

<sup>119</sup> CANDIDO. *A vida ao rés-do-chão*, p. 14.

<sup>120</sup> CANDIDO. *A vida ao rés-do-chão*, p. 15. Quando Candido fala da literatura como algo íntimo, deve-se ter em conta que ele escreve, primeiramente, para jovens leitores, numa possível tentativa de incentivar a leitura.

<sup>121</sup> NEVES. *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*, p. 75-92.

<sup>122</sup> ASSIS. *História de quinze dias*, p. 253-254. Como epígrafe do estudo de Margarida de Souza Neves, a citação aparece em NEVES. *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*, p. 75.

essas origens no tempo e estabelecer períodos demarcados mais ou menos cientificamente.<sup>123</sup> Neves reconhece, entretanto, que a História possui outros instrumentos teóricos, distintos do positivismo latente na abordagem que ela cita. Propondo, então, uma leitura das crônicas que leve em conta a relação entre ficção e História, Neves aborda a intrínseca conexão existente entre o gênero crônica e o tempo – conexão, inclusive, já mencionada neste trabalho. Na crônica machadiana, a pesquisadora constata a visão deixada por aquele autor em relação a seu tempo, visão “sempre atravessada por esse magnífico amálgama de ceticismo e humor que lhe é característico”.<sup>124</sup>

Recorrendo à etimologia – *chronus*/crônica –, Neves caracteriza a crônica como gênero “colocado ao tempo”. Diferentemente dos cronistas quinhentistas, que tinham por meta o “registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato”,<sup>125</sup> os cronistas oitocentistas colocaram-se perante o tempo de modo diverso. A partir de então, a crônica passaria a possuir uma “qualidade moderna”, segundo Souza Neves: nela, haveria o reconhecimento do papel que a subjetividade desempenha no texto.<sup>126</sup> Com essa mutação e todas as consequências que dela decorrem, a crônica seria, para Souza Neves, uma “escrita do tempo”: o tempo, de formas diversas, feito texto.

Se o tempo está na crônica machadiana, seria de se esperar, para além da grande impressão artística que essas crônicas causam no público, que o posicionamento do seu autor perante as questões do século ali estivessem. E, de fato, estão. Tanto é que, em “Machado: mestre de capoeira”, Costa Lima destaca o importante papel que tem a leitura das crônicas de Machado hoje para o questionamento de uma persistente imagem falsa do escritor: “para elogiá-lo ou para denegri-lo, costuma-se entendê-lo como alheio, indiferente ou entediado do tempo e do país”.<sup>127</sup> Um dos “motores” de tal engano seria, ainda de acordo com Costa Lima, o próprio estilo lapidar de Machado – estilo *cool*, irônico e contido. Além disso, a extensão curta da crônica, os *faits divers* como tema, entre outras características, teriam levado a uma pouca consideração pelo gênero por parte da crítica brasileira. Costa Lima denuncia, então, o descaso para com a crônica machadiana, que faz com que muitos dos “escavados abismos” daquele autor continuem insuspeitos.<sup>128</sup> Passada mais de uma década, a lacuna detectada pelo

<sup>123</sup> NEVES. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas, p. 75.

<sup>124</sup> NEVES. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas, p. 81.

<sup>125</sup> NEVES. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas, p. 82.

<sup>126</sup> NEVES. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas, p. 82.

<sup>127</sup> COSTA LIMA. Machado: mestre de capoeira, p. 183.

<sup>128</sup> COSTA LIMA. Machado: mestre de capoeira, p. 183.

crítico maranhense ainda persiste, a despeito de tudo que se vem produzindo, desde então, sobre a crônica de Machado.<sup>129</sup>

Um trabalho recente sobre a crônica de Machado de Assis é o realizado por Lúcia Granja, pesquisadora que investiga Machado cronista desde os primeiros trabalhos acadêmicos.<sup>130</sup> Em 2008, ano do primeiro centenário de morte de Machado de Assis, Granja publicou, no *Jornal da UNICAMP*, texto em que, embora cite o descaso para com as crônicas de Machado de Assis por parte da crítica brasileira – descaso que talvez tenha sido propiciado até mesmo pela decisão de Machado de não as publicar em livro –, parece apostar em novos rumos para o estudo da crônica machadiana.<sup>131</sup> Segundo ela, a reedição das crônicas, dessa vez com o aparato crítico e filológico necessário, possibilita que agora sejam estudadas, lidas, e, certamente, que o investimento machadiano artístico que há nelas seja reconhecido.<sup>132</sup> Para a autora de *Machado de Assis, escritor em formação*, vários são os recursos empregados pelo cronista – recursos que fazem com que esses textos possam e devam ser mais estudados pelo viés literário. Fazem parte das crônicas a ficcionalização com tendência ao cômico e ao absurdo de acontecimentos da semana, o uso da ironia e da polifonia, o uso às vezes rebaixado das referências à tradição literária, entre outros recursos.<sup>133</sup> Considerando, portanto, que essas são algumas das características pelas quais o romance e o conto machadiano são notavelmente reconhecidos mesmo pela crítica internacional, é incompreensível o fato de que o lugar da crônica na obra desse autor tenha sido, de certa maneira, relegado a segundo plano.

Já caminhando para conclusão deste tópico sobre a crônica, é necessário reafirmar ainda mais seu importante lugar na obra de Machado de Assis. Marcus Soares afirma que o autor de *Quincas Borba* foi “acima de tudo um cronista”,<sup>134</sup> argumentando em prol disso que são evidentes as marcas do cronista no desenvolvimento do romancista Machado de Assis.<sup>135</sup>

<sup>129</sup> Costa Lima escreve seu texto pouco depois da publicação do primeiro volume d’“A semana” organizado por John Gledson (1996), referente aos anos de 1892 e 1893 de circulação da série. Entretanto, quinze anos depois, ainda não contamos com uma boa edição, com o devido aparato filológico, dos anos seguintes da série (1894-1897/1900). Sinal, parece-nos, de que não há pouco trabalho a ser feito em relação à crônica de Machado de Assis.

<sup>130</sup> Cf. GRANJA. *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*; GRANJA. Machado de Assis cronista: primeiros anos; GRANJA. Das páginas dos jornais aos gabinetes de leitura: rumos dos estudos sobre as crônicas de Machado de Assis; GRANJA. Um espaço de experimentação narrativa; GRANJA. Machado de Assis, jornalista: o homem, o texto, o tempo; GLEDSON; GRANJA. Machado de Assis, o maior cronista de seu tempo.

<sup>131</sup> GRANJA. Um espaço de experimentação narrativa.

<sup>132</sup> GRANJA. Um espaço de experimentação narrativa, p. 11.

<sup>133</sup> GRANJA. Um espaço de experimentação narrativa, p. 11.

<sup>134</sup> SOARES. Machado de Assis: folhetim e crônica, p. 365.

<sup>135</sup> Massaud Moisés parece fazer semelhante relação entre o cronista machadiano e o romancista/contista quando afirma que “Machado era tão medularmente cronista que os seus contos e romances traem essa propensão: são contos e romances de um cronista, ou seja, é das crônicas que parecia ele retirar a matéria-prima da sua ficção.” (MOISÉS. *Machado de Assis: ficção e utopia*, p. 110).

A ideia trazida por Marcus Soares é eco do que se poderia chamar de “estética da crônica” no romance machadiano – em especial, conforme assinalado por Roberto Schwarz, nos romances da “segunda fase” ou “grande fase”. Segundo esse último, são características comuns entre a crônica hebdomadária e as *Memórias póstumas de Brás Cubas*: as liberdades narrativas; o empréstimo, por parte do romance, da capacidade de um gênero cujo estatuto era e talvez ainda seja considerado “pouco sério”, por reunir resenha de espetáculos, notícia de livros, anedotas variadas etc.; “o amálgama de atualismo e futilidade” etc.<sup>136</sup> Não é, pois, exagero afirmar que a crônica foi espaço de experimentação ficcional para Machado de Assis, empregando técnicas, temas e situações que aparecem também em seus romances.<sup>137</sup> Esse “gênero menor” propiciou, no dizer de Roberto Schwarz, um indiscutível “progresso literário” nas letras machadianas.<sup>138</sup> Foi, sobretudo, espaço privilegiado para suas “bruxarias literárias”, algumas das quais constituem a preocupação deste trabalho.

Antes de passar à discussão sobre a concepção de sujeito fraturado – em oposição à de sujeito solar – e a de heteronímia, é necessário apresentar a proposta desta dissertação no que tange à compreensão do gênero crônica. Diferentemente de formas literárias fixas, a crônica encontra no espaço aberto do jornal sua melhor definição. Apresenta-se geralmente em prosa, mas não se limita a ela. Carlos Drummond de Andrade, no século XX – e antes dele Machado de Assis, com a série “Gazeta de Holanda” (1886-1888) – demonstraria que também em versos se escrevem crônicas.<sup>139</sup> Nem mesmo a possibilidade da estrutura dramática foge à crônica, como mostrou Machado de Assis com as crônicas de “A + B” (1886) e, no século XXI, Luis Fernando Verissimo, com trabalho publicado n’*O Estado de S. Paulo*.<sup>140</sup> A fronteira com que a crônica se depara talvez esteja na aceitação pública, de que, em termos, depende. Dessa forma, é muito possível que não deva o gênero ser definido à luz de características formais *a priori* fixas – Fernando Sabino, por exemplo, teria dito que “crônica é tudo que o autor chama de crônica”<sup>141</sup> –, mas à luz de sua circulação, considerando que a crônica se dirige a determinado público, é divulgada por um veículo de comunicação e sua vida primeira é a página do jornal. Longe da página “definitiva” de um livro, a crônica parece

<sup>136</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 216-217.

<sup>137</sup> Cf. CARVALHO. Diálogo com o diretor, p. 79.

<sup>138</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 216-217.

<sup>139</sup> Em 1967, Drummond publicou *Versiprosa (crônica da vida cotidiana e de algumas miragens)*, coletânea de crônicas divulgadas originalmente no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil* e no *Mundo ilustrado*. Sobre a “palavra não dicionarizada” utilizada como título do volume, Drummond se explica com o argumento de que aquelas crônicas “transferem para o verso comentários e divagações da prosa”. Acrescenta: “Não me animo a chamá-las de poesia. Prosa, a rigor, deixaram de ser. Então, versiprosa.” (ANDRADE. *Poesia completa*: conforme as disposições do autor, p. 508).

<sup>140</sup> Cf. VERISSIMO. Preto e Branco, p. D2.

<sup>141</sup> O episódio é contado por ÂNGELO. Sobre a crônica, acesso *online*.

representar para o escritor um espaço experimental formidável, propício não apenas ao “ensaio” de técnicas e motivos que podem aparecer depois, em outros trabalhos, como também à efetiva realização de propósitos que outros gêneros mais consolidados, de certa forma, não permitiriam. Machado de Assis conhecia essas possibilidades. Em artigo de 1859, publicado no *Correio Mercantil*, louvava o potencial do jornal – mais condizente com o espírito humano, segundo ele, do que o livro, com suas limitações.<sup>142</sup> “Verdadeira forma da república do pensamento”, abrigaria o jornal a “literatura comum, universal, altamente democrática, [...] levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.”<sup>143</sup> Há de se relevar a expressão arrebatada do escritor de 20 anos, mas não há como negar que, durante as quatro décadas em que atuou como cronista, a concepção machadiana do gênero parece sempre ter sido a de um espaço propício a inovações e à amálgama de reflexões, narrativas, versos, citações, paródias, entre tantos outros recursos.

Nesta dissertação, as “bruxarias literárias” de Machado na crônica serão estudadas à luz de outro “bruxo” da língua portuguesa, o poeta português Fernando Pessoa.<sup>144</sup> Pessoa que foi muitos, sendo um, tendo levado a um extremo nunca antes imaginado a ficcionalização de si mesmo e do outro – exercício e capacidade, diga-se, que não deixam de ser necessários a todo ficcionista/fingidor. Assim como Machado de Assis foi cronista “entre” cronistas, conforme este trabalho procurará mostrar, foi Fernando Pessoa poeta “entre” poetas, o que justifica a aproximação. Na seção seguinte, serão relacionados e delimitados os conceitos de “heteronímia” e “sujeito fraturado”, cuja utilização pela crítica pessoana já se encontra, de certa forma, estabelecida. A partir daí, será possível apresentar nossa proposta de articulação daqueles conceitos à crônica de Machado de Assis.

---

<sup>142</sup> ASSIS. O jornal e o livro, p. 1010.

<sup>143</sup> ASSIS. O jornal e o livro, p. 1009.

<sup>144</sup> As “bruxarias” em Fernando Pessoa, inclusive, talvez não se tenham limitado à atividade literária. O escritor dedicava-se também à astrologia, “e não meramente como hobby, [...] em 1916 foi acusado de ser um ‘mago’ ou ‘bruxo’ por um jornal de Lisboa [*A Capital*]” (BARRETO. O mago e o louco: Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Dias, p. 70).

## 1.2 “Sinto-me múltiplo”<sup>145</sup>

É do poeta português Fernando Pessoa a expressão tomada para título desta seção. Em manuscrito datado provavelmente de 1915, o poeta assim se expressa: “Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas”.<sup>146</sup> Trata-se apenas de uma das várias reflexões que o poeta, consciente de sua poética e concepção artística, nos deixou. Recorreremos, pois, ao criador e pensador do fazer literário para delinear melhor o conceito de heteronímia, fundamental na leitura de sua obra e também possivelmente útil, como tentaremos demonstrar, na leitura da crônica machadiana. Discutiremos, ainda nesta seção, outro conceito chave para este trabalho: o de “sujeito fraturado”, tal qual proposto por Luiz Costa Lima como via alternativa à tradição moderna do sujeito solar.<sup>147</sup>

Na pesquisa que desenvolveu sobre a vida de Fernando Pessoa, José Paulo Cavalcanti Filho dedica um capítulo, como não poderia deixar de ser, ao fenômeno da heteronímia em Pessoa – “Em que se conta da arte de fingir e dos seus heterônimos”.<sup>148</sup> Sobre a origem do que define como “prática de escrever usando nomes falsos, como se fosse um outro”,<sup>149</sup> o autor remete-nos ao filósofo e poeta do século XIX Søren Kierkegaard, pai do existencialismo. Segundo Cavalcanti Filho, Kierkegaard teria usado sete heterônimos, embora os considerasse pseudônimos, ou *pseudonymer*, “possibilidades criadas pela imaginação”.<sup>150</sup> Embora faça menção à multiplicidade de autores criados pelo dinamarquês, Cavalcanti Filho destaca que a ideia da heteronímia é recorrente entre os escritores. Cita, então, John Keats, que nega uma identidade a todo poeta; Walt Whitman, para quem “dentro do homem há multidões”; Charles Baudelaire, segundo o qual “quem não sabe povoar a sua solidão também não sabe estar só em meio a uma multidão atarefada”, entre vários e vários outros.<sup>151</sup> Entre os heterônimos de autores de língua portuguesa, Cavalcanti Filho revela que era recorrente na literatura portuguesa pós-romântica o ato de escrever como se fosse outro. Entretanto, em

<sup>145</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 93. O sentimento da multiplicidade não seria estranho a Machado de Assis. Segundo o cronista d’“A semana” de 27 de agosto de 1893, por exemplo, cada ser humano é “um composto de cidades, não da mesma nação, mas de várias nações e diferentes línguas” [ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 290].

<sup>146</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 93.

<sup>147</sup> Cf. COSTA LIMA. *Mímesis: desafio ao pensamento*, p. 74.

<sup>148</sup> CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 201-406.

<sup>149</sup> CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 223.

<sup>150</sup> CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 223.

<sup>151</sup> CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 224-227.

muitos desses casos, tratava-se apenas de “artifício para fugir da realidade” ou “escapar da censura”, não atingindo, nem de longe, a dimensão que Pessoa deu a tal prática, capaz de fazê-lo parecer ser mais autêntico nas palavras de seus heterônimos “que em suas próprias”.<sup>152</sup>

O vocábulo “heterônimo” não surgiu com Pessoa. O *Houaiss* dá 1873 como ano provável de seu primeiro registro na nossa língua – a partir do grego, *heterónomos*, “que difere de nome” –,<sup>153</sup> portanto, cerca de quinze anos antes do nascimento do autor de *Mensagem*, que se deu em 1888. Entretanto, parece ser inquestionável o fato de que, com Pessoa, a arte da escrita por heterônimos atinge limites antes insuspeitados, oferecendo-nos ele, como já notou Eduardo Lourenço, uma das mais trágicas e geniais visões da “consciência explodida” particular ao espírito moderno.<sup>154</sup> Para o professor de língua e literatura portuguesa Antonio Tabucchi, é com Pessoa que

uma das grandes preocupações da literatura da nossa época, o Eu, entra em cena e começa a falar de si. Através de uma meticulosa elaboração de ficha clínica, a heteronímia não é senão a espetacular tradução para literatura de todos aqueles homens que um homem inteligente e lúcido suspeita ser. Poder-se-ia talvez acrescentar que, certamente, em nenhuma outra época como na nossa, o homem inteligente e lúcido suspeitou ser tantos homens. Uma suspeita que Nerval mal tivera tempo de sussurrar para a plateia («Je suis l'autre»), enquanto o pano caía sobre o século XIX, e que o duende Rimbaud, atravessando o palco literário como um meteoro, gritara subversivamente na carta a Paul Demeney, em Maio de 1871: «JE est un autre».<sup>155</sup>

Assim, a suspeita da multiplicidade, que perpassa as obras de Gérard de Nerval e Arthur Rimbaud, tornou-se, em Pessoa, a certeza de que estamos “em permanência condenados a ser *outros*”.<sup>156</sup> Quem são, afinal, “aqueles homens que um homem inteligente e lúcido suspeita ser”? Novamente, lançamos mão da biografia pessoana de Cavalcanti Filho. Investigando a obra publicada e a ainda inédita de Pessoa, esse autor propõe a existência de 127 heterônimos, ou seja, 127 autores, 127 assinaturas.<sup>157</sup> Entretanto, não omite o fato de que

<sup>152</sup> CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 229. No tocante à literatura brasileira, Cavalcanti Filho afirma que, embora o gosto pela troca de nomes seja recorrente, “por aqui, dificilmente se diria serem algo mais que pseudônimos”. Em todo caso, na sequência do texto, cita Aluísio de Azevedo, Mário de Andrade, Júlio César de Melo e Souza (ou Malba Tahan), João do Rio, entre outros. Não cita Machado, mas faz referência ao cronista Olavo Bilac, que assinava, entre outros nomes, Arlequim Belial, O Diabo Coxo, Pif-Paf, Flamínio (CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 228).

<sup>153</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1016.

<sup>154</sup> LOURENÇO. *Poesia e metafísica*: Camões, Antero, Pessoa, p. 153.

<sup>155</sup> TABUCCHI. *Pessoana mínima*: escritos sobre Fernando Pessoa, p. 24.

<sup>156</sup> LOURENÇO. *Poesia e metafísica*: Camões, Antero, Pessoa, p. 160.

<sup>157</sup> Demasiado seria citar todos os heterônimos encontrados por Cavalcanti Filho em seu trabalho, o que fugiria aos objetivos e dimensão desta dissertação. Parece-nos interessante observar, entretanto, que nem todos eram poetas, nem deixaram expressões artísticas materiais. A. A. Crosse escrevia, em inglês, sobre mitos portugueses;

tais assinaturas não tiveram o mesmo grau de desenvolvimento, nem autonomia, perante o suposto “eu” pessoano, ou “Pessoa ele-mesmo”, “Pessoa ortônimo”. Heterônimos perfeitos, afirma Cavalcanti Filho, eram três; considerando “heterônimos” “pessoas imaginárias a quem se atribui uma obra literária, com autonomia de estilo em relação ao autor”.<sup>158</sup> Apresenta-nos, então, os poetas Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Antes de falar dos “heterônimos perfeitos”, entretanto, ou do semi-heterônimo que foi Bernardo Soares, ou ainda do Fernando Pessoa “ele-mesmo” como um heterônimo, é importante ver o que Pessoa escreveu sobre a ideia de vários “eus” em um só “eu”, bem como a gênese desse fenômeno.

Em texto manuscrito, possivelmente de 1915, já se expressava Pessoa: “Não sei quem sou, que alma tenho. / Quando falo em sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros). / Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio.”.<sup>159</sup> Esse depoimento condiz, por exemplo, com sua experiência com Alberto Caeiro, com quem matinha a singular relação de aparente “criador” e “discípulo”. No dia 8 de março de 1914, escreveria – Alberto Caeiro “em Pessoa” – mais de trinta poemas, a que intitularia “O guardador de rebanhos”. Conforme carta que Pessoa escreveu em 1935 a Adolfo Casais Monteiro, “foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. [...] o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim [...] Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive”.<sup>160</sup> Pessoas distintas que são, com valores e atitudes próprias, não seria Fernando Pessoa indiferente à escrita, por suas mãos, da poesia do mestre Alberto Caeiro. Pessoa escreverá, em apontamento solto, não assinado e sem data:

Não há que buscar em quaisquer deles [os poemas de Caeiro, Ricardo Reis ou Álvaro de Campos] ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias ou sentimentos que não aceito, sentimentos que nunca tive. Há simplesmente que os ler como estão, que é aliás como se deve ler. / Um exemplo: escrevi com sobressalto e repugnância o poema oitavo do “Guardador de rebanhos”, com a sua blasfêmia infantil e o seu antiespiritualismo absoluto. Alberto Caeiro, porém, como eu o concebi é

---

o baiano Eduardo Lança foi autor de vários livros imaginários, dentre os quais *Folhas outonais* e *Coração enamorado*; Herr Prosit assinou a tradução d’*O estudante de Salamanca*, de Espronceda (CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 335; 360-361; 392).

<sup>158</sup> CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 234.

<sup>159</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 93.

<sup>160</sup> PESSOA. Carta a Casais Monteiro, 13-01-1935, p. 124. Na mesma carta, Pessoa afirma que, ainda naquele dia, comporia os poemas de *Chuva oblíqua*, de Fernando Pessoa. “Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.” (PESSOA. Carta a Casais Monteiro, 13-01-1935, p. 124).

assim: assim tem pois ele que escrever, quer eu queira, quer não, quer eu pense como ele ou não.<sup>161</sup>

O trecho citado demonstra o respeito de Pessoa pelos autores que concebeu, ainda quando deles divergia. Em texto datilografado, provavelmente de 1930, há mais informações acerca da sua “escrita de outros”, como um *medium*: “A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver dentro de si, ele deu uma índole expressiva, e fez dessa personalidade um autor, com um livro, ou livros, as ideias, as emoções, e a arte dos quais, ele, o autor real [...] nada tem”.<sup>162</sup> Mesmo o “autor real” de que fala Pessoa na citação, porém, é questionado: “ou porventura aparente, porque não sabemos o que seja a realidade”. Esse autor “real” ou, melhor, “aparente”, seria o “*medium*” das figuras que ele próprio criou.<sup>163</sup>

Embora altamente complexa, a criação por meio da heteronímia teria suas origens mais remotas já na infância de Fernando Pessoa. Em rascunho de carta endereçada a Adolfo Casais Monteiro – manuscrito de 1935 –, afirma o poeta, saudoso das figuras que o acompanhavam: “Tive sempre, desde criança, a necessidade de aumentar o mundo com personalidades fictícias, sonhos meus rigorosamente construídos, visionados com clareza fotográfica, compreendidos por dentro das suas almas. Não tinha eu mais que cinco anos”.<sup>164</sup> Na versão definitiva da carta, questiona se o mundo que inventara, com suas várias “personalidades fictícias”, era mesmo obra de imaginação: “Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em outras, não podemos ser dogmáticos”.<sup>165</sup> Justamente renunciando ao dogmatismo, Pessoa prossegue falando de seus heterônimos, fornecendo-nos dados biográficos deles. Ficamos sabendo, então, que Ricardo Reis é um ano mais velho que Pessoa – Reis é de 1887 – e está presentemente no Brasil; Alberto Caeiro viveu quase toda sua vida no campo e Álvaro de Campos graduou-se em Engenharia naval pela Universidade de Glasgow, na Escócia.<sup>166</sup> Em determinado momento, ajuda-nos a distinguir entre seus “heterônimos” e o semi-heterônimo, Bernardo Soares, explicando o porquê dessa designação:

<sup>161</sup> PESSOA. *O eu profundo e os outros eus*, p. 191. Não só Pessoa “ele-mesmo” teria se expressado a respeito de Caeiro, tendo-o como mestre, embora discordando de seu “antiespiritualismo” em certo poema. Também Ricardo Reis, outro heterônimo, manifestar-se-ia em relação ao poeta d’“O guardador de rebanhos”, escrevendo apontamento solto que é hoje “Introdução” à poesia de Caeiro na *Obra poética* pessoana da Nova Aguilar (Cf. PESSOA. *Obra poética*: volume único, p. 201-202).

<sup>162</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 95.

<sup>163</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 95.

<sup>164</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 101.

<sup>165</sup> PESSOA. Carta a Casais Monteiro, 13-01-1935, p. 123.

<sup>166</sup> Cf. PESSOA. Carta a Casais Monteiro, 13-01-1935, p. 124.

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de *ténue* à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo», etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado.<sup>167</sup>

No trecho citado, há a distinção entre “heterónimo” e “semi-heterónimo” proposta por Pessoa, relacionada à maior ou menor diferenciação da personalidade do “autor fictício” em relação ao “autor real” ou “suposto”. Falta, entretanto, o conceito de “ortónimo”, que designaria, *a priori*, esse autor “suposto”. Quem é, enfim, Fernando Pessoa? É possível que o termo “ortónimo” nem existisse na língua de Camões durante o período em que viveu Pessoa; morto em 1935, o Houaiss sugere que tal palavra só tenha entrado para o idioma escrito por volta de 1950,<sup>168</sup> com a aceção de “nome civil completo e correto ou o ordinariamente declarado pelo próprio denominado”. Com frequência, convencionou-se chamar assim o autor de *Mensagem* ou do *Cancioneiro*, em oposição aos “heterónimos”, em especial aos “heterónimos perfeitos” – Caeiro, Reis e Campos. Cavalcanti Filho destaca, entretanto, que a assinatura Fernando Pessoa “seria, nesse escrever, apenas mais um heterónimo daquele outro Pessoa – o real, ‘impuro e simples,’ que vive e sofre em Lisboa.”<sup>169</sup> O autor da biografia pessoana não foi, no entanto, o primeiro a fazer essa leitura. Jorge de Sena, escrevendo carta a Pessoa seis anos depois da morte do poeta, diz não ver na assinatura “Fernando Pessoa” outra coisa senão um “heterónimo de si mesmo”.<sup>170</sup> Quanto a essa questão, Cavalcanti Filho cita também o parecer de Robert Bréchon, segundo o qual nem o mestre Caeiro, nem Reis, nem Campos, nem heterónimo algum é, sozinho, Pessoa; mas Pessoa, “ele mesmo”, também não.<sup>171</sup> O respaldo para essa leitura encontra-se até mesmo em reflexões de Pessoa, como esta, datilografada e sem data: “Nunca me sinto tão portuguesmente eu como quando me sinto

<sup>167</sup> PESSOA. Carta a Casais Monteiro, 13-01-1935, p. 126.

<sup>168</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1401.

<sup>169</sup> CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 321.

<sup>170</sup> Episódio contado por CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 321.

<sup>171</sup> CAVALCANTI FILHO. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, p. 321.

diferente de mim – Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, e quantos mais haja havidos ou por haver.”<sup>172</sup> Como nenhum outro, Pessoa parece ter seguido à risca o que escrevera em manuscrito sem data: “Sê plural como o universo!”<sup>173</sup> fazendo-se heterônimo de si mesmo.

A multiplicação e a pluralidade subjacentes à heteronímia pessoana, entretanto, não se opõem, para uma comentadora, Leyla Perrone-Moisés, à fratura, ao vazio. A autora fala em identidade “almejada e falhada”, afirmando que não é da riqueza que decorre o fenômeno da heteronímia, mas exatamente da falta.<sup>174</sup> Assim, os heterônimos não seriam “frutos de uma rica imaginação tão-somente artística, ou a prova da versatilidade do Poeta, mas os cobrimentos de uma falha.”<sup>175</sup> O sujeito é assim implodido pela “falta”, e não excesso, de ser. O excesso seria de desejo, na tentativa de reunir vários “eus” posições num conjunto, precipitando-se, entretanto, na experiência da dispersão sem volta.<sup>176</sup> Eduardo Lourenço opta pelo termo “ruptura” – “ruptura do universo em nós e de nós conosco mesmo”, uma “ruptura constatada e sofrida” a qual Pessoa não se teria resignado, buscando para ela o remédio paradoxal de glorificar a pluralidade como forma suprema de identificação com o mundo.<sup>177</sup> Assim é que, para esse estudioso, a consciência pessoana da pluralidade é “o resumo mítico da consciência infeliz da Modernidade excluída do pensamento da unidade pela aventura de um saber incapaz de unificar a ordem do conhecimento exato e da ação justa”.<sup>178</sup> Diferentemente de Perrone-Moisés, que fala em implosão do sujeito pela falta, Eduardo Lourenço enfoca a explosão da consciência, percebendo a incapacidade do espírito moderno de promover a síntese entre sua Ciência e sua Ética – com iniciais maiúsculas – ou a fundação de uma sobre a outra.<sup>179</sup>

Recorrendo à filosofia, Leyla Perrone-Moisés fala, comentando o caso pessoano, na “crise do sujeito”, que, tal como ocorre em Fernando Pessoa, de algum modo já estaria prevista em Kant, para quem o sujeito não é uma substância, não pode ser objeto do conhecimento.<sup>180</sup> Pessoa não desconhecia o filósofo alemão. Ainda, entretanto, que não o

<sup>172</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 94.

<sup>173</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 94.

<sup>174</sup> PERRONE-MOISÉS. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*, p. 72.

<sup>175</sup> PERRONE-MOISÉS. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*, p. 73

<sup>176</sup> PERRONE-MOISÉS. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*, p. 73

<sup>177</sup> LOURENÇO. *Poesia e metafísica*: Camões, Antero, Pessoa, p. 160.

<sup>178</sup> LOURENÇO. *Poesia e metafísica*: Camões, Antero, Pessoa, p. 160.

<sup>179</sup> LOURENÇO. *Poesia e metafísica*: Camões, Antero, Pessoa, p. 153.

<sup>180</sup> PERRONE-MOISÉS. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*, p. 73-75. Diferentemente do que ocorre em Descartes, Costa Lima nota que já Kant se situa em um crescendo do questionamento não do sujeito humano puro e simplesmente, mas do sujeito “enquanto centro unitário” (COSTA LIMA. *Mímesis: desafio ao pensamento*, p. 152), observação importante para a defesa desta dissertação.

conhecesse, não deixaria de ser, segundo o raciocínio defendido por Perrone-Moisés, exemplo paradigmático da crise do sujeito. Em várias de suas reflexões, deixou patente sua consciência filosófica, ainda que com alguma limitação: “Posso, é certo, dissertar livremente (e, ainda assim, só até certo ponto e em certos meios) sobre a filosofia de Kant (...)”.<sup>181</sup> Sobre a presença da filosofia em sua poética, deixou-nos apontamento manuscrito, em inglês, datado provavelmente de 1910: “I was a poet animated by philosophy, not a philosopher with poetic faculties. I loved to admire the beauty of things, to trace in the imperceptible through the minute the poetic soul of the universe.”.<sup>182</sup> Vendo a filosofia como arte, Pessoa a vê também como forma de elevação, em apontamento de outro manuscrito: “But is not then philosophy an art? Is not the aim of philosophy to elevate also? It is, for knowledge elevates – it cannot lower anyone.”.<sup>183</sup> A proposição que faz Costa Lima de uma concepção de sujeito alternativa à concepção solar, não questionada pela filosofia cartesiana,<sup>184</sup> exige que o texto crítico de Perrone-Moisés, quando fala em “crise do sujeito”, seja repensado. Com efeito, a “crise” que interessa a este trabalho não é uma possível “crise do sujeito”. O que interessará, para o estudo da crônica machadiana e os vários cronistas que nela se fazem presentes, é o estado de incerteza identificado por Costa Lima na concepção de “sujeito solar”, segundo a qual o sujeito seria capaz de modelar e manter o comando de suas representações,<sup>185</sup> bem como as consequências propiciadas, no campo literário, pelo questionamento dessa concepção de sujeito.

Com o objetivo de levar adiante sua proposta de repensar a *mimesis*, Costa Lima se vê na obrigação de tratar da tradição moderna do sujeito, considerando a equivalência estabelecida pela tradição moderna do sujeito entre uma razão forte e a centralidade do sujeito.<sup>186</sup> Reconhecendo o que chama de “quase ingenuidade” nessa associação, o crítico procura, então, investir em pensadores da modernidade – além de Immanuel Kant, o crítico percorre ainda os conceitos de sujeito do conhecimento e representação em René Descartes,

---

<sup>181</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 83. O sinal “(....)” indica leitura impossível de uma ou várias palavras no original utilizado para edição em livro (PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. XL).

<sup>182</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 13. Segue a tradução proposta por essa edição: “Eu era um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo dotado de faculdades poéticas. Adorava admirar a beleza das coisas, descortinar no imperceptível, através do que é diminuto, a alma poética do universo.” (PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 14).

<sup>183</sup> PESSOA. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*, p. 26. Segue a tradução proposta por essa edição: “Mas não será, então, a filosofia uma arte? O objectivo da filosofia não é também elevar? É, pois o conhecimento eleva – não pode rebaixar ninguém.” (PESSOA. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*, p. 28).

<sup>184</sup> Cf. COSTA LIMA. *Mimesis: desafio ao pensamento*, p. 152.

<sup>185</sup> COSTA LIMA. *Mimesis: desafio ao pensamento*, p. 74.

<sup>186</sup> COSTA LIMA. *Mimesis: desafio ao pensamento*, p. 74.

Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e Martin Heidegger. Nesse trajeto, Costa Lima indaga-se “se não seria possível neles encontrar alguma via alternativa a uma concepção solar do sujeito”.<sup>187</sup> A partir do estudo desses autores, propõe, então, a concepção de “sujeito fraturado” como alternativa àquela ideia do eu solar, uno, dono de suas representações.<sup>188</sup>

Evidentemente, a preocupação costalimiana em repensar a noção de sujeito não advém do mesmo problema de que se ocupa esta dissertação. O que o autor de *Mimesis: desafio ao pensamento* tenciona é, em linhas bastante gerais, restabelecer a ligação procurada com a mimese, indicando a fecundidade que, embora travada, ela trazia – algo, enfim, que propiciaria ao crítico questionar a confusão que se faz entre a *mimesis* e a “mera mistificação” ou o “simples divertimento” como ela é comumente vista.<sup>189</sup> Embora não seja esse o fim último do presente trabalho, não há como negar que a tese de Costa Lima de que há um fortíssimo veto ao ficcional na cultura burguesa representa ótimo ensejo para repensar o *status* às vezes banalizado com que tem sido tratada a leitura das crônicas no campo dos estudos literários. O elogio recorrente e mesmo tautológico ao realismo, aliado à equivocada visão da *mimesis*, tem feito com que, em certos casos, a “nova realidade” inaugurada por aqueles textos, a partir e “contra” um primeiro real, seja ignorada e pensada apenas com base no que poderia servir a uma possível reconstituição do passado.<sup>190</sup>

Costa Lima sustenta que a categoria de sujeito – quase sempre associada ao humano –, assim como a de representação, foi rejeitada por parte considerável do pensamento sério. Tornou-se, então, objeto de consumo de massa, desqualificada como conceito por uma importante central produtora. Tamanho é o alcance do desprezo pela concepção de sujeito, reflete Costa Lima, que muitos veem, nesse descaso, indicador da chamada “pós-modernidade”.<sup>191</sup> Defendendo o retorno ao pensamento dessa categoria, o crítico recorre a Nietzsche, para quem

<sup>187</sup> COSTA LIMA. *Mimesis: desafio ao pensamento*, p. 74.

<sup>188</sup> A concepção proposta por Costa Lima de um “sujeito fraturado” é essencial a esta dissertação. Entretanto, deve ser comentado o equívoco que a denominação escolhida pelo teórico – “sujeito fraturado” – pode causar. A via alternativa que Costa Lima defende quando propõe a concepção de “sujeito fraturado” não se relaciona a uma possível crise do sujeito, supostamente responsável por “estilhaçar” ou “fragmentar” um ser que, anteriormente, era indivisível e solar. Na verdade, o “sujeito fraturado” é um conceito aplicável a qualquer sujeito, em qualquer tempo, a despeito do ditame metafísico da modernidade de que o sujeito seria uno: o “fraturado” é, na concepção costalimiana, a essência do sujeito; não deve ser entendido como uma ação sofrida pelo sujeito em algum momento da história.

<sup>189</sup> COSTA LIMA. *Mimesis: desafio ao pensamento*, p. 74.

<sup>190</sup> Reflexão estimulada pelos comentários que faz Gustavo Bernardo à tese costalimiana do veto ao ficcional na sociedade burguesa (cf. BERNARDO. *O problema do realismo de Machado de Assis*, p. 49-50).

<sup>191</sup> COSTA LIMA. *Mimesis: desafio ao pensamento*, p. 75.

abstrair o sujeito (*Das Subjekt wegdenken*), ou seja, querer-se representar o mundo sem sujeito, [...] é uma contradição. A contradição é até maior do que a razão que ele apresentava, pois as representações são eliminadas por quem entretanto continua sendo um sujeito. / Participante de uma história fraturada, sendo ele próprio fraturado, o sujeito mesmo é um [...] paciente agente fraturado [...]. Suas representações, ainda quando fantasmáticas, não são menos sintomais. Renegá-las, considerá-las invenções de uma filosofia subjetivante, seria tornar o receptor das propostas do assassino do sujeito mais submisso às suas representações.<sup>192</sup>

No que tange ao percurso que faz Costa Lima para demonstrar a teoria do sujeito fraturado e as consequências dessa fratura, demasiado seria segui-lo passo a passo. Recorramos, então, apenas às reflexões que possam ajudar em relação aos problemas de que trata esta dissertação, procurando ver, até que ponto, a teoria do sujeito fraturado põe em xeque a visão romântica do sujeito monadicamente concentrado em si mesmo, solar, por meio de um ditame metafísico que lhe dificultaria, nas palavras de Ronaldo de Melo e Souza, “reconhece[r] [...] [e] experimenta[r] a diversidade qualitativa do outro, porque só é capaz de conhecer a objetividade do objeto”.<sup>193</sup> O propósito final desta seção será, procurando um liame entre essa discussão e aquela já empreendida sobre a heteronímia pessoana, aproximar, resguardadas as diferenças que não podem ser encurtadas, o poeta português do escritor Machado de Assis, discutindo esses dois “eus” não como “substâncias” ou identidades persistentes em si mesmas – que não são –, mas como, usando novamente os termos do autor d’*A geopoética de Euclides da Cunha*, coalescências susceptíveis de múltiplas realizações.<sup>194</sup>

Costa Lima afirma que, em Descartes e Kant, bem como em Johann Fichte, que foi leitor de Kant, temos o cume da teoria do sujeito. Comentando a Primeira Crítica kantiana, o crítico reconhece que ali o sujeito alcança uma autossuficiência cuja complexidade não conhecera o *Discours de la méthode* cartesiano. Ressalva, entretanto, que tal autossuficiência não concerne ao “eu”, “cuja unidade não é dada, senão que sua espontaneidade é um ato de *como se* indispensável. O eu sou deixa de ser bastante para que se tenha o *eu penso*.”<sup>195</sup> Ainda contrapondo o sujeito do *Discours* com o da *Kritik*, Costa Lima nota: “Não é ocasional que o pensamento kantiano [expresso na *Crítica da razão pura*] esteja mais afastado que o cartesiano da segurança que oferece a fonte religiosa. Assim, tanto o sujeito como o conhecimento estão mais seguros de si mesmos em Descartes. Seu exemplo servirá de baliza

<sup>192</sup> COSTA LIMA. *Mimesis: desafio ao pensamento*, p. 135.

<sup>193</sup> MELO E SOUZA. O estilo narrativo de Machado de Assis, p. 65.

<sup>194</sup> MELO E SOUZA. O estilo narrativo de Machado de Assis, p. 65.

<sup>195</sup> COSTA LIMA. *Mimesis: desafio ao pensamento*, p. 107, os grifos estão no original.

para a maior ousadia de Kant.”<sup>196</sup> Embora estabeleça um limite para a ousadia kantiana, no sentido de esse filósofo ter buscado alcançar segurança, tal busca é frustrada – destaca Costa Lima. Dessa forma, com a impossibilidade de fechamento da fenda e encontro de uma fonte de permanência, “a complexificação que a teoria do sujeito alcança com Kant aumenta a fenda do sujeito fraturado. Assim, a teoria tradicional do sujeito, que não levava em conta a fissura que já se insinuava em Descartes, ainda é menos apropriada no instante áureo de sua formulação kantiana”.<sup>197</sup> Prenunciava-se, assim, a crise da concepção de sujeito, que já não mais desempenha o papel de “fundamento originário” – expressão foucaultiana recuperada por Costa Lima.<sup>198</sup> Essa identidade fraturada, própria do sujeito, aliada ao ditame metafísico da modernidade que exige do ser a centralidade de suas ações e o domínio de suas representações, seria, por conseguinte, o princípio do processo que levaria à expressão literária da implosão do ser em Pessoa ou, para retomar um termo de Eduardo Lourenço, sua “consciência explodida”.<sup>199</sup>

Procurando nos pensadores da modernidade uma concepção de sujeito não mais ditada na centralidade do ser, Costa Lima percebe que, já em Freud, a “megalomania do sujeito solar” entra em colapso.<sup>200</sup> Pela leitura que faz do Pai da psicanálise, Costa Lima percebe que, em sua obra, o sujeito passa a ser confundido com “um palco em que um tênue foco de luz penetra em parte das sombras, que dominam o resto do espaço cênico” – a esse sujeito pertencem representações pertinentes, mas não mais submissas a um cálculo verificável e incorpóreo.<sup>201</sup>

Embora a vinculação entre a concepção de sujeito solar e a representação pontual fosse clássica já no começo do século XIX, Costa Lima lembra que nesse momento ela já era questionada. No próximo tópico será possível perceber, com esse teórico, que o objeto de arte – no caso, a obra machadiana e, em especial, as crônicas – constitui o meio por excelência para a comprovação do sujeito fraturado e do efeito de suas representações.<sup>202</sup> Cronista entre cronistas, Machado de Assis – não por meio de reflexões filosóficas, mas se valendo das possibilidades da literatura –, teria “golpeado” o ditame metafísico da centralidade do sujeito, a imposição da modernidade de um sujeito unitário e imperial. Questionando o conceito de sujeito uno, os cronistas machadianos, assim como demonstrariam depois os “poetas

<sup>196</sup> COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento, p. 108.

<sup>197</sup> COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento, p. 108-109.

<sup>198</sup> COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento, p. 166.

<sup>199</sup> LOURENÇO. *Poesia e metafísica*: Camões, Antero, Pessoa, p. 153.

<sup>200</sup> COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento, p. 142.

<sup>201</sup> COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento, p. 142.

<sup>202</sup> COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento, p. 142.

peessoanos”, podem permitir, e é o que se verá, compreender as consequências, na obra literária, do reconhecimento de que o sujeito é fraturado e precisa, dada a impossibilidade de manter o controle sobre suas representações, “multiplicar-se”.<sup>203</sup>

### 1.3 Considerações sobre a fratura do sujeito em Machado de Assis

Quando se refere aos “seus” livros, Fernando Pessoa não os menciona como obra de um único criador que, além das peças escritas, deixa-nos “criadores”, frutos de sua imaginação pujante. Na interpretação de Perrone-Moisés, a obra de Pessoa resulta não da fertilidade, mas da “falta”.<sup>204</sup> Em texto datilografado – provavelmente de 1930, escrito com o fim de servir de “Prefácio para a edição projetada das suas obras” –, relata o escritor: “O autor humano destes livros não conhece em si próprio personalidade nenhuma. Quando acaso sente uma personalidade emergir dentro de si, cedo vê que é um ente diferente do que ele é, [...] com qualidades herdadas, mas as diferenças de ser outrem.”<sup>205</sup> As causas de tal fenômeno talvez sejam várias, e uma delas já foi discutida em seção anterior: o reconhecimento de que o sujeito é, por natureza, múltiplo, incapaz de se manter o mesmo sempre, ao contrário do que exige a tradição do sujeito solar da modernidade. O próprio Pessoa não descarta as várias possíveis interpretações desse fenômeno, citando, por exemplo, a dissociação/decomposição da personalidade, embora “de nada lhe serviriam [ao autor destes livros], escravo como é da multiplicidade de si próprio, que concordasse com esta, ou com aquela, teoria, sobre os resultados escritos dessa multiplicidade.”<sup>206</sup>

Considerando a variedade de gêneros em que escreveram os heterônimos pessoanos – passando por traduções, críticas, cartas, roteiros para cinema etc. –, bem como a qualidade estética que alguns deles alcançaram, é inevitável a observação de que existe, talvez, não apenas “um escritor”, mas toda uma literatura. As *Páginas íntimas e de autointerpretação* pessoanas trazem algo nesse sentido:

Tornando-me assim, pelo menos um louco que sonha alto, pelo mais, não um só escritor, mas toda uma literatura, quando não contribuisse para me

<sup>203</sup> Um verso de “Passagem das horas”, poema atribuído ao heterônimo Álvaro de Campos, é exemplar dessa necessidade: “Multipliquei-me, para me sentir” (PESSOA. *Obra poética*: volume único, p. 345).

<sup>204</sup> PERRONE-MOISÉS. *Fernando Pessoa*: quem do eu, além do outro, p. 73

<sup>205</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 95.

<sup>206</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 96.

divertir, o que para mim já era bastante, contribuo talvez para engrandecer o universo, porque quem, morrendo, deixa escrito um verso belo deixou mais ricos os céus e a terra e mais emotivamente misteriosa a razão de haver estrelas e gente.<sup>207</sup>

No mesmo texto, Pessoa evocará o clima intelectual do Portugal de início de século, para justificar sua “necessidade” de multiplicar-se. É o que se lê, no trecho que segue:

Com uma tal falta de literatura, como há hoje, que pode um homem de génio fazer senão converter-se, ele só, em uma literatura? Com uma tal falta de gente coexistível, como há hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar os seus amigos, ou, quando menos, os seus companheiros de espírito?<sup>208</sup>

O sentimento expresso por Pessoa nas *Páginas íntimas e de autointerpretação* quanto à “falta de literatura” não lhe foi exclusivo. Também Machado de Assis sentiu algo parecido em relação ao ambiente cultural que frequentou, como relata no trecho a seguir, datado de 9 de janeiro de 1866: “A temperatura literária está abaixo de zero. Este clima tropical, que tanto aquece as imaginações, e faz brotar poetas, quase como faz brotar as flores, por um fenômeno, aliás inexplicável, torna preguiçosos os espíritos, e nulo o movimento intelectual.”<sup>209</sup> Tal qual Pessoa, a “necessidade da multiplicação” pode ter sido também em Machado consequência da percepção de uma produção literária até então incipiente, embora ainda, para usar um termo precioso a Antonio Candido, em formação. Atentando para o fato de que foi Machado, muito possivelmente, o maior homem de Letras do Brasil,<sup>210</sup> torna-se imperioso assinalar que parece ter-se dedicado o Bruxo do Cosme Velho a não ser, também, “apenas um escritor, mas toda uma literatura” – recuperando, antes de ela existir, a “autointerpretação” pessoana já citada.<sup>211</sup> De fato, a imagem exposta por Fernando Pessoa, de um escritor que não é senão toda uma literatura, aplica-se bem ao Machado do Oitocentos brasileiro – haja vista a necessidade que ele sentiu de, desde cedo, fomentar nossa literatura com os mais diversos gêneros. Assim é

<sup>207</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 98.

<sup>208</sup> PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 98-99. É esse aspecto do pensamento pessoano que Eduardo Lourenço recuperará ao afirmar que, urgente do diálogo humano, ausente em uma humanidade “una” e cada vez mais “unificante”, teria Pessoa procedido a uma espécie de evasão, inventando-se múltiplo, “na esperança de encontrar nas suas *diferenças* feitas gente o interlocutor para o diálogo que já não havia.” (LOURENÇO. *Poesia e metafísica*: Camões, Antero, Pessoa, p. 154).

<sup>209</sup> ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1105. A janeiro de 1866, Machado já havia contribuído para o *Diário do Rio de Janeiro* – com as séries “Comentários da semana” (1861-1863) e “Ao acaso” (1864-1865) – e para *O Futuro* (1862-1863). Se estiver correta a “Tabela das séries de crônicas publicadas por Machado de Assis” (GUIDIN; GRANJA; RICIÉRI. *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*, p. 309-310), o escritor carioca ainda desenvolveria dez séries de crônicas, metade delas publicada pela *Gazeta de Notícias*. O fragmento citado pertence à “Semana literária”, do *Diário do Rio de Janeiro*.

<sup>210</sup> DE LUCA. Introdução, p. 19.

<sup>211</sup> Cf. PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 98.

que fará crítica literária, quando não havia crítica regular entre nós; fará teatro, quando nossa arte teatral era indigente; escreverá poesia lírica, poesia narrativa, um poema herói-cômico; isso para não falar do conto – do qual, segundo Machado, os escritores se afastavam por sua aparente facilidade – e do romance de análise – de que “raríssimo exemplar temos”, conforme registrou no “Instinto de nacionalidade”.<sup>212</sup> Em todos esses gêneros, ele deixou exemplares considerados obras-primas da língua – “obras-primas perfeitíssimas, de forma e de fundo, em que, academicamente, a originalidade está muito menos na invenção que na perfeição”, escreveu Mário de Andrade no *Diário de Notícias* de 25 de junho de 1939.<sup>213</sup>

A importância, tanto qualitativa quanto quantitativa, das realizações machadianas nos campos da poesia e da ficção não é, decerto, desconhecida da crítica especializada. Entretanto, o que talvez não tenha sido questionado até agora, pelo menos nos termos que propõe o presente trabalho – e é importante que se frise isso –, foi a possibilidade de essas produções apontarem para o lance machadiano na contramão da concepção de sujeito uno, desdobrando em várias personalidades, por exemplo, os vários cronistas que assinam sua produção nesse gênero. Nos capítulos 2 e 3 desta dissertação, desenvolveremos nossa proposta de leitura das séries de crônicas machadianas “Bons dias!” e “A semana”, com base na perspectiva ora apontada. É preciso, entretanto, reconhecer que o presente trabalho não é o primeiro a questionar em algum escritor de nossa literatura, e muito menos em Machado de Assis, a centralidade do ser. Conforme veremos nesta seção, importantes autores e críticos já escreveram sobre a possibilidade do reconhecimento da concepção de sujeito fraturado em Machado de Assis, embora, obviamente, utilizando instrumentais teóricos distintos. Nem todos “ousam” falar de heteronímia em Machado de Assis, muito menos no que se refere ao cronista que foi Machado – lembremos que as inovações artísticas parecem ser pouco valorizadas quando ocorrem em textos de um gênero que é considerado “menor”. Embora nosso *corpus* constitua-se de crônicas, não excluimos, entretanto, as reflexões sobre a possível multiplicidade de personalidades machadianas no que concerne ao romance – talvez o gênero machadiano que mais estudos críticos recebeu. Nas discussões presentes nos capítulos seguintes deste trabalho, algumas propostas apresentadas serão retomadas; quer para serem endossadas, quer para marcarem contraste com a defesa que aqui se faz.

No caso do romance, devem ser mencionados os estudos de Abel Barros Baptista sobre Machado de Assis e seu recurso ao “autor suposto”, iniciados em *A formação do nome*

---

<sup>212</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 29, p. 137.

<sup>213</sup> ANDRADE. *Vida literária*, p. 68.

e retomados, com a noção de “ficção de livro”, em *Autobiografias*.<sup>214</sup> O crítico português refere-se, em determinado momento d’*A formação do nome*, a Augusto Meyer, que caracterizava o Brás Cubas das *Memórias póstumas* como “‘sósia amargo e desabusado’ que se debruça sobre o ombro de Machado e lhe sopra frases, trechos, capítulos inteiros”.<sup>215</sup> Teríamos aí, nos termos de Barros Baptista, uma “curiosa ficção”, a qual testemunharia “tanto o propósito de preservar uma identidade estável de Machado como o embaraço causado pela presença perturbadora dos autores ficcionais”.<sup>216</sup> Embora não fale em heteronímia ou fratura do sujeito, já há em Abel Barros Baptista a consciência das dificuldades trazidas pela presença de autores ficcionais em Machado – Brás Cubas, Dom Casmurro ou Bento Santiago e o Conselheiro Aires – quando se pensa na tentativa de estabilizar sua identidade. Em linhas gerais, recorrendo às palavras de Barros Baptista, sua ideia final seria a de que

Machado fez do recurso ao autor suposto o traço distintivo da sua assinatura e que a chamada segunda fase consiste na passagem para uma rede diferencial de assinaturas siamesas, a um tempo diferidas e simultâneas, discerníveis e inseparáveis – Machado e Brás Cubas, Machado e Dom Casmurro, Machado e o conselheiro Aires –, em que o nome de Machado é ao mesmo tempo o nome antes dos outros nomes e um nome entre outros: *autor de autores e autor entre autores*.<sup>217</sup>

Entretanto, por mais que os autores ficcionais machadianos sejam recorrentes na “segunda fase” – constituindo-se, conforme Barros Baptista na citação acima, de assinaturas siamesas a um só tempo discerníveis e inseparáveis –, o crítico português denuncia, no mesmo livro, a reação da crítica literária brasileira perante a ficção de autores. Em certos casos, haveria até mesmo uma radicalização da rigidez de designação no nome “Machado de Assis”. Citando a tradição crítica que vai de José Veríssimo a Roberto Schwarz, Barros Baptista nota que “os melhores críticos machadianos procuram incansavelmente uma identidade anterior à ficção e ao abrigo dos seus efeitos, que funcionasse como centro estável, seguro, perceptível, a partir do qual todas as distâncias se pudessem medir”.<sup>218</sup> Quando a escritora e crítica estadunidense Helen Caldwell, por sua vez, propõe sua leitura de *Dom Casmurro*, Barros Baptista vê um avanço. Não no que se refere à inocência de Capitu, mas à necessidade de ler o livro “contra” Bento Santiago, o autor ficcional. Essa leitura “contra” apartaria Bento do próprio Machado, justamente em nome de Machado. Mais do que apenas

<sup>214</sup> As primeiras edições portuguesas dos referidos livros são de, respectivamente, 1991 e 1998.

<sup>215</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 14.

<sup>216</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 14.

<sup>217</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 14, grifo nosso.

<sup>218</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 15.

comprovar a inconfundibilidade do escritor com Dom Casmurro – o que seria “mera trivialidade”, na visão de Abel Barros Baptista –, a proposta de leitura caldwelliana volve seu olhar para o silêncio machadiano, que levaria o leitor a ler o livro “contra” o autor suposto.<sup>219</sup>

O contestador de Abel Barros Baptista poderia sugerir, quanto a sua abordagem dos autores ficcionais, alguma confusão entre os conceitos de autor e narrador. Afinal, a variedade de “supostos autores” no romance machadiano não seria, simplesmente, saudável diversificação de narradores? Não seria exagero o uso do termo “autor”? Talvez ciente dessa possível contestação, Barros Baptista pontua o que chama de “distinção elementar”: “tal como o romance não é simplesmente uma narrativa, o autor suposto não é simplesmente um narrador.”<sup>220</sup> Abel Barros Baptista defende, então, o autor suposto como figura eminentemente romanesca, ao passo que o narrador, especialmente na definição benjaminiana, retiraria da experiência o que conta; ao contrário do autor (ou romancista, nos termos de Walter Benjamin), que se mantém distante.<sup>221</sup>

Retomando o que disse Abel Barros Baptista sobre a relação existente entre o “autor” Machado de Assis e os “autores supostos” ou “ficcionais” – “autor de autores e autor entre autores”<sup>222</sup> –, parece-nos já haver aí uma tensão entre a “impossibilidade” da heteronímia – tal como esse fenômeno se deu em Fernando Pessoa –, uma vez que Machado seria um autor ciente da diversidade de autores que ele “inventou” ou “criou”, manipulando-os como “marionetes”, e sua “possibilidade”, já que o nome “Machado de Assis” designaria apenas um entre tantos autores – como Brás Cubas e Bento Santiago no romance, Lélío ou Eliezer nas crônicas. O pesquisador Robson Coelho Tinoco, em livro publicado em 2010, dedica um capítulo a Machado cujo título é, por si só, sugestivo: “Leitura e recepção dos heterônimos (possíveis) em Machado de Assis: a modernidade nos personagens machadianos”.<sup>223</sup> Em que medida Robson Tinoco defenderá ou fará oposição à ideia de Machado não somente como um “autor de autores”, mas também como um “autor entre autores”?

Robson Tinoco usa a designação “heterônimos” para se referir tanto ao que chama de “manifestações” conhecidas de Machado de Assis – o homem, o autor e o narrador – quanto ao que Abel Barros Baptista chamaria de “autores supostos” ou “ficcionais”. Em menção ao primeiro uso que faz do termo, Robson Tinoco distingue o “senhor Joaquim Maria Machado de Assis” de seus heterônimos, uma distinção que a crítica pessoana se esforça por fazer em

<sup>219</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 16.

<sup>220</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 139.

<sup>221</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 139-140.

<sup>222</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 14.

<sup>223</sup> TINOCO. *Leitor real e teoria da recepção*: travessias contemporâneas, p. 98-118.

relação ao “homem Pessoa” e seus heterônimos, ainda quando “Fernando Pessoa” é visto como um heterônimo, e não como “ortônimo”. Assim, para Tinoco, o senhor Machado de Assis é “pessoa com história de vida única, estruturada como consequência diária de um conjunto de fatores sociais, políticos, religiosos, artísticos etc.”.<sup>224</sup> Em determinado momento de seu estudo, aproxima o homem Machado de Assis de seus heterônimos nos seguintes termos:

O *homem* Machado de Assis, tal qual alguns de seus “heterônimos” mais famosos, como Quincas Borba – o homem e o cachorro –, Brás Cubas e d. Casmurro, parece ter optado por se deixar mesmo levar por aquele (e seria este um outro de seus heterônimos?) misterioso hipopótomo voador até o alto da montanha. De lá, do ponto máximo de visão, poderia vislumbrar a evolução do tempo representado pelo passar dos séculos e perceber a síntese da própria existência humana ali, ante seus olhos cansados e questionadores.<sup>225</sup>

Não há como deixar de perceber o uso de aspas na primeira menção aos possíveis heterônimos de Machado na citação de Tinoco, o que indica possível ressalva do pesquisador à utilização do termo consagrado pela crítica pessoana. É notável também que o pesquisador cite até mesmo Quincas Borba como heterônimo, que, a rigor, não é apresentado em 1<sup>a</sup>, mas em 3<sup>a</sup> pessoa.<sup>226</sup> Mais uma vez o termo será usado, com a ressalva do itálico: “Machado e seus *heterônimos*, cada qual com um tipo de percepção e reação, percebiam essa ‘evolução humana’. Por vezes sofriam calados, casmurramente silenciosos; por vezes, atiravam-se ao frenesi do dia a dia, capitolinamente audazes”.<sup>227</sup> De fato, acompanhando o desenvolvimento da argumentação de Tinoco, entende-se o porquê das ressalvas daquele autor perante o uso da categoria “heterônimo” em referência às distintas personalidades que desenvolveu Machado de Assis em sua literatura. Em primeiro lugar, porque, segundo o pesquisador, “Machado de Assis foi, heteronimicamente, vários sendo um só e seria impossível não pensar, nessa linha de análise, na heteronímia de todos quantos foram escritores, enfim, artistas, ou mesmo agiotas, covardes, larápios, traidores etc. etc.”.<sup>228</sup> Se tamanho é o alcance do fenômeno heteronímico, pergunta-se Tinoco: “Mas qual é a novidade, então?” Possível resposta é dada pelo mesmo estudioso, que distingue a heteronímia em Machado da heteronímia em Pessoa para, logo depois, defender a não heteronímia em Machado como a “novidade” desse escritor:

<sup>224</sup> TINOCO. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*, p. 99.

<sup>225</sup> TINOCO. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*, p. 104-105.

<sup>226</sup> Cf. ASSIS. *Quincas Borba*, p. 47.

<sup>227</sup> TINOCO. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*, p. 105

<sup>228</sup> TINOCO. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*, p. 116

A novidade está em como “os Machados” conviveram dentro e fora do Machado (ser único, mas múltiplo), pois, mais do que na intenção do escritor em criá-los – a qual Fernando Pessoa teve ao criar seus “Pessoas”, conferindo-lhes local, data de nascimento e vida própria –, ela se estabelece na convivência pacífica, construtiva e crítica entre eles. Os heterônimos machadianos tiveram vida dependente um do outro [...] Cada um se responsabilizou por compor a unidade do homem Joaquim Maria Machado de Assis [...] No “bruxo do Cosme Velho”, paradoxalmente, criador e destruidor de normas literárias [...], os heterônimos, na verdade, não existem. Eis a novidade. Na verdade, não sendo fantasmas ou delírios ou vontades ou jogos de cena, são a parte posta à marca feroz dos dias de um escritor que “brincou seriamente” com a natureza no desvelamento de seus mais recônditos segredos. Eis a novidade.<sup>229</sup>

Não nos parece, entretanto, que ao tentar distinguir a heteronímia pessoana da “não heteronímia” machadiana, os argumentos de Robson Tinoco tenham tido pleno êxito. Se é vasto o fenômeno heteronímico, necessário a todo artista e, particularmente, a todo escritor, não é por isso que ele deixa de ser o que é. Não nos parece, também, que em Pessoa os heterônimos tenham tido a independência que sugere Tinoco – lembremos que Pessoa se confessava discípulo de Caeiro, por exemplo –, nem a natureza de “fantasmas ou delírios ou vontades ou jogos de cena”, mas antes necessidade imposta pelo reconhecimento da fratura do sujeito. De qualquer forma, temos nesse autor talvez uma das primeiras tentativas de se pensar na (possível) heteronímia em Machado de Assis, ainda que ele acabe por concluir que a multiplicidade inerente ao escritor não ponha em xeque a unidade de seu ser: “Além de se tornar literário, Machado de Assis, a sua maneira, nunca deixou de ser o que é em realidade finita: pessoa perecível de carne e osso”.<sup>230</sup> Muito provavelmente seja este caso exemplar do que Abel Barros Baptista chamou de procura da crítica brasileira por uma identidade anterior em Machado. De qualquer forma, não há como negar que a “heteronímia” machadiana é de um tipo diverso da que ocorreu em Fernando Pessoa: Machado, mais que Pessoa, tinha “consciência” sobre seus “escritores heterônimos” e os utilizava para “esconder” sua identidade anterior; ao contrário de Pessoa, que certamente viu nos heterônimos a possibilidade de expor-se ainda mais.

Outro estudioso a discorrer sobre a possibilidade da heteronímia em Machado de Assis, embora não extensamente, foi o crítico e membro da Academia Mineira de Letras Fábio Lucas, que na Revista daquela congregação (v. 53, jul.-set. 2009) publicou “Os heterônimos de Machado de Assis”. Trata-se, sobretudo, de leitura de crônica machadiana

<sup>229</sup> TINOCO. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*, p. 116-117

<sup>230</sup> TINOCO. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*, p. 117

publicada n’*O Cruzeiro* de 2 de abril de 1878,<sup>231</sup> intitulada “Um cão de lata ao rabo”. Em linhas gerais, narra-se ali certo concurso literário, proposto pelo mestre-escola de Chapéu d’Uvas, em que o assunto indicado aos candidatos é o que serve de título, muito curioso por sinal, à crônica: “Um cão de lata ao rabo”. Assim se justifica o professor proponente do referido tema, com inegável ironia: “Podia dar-lhes um assunto histórico; mas seria fácil, e eu quero experimentar a aptidão de cada um. Dou-lhes um assunto simples, aparentemente vulgar, mas profundamente filosófico.”<sup>232</sup> Dos sete escritos submetidos ao exame, três mereceram não apenas “a palma e encheram de pasmo o júri e o mestre”,<sup>233</sup> como também a publicação no corpo da crônica. Pequenos ensaios sobre o mesmo tema, foram classificados pelo estilo particular a cada um: “estilo antitético e asmático”, o primeiro; “estilo *ab ovo*”, o segundo; “estilo largo e clássico”, o terceiro. A variedade de vozes presentes nesse texto machadiano – além dos textos ganhadores do concurso, a fala do mestre-escola e o componente do júri que narra o episódio – leva Fábio Lucas a reconhecer ali “cinco vozes diferentes, que representam espíritos diversos, autônomos”.<sup>234</sup>

Fábio Lucas não teme referir-se aos escritores “revelados” pelo concurso literário de Chapéu d’Uvas como “heterônimos” de Machado, com a seguinte justificativa:

Teríamos um espelho de três faces, ou quatro ou cinco graus diferentes de contorção das imagens. Chamemo-los, em respeito ao preclaro exemplo de Fernando Pessoa, de heterônimos de Machado de Assis, apenas para ressaltar o elevado teor de criação do escritor, que teatraliza a tal ponto cada personagem que confere a cada uma [das personagens] linguagem própria, com sua inconfundível tonalidade, seus conceitos e suas visões de mundo. Uma penca de desesperadas buscas de si e dos outros.<sup>235</sup>

Segundo a interpretação de Fábio Lucas, Machado teria desenvolvido, literariamente, a possibilidade de três entes se expressarem “autonomamente acerca do mesmo tema”,<sup>236</sup> cada qual a manter seu estilo, o que parece apontar para um “exercício de heteronímia” – *avant la lettre*, se assim se pode dizer – consciente por parte de Machado de Assis, produto da criatividade do escritor. Embora não se refira ao conceito de sujeito fraturado, Fábio Lucas deixa entrever a existência de um “eu” multifacetado, cujo “poder da imaginação crítica não

<sup>231</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 15, p. 171-184.

<sup>232</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 15, p. 173.

<sup>233</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 15, p. 174.

<sup>234</sup> LUCAS. Os heterônimos de Machado de Assis, p. 40.

<sup>235</sup> LUCAS. Os heterônimos de Machado de Assis, p. 31.

<sup>236</sup> LUCAS. Os heterônimos de Machado de Assis, p. 31.

guarda limites”.<sup>237</sup> “Um cão de lata ao rabo” representaria para Fábio Lucas, enfim, “toda a pujança de suas [Machado de Assis] qualidades de invenção, no âmbito da prosa”, posição da qual não discordamos. Resta saber, entretanto, em que medida, tomando a produção cronística machadiana como um todo, a diversidade de “heterônimos” e/ou “pseudônimos” constituiria desenvolvimento consciente por parte do escritor de diversas vozes – as “qualidades de invenção” ou a polifonia, conceito bakhtiniano já aplicado à obra machadiana em estudos acadêmicos<sup>238</sup> – ou, sem excluir as tais qualidades, constituiria também consequência, como em Pessoa, do reconhecimento da fratura do sujeito.

Enquanto Fábio Lucas lê “Um cão de lata ao rabo” apontando para a pujança inventiva de Machado de Assis, outro crítico, Agripino Grieco – tantas vezes controverso e ferino em relação ao autor de *Dom Casmurro* –, analisa a mesma crônica d’*O Cruzeiro* numa perspectiva que, excetuando-se os rasgos de ironia desferidos contra Machado, em muito se aproxima da que é exposta nesta dissertação. Inicialmente, Agripino Grieco se diz inquietar com o fato de que, já tendo em 1878 publicado romance, conto e poesia, Machado “ainda se divertisse pastichando colegas”.<sup>239</sup> Após apresentar brevemente as três “imitações burlescas” que diz ser os textos de destaque do concurso de Chapéu d’Uvas, o crítico não perderia a oportunidade de fazer “reparo” à criação machadiana, escrevendo: “E engraçado é que Machado atribuisse essas variações brincalhonas a alunos de um colégio de Chapéu d’Uvas, lugarejo mineiro onde estive em 1935 e não encontrei nenhum garôto de tanta malícia.”<sup>240</sup> É sabido, no entanto, que o tom meio a contragosto e ranzinza com que criticava Machado escondia em Grieco, decerto, um bom admirador daquele escritor, como comprovam os vários *insights* sobre a obra machadiana que ele nos oferece em seus textos, ainda hoje de interesse a pesquisadores.<sup>241</sup> Bom exemplo disso é a explicação que dá Grieco para a inquietação causada nele pela crônica das “variações brincalhonas”:

Mas por que me inquietavam esses simples jogos da inteligência irônica? É que me pareciam indício de personalidade mudável, insegura, como se Marcel Proust, em nada inferior a Machado, não se viesse também dar ao gênero, sem aludir às caretas literárias de [Paul] Reboux e [Charles] Muller.<sup>242</sup>

<sup>237</sup> LUCAS. Os heterônimos de Machado de Assis, p. 31; 40.

<sup>238</sup> Cf., v.g., CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis.

<sup>239</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 96.

<sup>240</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 96.

<sup>241</sup> Bom exemplo é o volume *Machado de Assis* (1959), em que se encontram os comentários a “Um cão de lata ao rabo”.

<sup>242</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 96-97.

Ainda, portanto, que negue a Machado a “originalidade” da escrita sob diferentes vozes, lembrando que não desconheciam essa possibilidade nem Marcel Proust – “em nada inferior a Machado”, parece “resmungar” Grieco – nem Paul Reboux e Charles Muller, que escreviam em parceria, o crítico lança uma boa hipótese a partir de “Um cão de lata ao rabo”, hipótese essa que vem ao encontro da aqui proposta: a mutabilidade da personalidade em Machado de Assis, a “insegurança” mesmo – pois fruto, segundo já discutido, de um sujeito em crise – dessa personalidade. Nesse ponto, a crítica de Agripino Grieco a Machado se aproxima mais da leitura crítica que Perrone-Moisés faz de Pessoa – quando ela afirma que a multiplicação do eu no poeta português não é fruto de riqueza, mas de falta<sup>243</sup> – que a crítica de Fábio Lucas ao escritor carioca; uma vez que, nesse último, é enfatizada a robustez das qualidades inventivas machadianas, não o sujeito falhado defendido por Perrone-Moisés.

As reflexões que estão sendo feitas colocam-nos, entretanto, em face de mais um problema: não seriam apenas “pseudônimos” os vários autores supostos das séries de crônicas machadianas? Qual seria a validade de estudá-los sob o viés da heteronímia? No seu verbete “Pseudónimos”, o *Dicionário de literatura* coordenado por Jacinto do Prado Coelho cita o fato de vários escritores importantes da literatura portuguesa terem alcançado o conhecimento de leitores e estudiosos pelos pseudônimos que utilizaram: Joaquim Guilherme Gomes Coelho passou à história da literatura como “Júlio Dinis”; Adolfo Correia da Rocha, como “Miguel Torga”; José Maria dos Reis Pereira, como “José Régio”.<sup>244</sup> Nesses casos, o “falso nome” é apenas um nome literário, ou “outro nome”, ou seja, não aponta para outra identidade que não seja a daquele escritor. O leitor que procurar, no mesmo dicionário citado, informações sobre Tristão de Ataíde, encontrará, em “Ataíde, Tristão de”, a simples remissão para o verbete “Lima, Alceu Amoroso”, em que poderá verificar que o ensaísta e crítico literário, nascido no Rio de Janeiro em 1893, tanto pode ser conhecido por um quanto por outro nome, pois são equivalentes.<sup>245</sup> Da mesma forma, o leitor que deseja informações sobre o padre Francisco Manuel do Nascimento encontrará o que deseja apenas se procurar pelo “nome literário” – ou, mais apropriadamente, “pseudônimo arcádico” – daquele autor: “Filinto Elísio”,<sup>246</sup> designação que não pode ser vista como heterônimo, uma vez que faz referência apenas ao nome simbólico pelo qual o escritor ficou conhecido na agremiação literária de que fez parte, o “Grupo da Ribeira das Naus”. O “heterônimo”, em contrapartida, não é apenas “mais um nome”. É um nome que faz referência a uma identidade autônoma e a

<sup>243</sup> PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 72

<sup>244</sup> COELHO. Pseudónimos, p. 876.

<sup>245</sup> COELHO. Lima, Alceu Amoroso, p. 528.

<sup>246</sup> REBELO. Elísio, Filinto, p. 280.

uma poética particular,<sup>247</sup> de forma que a designação do “heterônimo” não é equivalente à do sujeito empírico responsável legalmente por ele. Não há como dizer que “Alberto Caeiro” é simplesmente mais um nome de Fernando Pessoa, pois não é. Nos termos desta dissertação, pode-se dizer então que “Policarpo” não é “outro nome” para Machado de Assis, mas outra identidade, dotado de uma poética própria.

Ainda sobre a questão exposta no parágrafo anterior, recorreremos aqui a um estudo sobre a heteronímia em outro grande escritor brasileiro, Guimarães Rosa, desenvolvido por Walnice Nogueira Galvão.<sup>248</sup> Nesse artigo, a pesquisadora questiona, em relação à personalidade literária e diplomática que foi Rosa: “Este sujeito do discurso narrativo, aparentemente tão coeso, tão unitário, como teria escapado à maldição da modernidade que fez do escritor um estilhaçado?”<sup>249</sup> Uma provável resposta talvez já se encontre na própria formulação da pergunta: a coesão e a unidade de Rosa são, possivelmente, apenas aparentes. A pesquisa de Walnice Galvão, inclusive, tenta demonstrar isso, analisando poemas rosianos assinados por pseudônimos – Soares Guimarães, Meuriss Aragão, Sá Araújo Ségrim. Segundo pretendemos desenvolver nos capítulos 2 e 3, também Machado não teria escapado ao que Galvão chama de “maldição da modernidade” e, na seção anterior, designamos como “fratura do sujeito”. Cabe, agora, a pergunta: quando os “falsos nomes” passam a designar não a mesma personalidade, mas personalidades distintas? O parecer de Walnice Nogueira Galvão ao aproximar Rosa e Pessoa é válido nesse sentido:

Em *Ave, Palavra* [livro rosiano póstumo, de 1970] vão aparecer, e até com relativa fartura, aqueles poetas cujo esquivo perfil vínhamos perseguindo [os poemas rosianos assinados sob pseudônimos]. Cada um deles tem uma pequena explicação, devidamente obscura, a seu respeito, num introito mínimo que precede a publicação dos vários blocos. Nem de longe têm a personalidade própria e a detida complexidade que Fernando Pessoa deu a seus heterônimos, os quais até horóscopo vieram a ter. Mas a sombra desse poeta pode ser divisada a distância, sendo ele uma *cause célèbre* que nenhum letrado brasileiro ou português ignora.<sup>250</sup>

Obviamente, de Machado de Assis não se pode dizer que teve o conhecimento de Fernando Pessoa, muito menos do poeta entre poetas que foi.<sup>251</sup> Entretanto, ainda assim

<sup>247</sup> PEREIRA. A correspondência de Fradique Mendes: entre a biografia e a ficção, p. 353.

<sup>248</sup> GALVÃO. Heteronímia em Guimarães Rosa.

<sup>249</sup> GALVÃO. Heteronímia em Guimarães Rosa, p. 19.

<sup>250</sup> GALVÃO. Heteronímia em Guimarães Rosa, p. 21.

<sup>251</sup> Quando Machado de Assis faleceu (1908), Fernando Pessoa completava vinte anos – período do qual há registro das primeiras produções de Pessoa na poesia e na prosa. O primeiro artigo de crítica assinada por Pessoa só viria em 1912, e a “explosão heteronímica” só apareceria dois anos mais tarde, entre 1913 e 1914, o mesmo período em que Pessoa descobre a poesia whitmaniana (cf. LOURENÇO. *Poesia e metafísica*: Camões, Antero,

parece-nos que “a sombra desse poeta” pode, de alguma forma, ser “divisada a distância” no Bruxo do Cosme Velho, pelo menos no que se refere à percepção de que, assim como Pessoa, Machado também reagiu ao ditame da centralidade do sujeito. No caso machadiano, não advogamos a mesma complexidade da heteronímia em Pessoa. O que não deve ocorrer, entretanto, é que a ciência do alto grau de fratura existente em Fernando Pessoa nos impeça de ler, em outros autores, a ação da modernidade perante uma identidade que já não tem mais a certeza de si. O que procuraremos nos capítulos seguintes deste trabalho é, justamente, encontrar a medida, o grau, da fratura do nome “Machado de Assis”. Assim, os pseudônimos das diversas séries de crônicas serão encarados não como meros “nomes falsos”/pseudônimos do escritor, mas como identidades intermediárias: ainda é Machado que ali fala, mas, como nas “assinaturas siamesas” de Abel Barros Baptista, há também outra personalidade: não podem ser tapados os ecos de vozes que começam a diferenciar-se.

A reflexão do parágrafo anterior encontra respaldo em texto de Ronaldo de Melo e Souza, intitulado “O estilo narrativo de Machado de Assis”. Comparando o autor de *Dom Casmurro* com o de *Mensagem*, afirma o pesquisador:

Na literatura de língua portuguesa, há dois fingidores máximos, dois poetas extraordinários, um do verso e outro da prosa, o português Fernando Pessoa e o brasileiro Machado de Assis. Assim como o eu pessoano não é uma substância, uma identidade que persiste em si mesma, mas, sim, uma coalescência susceptível de múltiplas representações, também o narrador machadiano é um núcleo de força em metamorfose contínua, e não um centro de ser. Em Pessoa, não há um eu, mas vários eus [...] Em Machado, o narrador se compraz na mobilidade pura, assumindo todo gênero de caracteres, desempenhando os papéis mais diversos, articulando uma alternância sistemática de perspectivas [...] Machado e Pessoa são poetas da alteridade, fingidores da proliferação indefinida das diferenças, completamente alheios ao ditame metafísico da unidade do sujeito monadicamente concentrado em si mesmo.<sup>252</sup>

Se tanto Pessoa quanto Machado se recusam à “representação doutrinária de um só papel”, retomando a expressão utilizada por Melo e Souza no artigo citado, caberá a este trabalho, em seu desenvolvimento, procurar as características e especificidades dos cronistas ficcionais machadianos em duas séries – “Bons dias!” e “A semana”. Dois exemplos colhidos da obra machadiana – um, inclusive, tirado de carta do autor sem interesses imediatamente editoriais –, mostram-nos que Machado de Assis já questionava, de forma explícita, o sujeito

---

Pessoa, p. 168; GALHOZ. Fernando Pessoa, encontro de poesia, p. 16). Some-se a isso a semiobscuridade das letras pessoanas em vida do autor, destacada por Aliete Galhoz (GALHOZ. Fernando Pessoa, encontro de poesia, p. 16).

<sup>252</sup> MELO E SOUZA. O estilo narrativo de Machado de Assis, p. 65.

“monadicamente concentrado em si mesmo” de que fala Melo e Souza. Passemos, então, aos paradigmáticos exemplos.

Em crônica publicada no *Diário do Rio de Janeiro* de 1º de agosto de 1864, o cronista, caminhando para a conclusão do texto, explica a seus “leitores habituais” a aparição de sua folha na segunda-feira, e não no domingo, como seria esperado: “A profissão do folhetim não é ser exato como um relógio; e ainda assim, todos sabem como, até na casa dos relojoeiros, os relógios divergem entre si. / Se é lícito ao relógio variar, não é ao folhetim que se deve pedir uma pontualidade de Monte-Cristo”.<sup>253</sup> A seguir, justifica o possível atraso da crônica em virtude do trabalho noturno, nas “horas mortas”, que nem sempre propiciam a publicação do texto no domingo. As “horas mortas” levam o cronista a refletir – “mas haverá acaso horas mais vivas que as da noite?”<sup>254</sup> – e a citar o poema “Horas vivas”, atribuído por ele a “um poeta”, autor dos “seguintes versos, escritos no álbum de uma senhora de espirito”.<sup>255</sup> Segue a última estrofe do poema, em que o citado poeta questiona a designação de “horas mortas” para as horas da noite:

“— Dorme: se os pesares  
 Repousares,  
 Vês? por estes ares  
 Vamos rir.  
 Mortas não, festivas  
 E lascivas,  
 Somos – *horas vivas*  
 De dormir!”<sup>256</sup>

Consultando as *Crisálidas*, primeiro livro de poesias de Machado de Assis, de 1864, encontra-se o poema “Horas vivas”, o mesmo citado pelo cronista do *Diário do Rio de Janeiro*. Por que, então, não teria Machado cronista feito referência ao poema como de sua própria autoria? Por que atribuí-lo a uma terceira pessoa – “um poeta”? Não estaríamos aí frente a um bom exemplo da multiplicação de eus em Machado? Notemos que não há, como talvez ocorresse se o caso se desse em Fernando Pessoa, assinaturas diferentes e atribuições de biografias e horóscopos distintos aos dois autores – o cronista e o poeta. Entretanto, o eu machadiano já se recusa à centralização, e tal recusa fica patente na referência a “si mesmo” como um outro.

<sup>253</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 23, p. 75.

<sup>254</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 23, p. 76.

<sup>255</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 23, p. 76.

<sup>256</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 23, p. 77.

Quanto ao segundo exemplo, retiramo-lo da biografia machadiana publicada por Raimundo Magalhães Júnior.<sup>257</sup> No quarto volume desse trabalho – “Apogeu” –, narra Magalhães Júnior as tentativas dos companheiros de Machado em consolá-lo após a morte de D. Carolina, sua amada esposa. Com esse intuito, a jovem Alba Ribeiro de Araújo presenteou o grande escritor com um gatinho preto. Agradecido, Machado escreveu carta original e bem-humorada, em que se permitiu “outrar-se”, “fazer-se outro”. Escrevendo “em nome” do gatinho preto – e qualquer semelhança com o poeta português que escrevia “em nome” de seu mestre não é coincidência, mas resultado de um mesmo processo de questionamento da centralidade da subjetividade –, deixa-nos Machado um belo exemplo de outramento:

“Quinta-feira. / D. Alba. / Só agora posso pegar na pena e escrever-lhe para agradecer o obséquio que me fez dando-me de presente ao velho amigo Machado. No primeiro dia não pude conhecer bem este cavalheiro; ele buscava-me com palavrinhas doces e estalinhos, mas eu fugia-lhe com medo e metia-me pelos cantos ou embaixo dos aparadores. No segundo dia já me aproximava, mas ainda cauteloso. Agora corro para ele sem receio, trepo-lhe os joelhos e às costas, ele coça-me, diz-me graças e, se não mia como eu, é porque lhe custa, mas espero que chegue até lá. [...] Quando virá ver-me? Eu não me canso de ouvir ao Machado que a senhora é muito bonita, muito meiga, muito graciosa, e encanto de seus pais. / E seus pais, como vão? Já terão descido de Petrópolis? Dê-lhes lembranças minhas, e não esqueça este jovem / — *Gatinho preto*”.<sup>258</sup>

É inegável certo ar de graça e bom humor na carta de Machado de Assis/Gatinho preto – fazendo uso de uma “assinatura siamesa” ao gosto de Abel Barros Baptista –, mas deve ser levado a sério o que ela representa para o pensamento da obra machadiana. Não deve ser ignorado que tal exercício de outramento foi fundamental - *mutatis mutandis*, respeitando as especificidades e dimensões – na poética de Fernando Pessoa, autor cujas reflexões sobre a heteronímia embasam parte de nosso argumento.

Sobre Fernando Pessoa, já escreveu Jorge de Sena que ele se fez, “e o sintagma estritamente pessoal é dele, um *drama em gente*, multiplicando os heterónimos e semi-heterónimos”.<sup>259</sup> Nesse drama, o chamado “ortônimo” ou “Pessoa-ele-mesmo” seria “o vazio deixado dentro do homem, e do homem enquanto poeta, depois da fuga dos outros [heterônimos]”.<sup>260</sup> Jorge de Sena oferece o seguinte exemplo:

<sup>257</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, 4 v.

<sup>258</sup> Citado por MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 4, p. 241.

<sup>259</sup> SENA. *Fernando Pessoa & c.ª heterónima: estudos coligidos 1940-1978*, v. 2, p. 186, grifo do texto.

<sup>260</sup> SENA. *Fernando Pessoa & c.ª heterónima: estudos coligidos 1940-1978*, v. 2, p. 186, o grifo está no texto.

Nenhum deles [dos heterônimos], nem mesmo o Álvaro de Campos às suas horas de mais negro desespero, é tanto o poeta de esse especificamente *nada* que o «ele-mesmo» ficou sendo. E aqui pode ser que tenhamos a razão, ou uma delas, para muitas das coisas que tal «ele-mesmo» fez, lado a lado com assinar tantos poemas [...] com o nome que usava como cidadão e como a criatura conhecida dos outros cidadãos por esse nome.<sup>261</sup>

Se o “Pessoa-ele-mesmo” – utilizando a expressão de Jorge de Sena – é o vazio após a fuga dos heterônimos, não deixando, porém, de ser ele – o “ele-mesmo” – mais um heterônimo, é possível sugerir que a razão da heteronímia em Fernando Pessoa tenha motivações de ordem psicológica – como ele alegava –, ou repulsa ao não ocultamento do ser, do “drama em gente”. Essa característica da heteronímia em Pessoa talvez seja estranha a Machado de Assis, o que já aponta para uma diferença entre eles. Além disso, é possível constatar, pelo fragmento de Jorge de Sena, que a heteronímia em Fernando Pessoa ocorre por uma necessidade de exposição do poeta, ou do “nada” que ele é após a fuga dos outros. Nesse processo, Pessoa oscila entre o eu e o outro: não deixa o “eu” de também ser um “outro”. Embora o “outramento” também já ocorra em Machado de Assis, outra talvez seja a causa da “heteronímia” em sua produção cronística: a necessidade de, ao contrário de Pessoa, “ocultar-se”. Enquanto os heterônimos de Pessoa lhe teriam permitido a exposição decisiva do “drama em gente” que foi, em Machado tal procedimento teria permitido ao escritor o ocultamento. Assim, teria utilizado a literatura e as criações que nesse campo deixou – Brás Cubas e Bento Santiago no romance, por exemplo, ou Policarpo e o cronista d’“A semana”, na crônica – para esconder ainda mais sua “identidade anterior”, “controlando” esses “autores” de uma forma que não pôde Pessoa controlar seus poetas, mas, como Pessoa, questionando a ideia de que o sujeito é sempre o mesmo, uno, solar. De certa forma, a heteronímia ocorre em Machado como fundamento da própria literatura: como ficcionista/fingidor, ele foi consciente do processo da multiplicação e certamente o desejou, a fim de que pudesse construir sua obra.

Um escritor modernista – Mário de Andrade – talvez tenha percebido essa estratégia machadiana de se “esconder” quando afirma, em texto publicado originalmente a 25 de junho de 1939, dentro das comemorações do centenário do escritor fluminense, que “não reconheço a Machado de Assis em mim”.<sup>262</sup> O ocultamento do escritor oitocentista foi necessário, segundo foi visto, ao desenvolvimento de seus “pseudoautores”, ou “heterônimos” – a levar em consideração a proposta desta dissertação. Esses teriam, diferentemente do que ocorrera em relação a Machado, outro sentimento por parte de Mário. Embora o autor de *Pauliceia*

<sup>261</sup> SENA. *Fernando Pessoa & c.ª heterónima: estudos coligidos 1940-1978*, v. 2, p. 186.

<sup>262</sup> ANDRADE. *Vida literária*, p. 67.

*desvairada* não se reconheça em Machado de Assis, diz, no mesmo *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro: “em compensação sou Brás Cubas, noutros momentos sou Dom Casmurro, noutros o velho Aires”,<sup>263</sup> o que indica consciência da multiplicidade que a obra machadiana contém, questionadora que é ela da centralidade do sujeito. Embora o comentário de Mário se restrinja ao romance, poderia muito bem abranger a crônica: “noutros momentos sou Policarpo”, poderia ainda dizer, “noutros o cronista d’A semana”.

Assim como o contestador de Abel Barros Baptista poderia reclamar o uso do termo “narrador”, em prejuízo do “autor suposto” que o estudioso português propõe, um possível contestador da hipótese desta dissertação poderia argumentar que não há “heterônimos” na galeria de séries de crônicas de Machado de Assis; quando muito, haveria diferentes “narradores-personagens”.<sup>264</sup> No caso do romance machadiano, a preferência de Abel Barros Baptista pelo termo “autor”, em detrimento de “narrador”, atende à conhecida distinção elaborada por Walter Benjamin entre “narrador” e “romancista”: ao contrário daquele, o romancista “segrega-se”, não é da experiência que retira o que conta, “não recebe conselhos nem sabe dá-los.”<sup>265</sup> Além disso, o romance, conforme defende acertadamente Baptista, não é apenas uma narrativa – o que exigiria o uso do termo “narrador” –, e o “autor” é figura acima de tudo romanesca.

A crônica compartilha com o romance o fato de não ser apenas uma narrativa: pode sê-lo,<sup>266</sup> mas também pode ser um poema, uma cena dramática, uma dissertação, uma descrição, etc. ou algumas dessas coisas em um só texto. Daí não nos parecer que o termo “narrador”, ou “narrador-personagem”, seja o melhor para designar a “voz” que fala na crônica. Se a tradição do romance exige o uso do termo “romancista”, como quer Benjamin, ou “autor”, como quer Barros Baptista, o mais sensato a fazer em relação à crônica é reconhecer a existência de “cronistas”, que podem, quando bem entender, fazer uso de um ou mais narradores. O termo – “cronistas” –, entretanto, ainda não é exato quando tratamos dos “cronistas machadianos”: carece de um qualificativo que os distinga dos cronistas “de carne e osso”, apontando, ao contrário, para uma existência “virtual” ou “literária”. A possibilidade de estudá-los como “cronistas heterônimos” é bastante fecunda e, parece-nos, a melhor, pelo menos provisoriamente: o “heterônimo” não está, necessariamente, preso a nenhum gênero,

<sup>263</sup> ANDRADE. *Vida literária*, p. 67.

<sup>264</sup> Cf., por exemplo, CANO *et al.* Narradores do ocaso da monarquia (Machado de Assis, cronista), um entre vários estudos que analisam as séries de crônicas como “obras” de narradores machadianos distintos.

<sup>265</sup> BENJAMIN. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 201.

<sup>266</sup> Cf., *v.g.*, OLIVA. Machado de Assis e a Revolta de Canudos, p. 7, que fala a respeito de “enredos encaixantes”, “narrativas menores” existentes em algumas das crônicas machadianas, juntamente com os comentários. A crônica pode também se aproximar do conto, apresentando toda ela um enredo.

além do que remete a um fenômeno – a heteronímia – que, conforme defende esta dissertação, é, de alguma forma, fundamento da literatura e foi utilizado por Machado de Assis no intuito de questionar a concepção de sujeito ditada pela tradição da modernidade.

Nos capítulos seguintes, intitulados “‘Bons dias!’ (1888-1889)” e “‘A semana’ (1892-1893)”, procuraremos ler as duas séries de crônicas machadianas a partir dos conceitos e teorias expressos neste primeiro capítulo. Como hipótese necessária, nossa proposta é a de que cada série constitui um projeto, a um só tempo, “fechado” e “aberto”. “Fechado”, no sentido de que há, ali, ao menos o esboço ou o despontar de uma personalidade própria e distinta. “Aberto”, no sentido de que o cronista não se prende estritamente a um determinado programa, sentindo-se livre para desviar o “plano de ação” quando bem o quiser. Sempre que necessário, faremos referência a outras séries de crônicas, embora adotemos as duas séries citadas como parâmetro para a verificação dos efeitos da fratura do sujeito em Machado de Assis.

A levar em consideração o comentário de Oliveira Lima publicado na *Gazeta de Notícias* quando da publicação de *Esau e Jacob* (1904) – “[Machado de Assis] É singular, talvez como poeta, provavelmente como cronista, certamente como novelista”<sup>267</sup> –, deve-se perceber que, ainda em vida, Machado foi considerado cronista incomum. Tentaremos, então, ainda que limitadamente, demonstrar que pelo menos parte da peculiaridade machadiana no que concerne à crônica foi fruto do reconhecimento de uma concepção de sujeito fraturado, multifacetado, que procurou, a cada série, metamorfosear-se, “outrar-se”.

---

<sup>267</sup> Citado por MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 4, p. 232.

## PARTE II

### ESTUDO DO *CORPUS*

---

*Como é que a minha consciência se pôde dividir  
em duas, é que não atino; há aí um curioso  
fenômeno para os estudiosos.*

Machado de Assis,  
crônica d'“A semana” de 16 de julho de 1893

*Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado  
com o resto do universo; não me estampou a  
figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa,  
sombra de sombra.*

Machado de Assis,  
“O espelho (esboço de uma teoria da alma humana)”

## 2 “BONS DIAS!” (1888-1889)

No capítulo anterior – “Machado de Assis: cronista *entre* cronistas?” –, após breve incursão por estudos sobre a crônica como gênero literário e seu papel nas letras brasileiras, foi questionada a persistência de uma concepção solar do sujeito, considerando-se a tradição do pensamento da modernidade – nos termos de Ruth Silviano Brandão, “a ilusão de um sujeito inteiro, sem cisões, original”.<sup>268</sup> À medida que o pensamento contemporâneo desnuda tal ilusão, seguindo ainda o raciocínio exposto por Silviano Brandão, “desmistifica-se também a obra literária como pura inspiração privilegiada de um autor iluminado, espécie de *deus ex machina*, criador a partir de zero, como queriam os românticos”.<sup>269</sup> Com o intuito justamente de fazer objeção a esse caráter ilusório – “inspiração privilegiada de um autor iluminado” – que uma perspectiva romântica poderia conceder a Machado de Assis, este capítulo e o próximo destinam-se a cuidar das crônicas machadianas como “meio por excelência” para a comprovação do sujeito fraturado.<sup>270</sup> Em que proporção não teriam sido os “pseudônimos” machadianos convertidos em “heterônimos”,<sup>271</sup> comprovando, por meio do outramento e da multiplicação do sujeito literário no texto, um golpe ao ditame da centralidade do sujeito?

Este capítulo é dedicado ao estudo da série “Bons dias!”, composta por 49 crônicas, publicada por Machado de Assis na *Gazeta de Notícias*, entre 5 de abril de 1888 e 29 de agosto de 1889.<sup>272</sup> Primeiramente, será esboçado um sucinto *background*: dados sobre o período em que foi publicada a série, o problema de autoria que se impôs aos estudiosos e o relato resumido de sua história editorial. No tópico 1 – “Recepção crítica de ‘Bons dias!’” –, são revisitados autores que já se dedicaram a essa série, ressaltando os aspectos em que suas pesquisas se aproximam e/ou se distanciam da hipótese de trabalho discutida no primeiro capítulo desta dissertação, *i.e.*, a existência de diversos “cronistas” na produção machadiana para a imprensa fluminense, como efeito de um sujeito fraturado. O segundo tópico deste capítulo – “À sombra de Brás: o cronista impudente” – apresenta, efetivamente, uma tentativa

<sup>268</sup> BRANDÃO. A narrativa literária: um jogo de espelhos, p. 110. Esse texto foi publicado, originalmente, no n. 2 da revista *O eixo e a roda*, relativo a junho de 1984. Foi republicado em 2012, em volume comemorativo dos 30 anos de publicação da revista.

<sup>269</sup> BRANDÃO. A narrativa literária: um jogo de espelhos, p. 110.

<sup>270</sup> Cf. COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento, p. 152.

<sup>271</sup> A gradação pseudônimo/personagem ou personagem-autor/heterônimo, em que atuaria a projeção parcial do “autor verdadeiro”, com o encadeamento de matéria, tom e atitude, é sugerida pelo romancista Cyro dos Anjos na histórica entrevista concedida a Edla Van Steen (ANJOS. Cyro dos Anjos, p. 16).

<sup>272</sup> Em rigor, foram 48 as crônicas publicadas pela *Gazeta de Notícias*. O texto de 20-21 de maio de 1888 saiu por um jornal especial, de número único, *A Imprensa Fluminense*, para o qual colaboraram jornalistas de vários órgãos (GLEDSON. *Machado de Assis*: ficção e história, p. 151).

de “corpo-a-corpo” com o objeto de estudo, procurando, no diálogo do cronista com o leitor, no formato das crônicas, nos temas por elas desenvolvidos, etc., características que permitam a apreensão de poéticas particulares, mais ou menos abertas e tão coerentes quanto possível, na obra cronística de Machado de Assis.<sup>273</sup>

Durante os anos de publicação de “Bons dias!” na *Gazeta de Notícias*, era esse jornal uma das mais importantes folhas brasileiras, tanto no que se refere ao alcance do público leitor, como no que concerne à excelência dos colaboradores.<sup>274</sup> Conforme Álvaro Simões, a *Gazeta*

era um jornal popular para os padrões do final do século XIX; foi a pioneira da venda avulsa, iniciativa que a colocou ao alcance de todos os bolsos. Sua tiragem de 40.000 exemplares era bastante respeitável. Embora fosse moderada em suas posições, mais de uma vez desafiou os interesses do poder constituído. [...] Atribuía-se ao seu diretor e principal editorialista, Ferreira de Araújo, o condão de orientar a opinião pública. Colaboraram nesse jornal influente escritores do porte de Machado de Assis, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia, Coelho Neto, Artur Azevedo e José Veríssimo, entre outros.<sup>275</sup>

Os nomes citados por Álvaro Simões podem sugerir a consagração que o fato de ser colaborador da *Gazeta de Notícias* representava para os escritores. Atesta isso, sobretudo, o bom espaço que a folha de Ferreira de Araújo reservava à literatura – no seu rodapé, conforme destaca Álvaro Simões, “abrigavam-se autores nacionais e estrangeiros, que publicavam romances-folhetins, crônicas e contos. Nas suas colunas, muitos poemas famosos de nossa literatura foram lidos pela primeira vez”.<sup>276</sup> De 1883, poucos anos depois da publicação em folhetim (1880) e livro (1881) das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, até a última década do século XIX, seria o Bruxo do Cosme Velho colaborador assíduo, por meio de crônicas, da *Gazeta de Notícias*. A essa altura, já tinha Machado passado pela “crise dos quarenta anos” e inaugurado a chamada “segunda fase” de sua obra, marcada por uma “produção ‘madura’ e tipicamente inovadora”.<sup>277</sup> Foram, ao todo, cinco as séries publicadas por ele nesse intervalo: começou pela colaboração nas “Balas de Estalo” (1883-1886), em que assinava “Lélio”; passou pela experiência das crônicas dialogadas em “A + B” (1886), sob o pseudônimo de

<sup>273</sup> Naturalmente, não será possível a contemplação de todas as crônicas na análise. Serão priorizados os textos que possam apontar para a comprovação do questionamento machadiano à concepção de sujeito solar.

<sup>274</sup> A situação seria a mesma para o período em que foi publicada a série seguinte, “A semana” (1892-1897). Ao todo, a *Gazeta de Notícias* esteve presente na vida fluminense, em edições inéditas, durante 67 anos (1875-1942).

<sup>275</sup> SIMÕES. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira, p. 236.

<sup>276</sup> SIMÕES. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira, p. 237.

<sup>277</sup> NOGUEIRA. Nem românticos, nem realistas: reflexões sobre os romances machadianos, p. 154.

“João das Regras”; pelas crônicas em verso da “Gazeta de Holanda” (1886-1888), assinadas por “Malvólio”; pelas crônicas de “Bons dias!” (1888-1889) e, por fim, fechou a sequência com a mais famosa série de suas crônicas, “A semana” (1892-1897).<sup>278</sup>

Em seu comentário sobre a *Gazeta de Notícias*, Álvaro Simões refere-se à moderação das opiniões do jornal, o que não significa, evidentemente, que o periódico tenha ficado indiferente às mudanças ocorridas na sociedade brasileira da época. A *Gazeta*, na década de 1890, seria uma folha declaradamente oposta ao Governo republicano; Machado, como já destacou John Gledson, era monarquista e “não queria [na década de 1880] o fim do regime, embora soubesse que este acabaria” – a tensão entre a razão e a emoção perante tal mudança, segundo o estudioso inglês, seria, inclusive, um dos fatores constituintes do fascínio das crônicas de “Bons dias!”.<sup>279</sup> A série cessou em 29 de agosto de 1889 – poucos meses antes, portanto, do golpe que fundou a República, a 15 de novembro. Outro fato significativo do período, que forneceu matéria-prima para as páginas de “Bons dias!”, foi a sanção da Lei Imperial n.º 3.353, mais conhecida como Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no país. Também o debate que segue a essa lei, sobre a proposta de ressarcimento governamental aos ex-proprietários de mão-de-obra escrava,<sup>280</sup> teve implicações importantes no desenvolvimento da série, como se verá no segundo tópico deste capítulo.

Magalhães Júnior conta, em sua biografia de Machado de Assis, que, a despeito das transições políticas que marcaram 1889, o início desse ano foi auspicioso para o escritor: “Ainda sob o gabinete conservador que fizera a abolição, fora [Machado de Assis] promovido a diretor da Diretoria de Comércio do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas”.<sup>281</sup> No que tange à produção literária de Machado no período examinado (1888-1889), John Gledson, consultando a *Bibliografia* de Galante de Sousa, verifica que não foi copiosa. Além das crônicas de “Bons dias!” e da publicação em folhetim de *Quincas Borba*, que passava por um “ponto de crise” composicional,<sup>282</sup> teria Machado de Assis produzido apenas dois contos – “um deles, o maravilhoso ‘Um homem célebre’”, ressalta Gledson – e alguns textos ocasionais.<sup>283</sup> Se não houve fartura, no entanto, é preciso ponderar a qualidade e a exigência de continuidade dessa produção: a composição de um romance-folhetim do nível de *Quincas Borba* e a obrigação hebdomadária da crônica. Além disso, ainda carece de

<sup>278</sup> Ao todo, Machado de Assis publicou 475 crônicas na *Gazeta de Notícias*, o que equivale a mais de três quartos de sua produção no gênero (GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 15). Para a relação de pseudônimos utilizados pelo autor, ver: SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 21-35.

<sup>279</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 18.

<sup>280</sup> Cf. DUARTE. *Estratégias de caramujo*, p. 249.

<sup>281</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 3, p. 163.

<sup>282</sup> GLEDSON. *Machado de Assis: ficção e história*, p. 135.

<sup>283</sup> GLEDSON. *Machado de Assis: ficção e história*, p. 135.

investigação um fato curioso, averiguado, inclusive, pelo próprio Gledson:<sup>284</sup> o período de publicação de “Bons dias!” – 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889 – coincide, aproximadamente, com o período de “escrita ficcional” do *Memorial de Aires* – publicado em julho de 1908, o romance em forma de diário traz o primeiro relato do Conselheiro Aires com a data de 9 de janeiro de 1888. O último escrito do diário de Aires traz a indicação “sem data”, mas o penúltimo corresponde a 30 de agosto de 1889:<sup>285</sup> apenas um dia depois, portanto, da última crônica da série.<sup>286</sup>

“Bons dias!” possui um importante traço diferenciador em relação às outras séries de crônicas de Machado de Assis, em especial as publicadas anteriormente pela própria *Gazeta de Notícias*: as crônicas dessa série saíram no anonimato e não seriam conhecidas dos primeiros machadianos. Embora as séries anteriores a “Bons dias!” fossem assinadas por pseudônimos, havia o conhecimento da “identidade” de Machado de Assis como cronista, conforme comprova Galante de Sousa, em sua *Bibliografia*, por meio de consulta a vários números do jornal *A Semana*.<sup>287</sup> Enquanto saía na folha de Ferreira de Araújo a “Gazeta de Holanda”, por exemplo, *A Semana*, em sua edição de 15 de janeiro de 1887, revelava: “Às perguntas de vários de nossos assinantes sobre quais sejam os escritores que na *Gazeta de Notícias* usam de pseudônimos satisfazemos com as seguintes informações:.....MALVÓLIO (“Gazeta de Holanda”) e LÉLIO (“Balas de Estalo”) — Machado de Assis.”<sup>288</sup>

No caso de “Bons dias!”, a “revelação” de autoria não ocorreu, segundo o conhecimento de que se dispõe hoje, durante os anos em que Machado era vivo.<sup>289</sup> Se não houve identificação do autor, qual teria sido, então, o “pseudônimo” utilizado na série? As crônicas machadianas publicadas entre 1888 e 1889 eram intituladas “BONS DIAS!” – título e, ao mesmo tempo, saudação ao leitor. As edições em livro<sup>290</sup> conservam a caixa alta do título original, como está no periódico – um fac-símile da *Gazeta de Notícias* de 19 de maio de 1888, em que aparece uma das crônicas de “Bons dias!”, consta da edição organizada por

<sup>284</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 18.

<sup>285</sup> Cf. ASSIS. *Memorial de Aires*, p. 219.

<sup>286</sup> Parece seguro, considerando-se a coincidência das datas, afirmar que os anos de 1888 e 1889 foram significativos para Machado de Assis e sua produção literária. No capítulo 2 desta dissertação, é oferecida uma hipótese para a “coincidência” dos períodos – seja ele verdadeiro ou ficcional – de escrita de “Bons dias!” e do *Memorial de Aires*.

<sup>287</sup> Cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 30-31.

<sup>288</sup> Citado por: SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 31. A edição de 7 de fevereiro de 1885 d’*A Semana* já havia comentado, acerca de um dos pseudônimos da série “Balas de estalo”: “Cremos que todos já sabem que *Lélio* é o Sr. Machado de Assis...” (apud SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 30).

<sup>289</sup> Cf. GLEDSON. *Bons dias!*, p. 138; GRANJA. Machado de Assis cronista: primeiros anos, p. 600.

<sup>290</sup> Cf. ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”; ASSIS. *Bons dias!*.

John Gledson.<sup>291</sup> Ao final, as crônicas traziam o que, na época de sua primeira publicação, era visto como “assinatura” ou “pseudônimo”: “BOAS NOITES. (*sic*)” – escrito com essa formatação na publicação em jornal, conforme se constata no fac-símile presente na edição de Gledson.<sup>292</sup> Mesmo para muitos pesquisadores recentes, como Eduardo de Assis Duarte – que oferece notas a algumas crônicas de “Bons dias!” em seu *Machado de Assis afro-descendente* –, “Boas Noites” seria o pseudônimo do autor da série. A edição preparada por Magalhães Júnior para essas crônicas, *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*, preserva o versalete do original; a de Gledson, *Bons dias!*, opta pelo itálico – “*Boas Noites.*”, mas preserva o ponto.<sup>293</sup> Embora a presença da pontuação não seja determinante para a constatação de que os “Boas Noites” que fecham as crônicas de “Bons dias!” sejam, em vez de assinatura, despedida do cronista, parece que os “BOAS NOITES.” que vêm ao final de cada crônica não são compreendidos devidamente se lidos como pseudônimo ou assinatura.<sup>294</sup> Essa asserção é válida mesmo considerando que tenha sido “Boas Noites” a forma de referência ao cronista de “Bons dias!” em artigo publicado na seção “Revistinha” da *Gazeta de Notícias* de 2 de agosto de 1889, número comemorativo de aniversário da folha:

“Boas noites!” disse que não se gabava de ter feito uma revolução com o “Bons dias!”, mas que fazia lembrar que desde mil e oitocentos... (o João Velhinho piscou-lhe o olho e ele emendou) desde algum tempo (sorriso de aprovação de Velhinho) todas as vezes que ele encetava uma seção, aumentava a tiragem. Já no periódico “Sete de Abril”... (o João Velhinho tosse, e o “Boas noites!” raspa-se para a Rua dos Ourives).<sup>295</sup>

“Boas noites!” ou outra denominação, contudo, importa neste momento perceber que Machado de Assis não era, para os leitores das crônicas de “Bons dias!” – nem para os leitores de Machado de Assis da primeira metade do século XX –, o autor daquela série.<sup>296</sup> As primeiras edições de *Obras completas machadianas*, seguindo o padrão estabelecido pela edição Jackson, não trazem “Bons dias!”,<sup>297</sup> que só viria a ser identificada como série machadiana em meados da década de 1950, quando Galante de Sousa encontrou prova da

<sup>291</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 66-69.

<sup>292</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 67.

<sup>293</sup> Na nova edição da *Obra completa machadiana* da Aguilar, em quatro volumes, o ponto após os “Boas Noites” foi retirado (cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, *passim*).

<sup>294</sup> Consulta à coleção digitalizada do jornal *O Futuro*, que consta do acervo da Brasileira – USP, permite verificar que era comum no Oitocentos o uso de ponto após assinatura do autor (cf. O FUTURO..., 1862-1863). Uma possível despedida, entretanto, também poderia vir seguida daquela pontuação.

<sup>295</sup> Esse fragmento do artigo, que trata dos vários cronistas da *Gazeta*, é transcrito por John Gledson em nota à crônica de “Bons dias!” de 3 de agosto de 1889 (ASSIS. *Bons dias!*, p. 283).

<sup>296</sup> A leitura dos “Boas Noites.” proposta nesta dissertação – sob o viés heteronímico – será tratada no tópico 2 deste capítulo – “À sombra de Brás: o cronista impudente”.

<sup>297</sup> Cf. ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*.

autoria em uma coleção manuscrita de identificação de pseudônimos na Biblioteca Nacional.<sup>298</sup> Com efeito, na *Bibliografia de Machado de Assis*, “Boas Noites” aparece na relação de pseudônimos machadianos com o esclarecimento seguinte:

Machado de Assis usou este pseudônimo para subscrever as crônicas intituladas BONS DIAS!, na *Gazeta de Notícias* (Rio, de 5-4-1888 a 29-8-1889). / O pseudônimo está consignado no trabalho *Portugal-Brasil — Anônimos e pseudônimos mencionados no Dicionário Bibliográfico de Inocêncio e em outros opúsculos e obras — Organizado pelo Dr. José Alexandre Teixeira de Melo — (A-I) — Rio de Janeiro*. Este trabalho acha-se, em manuscrito, na Biblioteca Nacional, registrado sob n.º 4/914.<sup>299</sup>

Identificada somente em 1955, a série já receberia, em 1956, sua primeira edição em livro, organizada por Raimundo Magalhães Júnior, que a anotou e prefaciou.<sup>300</sup> Trata-se de edição inteiramente baseada no texto da *Gazeta de Notícias* – não traz, portanto, a crônica de 20-21 de maio de 1888, publicada não pela *Gazeta*, mas pela *Imprensa Fluminense*, jornal “criado para comemorar a abolição”.<sup>301</sup> Esse texto apareceria pela primeira vez, em livro, nos *Dispersos* de Jean-Michel Massa.<sup>302</sup> Mais tarde seria recolhido, por John Gledson, para sua edição de “Bons dias!”, que traz os textos da *Gazeta de Notícias* e o do especial *Imprensa Fluminense* novamente anotados e com uma Introdução.<sup>303</sup> Neste trabalho, para as citações, foi utilizada a edição de Gledson, em virtude da volta que fez o organizador aos textos originais. Como nenhuma edição está livre de erros, sempre que necessário, foi feito cotejo dos *Bons dias!* de Gledson com os *Diálogos e reflexões de um relojoeiro* –que, além de “Bons dias!”, reúnem as crônicas de “A + B” e dois textos avulsos: uma homenagem póstuma a Joaquim Serra e o tocante “A Paixão de Jesus”.<sup>304</sup> Em relação ao Prefácio/Introdução e às notas, é natural que ambos os estudiosos tenham se baseado na interpretação que cada um faz

<sup>298</sup> SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 32; GLEDSON. *Machado de Assis: ficção e história*, p. 138.

<sup>299</sup> SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 32.

<sup>300</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”.

<sup>301</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 30.

<sup>302</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 459-461.

<sup>303</sup> ASSIS. *Bons dias!*.

<sup>304</sup> É inquestionável o cuidado dispendido por Gledson em sua edição, que conta, inclusive, com útil índice remissivo de antropônimos, topônimos, bibliônimos, etc. (ASSIS. *Bons dias!*, p. 305-319). Estranhamente no volume que preparou, entretanto, a crônica de 26 de junho de 1888 antecede o texto de “6 de junho” daquele ano, enquanto o texto de “22 de outubro de 1888” antecede o de 21 de outubro do mesmo ano (cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 10; 139-141; 179-186). Se estiver correto Magalhães Júnior, a crônica que Gledson data como de 6 de junho de 1888 foi publicada a 6 de junho daquele ano e a de 22 de outubro foi publicada, efetivamente, a 6 de outubro (ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 145).

da série.<sup>305</sup> No tópico que segue, “Recepção crítica de ‘Bons dias!’”, a preocupação é justamente dialogar com algumas das principais interpretações já feitas dessa fascinante série de crônicas, privilegiando o tratamento dado pelos estudiosos à figura ou *persona* do cronista.

## 2.1 Recepção crítica de “Bons dias!”<sup>306</sup>

A história da recepção de “Bons dias!” começa tarde, visto que a série foi desconhecida dos primeiros machadianos – Alfredo Pujol, que dedicou um dos capítulos de seu *Machado de Assis*, publicado originalmente em 1917, ao Machado crítico e cronista, teria certamente escrito sobre ela linhas críticas admiráveis, como fez a respeito dos textos que pôde conhecer. Muito provavelmente, o primeiro estudo dedicado a “Bons dias!” foi o Prefácio de Raimundo Magalhães Júnior para sua edição das crônicas em *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*, texto escrito já na segunda metade do século XX.<sup>307</sup>

Apenas pelo nome escolhido pelo estudioso para o volume que preparou, é possível perceber como a figura do relojoeiro chamou-lhe a atenção. Os “diálogos” que aparecem no título são uma referência a outra série incluída na edição, a das crônicas dialogadas de “A + B”. Quanto às “reflexões de um relojoeiro”, a justificativa de Magalhães Júnior é a de que “Machado de Assis, procurando um novo *disfarce para a sua personalidade*, apresentava-se então aos leitores da ‘Gazeta de Notícias’ como sendo um antigo relojoeiro, que se aposentara nessa profissão, para daí por diante dedicar-se às letras.”<sup>308</sup> Assim, Magalhães Júnior defende a ideia de que Machado de Assis, a fim de “esconder a verdadeira identidade”,<sup>309</sup> teria se apresentado como um “Policarpo, apenas Policarpo, Policarpo sem mais nada...”,<sup>310</sup> não deixando de ser, entretanto, Machado de Assis, como é possível depreender de comentário do estudioso sobre a desconfiança demonstrada pelo cronista de “Bons dias!” acerca da possibilidade de adoção simultânea do federalismo com o regime monárquico: “Curioso é

<sup>305</sup> Crônicas de “Bons dias!” aparecem também em duas importantes antologias temáticas machadianas: a de Gustavo Franco, preocupada com o olhar do escritor sobre a economia (ASSIS. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*) e a de Eduardo de Assis Duarte, que procura desconstruir uma imagem absenteísta de Machado no tocante à escravidão (ASSIS. *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo* [antologia]).

<sup>306</sup> Já foi efetuada, em artigo nosso, uma tentativa de reunir parte da literatura crítica até então produzida sobre “Bons dias” (cf. CAMPOS. A recepção crítica da série de crônicas ‘Bons dias!’, de Machado de Assis).

<sup>307</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio.

<sup>308</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 3, grifo nosso.

<sup>309</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 5.

<sup>310</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 4.

notar que, neste particular, o pensamento do relojoeiro Policarpo, *isto é*, de Machado de Assis, era exatamente igual ao do futuro presidente da República, Prudente de Moraes [...], que também não acreditava em federação com monarquia”.<sup>311</sup>

Embora Magalhães Júnior utilize o nome Policarpo para a “apresentação” do cronista – conforme pensava, não seria “Policarpo” mais que um “nome” ou “falso nome”/pseudônimo do escritor Machado de Assis –, refere-se a “Boas Noites” como a assinatura da série, leitura que diverge da defendida nesta dissertação, dado que a possibilidade de ler os “Boas Noites” como despedida do cronista parece mais fecunda, já que pode ser indício do alto teor irônico daqueles textos. Para Magalhães Júnior, o disfarce teria duas justificativas: possivelmente, a oportunidade de o cronista “divertir-se inocentemente com os leitores, tentando fazer com que estes aceitassem a ficção como se fora a realidade, mistificando-os habilmente com rasgos à *Mérimée*”.<sup>312</sup> Mais provavelmente, seria o disfarce estratégia para “garantir o incógnito, despistar os que o liam nas páginas da ‘Gazeta de Notícias’”.<sup>313</sup> Por que precisaria Machado de Assis de um despistamento dessa natureza? Para Magalhães Júnior, “assim disfarçado, tinha ele [Machado], funcionário graduado do Ministério da Agricultura, um desembaraço de comentário de que, sob o seu próprio nome, não poderia gozar.”<sup>314</sup> Conforme será mostrado no tópico seguinte – “À sombra de Brás: o cronista impudente” –, a par da segurança que o “disfarce” pode ter oferecido ao funcionário público Machado de Assis, o anonimato dos “Bons dias!” foi importante para a expressão de Policarpo como “heterônimo” machadiano, em virtude da grande especificidade de tom com que esse cronista comenta os fatos e dialoga com seus leitores.

Em um ponto, a leitura de Magalhães Júnior não somente contribui, em certo sentido, para a leitura da série como consequência da fratura do sujeito, como também parece responder a um problema que seria detectado, várias décadas depois, por outro importante pesquisador e editor das crônicas de “Bons dias!”, o crítico inglês John Gledson. Descrente da importância da figura do relojoeiro escritor para a compreensão de “Bons dias!” como série, Gledson, em sua Introdução a “Bons dias!”, cita a edição de Magalhães Júnior e, implicitamente, estudos que se apoiam na percepção de um narrador para a série, como é o caso d’*O carnaval das letras*, de Leonardo Pereira:

<sup>311</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 15, grifo nosso. As crônicas em que o tema da ideia federativa aplicada à estrutura monárquica se fazem presentes são as de 27 de maio, 6 de julho e 11 de junho de 1888. O tema reaparecerá no tópico 2.2 deste capítulo.

<sup>312</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 4.

<sup>313</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 5.

<sup>314</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 5.

Raimundo Magalhães Júnior utilizou “relojoeiro” no título da sua edição destas crônicas [“Bons dias!”] e das de “A + B”: *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*, e algumas interpretações recentes das crônicas dão a essa palavra uma importância para o significado da série muito maior do que de fato tem. O relojoeiro só aparece em cinco das 49 crônicas, e só nessa primeira [crônica de 5 de abril de 1888] é que o seu ofício tem maior relevância. Por meio da ideia do tempo, e dos relógios que não marcam a mesma hora, Machado se refere ao curso da história e, em particular, novamente, ao Império como instituição.<sup>315</sup>

Embora identifique, portanto, a presença de um relojoeiro nas crônicas, Gledson discorda da importância que esse ofício teria para o estudo do cronista. Cita o fato de que o relojoeiro comparece, efetivamente, em apenas cinco crônicas, e que apenas na primeira crônica da série seu ofício tem pertinência para a compreensão dos fatos comentados.<sup>316</sup> Magalhães Júnior destaca, entretanto, em seu Prefácio, uma característica das crônicas de “Bons dias!” que justifica qualquer pesquisa que pretenda estudá-las como um todo.<sup>317</sup> Como que respondendo, por antecipação, à “provocação” de Gledson, afirma Magalhães Júnior: “Muitas e muitas vezes Machado de Assis faz menção à profissão de antigo relojoeiro. E é sob essa condição que aprecia os fatos e as pessoas, que reflete sobre os acontecimentos e os comenta em notas breves e vivazes.”<sup>318</sup> Embora o biógrafo de Machado de Assis aponte a escolha de outro nome como disfarce para o escritor, e não como sinal de fratura do sujeito, não deixa de perceber que há uma condição sob a qual os fatos são comentados na série: a condição de um relojoeiro – condição que, neste trabalho, é vista como resultante da concepção de sujeito fraturado na obra cronística de Machado. Essa índole de relojoeiro, que identifica no mundo uma mecânica de “relógios desconcertados”, seria específica da série, e não somente dos textos em que o cronista se apresenta, explicitamente, como antigo relojoeiro. Tacitamente, a condição de antigo “profissional do tempo”, um homem acostumado a consertar e/ou fabricar relógios, perpassa pela cosmovisão do cronista e transparece, de uma forma ou de outra, nas várias crônicas de sua série.

O estudo de Leonardo Pereira<sup>319</sup> deu ensejo a polêmica, entre alguns machadianos, sobre a existência ou não de um narrador único para as crônicas de “Bons dias!” – polêmica

<sup>315</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 25.

<sup>316</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 25.

<sup>317</sup> Não que Gledson conteste a unidade da série. De acordo com o pesquisador, as crônicas de “Bons dias!” “são algo mais que as crônicas que Machado, por acaso, escrevia na época. Naturalmente, não podem ser lidas como um romance [...], mas também não são simples continuação da série ‘Gazeta de Hollanda’ (*sic*)” (GLEDSON. *Bons dias!*, p. 137). Entretanto, tal unidade não residiria, para o estudioso, na existência de um “narrador comum” ou um cronista dotado de características particulares.

<sup>318</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 4.

<sup>319</sup> PEREIRA. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*.

instaurada pela diversa interpretação e “valor” que cada um confere à figura de Policarpo. No capítulo dedicado às representações do carnaval nas crônicas machadianas de “Bons dias!”, Leonardo Pereira trata o relojoeiro como narrador da série – atribuindo a autoria, naturalmente, a Machado de Assis.<sup>320</sup> Esse narrador-personagem, na caracterização que dele faz Pereira, seria um “instrumento” utilizado por Machado de Assis para comentar, com sua particular dissimulação, os acontecimentos daquele tempo. Seria, portanto, uma “máscara”, mas não qualquer máscara: “[Machado de Assis] se escondia por trás da máscara de um personagem minuciosamente construído durante meses pelas páginas do jornal”.<sup>321</sup> Ainda caracterizando Policarpo, Leonardo Pereira defende que teria o relojoeiro resolvido “travestir-se” de escritor, comentando, na crônica de 27 de fevereiro de 1889, as folias carnavalescas – tema, enfim, do estudo de Pereira.<sup>322</sup>

É possível que, quando saiu a primeira edição d’*O carnaval das letras*, em 1994, não tenha Leonardo Pereira suspeitado do debate que a caracterização de Policarpo como narrador iria incitar. Do outro lado da polêmica está John Gledson, para quem há exagero no estudo de “Bons dias!” como obra de um narrador – ainda por cima “minuciosamente construído”. Segundo esse pesquisador, “Bons dias!”, por ser uma série de crônicas e “não um romance”,<sup>323</sup> não possibilitaria esse enfoque:

Falar de um “narrador”, como pode existir num romance ou num conto, numa série de crônicas como esta é no mínimo um exagero, no máximo uma distorção da verdade e uma complicação inútil. Algumas crônicas até têm narradores individuais [...], mas duram só uma crônica inteira – aventurar-se mais seria esperar mais do leitor do jornal do que o próprio gênero pode admitir e impor-se limites inaceitáveis.<sup>324</sup>

Se Gledson não aceita a existência de um só narrador para as crônicas de “Bons dias!”, não descarta a possibilidade da existência de uma *persona* para o cronista, ressaltando, entretanto, que não há consistência nesse processo: comentando a primeira crônica da série, o pesquisador identifica nela a função, “entre outras, de despistar o leitor e impedir que este descubra a identidade do verdadeiro autor”, fornecendo “dicas para a construção de uma espécie de *persona* para o cronista”.<sup>325</sup> Mais à frente, entretanto, o crítico questiona: “Em que medida Machado moldou a *persona* do cronista nessa série?” – e responde: “Pouco, acho:

<sup>320</sup> PEREIRA. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, p. 170.

<sup>321</sup> PEREIRA. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, p. 170.

<sup>322</sup> PEREIRA. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, p. 170.

<sup>323</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 27.

<sup>324</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 27.

<sup>325</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 24.

seria impor-se parâmetros mais estreitos do que os que lhe convinha”.<sup>326</sup> Conforme será visto no tópico a seguir, entretanto, a escrita das crônicas de “Bons dias!” por um heterônimo com as características de Policarpo – segundo a hipótese defendida neste trabalho –, antes de impor “parâmetros mais estreitos” à compreensão da série, é capaz de propiciar a investigação de mais sutilezas e aspectos presentes nas crônicas. Quanto à questão da existência ou não de um narrador único para toda a série, parece-nos que é possível encontrar uma solução que dê conta tanto das especulações de Gledson – uma série de 49 crônicas não é um romance – quanto das de Pereira – o narrador-personagem de “Bons dias!” é laboriosamente construído. Essa solução reside, antes de qualquer coisa, na consideração da crônica – e não um possível “romance” – como o gênero a que pertencem aqueles textos; considerações sobre a crônica aparecem no tópico 1.1 desta dissertação, “A crônica e seu lugar na obra de Machado de Assis”. Depois, é necessária a constatação de que, como “cronista”, Policarpo escreveu sob o signo da volubilidade, característica que o segundo tópico deste capítulo – “Á sombra de Brás: o cronista abusivo” – procurará desenvolver. Assim, é natural a existência de crônicas que, segundo Gledson, teriam “narradores individuais”. Policarpo, na leitura que esta dissertação faz, é o “cronista” de toda a série; não, portanto, um “narrador” único, como poderia ter um romance.<sup>327</sup>

Ainda sobre *O carnaval das letras*, de Leonardo Pereira, é preciso resgatar mais um exame que faz esse pesquisador acerca de “Bons dias!” – valendo-se, curiosamente, de um estudo de John Gledson.<sup>328</sup> Primeiramente, Leonardo Pereira retoma a discussão presente em Gledson segundo a qual o uso de um narrador em primeira pessoa afastaria Machado, o autor, do ponto de vista assumido na narração. Conclui, assim, que

Bentinho [de *Dom Casmurro*], Brás Cubas [das *Memórias póstumas*] e Policarpo [de “Bons dias!”] não representariam [...] a opinião de seu criador, estando, pelo contrário, radicalmente distantes deste. A empatia que ele espera criar entre o narrador e seus leitores baseia-se, como mostra Gledson, na adoção por parte desses personagens-narradores de uma série de preconceitos sociais que eles compartilhariam com seus leitores – os quais são questionados e ironizados por Machado. A voz do relojoeiro, embora sedutora, deve, assim, ser lida não como uma afirmação das opiniões do romancista, mas como uma proposta de discussão de algumas questões levantadas por Machado de Assis.<sup>329</sup>

<sup>326</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 25-26.

<sup>327</sup> Se a uma série como “Bons dias!” pode ser tentador aplicar a categoria “narrador”, em outras ela se torna visivelmente questionável, como nas crônicas em verso de “Gazeta de Holanda” ou nas crônicas dialogadas de “A + B”, em que um possível narrador é extirpado.

<sup>328</sup> GLEDSON. *Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro*.

<sup>329</sup> PEREIRA. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, p. 191.

Essa leitura de Leonardo Pereira, à luz de um estudo de Gledson sobre o romance machadiano – *Dom Casmurro*, em particular –, permite chegar a uma importante constatação nesta pesquisa, embora não aceitando de forma generalizante a designação “personagem-narrador”: Policarpo, como um possível “heterônimo” de Machado de Assis, não se confunde com ele – daí o cuidado necessário no estudo da voz do relojoeiro. No que diz respeito aos “preconceitos sociais” que Policarpo, no parecer de Leonardo Pereira, compartilharia com seus leitores, entretanto, é preciso atentar para a crítica que faz John Gledson, em nota de sua Introdução a “Bons dias!”.<sup>330</sup> Citando alguns estudos dessa série de crônicas – entre eles o de Leonardo Pereira –, Gledson vê como “erro fundamental” neles, “sobretudo, não entender a ironia”<sup>331</sup> – para Gledson, Pereira teria atribuído seriedade a frases irônicas, como a afirmação do cronista de “Bons dias!” de 11 de maio de 1888 de que “eu, em todas as lutas, estou sempre do lado do vencedor”.<sup>332</sup> Ainda considerando o alto teor irônico dessas crônicas, no entanto, parece sensato não fazer, ao menos a princípio, uma ligação direta do pensamento do cronista Policarpo com a provável posição de Machado de Assis – fazê-lo seria querer encontrar um “centro estável”, anterior à ficção. Sidney Chalhoub, abordando pertinente questão, assim se exprime em resenha à coletânea de estudos de Gledson intitulada *Por um novo Machado de Assis* (2006), em que o pesquisador inglês republicou sua Introdução a “Bons dias!”:

A resposta de Gledson a Leonardo Pereira e seus seguidores é negar peremptoriamente a existência de um narrador ficcional em “Bons dias!”. Ao fazer isto, aproxima o sentido dos textos às opiniões do próprio Machado de Assis, que as exprimiria sob a dupla proteção do anonimato das crônicas e do efeito relativista pertinente à ironia. As objeções do crítico parecem confundir a necessária análise empírica das crônicas com “empirismo literário”, aspecto que ajuda a esclarecer diferenças importantes de método e perspectiva teórica.<sup>333</sup>

Analisando as crônicas de “Bons dias!” sem a “confusão” que diz ver na leitura de Gledson, Sidney Chalhoub pergunta-se quantas vezes precisaria Policarpo “referir-se ao seu ofício passado de relojoeiro para que o leitor se convencesse de que era ele mesmo que voltava, a cada vez, dando-lhe o ‘Bons dias!’ e despedindo-se com o ‘Boas noites!’”.<sup>334</sup> Chalhoub demonstra, assim, interpretar a série de forma distinta daquela feita por John

<sup>330</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 59n.

<sup>331</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 60.

<sup>332</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 104.

<sup>333</sup> CHALHOUB. John Gledson, leitor de Machado de Assis, p. 114.

<sup>334</sup> CHALHOUB. John Gledson, leitor de Machado de Assis, p. 114.

Gledson. Enquanto o crítico inglês questiona a importância que alguns estudos veem na imagem do relojoeiro, lembrando, por exemplo, o fato de que apenas na crônica de 1º de junho de 1888 o nome “Policarpo” aparece,<sup>335</sup> Chalhoub afirma, resenhando o estudo de Gledson: “visto que o discurso de Policarpo é construído em primeira pessoa, não surpreende a alusão única à sua alcunha, porque não é comum vermos as pessoas referindo-se a elas próprias como personagens de si (*sic*)”.<sup>336</sup> A discordância entre os pesquisadores leva Sidney Chalhoub a caracterizar como “limbo interpretativo” a leitura de Gledson, afirmando ainda que teria chegado o crítico inglês a esse “erro” em virtude da “pouca elaboração narrativa” que ele pretenderia encontrar na crônica, em face da elaboração superior do romance.<sup>337</sup>

A polêmica em torno da interpretação de “Bons dias!” não teria reflexo apenas no debate intelectual; repercutiria até mesmo na divisão de uma equipe de pesquisadores que, em projeto iniciado em 2003, objetivava publicar todas as crônicas de Machado de Assis em edições anotadas. Segundo conta John Gledson, em resenha à edição de Leonardo Pereira da série “História de quinze dias”,

Sidney Chalhoub e o editor deste volume [Leonardo Pereira] inventaram um “narrador” para a série de *Bons dias!*. Quando me dei conta de como o erro tinha acontecido, ou seja, por uma leitura equivocada da ironia machadiana e de como as crônicas funcionam como gênero, escrevi uma introdução para uma nova edição de *Bons dias!*, detalhando como esse funcionamento se dá e o que confere o tipo de unidade que essa série realmente tem. Meus colegas não se convenceram nem responderam aos argumentos que lhes coloquei: a melhor forma de dar uma ideia do que aconteceu é dizer que “ficaram na sua”. Era, evidentemente, impossível continuarmos juntos, e a equipe se dividiu.<sup>338</sup>

Respondendo, no mesmo veículo que publicou o texto de Gledson – o *Jornal de Resenhas*, em número que não foi possível identificar –, à crítica desse pesquisador, Leonardo Pereira não cita o debate acerca da interpretação de “Bons dias!” – segundo ele, em mensagem eletrônica a nós enviada, em virtude do espaço reduzido para réplica fornecido pelo *Jornal de Resenhas* – mas, também no que se refere à série que preparou, “História de quinze dias”, afirma que “parte do princípio de que não se pode ler nessas crônicas comentários transparentes de Machado de Assis sobre os assuntos à baila; elas demandam

<sup>335</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 26.

<sup>336</sup> CHALHOUB. John Gledson, leitor de Machado de Assis, p. 114, o “(*sic*)” é do autor.

<sup>337</sup> CHALHOUB. John Gledson, leitor de Machado de Assis, p. 114.

<sup>338</sup> GLEDSON. Uma leitura equivocada: incompreensão do funcionamento da crônica de Machado de Assis, p. 6.

interpretação literária e histórica”,<sup>339</sup> uma posição com a qual a presente pesquisa se coaduna. Não é objetivo desta dissertação, entretanto, dizer qual dos dois “lados” desse debate está com a razão, se é que apenas um deles está correto. Da interpretação de Leonardo Pereira, é possível destacar o distanciamento que ele vê entre a posição de Policarpo e aquela possivelmente assumida por Machado de Assis – uma prerrogativa que “igualava” as opiniões de Machado com aquelas expostas por um possível “heterônimo” não permitiria a identificação de uma fratura do sujeito em Machado.<sup>340</sup> Da interpretação de Gledson, entretanto, é necessário tanto a percepção de que uma série de crônicas não pode ser estudada com os mesmos pressupostos teóricos utilizados em análise de romance quanto a preocupação em atinar para a forte ironia do cronista de “Bons dias!”. Seguramente, o debate em torno da existência ou não de um narrador único nessa série de crônicas não encontrará resposta definitiva nesta dissertação – nem é esse seu objetivo. Contudo, uma proposta de interpretação, à luz da hipótese do sujeito fraturado, será formulada no tópico seguinte, “À sombra de Brás: o cronista impudente”.

Para além da polêmica recuperada nas últimas páginas deste estudo, é necessário destacar que a pesquisa sobre “Bons dias!” não se limitou àquele debate. Nesse sentido, devem ser citadas as investigações de Gabriela Kvacek Betella, que em trabalhos resultantes de seus estudos de mestrado e doutorado — tratou das crônicas machadianas publicadas ao final da década de 1880.<sup>341</sup> Segundo Gabriela Betella,

“Boas noites” é a expressão de despedida em cada crônica de *Bons dias!*, sendo portanto a assinatura daquele que supostamente observa o cotidiano dos anos 1888-89 na cidade do Rio de Janeiro e conversa, na maioria das vezes, com um possível interlocutor. No caso, trata-se respectivamente de um narrador de crônica e qualquer leitor do jornal (*A Gazeta de Notícias*).<sup>342</sup>

Mais importante do que a caracterização de “Boas noites” como assinatura da série, no entanto – Betella tampouco lhe nega o caráter de “expressão de despedida” –, é a

<sup>339</sup> PEREIRA. *Re: Auxílio em pesquisa* [mensagem pessoal], p. 2. Não foi possível encontrar, a tempo, o número do *Jornal de Resenhas* em que saiu o texto de Leonardo Pereira.

<sup>340</sup> Também Daniel Piza, em biografia de Machado de Assis, tem o cuidado de não utilizar a crônica como espelho fiel dos fatos e opiniões de Machado. Dissertando, por exemplo, sobre o gosto do escritor pelo canto lírico, cita fato narrado em crônica da *Ilustração Brasileira* de 1877 – o cronista conta que foi um dos jovens entusiastas que carregaram a soprano Candiani nos ombros após apresentação da *Norma*, de Bellini – com a ressalva seguinte: “Não há confirmação do fato, pois Machado assina com o pseudônimo de Manassés e se autorretrata como um velho.” (PIZA. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*, p. 83).

<sup>341</sup> Respectivamente, *Bons dias!: o funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados* (2006) e *Narradores de Machado de Assis* (2007).

<sup>342</sup> BETELLA. *Bons dias!: o funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: a crônica de Machado de Assis*, p. 59.

caracterização que a estudiosa faz dessa expressão, fruto de um exame “da relação entre a composição dessas crônicas e a configuração artística das obras da maturidade de Machado”.<sup>343</sup> Enquanto Gledson, por exemplo, rejeita qualquer aproximação da série com a estrutura romanesca,<sup>344</sup> Gabriela Betella parece tirar proveito justamente desse cotejo, quando nota que

As crônicas de *Bons dias!* oferecem elementos que denunciam a inconstância e, ao mesmo tempo, a coerência do ponto de vista. A inconstância [...] é uma característica fundamental da postura do representante da classe bem-nascida que assina as crônicas. A partir daí passa a ficar nítida a coerência do discurso com o sujeito que o mantém, uma das características que sustentam o narrador de romance.<sup>345</sup>

Tal proposta seria desenvolvida de forma mais ampla no estudo posterior de Gabriela Betella, em que aproxima os “narradores” de “Bons dias!” e “A semana” ao Conselheiro Aires, narrador dos dois últimos romances publicados em vida por Machado de Assis – *Esauí e Jacob* e *Memorial de Aires*. Em *Narradores de Machado de Assis*, Gabriela Betella chegaria à seguinte conclusão:

Os comentários de *Bons dias!* e de *A semana* são versões da história oficial escolhidas pelos narradores, incluídos entre tantos outros que comentaram os mesmos fatos. Como uma forma de leitura diferenciada, as narrativas dessas séries implicam uma poética, e constituem opiniões sobre os acontecimentos e também sobre outros relatos. Tais juízos revisam problemas da realidade, aplicam relativismo à concretude histórica estabelecida, tentando reunir um emaranhado de versões, ou apreender um objeto inapreensível.<sup>346</sup>

Embora com a ressalva de não adotar, para a unidade das séries, o termo “narrador” – reservando-o para cada crônica em particular, e quando o texto exigir o estudo como narrativa –, esta dissertação parte do pressuposto de Betella de que os comentários das duas últimas séries de crônicas publicadas por Machado de Assis são, de fato, “versões” – cada uma delas elaborada, segundo a perspectiva da fratura do sujeito, por um “cronista” distinto. Para o caso de “Bons dias!”, a proposta de leitura desta dissertação segue no próximo tópico. O cronista não será referido como “Boas Noites”, mas como Policarpo, e as razões e implicações dessa

---

<sup>343</sup> BETELLA. *Bons dias!: o funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados*: a crônica de Machado de Assis, p. 6.

<sup>344</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 59-60.

<sup>345</sup> BETELLA. *Bons dias!: o funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados*: a crônica de Machado de Assis, p. 59.

<sup>346</sup> BETELLA. *Narradores de Machado de Assis*: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (*Esauí e Jacob* e *Memorial de Aires*) e a simulada displicência das crônicas (*Bons dias!* e *A semana*), p. 186.

opção serão discutidas. Se, pelo nível de elaboração do texto – o “esmero” –, o cronista d’“A semana” é comparado por Gabriela Betella ao narrador do *Memorial de Aires*,<sup>347</sup> serão a volubilidade, o impudor e a agressão ao leitor que nos permitirão perquirir as especificidades de Policarpo em outro importante “pseudoautor” machadiano: o Brás Cubas das *Memórias póstumas*. Não se trata de defender, para o possível heterônimo machadiano que é Policarpo, o mesmo estatuto daquele narrador. Trata-se de recorrer a ele, fazendo as adaptações necessárias, no intuito de compreender “Bons dias!” como efeito de uma fratura.

## 2.2 À sombra de Brás: o cronista impudente

Quando Edgard Pereira investiga, em capítulo publicado na coletânea *Romance histórico: recorrências e transformações*, a possibilidade da heteronímia em Eça de Queirós – considerando a figura de Fradique Mendes, que perpassa frequentemente pela obra desse autor –, recorre a um crítico português, Carlos Reis, para quem Fradique Mendes seria um “projeto heteronímico não resolvido”, haja vista a articulação da “possibilidade heteronímica ao contexto da modernidade, que se avizinha[va]”.<sup>348</sup> Para além da constatação feita por Carlos Reis de uma crise, na virada do século XIX para o XX, capaz de revelar um sujeito afetado por fraturas e dúvidas,<sup>349</sup> interessam a este tópico os “fatores decisivos” que o crítico levanta para a criação de um heterônimo: “a escolha de um outro nome que ‘aponta para outra identidade’, a autonomia dessa identidade, ‘suscetível de sustentar uma poética própria’ e, finalmente, a configuração de um discurso específico”, segundo a sistematização que Edgard Pereira deles faz.<sup>350</sup>

No caso das crônicas de “Bons dias!”, ocorre também a escolha de outro nome – que não “Machado de Assis” –, apontando, como se pretende desenvolver aqui, para outra identidade. A revelação desse nome – Policarpo –, todavia, não veio no primeiro texto,

<sup>347</sup> Cf. BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esau e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A semana)*, p. 192.

<sup>348</sup> PEREIRA. A correspondência de Fradique Mendes: entre a biografia e a ficção, p. 353. Segundo Edgard Pereira, Fradique Mendes “é uma invenção conjunta de Eça de Queirós, Antero de Quental, Batalha Reis e Ramalho Ortigão”. A ele foram atribuídos os versos de *Poemas de madacam*, apareceu como personagem d’*O mistério da estrada de Sintra* – folhetim de Eça e Ortigão – e foi tema de cartas do autor d’*O primo Basílio* ao historiador Oliveira Martins. Em 1900, seria publicada a *Correspondência de Fradique Mendes* (PEREIRA. A correspondência de Fradique Mendes: entre a biografia e a ficção, p. 349-350).

<sup>349</sup> REIS. Fradique Mendes, origem e modernidade de um projecto heteronímico.

<sup>350</sup> PEREIRA. A correspondência de Fradique Mendes: entre a biografia e a ficção, p. 353.

publicado a 5 de abril de 1888; o que não significa, obviamente, que tal texto não tenha sua função. Pelo contrário, essa é uma das crônicas decisivas para o entendimento de “Bons dias!” como efeito de uma fratura, pois, se ela não revela o nome do cronista, revela a condição pela qual ele desenvolveria seu olhar sob os acontecimentos mais diversos – a condição de ex-relojoeiro. Antes de se apresentar, entretanto, o cronista cumprimenta o leitor – cumprimento que revela importantes traços de sua personalidade e, principalmente, o tom com que se expressaria naquela e nas 48 crônicas seguintes:

Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas não, senhor; chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias. Agora, se o leitor não me disser a mesma coisa, em resposta, é porque é um grande malcriado, um grosseirão de borla e capelo; ficando, todavia, entendido que há leitor e leitor, e que eu, explicando-me com tão nobre franqueza, não me refiro ao leitor, que está agora com este papel na mão, mas ao seu vizinho. Ora bem!<sup>351</sup>

Já no primeiro parágrafo da crônica de 5 de abril de 1888, percebe-se um jogo entre urbanidade e agressão. O título da crônica – “Bons dias!” – funciona também como “saudação”; já seria, portanto, sinal da boa educação do cronista. Outro colunista, em seu lugar, entraria com o chapéu inclinado, diria tudo que lhe conviesse e nem faria caso de se despedir do interlocutor. A polidez desse cronista, no entanto, anda sempre colada a uma imagem superior que faz de si, em detrimento dos outros – no caso, outros colaboradores da imprensa oitocentista. Também a expressão “bons dias”, que põe no início de cada crônica, deve ser lida em chave irônica: decerto, serve para chamar a atenção do leitor e estabelecer um canal de comunicação com o público burguês que acompanhava a *Gazeta*.<sup>352</sup> Nessa comunicação, quem domina é o cronista, que calcula as reações do leitor e o censura. Assim, é ironicamente agressivo quando exige o reconhecimento de sua civilidade – “Hão de reconhecer que [eu, o cronista] sou bem criado” –; traça, disfarçadamente, uma imagem negativa do leitor – imagem que diz, com desfaçatez, ser a do “seu [do leitor] vizinho”: se o leitor não responder aos seus “bons dias”, será em razão de ser “um grande malcriado, um grosseirão de borla e capelo”.<sup>353</sup> Desse modo, o leitor seria o contrário de tudo que o cronista advoga para si.

<sup>351</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 79.

<sup>352</sup> Cf. BOENAVIDES. *Estudo da crônica machadiana: Bons dias! e A semana*, p. 40, para quem, “na crônica de *Bons dias!* [...] [ao contrário do que ocorre n’“A semana”], o diálogo ainda é possível, mesmo que não se dê pela elevação dos interlocutores, mas por seu rebaixamento.”

<sup>353</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 79.

Não seria essa a primeira vez que um trabalho da lavra machadiana surpreenderia por um tom dessa natureza. Comentando as linhas iniciais das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Roberto Schwarz já notara que são dominadas pela “estridência, os artifícios numerosos e a vontade de chamar atenção”.<sup>354</sup> O tom daquele romance, na caracterização que lhe faz esse crítico, é de “abuso deliberado”, começando pelo contrassenso do título, uma vez que mortos não podem escrever memórias. A considerar o momento histórico em que a série “Bons dias!” foi publicada – a tensão política entre os partidos Liberal e Conservador, fugas em massa de escravos, os prenúncios da República, etc.<sup>355</sup> – é difícil crer que os dias fossem simplesmente “bons dias”, o que também confere ao título da série certo contrassenso, a despeito de não passar, em princípio, de um cumprimento. Em relação às *Memórias*, Schwarz também nota, ainda no começo do romance, “a intimidade com que de entrada é provocado o leitor, caso não goste do livro”,<sup>356</sup> citando a atrevida ameaça de Brás: “pago-te com um piparote, e adeus”.<sup>357</sup> Já foi discutido no parágrafo anterior que o início de “Bons dias!” é também o início de uma relação tensa com o leitor, embora – ou sobretudo porque – o cronista tente a todo instante passar a imagem de um homem que preza os bons modos. Caminhando para a apresentação do programa de “Bons dias!”, vale antes fazer a comparação do cronista com o “pseudoautor” – Brás – das *Memórias póstumas*. Para isso, é preciso ler o segundo parágrafo da crônica de 5 de abril de 1888:

Feito esse cumprimento, que não é do estilo, mas é honesto, declaro que não apresento programa. Depois de um recente discurso proferido no Beethoven, acho perigoso que uma pessoa diga claramente o que é que vai fazer; o melhor é fazer calado. Nisto pareço-me com o príncipe (sempre é bom parecer-se com príncipes, em alguma coisa, dá certa dignidade, e faz lembrar um sujeito muito alto e louro, parecidíssimo com o imperador, que há cerca de trinta anos ia a todas as festas da Capela Imperial, *pour étonner le bourgeois* [“para pasmar o burguês”]; os fiéis levavam a olhar para um e para outro, e a compará-los, admirados, e ele teso, grave, movendo a cabeça à maneira de Sua Majestade. São gostos.) de Bismarck. O Príncipe de Bismarck tem feito tudo sem programa público; a única orelha que o ouviu, foi a do finado imperador [Guilherme I, rei da Prússia], – e talvez só a direita, com ordem de o não repetir à esquerda. O parlamento e o país viram só o resto.<sup>358</sup>

Segundo os editores de “Bons dias!”, o discurso a que se refere o cronista fora proferido no Clube Beethoven, a 24 de março de 1888, por Antônio Ferreira Viana, novo

<sup>354</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 17.

<sup>355</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 63-65.

<sup>356</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 17.

<sup>357</sup> ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 40.

<sup>358</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 79.

ministro da Justiça, anunciando que a escravidão seria abolida sem indenização.<sup>359</sup> A assinatura da Lei Áurea seria efetuada já no mês seguinte, mas a discussão sobre pagamento de indenização aos ex-proprietários de escravos ainda se estenderia pelo ano de 1888 – a crônica de “Bons dias!” de 26 de junho daquele ano, dialogando com Nikolai Gogol, utilizaria a polêmica como matéria-prima, “universaliza[ndo] o drama dos escravizados ao compará-los aos servos russos”.<sup>360</sup> Contrastando com a postura de Ferreira Viana, a postura adotada pelo cronista seria de precaução – “acho perigoso que uma pessoa diga claramente o que é que vai fazer” –, o que o aproximaria mais de um personagem que tudo teria feito “sem programa público”: o “príncipe [...] de Bismarck”.<sup>361</sup> John Gledson, comentando esse trecho, lembra que o leitor, levando em conta apenas o início da comparação – “Nisto pareço-me com o príncipe [...]” –,

imediatamente pensaria no imperador, que, em teoria e provavelmente de fato, tinha tentado agir nos bastidores para empurrar os sucessivos governos na direção da abolição e usar o Poder Moderador para esse fim. Porém, depois de um parêntese que dura nada menos que 73 palavras, a frase continua – “[...] de Bismarck”! E mais, todo o parêntese trata de um “sujeito” que se parece com o imperador, mas não é ele! Já no segundo parágrafo dessa crônica, Machado se mostra pronto a utilizar formas extremas – agressivas – de ironia, que desafiam o leitor, e parecem supor que este não entenderá.<sup>362</sup>

Conforme já foi visto, esta não é a primeira vez que o cronista utiliza-se de indiretas – anteriormente, reprendera o leitor, com a ressalva de tratar-se de seu vizinho. Esse movimento continuará no decorrer da série, desafiando muitas vezes a compreensão do leitor. Em relação à apresentação de um programa para a série, o tom seria o mesmo. No trecho citado, o cronista declara que não apresenta programa.<sup>363</sup> Mesmo John Gledson, que questiona a existência de uma voz narrativa que perpassa por toda a série, não nega que há um programa apresentado a contrapelo: “o leitor, profundo e sagaz como é, sentirá a pressão do oposto”,<sup>364</sup> ou seja, o cronista apresentava, sim, um programa. Para Gledson, tal programa seria a explicação do fim da série anterior, a “Gazeta de Holanda”, pois, com o discurso de Ferreira

<sup>359</sup> Cf. ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 53; ASSIS. Bons dias!, p. 64; 81. Machado de Assis era secretário do Clube Beethoven, entidade dedicada à música, tendo nela ingressado em 1883 – um ano após sua fundação. Era uma sociedade cosmopolita, destinada apenas a cavalheiros (cf. MAGALHÃES JÚNIOR. Machado de Assis: vida e obra, v. 3, p. 66-67; GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. Bons dias!, p. 23).*

<sup>360</sup> DUARTE. Estratégias de caramujo, p. 249.

<sup>361</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 79.

<sup>362</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 24.

<sup>363</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 79.

<sup>364</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 23.

Viana sobre a abolição, um novo “ponto de partida” havia sido dado para o cronista.<sup>365</sup> Entretanto, uma leitura atenta pode revelar que o programa adotado pelo cronista de “Bons dias!” não teria consequências apenas sobre a forma como via a escravidão ou o cenário político – embora constituam dois temas importantes da série –, mas estaria fortemente vinculado à “sustentação de uma poética própria”, retomando a expressão de Carlos Reis recuperada por Edgar Pereira.<sup>366</sup>

As semelhanças com Brás Cubas não cessariam. Negando qualquer tentativa de programa e “posando” de homem prevenido, o cronista iria talvez além de Brás, que se comparou vantajosamente a Moisés – o autor bíblico, contando a sua morte, “não a pôs no introito, mas no cabo”, aderindo ao “uso vulgar” de começar as memórias pelo nascimento; agindo com diferente método, tratando primeiramente de sua morte, o escrito de Brás Cubas sairia, segundo conta nas *Memórias póstumas*, “mais galante e mais novo”,<sup>367</sup> sem a “literatice metafísica” e contra as convenções literárias.<sup>368</sup> Em “Bons dias!”, a referência ainda é ao Pentateuco, ou Torá, mas é com a própria divindade que o cronista estabelece um paralelo:

Deus fez programa, é verdade (E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que presida etc. *Gênese* I, 26); mas é preciso ler esse programa com muita cautela. Rigorosamente, era um modo de persuadir ao homem a alta linhagem de seu nariz. Sem aquele texto, nunca o homem atribuiria ao criador nem a sua gaforinha, nem a sua fraude. É certo que a fraude, e, a rigor, a gaforinha são obra do diabo, segundo as melhores interpretações; mas não é menos certo que essa opinião é só dos homens bons; os maus creem-se filhos do céu – tudo por causa do versículo da Escritura.<sup>369</sup>

Assim como Brás Cubas teria sido superior a Moisés, o cronista se pretende superior a Deus, pois, ao contrário do criador, não estabeleceria um programa falho; ao fim das contas, o programa divino, expresso no versículo 26 do primeiro capítulo do *Gênese* – versículo que o cronista nem se dá ao trabalho de citar em sua integridade –, não mais seria que “um modo de persuadir ao homem a alta linhagem de seu nariz”, enquanto deveria, por definição de “programa”, apresentar não mais que uma “exposição escrita das intenções e projetos de uma chapa, um candidato, um partido político etc.”.<sup>370</sup> O tom é, notadamente, de extrema galhofa,

<sup>365</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 23.

<sup>366</sup> PEREIRA. A correspondência de Fradique Mendes: entre a biografia e a ficção, p. 353.

<sup>367</sup> ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 41.

<sup>368</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 20-21.

<sup>369</sup> ASSIS, *Bons dias!*, p. 80.

<sup>370</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1558.

característica sobressalente também na referência à fraude, ato que pressupõe interesse no ludíbrio de outrem, juntamente com a cabeleira eriçada do homem, ou sua “gaforinha”.<sup>371</sup> Nesse mesmo trecho, entretanto, a galhofa vem acompanhada de um tom marcadamente pessimista; é difícil não depreender que duas características fundamentais da criatura humana, características que lhe possibilitariam reafirmar o vínculo com um criador sobrenatural, seriam nada mais que certo chamativo e pueril corte de cabelo – a “gaforinha” – e os conhecidos atos ardilosos e de má-fé que o homem constantemente perpetra – “sua fraude”. O cronista tenta desvencilhar-se da conseqüente associação entre características tão rebaixadas e aquele que seria responsável por transmiti-las a uma dita “alta linhagem” – o criador – com a lembrança de que as “melhores interpretações” atribuem não à divindade, mas ao diabo, tais traços.<sup>372</sup> A ressalva, porém, não se sustenta, uma vez que essas interpretações só seriam feitas pelos “bons”. Os “maus” continuariam, amparados pelo “programa” equívoco da Escritura, vendo na sua fraude e na sua “gaforinha” a prova de que são “filhos do céu”.

Comentando o paralelo ofensivo com a Bíblia realizado pelo Brás Cubas das *Memórias póstumas*, Roberto Schwarz afirma que aquela atitude é fruto não da presunção, mas de “outro sentimento muito mais inconfessável”: a “satisfação maligna de rebaixar e vexar, de anunciar que os desplantes do narrador não vão se deter diante de nada, que não ficará pedra sobre pedra”.<sup>373</sup> No caso do cronista de “Bons dias!”, é muito possível que semelhante interpretação seja válida – a referência rebaixada à Escritura como demonstração de que não há limites para a falta de pejo do cronista, no caso –, ainda mais a se considerar que o sujeito da enunciação, o autor empírico Machado de Assis, encontrava-se no anonimato, resguardado de indesejadas conseqüências advindas de postura tão hostil. Magalhães Júnior, conforme já foi discutido no tópico anterior deste capítulo, acreditava mesmo que o anonimato teria proporcionado ao funcionário do Ministério da Agricultura maior desembaraço de comentário.<sup>374</sup> Estudo desenvolvido por Eduardo Luz, defendendo posição semelhante à daquele biógrafo, deduz da duração do desconhecimento, por parte do público leitor, da autoria das crônicas o empenho de Machado no sentido de manter o anonimato e

<sup>371</sup> Essa palavra remonta etimologicamente ao antropônimo Isabel Gafforini, cantora lírica italiana que se apresentou em Portugal no início do século XIX e cuja abundante cabeleira loira, em desalinho, tornou-se célebre (HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 945).

<sup>372</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

<sup>373</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 21.

<sup>374</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 5.

garantir a si próprio uma expressão mais desimpedida do que a possibilitada pelas séries anteriores que publicara.<sup>375</sup>

Não se pretende eliminar a hipótese do comentário mais desembaraçado, que desfruta de boa plausibilidade. Se não fosse a possibilidade do anonimato, talvez os “Bons dias!” não tivessem sequer sido escritos; a presença na série de uma crítica social contundente e a citação, nela, de nomes de autoridades políticas trariam fatalmente consequências malévolas a um escritor que, aos 50 anos, era considerado o maior do país, objeto de uma reverência desconhecida por qualquer outro antes dele.<sup>376</sup> Entretanto, é preciso cautela com o risco, em que parcela da crítica tem caído, de querer encontrar em certos textos – e talvez ainda mais naqueles publicados sob anonimato, que permitiriam uma expressão mais desinibida e “sincera” –, uma “identidade estável de Machado de Assis”, “anterior à ficção”,<sup>377</sup> o que reforçaria a validade de uma concepção de sujeito solar. Longe de permitir “estabilizar” a centralidade do sujeito em Machado de Assis, o anonimato de “Bons dias!” favoreceu, considerando a concepção alternativa de sujeito proposta por Costa Lima,<sup>378</sup> a comprovação, por meio do trabalho de arte, de um efeito da fratura do sujeito que, ao abrigo de outro procedimento que não o do anonimato, dificilmente poderia ser exposto, em razão do pessimismo e da agressividade que lhe são característicos. Quando escreveu o Prólogo da quarta edição (1899) das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, Machado de Assis também se utilizou de uma espécie de “anonimato”, no momento em que transfere a autoria – e, conseqüentemente, a responsabilidade pelo conteúdo do livro, “descolando-se” dele – para Brás Cubas, o “autor particular” do romance, recorrendo mesmo ao texto “de Brás”, quer parafraseando-o, quer citando-o *ipsis litteris*, para responder a dois comentários feitos, antes daquela edição, por Capistrano de Abreu e Macedo Soares.<sup>379</sup>

Retornando à comparação com o *Gênese*, é necessário que, após notar a diminuição do valor do capítulo “programático” das Sagradas Letras, a favor do cronista, duvide o analista do primeiro texto de “Bons dias!” da defendida “não proposição” de um programa para a série

---

<sup>375</sup> LUZ. Crônica e brasilidade: a catação do mínimo e do escondido, p. 104. Segundo parece a esta dissertação, além de ter “resguardado” o autor empírico Machado de Assis dos problemas decorrentes de uma autoria conhecida, o anonimato teria permitido um desimpedimento de expressão que, configurando importante característica do cronista de “Bons dias!”, permitiria a aproximação do Brás Cubas do romance, também um suposto “autor”, embora de outro gênero. Levando em consideração o questionamento machadiano da centralidade do sujeito, entretanto, não parece a este trabalho que a expressão mais desimpedida proporcionada pelo anonimato deva ser, sem prejuízo, atribuída diretamente ao sujeito da enunciação, Machado de Assis, mas antes ao sujeito do enunciado que aquele escritor constrói literariamente, o cronista de “Bons dias!”.

<sup>376</sup> Cf. CANDIDO. Esquema de Machado de Assis, p. 16.

<sup>377</sup> BAPTISTA. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 14-15.

<sup>378</sup> COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento, p. 74.

<sup>379</sup> Cf. ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 35-36.

– artifício retórico que é vantajoso ao cronista, uma vez que o “liberta” de possíveis exigências futuras do leitor, caso o desenvolvimento da série siga por caminhos estranhos aos inicialmente traçados. É conhecida a grande frequência com que os cronistas, nas séries publicadas pela imprensa oitocentista, reservavam o primeiro texto para a apresentação do programa a que a partir daí dariam prosseguimento.<sup>380</sup> Embora afirme não ser esse seu caso, o “programa” do cronista de “Bons dias!”, segundo a leitura que esta dissertação faz, pode ser apreendido pelas linhas abaixo – “coração”, em sentido metafórico, da crônica de 5 de abril de 1888 e, de forma geral, de toda a série:

Portanto, bico calado. No mais é o que se está vendo; cá virei uma vez por semana, com o meu chapéu na mão, e os *bons dias* na boca. Se lhes disser já, que não tenho papas na língua, não me tomem por homem despachado, que vem dizer coisas amargas aos outros. Não, senhor; não tenho papas na língua, e é para vir a tê-las que escrevo. Se as tivesse, engolia-as e estava acabado. Mas aqui está o que é; eu sou um pobre relojoeiro que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício. A única explicação dos relógios era serem iguaizinhos, sem discrepância; desde que discrepam, fica-se sem saber nada, porque tão certo pode ser o meu relógio, como o do meu barbeiro.<sup>381</sup>

Já as primeiras palavras desse parágrafo “programático” – “portanto, bico calado” – reforçam a resolução do cronista de nada adiantar sobre o conteúdo da série. No entanto, trata-se apenas de um artifício retórico, pois é seu interesse apresentar, logo em seguida, o programa de “Bons dias!”. Em um primeiro momento, a afirmação do cronista de não possuir “papas na língua”, ou seja, de ser franco e falar sem rodeios, é suavizada pela negação da imagem de um homem “despachado”, preocupado com “coisas amargas”. Até aí, portanto, estaria o leitor diante do que se poderia chamar um homem cortês, polido. Logo depois, todavia, o cinismo vem a tona, com o aproveitamento que faz da expressão “papas na língua”: escreve justamente porque as não possui, para poder vir a ter; se as tivesse, simplesmente as engoliria. É útil, para a análise empreendida, que se abra um parêntese na identificação do programa de “Bons dias!”, para que sejam citados outros casos em que esse procedimento – polidez *versus* agressividade – ocorre, no intuito desta dissertação de comprovar a “coerência” das atitudes desse “cronista particular” machadiano. O tratamento agressivo ao leitor, a bem da verdade, é quase sempre encoberto por um “clima” de urbanidade, patente desde o título das crônicas, a saudação “Bons dias!”, até a despedida do cronista com os “Boas Noites”. Na crônica de 7 de junho de 1889, que tematiza o espiritismo, o cronista, questionando as obras

<sup>380</sup> Cf. CANO *et al.* Narradores do ocaso da monarquia (Machado de Assis, cronista), p. 306.

<sup>381</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

daquela “fábrica de idiotas e alienados”,<sup>382</sup> toma uma citação de Montaigne, mais especificamente da “Apologie de Raymond Sebond”,<sup>383</sup> com o intuito de fazer objeção a suas supostas realizações, destituindo-as do caráter extranatural e atribuindo-as ao espírito humano. “Montaigne,” diz o cronista, “mui apreciado por um dos nossos primeiros senadores, e por este seu criado, dizia com aquela agudeza que Deus lhe deu: *C’est un grand ouvrier de miracles que l’esprit humain!* Os milagres do espiritismo são tais; a rigor, é o espírito humano que faz o seu ofício.”<sup>384</sup> Com o desejo de atacar o espiritismo e rebaixar a validade de suas ações, o cronista, momentânea e aparentemente, “eleva” o leitor, referindo-se a si como “criado” dele – embora não deixe de se igualar, quanto ao gosto por Montaigne, não ao leitor, mas a “um dos nossos primeiros senadores”.<sup>385</sup> Também em atitude polida para com o leitor, embora não ofereça uma tradução para o fragmento de Montaigne, faz a interpretação dele, aplicada ao espiritismo, logo em seguida, auxiliando aquele que não dispuser de conhecimento do francês.<sup>386</sup> Mesmo quando se coloca como “criado” do leitor ou, como na crônica de 5 de abril de 1888, diz que seu “primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias”,<sup>387</sup> é preciso desconfiar do cronista, atentando para o fato de que

a polidez implica o seu oposto. Debaxo dela (e não muito fundo) sempre há agressão e possíveis insultos. Essa tensão entre uma e outra, entre a atitude “normal”, lisonjeira, em relação ao “caro leitor”, e algo completamente diferente, estabelece o tom dessa série [“Bons dias!”], a sua situação perante o leitor, com uma economia e uma mira infalíveis.<sup>388</sup>

De fato, a tensão entre “urbanidade” e agressividade é específica da série. Não há como percebê-la, pelo menos não com essa intensidade, no texto de Manassés, das “Histórias de quinze dias”, ou nas páginas d’“A semana”, cujo cronista, conforme será estudado, apresenta outra postura perante o leitor e os acontecimentos. Na crônica de “Bons dias!” de 4

<sup>382</sup> Forma como o cronista se refere ao espiritismo na crônica de 29 de agosto de 1889, também dedicada a essa questão (ASSIS. *Bons dias!*, p. 296).

<sup>383</sup> Deve-se a John Gledson a localização dessa passagem nos *Ensaio*s (cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 272n).

<sup>384</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 270.

<sup>385</sup> John Gledson afirma, em nota de sua edição de “Bons dias!”, não saber identificar esse senador (cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 272n). É possível que a menção, na crônica, a uma figura supostamente “elevada” – “um dos nossos primeiros senadores” – não faça referência a alguém em particular, servindo tão somente para que o cronista possa manter a comparação de si com figuras ilustres, característica que perpassa por toda a série e reafirma a “superioridade” do cronista.

<sup>386</sup> Esse procedimento não seria habitual. Acostumado a fazer citações em idioma estrangeiro – Magalhães Júnior até se pergunta: “que diabo de relojoeiro fora este, habilitado a fazer citações em espanhol, latim, francês, inglês e alemão?” (MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 4) –, o cronista nem sempre demonstrará preocupação quanto ao entendimento ou não do leitor do trecho citado. Na crônica de 11 de maio de 1888, por exemplo, fará citação em alemão de número do jornal *Rio-Post* (cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 105).

<sup>387</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 79.

<sup>388</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 21.

de maio de 1888, pede o cronista desculpa ao leitor por não poder tirar o chapéu, em virtude de uma constipação.<sup>389</sup> Nos “Bons dias!” de 26 de agosto de 1888, o cronista se mostra atencioso com seus leitores, perguntando: “Como passaram do outro dia para cá?”<sup>390</sup> No texto de 1º de junho de 1888, dirá que a “boa educação” demonstrada por ele é um dom de Deus, qualidade que possui desde os tempos de menino.<sup>391</sup> Entretanto, em atitude de inegável agressão ao leitor, definirá em texto de 20-21 de maio de 1888 suas crônicas como “palestras com os leitores e especialmente com os leitores que não têm o que fazer”,<sup>392</sup> o que pode soar como uma crítica à ociosidade dos que o leem. Ainda que em tom de brincadeira, faz o cronista “ameaça” ao leitor na abertura do texto de 7 de agosto de 1888. Irritado com a grande exposição, na mídia, do assassinato de Antônio Joaquim Ramos, crime ocorrido a 27 de julho último,<sup>393</sup> diz ele: “Apesar desta barretada e da minha usual cortesia, fiquem sabendo que ando armado; trago aqui uma pistola, para meter uma bala na cabeça do primeiro que me falar ainda em Maria das Dores, Umbelino, Vilar, e o mais que se prende ao crime da Rua da Uruguaiana.”<sup>394</sup> Mesmo, portanto, quando são os fatos que o aborrecem, o cronista ainda encontra alguma forma de provocar o leitor.

Qual seria, entretanto, o fim de um comportamento dessa natureza? No parágrafo “programático” de “Bons dias!”, o cronista afirma que, semanalmente, aparecerá com os “*bons dias* na boca”.<sup>395</sup> A expressão italicizada talvez permita indicar algo mais que um simples cumprimento; neste trabalho já foi apontado o aspecto irônico, que está presente nos “bons dias”. Quando o cronista é violento com seu leitor, estaria de certa forma criticando esse mesmo hábito, ou seja, fazendo, inversamente, o louvor da boa educação? A sugestão pode ser instigante, a se considerar o trecho seguinte, do texto de 19 de abril de 1888, em que o cronista, lamentando certo comportamento do homem cidadão, diz preferir a roça:

Quando um homem chega e cumprimenta, parece que os cumprimentados o menos que podem fazer é retribuir o cumprimento; acho que não custa muito. Calaram-se, a pretexto de que vão votar, será político, mas não é político; não sei se me entendem. Enfim, por essas e outras é que eu gosto mais da roça. Na roça a gente vai andando em cima da mula; a dez passos já as pessoas bem educadas estão de chapéu na mão:

— Bons dias, Sr. Coronel!

<sup>389</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 99.

<sup>390</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 165.

<sup>391</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 123.

<sup>392</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 113.

<sup>393</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 161n.

<sup>394</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 159.

<sup>395</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

— Adeus, José Bernardes.

— Toda a obrigação de V. Ex....

— Louvado seja Deus, vai bem, para servir a V. Exa.

Que custa isso? Que custam dois dedos de boa criação? Nada. E note-se que lá fora, mesmo quando há eleição, ninguém se esquece dos seus deveres: às vezes até os cumprem com mais galhardia. Esta corte é uma terra de malcriados.<sup>396</sup>

Imbricada na grosseria do homem da cidade, estaria outra característica censurada pelo cronista: a falta de uma percepção mais ampla do que é “política” – “será político, mas não é político” –, que lhe permitisse cultivar um bom relacionamento social e o não esquecimento de seus deveres, mesmo quando o não exigissem obrigações eleitorais. Por outro lado, não deve ser assentado que o cronista aprecie a retórica empolada típica dos políticos que, com seus “bons dias” e outros agrados, muitas vezes nada têm que dizer. Na crônica de 17 de dezembro de 1888, por exemplo, traz dois discursos que apareceriam, segundo ele, em obra de sua autoria – *O orador parlamentar* – em processo de edição. Esse livro, que imitaria o *Orador popular* – uma coletânea de “discursos prontos para todas as ocorrências e comemorações da vida”, útil para ocasiões tão díspares quanto um enterro, um batizado e a despedida de um juiz de direito<sup>397</sup> –, seria dedicado ao mundo da política, trazendo discursos prontos tanto para o orador opositor quanto para o orador ministerial.<sup>398</sup> É óbvio que não é para ser levado a sério; o que o cronista quer é justamente criticar o discurso político vazio, com suas frases de efeito e falsa modéstia. Ainda com esse intuito, reproduz, na crônica de 13 de agosto de 1889, conselho que lhe teria sido dado por Lulu Sênior<sup>399</sup> para angariar votos, caso viesse a se candidatar, atendendo sugestão do mesmo Lulu Sênior, à câmara temporária:

— Depois é o que escreveu o candidato. Conhecido dos seus amigos, que necessidade tem você de definir-se? [...] procura-os. Quando o filhinho de algum vier à sala, pega nele, assenta-o na perna; se o menino meter o dedo no nariz, acha-lhe graça. E pergunta ao pai como vai a senhora; afirma que tens estado para lá ir, mas as bronquites são tantas em casa... Elogia-lhes as bambinelas. Não ofereças charuto, que pode parecer corrupção; mas aceita-lhe o que ele te der. Se for quebra-queixo, pergunta-lhe interessado onde é que os compra.<sup>400</sup>

<sup>396</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 91.

<sup>397</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 208.

<sup>398</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 208-209.

<sup>399</sup> Um dos pseudônimos de Ferreira de Araújo, o dono da *Gazeta de Notícias* (ASSIS. *Bons dias!*, p. 289n).

<sup>400</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 289.

Absolutamente não é essa a política que o cronista elogia no texto de 19 de abril de 1888. Não é dela que vem a explicação, seguramente, para os “bons dias” que ele promete, no primeiro texto da série, trazer a cada semana. É preciso, pois, procurar em outro aspecto a razão da agressividade do “heterônimo” de “Bons dias!”. Como já comentado, os “bons dias”, em sentido literal – isto é, compreendidos como referência ao contexto histórico –, podem implicar ironicamente uma postura pessimista quanto aos fatos que aparecem na série. Em relação a outro trabalho de Machado de Assis, as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, foi dito que a surpresa proporcionada pela escrita do autor defunto é a possibilidade de ele extrair da condição de escrever depois de morto “todas as condições possíveis, ou melhor, impossíveis”.<sup>401</sup> É provável que, também em “Bons dias!”, o que nos surpreenda ou nos permita encontrar surpresas naquele cronista particular seja o “lugar temporal” de onde escreve – no caso de Brás Cubas, escusado dizê-lo, esse lugar é o *undiscovered country* hamletiano, ou o reino da morte.<sup>402</sup> No chamado “parágrafo programático” de “Bons dias!”, a “morte simbólica” do cronista pode ser identificada logo em uma informação biográfica: “eu sou um pobre relojoeiro que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício.”<sup>403</sup> O cronista de “Bons dias!” é, portanto, alguém que vive “do outro lado” da relojoaria, e fez bem Magalhães Júnior ao caracterizá-lo como “ex-relojoeiro” no Prefácio de sua edição de “Bons dias!”. Afinal, o ofício de relojoeiro pode ser entendido também metaforicamente. Das acepções de “relojoaria” registradas pelo *Houaiss*, duas interessam a esta análise: a relojoaria como “casa onde se fabricam, vendem ou consertam relógios” e como “mecanismo dos próprios relógios”.<sup>404</sup> A primeira acepção aparece em “Bons dias!” como uma espécie de localizador temporal, fornecendo, também, dados para a biografia do cronista:

Eu cá, no tempo em que tinha relojoaria aberta, distribuí Excelência que foi um gosto. Às vezes até servia de animação e alívio ao freguês. Entrava-me algum carrancudo, assim como quem receia ser enganado. Eu, sem decreto, sem nada, zás, Excelência. Em geral a carranca diminuía, falávamos risonhos, coração na mão, e caso houve em que o homem comprava o relógio por mais dinheiro que o marcado.<sup>405</sup>

<sup>401</sup> BAPTISTA. O romanesco extravagante sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 18.

<sup>402</sup> Cf. ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 42.

<sup>403</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

<sup>404</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1640.

<sup>405</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 128. O mote inicial dessa crônica, publicada a 11 de junho de 1888, foi a concessão, pelo imperador Frederico III, do tratamento de Excelência a um alto funcionário do Estado. Diante dessa outorga, o cronista “revolta-se”: “Valha-me Deus! / Que seja preciso um imperador para conceder lá aquilo que aqui concede qualquer pessoa!” (ASSIS. *Bons dias!*, p. 128).

Parte da crítica sobre “Bons dias!” tem negado a importância dessas referências na série, afirmando que não são elas as responsáveis pela unidade daquela obra.<sup>406</sup> Com efeito, são apenas referências espalhadas pela série, mas capazes de fornecer uma e outra informação sobre o cronista de “Bons dias!” que, em conjunto, podem ser significativas. Assim, na mesma crônica de 11 de junho de 1888, somos informados de que “também eu recebia Excelências [no tempo em que tinha relojoaria aberta], e agora recebo-as ainda mais; é certo, porém, que nunca me custaram dinheiro”,<sup>407</sup> comentário que reforça a imagem superior que o cronista tenta passar de si. Na crônica de 6 de julho de 1888, ele apela para sua “[qualidade] de relojoeiro” para justificar o fato de “ignorar profundamente o latim”,<sup>408</sup> o que o leitor sabe não ser verdade, a julgar pela presença notável de citações latinas na série. No texto de 7 de março de 1889, em que questiona o neologismo – “preconício” – criado pelo latinista Castro Lopes para substituição do termo francês “*réclame*” (“anúncio”),<sup>409</sup> dirá que nunca lhe foi difícil achar um termo português equivalente àquela palavra, destacando: “e mais sou relojoeiro. Quando exercia o ofício (que deixei por causa da vista fraca), compunha anúncios grandes e pomposos.”<sup>410</sup> Mais importante que essas referências, entretanto, é o que a relojoaria representa metaforicamente para a série, a partir da segunda acepção colhida do *Houaiss*, a de relojoaria como “mecanismo dos próprios relógios”.<sup>411</sup> Em sentido amplo, os “relógios” de cujo mecanismo aquele cronista é conhecedor não são apenas – nem principalmente – os aparelhos que utilizamos para marcar o tempo e saber que horas são. Quando ele diz que “a única explicação dos relógios era serem iguaizinhos, sem discrepância; [e] desde que discrepam, fica-se sem saber nada, porque tão certo pode ser o meu relógio, como o do meu barbeiro”,<sup>412</sup> é preciso estender o domínio dessa reflexão para outras áreas da vida humana, particularmente aquelas que servirão de matéria-prima para seus textos: a política, a economia, a língua, os costumes, etc. Se os “ponteiros” desses “relógios” discrepam, há um descompasso que pode justificar, de alguma maneira, a forma agressiva como o cronista trata seus leitores, ignorantes de que vivem em uma “terra de relógios

<sup>406</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 26. Para esse pesquisador, tais referências são secundárias e mesmo “insignificantes” em comparação com a primeira crônica da série.

<sup>407</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 127.

<sup>408</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 143. Na edição de John Gledson, a crônica tem a data de 6 de junho de 1888, problema já relatado em nota anterior desta dissertação (cf. p. 72).

<sup>409</sup> GALVEZ. *Dicionário Larousse francês-português, português-francês*, p. 288.

<sup>410</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 248.

<sup>411</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1640.

<sup>412</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

desacertados”,<sup>413</sup> cujo tempo não é mais absoluto, mas relativo, pois pode tanto um relógio estar certo como outro qualquer.

Uma das referências à relojoaria recuperadas no parágrafo anterior, a da crônica de 7 de março de 1889, já foi utilizada por John Gledson para relativizar a consistência do que chama “criação da *persona* do cronista”, uma vez que naquela referência a causa para abandono da profissão de relojoeiro não é a descrença no ofício, mas a vista fraca.<sup>414</sup> A rigor, entretanto, não há contradição entre um relato e outro; ambos são solidários – as “retinas tão fatigadas”<sup>415</sup> do cronista não excluem a descrença na relojoaria, ou na possibilidade de “acertar” os relógios, sentimento responsável em boa medida pelo tom pessimista da série. A respeito do famoso capítulo VII das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, “O delírio”, já foi destacado que, por trás da figura de Natureza ou Pandora, encontra-se expresso o pessimismo schopenhaueriano.<sup>416</sup> Com efeito, relata o defunto autor que pôde contemplar, durante o delírio, “através de um nevoeiro, uma coisa única”:<sup>417</sup>

Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. [...] Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim – flagelos e delícias –, desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade.<sup>418</sup>

O cronista de “Bons dias!”, conquanto não relate ter passado por um delírio dessa espécie, pôde ter visto nos tempos em que tinha relojoaria aberta, com seus próprios olhos, espetáculo semelhante da condição humana, com um “pormenor”: o paralelo com os relógios desconcertados. Já no delírio de Brás Cubas essa discrepância, de certa forma, se faz presente, quando aquele “pseudoautor” relata que viu o homem, “flagelado e rebelde”, correndo atrás inutilmente da “quimera da felicidade”, que lhe fugia e desaparecia como uma ilusão.<sup>419</sup> Representada estava a impossibilidade, para o homem, de acompanhar o “ponteiro” da felicidade, entregue ele irremediavelmente ao descompasso de sua natureza. O cronista de

<sup>413</sup> Expressão cunhada por Gabriela Betella em estudo sobre “Bons dias!” (BETELLA. *Bons dias!: o funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados*: a crônica de Machado de Assis).

<sup>414</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 26.

<sup>415</sup> DRUMMOND. *Poesia completa*: conforme as disposições do autor, p. 16.

<sup>416</sup> Cf. DIAS. A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em *O nascimento da tragédia*, p. 11.

<sup>417</sup> ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 55.

<sup>418</sup> ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 55-56.

<sup>419</sup> ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 56.

“Bons dias!” não teve a oportunidade de ver tudo isso em uma alucinação; foram o tempo e o trabalho meticuloso na relojoaria que lhe propiciaram a contemplação do descompasso da história. O trabalho meticuloso foi o responsável pela “vista fraca”, que acabou por impossibilitar-lhe a continuação no ofício. Com a necessidade de encontrar um novo meio de vida – “na alternativa de ir à fava ou ser escritor”, conforme registra na primeira crônica da série –, opta pelas letras: “preferi o segundo alvitre [ou seja, ser escritor]; é mais fácil e vexe menos”.<sup>420</sup> Chegara, pois, o momento de escrever, de não se deter diante de nada, compondo as agressivas crônicas que constituem “Bons dias!”.

Um dos alvos preferenciais desse cronista seria o espiritismo, conforme já destacado nesta dissertação. John Gledson, em nota ao texto de 29 de agosto de 1889 – nele, o cronista afirma querer chamar a polícia quando os espíritas vêm lhe contar “uns ditos de Samuel e de Jesus Cristo, sublinhados de filosofia de armarinho, para dar na perfeição sucessiva das almas” –,<sup>421</sup> explica o que chama de “grande razão” do “ódio” machadiano por aquela doutrina:

Na Bíblia, Samuel fala pela “bruxa” (às vezes traduz-se médium) de Endor ao rei Saul (I Samuel, cap. 28), e os espíritas chamam os acontecimentos de Pentecostes, quando Jesus falou com os apóstolos depois de morto, da maior “séance” [encontro espírita] da história. É, sem dúvida, principalmente a “perfeição sucessiva das almas” que o enfurece: o espiritismo é outra doutrina otimista, à maneira do humanitismo: acredita que todo mundo será salvo, e que a lei da progressiva perfeição da alma se aplica universalmente.<sup>422</sup>

Embora não seja o interesse aqui investigar o pensamento machadiano a respeito do espiritismo, certo é que o pessimismo de Policarpo, o cronista de “Bons dias!”, não se conformaria, em hipótese alguma, com o otimismo daquela doutrina. O espiritismo representaria para o ex-relojoeiro uma falsa possibilidade de “acertar” os ponteiros de todos os relógios, na medida em que todos os seres humanos seriam salvos e todas as almas, ao final, seriam perfeitas. Crer no espiritismo seria, em outras palavras, crer no fim previsto da discrepância dos relógios. Por isso, não poupa o cronista críticas a essa doutrina, embora demonstre uma postura mais amena em relação ao curandeirismo, por exemplo.<sup>423</sup> Conforme será visto ainda neste tópico, entretanto, não seria somente o espiritismo alvo do escárnio do cronista. Na maioria dos casos há, em “Bons dias!”, uma aversão por qualquer tentativa

<sup>420</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

<sup>421</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 298n.

<sup>422</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 298n.

<sup>423</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 274; 296.

“otimista” de “acerto dos ponteiros”, uma impossibilidade que, em outra série de crônicas machadiana – “Ao acaso”, do *Diário do Rio de Janeiro* – se apresentava embrionária:

Antes de concluir devo dar uma explicação aos meus leitores habituais. / Apareço algumas vezes à segunda-feira, hoje como na semana passada; mas isso não quer dizer que eu tenha mudado o meu dia próprio, que é o domingo. / A profissão do folhetim não é ser exato como um relógio; e ainda assim todos sabem como, até na casa dos relojoeiros, os relógios divergem entre si. / Se é lícito ao relógio variar, não é ao folhetim que se deve pedir uma pontualidade de Monte-Cristo. / Eu cismo nos meus folhetins sempre a horas mortas, e acontece que nem sempre posso fazê-lo a tempo de aparecer no domingo.<sup>424</sup>

Nesse fragmento, a intenção do cronista não parece ser mais do que a de justificar o atraso na publicação das crônicas, que algumas vezes saíam na segunda-feira e não no que seria o “dia próprio”, o domingo. De qualquer forma, o descompasso dos ponteiros, caro ao cronista de “Bons dias!”, ali já aparece.

Curiosamente, foi também em publicação machadiana no *Diário do Rio de Janeiro* – de outro ano, 1867 – que Lúcia Miguel Pereira identificaria o pseudônimo Job, que, com o passar do tempo, resultaria, segundo ela, na figura do Conselheiro Aires.<sup>425</sup> Machado não tinha ainda vinte e oito anos, mas, sob aquele pseudônimo, escreveria: “não anseio pelo futuro, mas também não choro pelo passado. Nem alto nem baixo..., nem votante nem eleitor..., poupo-me às lutas da Igreja..., não privo com as musas, mas gosto delas. / Leio para instruir-me, às vezes para consolar-me”,<sup>426</sup> em uma atitude que já denunciaria o enfatiamento particular do cronista de outra série machadiana, “A semana”. O *Diário do Rio de Janeiro* parece, portanto, ter sido, para a “primeira fase” machadiana, o que a *Gazeta de Notícias* foi para a maturidade do escritor: a mesma oportunidade de, escrevendo à sombra de diferentes personalidades, questionar a concepção de sujeito que dita a centralidade e nega a multiplicação própria do ser.

Na primeira parte deste estudo, foi aventada a hipótese de Abel Barros Baptista, segundo a qual Machado, “autor de autores e autor entre autores”, teria feito uso de uma “rede diferencial” de assinaturas siamesas, a um tempo discerníveis e inseparáveis: “Machado e Brás Cubas, Machado e Dom Casmurro, Machado e o conselheiro Aires”.<sup>427</sup> Nesta dissertação, essa hipótese ganha outra redação: Machado como “cronista de cronistas e

<sup>424</sup> ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 154. Essa crônica saiu a 1º de agosto de 1864 e já foi citada, atendendo a outro fim, em momento anterior deste trabalho (cf. p. 61).

<sup>425</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243.

<sup>426</sup> Citado por PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 242.

<sup>427</sup> BAPTISTA. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*, p. 14.

cronista entre cronistas”. No caso de “Bons dias!”, uma importante pergunta ainda não foi respondida neste tópico: qual o nome que deve figurar ao lado do de Machado, já que os “Boas Noites” que concluem as crônicas de “Bons dias!” não são, ao que nos parece, assinatura, senão despedida? A autonomia da identidade desse cronista já foi, de alguma forma, estabelecida. Quanto a seu nome, a primeira crônica da série não revela, apesar da saudação que faz o cronista e a “apresentação” do programa. É possível que a ausência do nome na primeira crônica seja também traço do descaramento do cronista, sempre a esperar do leitor mais do que ele pode oferecer. Na crônica de 11 de maio de 1888, por exemplo, não temeria: dividindo a população em duas categorias, reserva uma somente para si, a de “homem de olho alerta, profundo, sagaz, próprio para remexer o mais íntimo das consciências (eu em suma)”, reunindo em outra categoria “o resto da população”.<sup>428</sup> O cronista dá a conhecer o seu nome em momento no qual exalta sua apregoada boa educação, na crônica de 1º de junho de 1888:

Eu, em menino fui sempre um primor de educação. Criou-me uma ama, escrava; e, apesar de escrava e ama, nunca lhe pus a boca no seio para mamar, que não pedisse licença. Não estavam em mim; às vezes dizia comigo:

— Mas, Policarpo, tu tens direito a ser aleitado, e depois é obrigação da escrava alugada. Em vão chorava, a Florinda corria, desabotoava o corpinho, punha o seio de fora, e eu, por mais fome que tivesse, não lhe pegava sem pedir licença. Pedia por gesto; parece que era um gesto de olhos...<sup>429</sup>

Embora a crônica tenha um pé na “realidade”, não se pode esperar dela um relato “verídico” dos fatos. Dessa forma, o absurdo do exagero de polidez do menino Policarpo, “atenuado” pela consideração de que era com “um gesto de olhos” que pedia licença à ama, deixa claro que tal relato é apenas fingimento desse cronista, desejoso de rir do leitor ou, em outro plano, criticar o ridículo sentimento de posse alheia característico de membros de classes “bem-nascidas”. Qualquer que seja o melhor entendimento, entretanto, chama a atenção o fato de que essa é a única referência, nas crônicas de “Bons dias!”, ao nome do cronista, Policarpo. Sidney Chalhoub não vê inconsistência alguma nesse procedimento, destacando que a “alusão única à sua alcunha [do que considera ser o “narrador” de “Bons dias!”]” aparece em crônica que considera “crucial”,

---

<sup>428</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 103.

<sup>429</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 123.

por informar a data de nascimento e outros eventos da vida de Policarpo na década de 1830, período que Machado assemelhava aos anos 1880 devido à indeterminação da história (lá em 1830, como em 1880, monarquia ou república? Escravidão ou liberdade? Centralização ou federalismo?)<sup>430</sup>

Entretanto, sem descartar essa possibilidade, pode ser acrescentada mais uma: teria tido Policarpo, por alguma razão, vergonha do seu próprio nome ou desinteresse em usá-lo como assinatura? Etimologicamente, “Policarpo” vem do grego – *polúkarpos* –, com a acepção de “aquele que tem ou produz muitos frutos”.<sup>431</sup> Leonardo Pereira utiliza essa definição para reforçar que a “nova profissão” de Policarpo, escritor, teria servido “como uma luva” para seu “espírito fecundo”.<sup>432</sup> Entretanto, é necessário considerar que uma das acepções de “fruto” é “filho, rebento, cria”<sup>433</sup> e nenhuma menção a um “fruto/filho” é feita pelo cronista.<sup>434</sup> Teria Policarpo compartilhado com Brás Cubas o “pequeno saldo” de não transmitir a nenhuma criatura “o legado da nossa miséria”? Viria daí seu desinteresse pelo nome, que não o definiria adequadamente? Não há como sustentar essa hipótese pela série em si, mas apenas pela aproximação com as *Memórias póstumas*. Mais interessante que qualquer afirmação, em todo caso, é a dúvida que o texto propicia.

Quando, porém, se mostrassem inválidas essas indagações, também as *Memórias póstumas de Brás Cubas* poderiam contribuir com outra hipótese para a decisão de Policarpo de não assinar as crônicas de “Bons dias!”. Já foi visto, nesta dissertação, como ele procura, a todo instante, passar a “melhor” imagem de si possível; na mesma crônica de 1º de junho de 1888, em que aparece seu nome, por exemplo, compara zombeteiramente sua sabedoria à de Sócrates.<sup>435</sup> Na ficção machadiana, entretanto, já havia aparecido um Policarpo, e suas características não seriam das mais “apreciadas” pelo cronista. No capítulo dedicado à “História de Dona Plácida”, é citada fala da mãe dessa personagem, a repreender a filha por não tomar “um dos maridos de empréstimo e de ocasião que lha pediam”.<sup>436</sup> “— Queres ser melhor do que eu? Não sei donde te vem essas fidúcias de pessoa rica. Minha camarada, a vida não se arranja à toa; não se come vento. Ora esta! Moços tão bons como o Policarpo da venda, coitado... Esperas algum fidalgo, não é?”<sup>437</sup> Muito provavelmente, o Policarpo dos

<sup>430</sup> CHALHOUB. John Gledson, leitor de Machado de Assis, p. 114.

<sup>431</sup> Cf. HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1516; PEREIRA. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, p. 193.

<sup>432</sup> PEREIRA. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, p. 193.

<sup>433</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 934.

<sup>434</sup> Na crônica de 29 de agosto de 1889, há referência a um sobrinho, estudante de medicina (cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 296).

<sup>435</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 124.

<sup>436</sup> ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 165.

<sup>437</sup> ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 165-166.

“Bons dias!” não apreciaria uma comparação com alguém da estirpe do “coitado” do “Policarpo da venda”, o que lhe poderia ter sugerido a simples despedida ao final das crônicas, sem a assinatura. Novamente aqui, a dúvida é mais interessante que a asserção.

Se o paralelo com o “coitado” do Policarpo das *Memórias póstumas* foi evitado pelo cronista, o paralelo com importante personagem da literatura russa – Tchitchikof –, entretanto, foi desejado e sugerido. Na crônica de 26 de junho de 1888, a discussão sobre o projeto de lei que regularia uma possível indenização pós-abolição aos ex-proprietários de escravos propiciou ao cronista a exibição de seus conhecimentos literários: pergunta ao leitor se conhece “um livro do célebre Gogol, romancista russo, intitulado *Almas mortas*” e, supondo a ignorância do leitor, oferece a seguinte contextualização do romance, necessária à exposição da “semente” de sua ideia:<sup>438</sup>

Chamam-se *almas* os campônios que lavram as terras de um proprietário, e pelos quais, conforme o número, paga este uma taxa ao Estado. No intervalo do lançamento do imposto, morrem alguns campônios e nascem outros. Quando há *déficit*, como o proprietário tem de pagar o número registrado, primeiro que faça outro recenseamento, chamam-se *almas mortas* os campônios que faltam.

Tchitchikof, um espertalhão da minha marca, ou talvez maior, lembra-se de comprar as *almas mortas* de vários proprietários. Bom negócio para os proprietários, que vendiam defuntos ou simples nomes, por dez réis de mel coado. Tchitchikof, logo que arranjou umas mil *almas mortas*, registrou-as como vivas; pegou dos títulos do registro, e foi ter a um monte de socorro, que, à vista dos papéis legais, adiantou ao suposto proprietário uns 200.000 rublos; Tchitchikof, meteu-os na mala e fugiu para onde a polícia russa o não pudesse alcançar.<sup>439</sup>

Magalhães Júnior destacou, em nota a sua edição de “Bons dias!”, que esse resumo é incompleto, preocupado “em dar a conhecer apenas a parte que interessava às suas considerações contrárias [de Machado de Assis] à indenização, que os antigos senhores de escravos pretendiam receber do Império, sob o ‘slogan’ ameaçador de: ‘Indenização ou República’.”<sup>440</sup> Considerando que a brevidade é uma exigência da crônica e que qualquer paráfrase permite – ou, melhor, exige – que o escritor “selecione” o que interessa ao “texto de

<sup>438</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 139. Nikolai Vassílievitch Gógol nasceu em Sorotchinsky, Ucrânia, a 19 de março de 1809, e morreu em Moscou, a 21 de fevereiro de 1852. Em 1842 publicou *Almas mortas*, romance em que trabalhara durante mais de quinze anos (cf. GÓGOL. *Almas mortas*, p. 3). Machado de Assis, que não dominava o russo, deve ter tido conhecimento do romance de Gogol por intermédio de uma tradução francesa, de 1858 (cf. SILVA. Gogol, matriz de *Quincas Borba*, p. 3).

<sup>439</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 139.

<sup>440</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 110n.

chegada”, não há porque esperar encontrar um resumo completo do romance de Gogol na crônica, se é que existe a possibilidade de um “resumo” dessa espécie. O golpe dado por Tchitchikof em *Almas mortas* é recuperado pelo cronista, no contexto de uma possível indenização por escravos perdidos com a abolição, para denunciar, a seu modo, fraudes que certamente seriam praticadas pelos interessados no dinheiro. Ele mesmo, afirma, poderia comprar “libertos”, exigindo do antigo proprietário apenas a escritura com data retroativa à abolição. Depois, era só ficar em casa esperando ser “indenizado”.<sup>441</sup> Magalhães Júnior, que pensava ser Policarpo um disfarce para Machado de Assis, não teme afirmar que a presença de Gogol na crônica se explica pela necessidade do escritor de emitir sua opinião sobre aquele debate pós-abolição, fazendo um paralelo com os campônios russos.<sup>442</sup> Um estudo recente dessa crônica diz mesmo que quem fala é Machado de Assis, “travestindo-se em burguês espertalhão que visa tirar proveito dos novos tempos”.<sup>443</sup> Embora não descartando a possibilidade de ver nessa crônica, sem o “tom peremptório do panfleto”,<sup>444</sup> uma denúncia dos interesses de ex-donos de escravos, é preciso não esquecer que a referência a Gogol serve também à caracterização do cronista particular que é Policarpo.

Com efeito, o cronista, elaborando um plano a partir do golpe de Tchitchikof, talvez desejasse mais chamar a atenção do leitor para as consequências da aprovação do projeto da indenização do que indicar algo que realmente faria. Entretanto, é possível encontrar em *Almas mortas* características de Tchitchikof que também auxiliem na averiguação da autonomia da identidade de Policarpo como “heterônimo” machadiano, como a estridência na apresentação de si – em *Almas mortas*, a figura de Tchitchikof tem domínio sobre o próprio narrador: “os leitores não devem ficar indignados com o autor [...], o culpado disso é Tchítchikov, ele é quem manda aqui, e para onde ele inventar de ir, teremos de segui-lo”<sup>445</sup> – e a constante preocupação do herói em ser polido para com o outro, quando escondia, como em Policarpo, o desejo de ser agressivo.<sup>446</sup> Gabriela Betella diria mesmo que o cronista de “Bons dias!” é um “Tchitchikof brasileiro”.<sup>447</sup>

Apresentado o nome do cronista e defendida a autonomia de sua identidade, é necessário agora recorrer a crônicas que possibilitem a percepção da “configuração de um

<sup>441</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 140-141.

<sup>442</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 110n.

<sup>443</sup> DUARTE. *Estratégias de caramujo*, p. 249.

<sup>444</sup> DUARTE. *Estratégias de caramujo*, p. 249.

<sup>445</sup> GOGOL. *Almas mortas*, p. 290.

<sup>446</sup> Cf. GOGOL. *Almas mortas*, p. 15-20.

<sup>447</sup> BETELLA. Gabriela Kvacsek. *Bons dias!: o funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados*: as crônicas de Machado de Assis, p. 136.

discurso específico”.<sup>448</sup> Conforme já discutido, as reflexões de Policarpo giram, em sua maioria, em torno de “relógios desacertados” e as tentativas otimistas de acertar seus ponteiros. O desacerto político entre os partidos Liberal e Conservador já havia aparecido na primeira crônica da série. Como a escravidão chegava ao fim – e a abolição seria uma “medida liberal por excelência” –,<sup>449</sup> esperado era que os liberais fossem chamados ao poder, o que não ocorreu:

Um exemplo. O Partido Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair, com o relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu, que seria o chapéu Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da Chapelaria Aristocrata); era só pô-lo na cabeça, e sair. Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio estava adiantado, ou o de Sua Alteza é que se atrasara. Quem os porá de acordo?<sup>450</sup>

O desacerto entre os relógios em “Bons dias!”, entretanto, não se resume à política, aparecendo também em questões de língua. Policarpo critica zombeteiramente, em três crônicas,<sup>451</sup> o interesse do latinista Castro Lopes na criação, a partir do latim, de neologismos que substituíssem os termos importados do francês:

Pego na pena com bastante medo. Estarei falando francês ou português? O Sr. Dr. Castro Lopes, ilustre latinista brasileiro, começou uma série de neologismos, que lhe parecem indispensáveis para acabar com palavras e frases francesas. Ora, eu não tenho outro desejo senão falar e escrever corretamente a minha língua; e se descubro que muita coisa que dizia até aqui, não tem foros de cidade, mando este ofício à fava, e passo a falar por gestos.<sup>452</sup>

Até a publicação dessa crônica, a 7 de março de 1889, Castro Lopes já havia escrito artigos sugerindo, com sua “mistura de pedantismo, de humor pesado e de nacionalismo barato”,<sup>453</sup> três substituições: “*réclame*” deveria ser trocada por “preconício”; “*pince-nez*”, por “nasóculos”; “*cache-nez*”, por “focale”. Por essas e outras propostas, o cronista não pouparia críticas ao latinista, chegando mesmo a dizer, na crônica de 22 de março de 1889, que, antes do último neologismo proposto por Castro Lopes, “tinha eu suspeita, nunca revelada, de que o

<sup>448</sup> PEREIRA. A correspondência de Fradique Mendes: entre a biografia e a ficção, p. 353.

<sup>449</sup> GLEDSON. Introdução: In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 25.

<sup>450</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

<sup>451</sup> Publicadas nos dias 7 e 22 de março e 20 de abril de 1889 (cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 247-251; 257-259; 265-267).

<sup>452</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 247.

<sup>453</sup> Essa síntese foi feita por John Gledson (ASSIS. *Bons dias!*, p. 250n).

fim secreto do nosso eminente latinista, era pôr-nos a falar volapuque”,<sup>454</sup> exemplificando: “no dia em que eu, pondo os meus *nasóculos*, comprar um *focale* e um *lucivelo*, para fazer *preconício* no *Concião*, se não falar volapuque, é que estou falando cartaginês.”<sup>455</sup> Sem pudor algum, dirá o cronista no texto de 7 de março de 1889 que

nunca comi *croquettes*, por mais que me digam que são boas, só por causa do nome francês. Tenho comido e comerei *filet de boeuf*, é certo, mas com a restrição mental de estar comendo *lombo de vaca*. Nem tudo, porém, se presta a restrições; não poderia fazer o mesmo com as *bouchées de dames*, por exemplo, porque *bocados de senhoras* dá ideia de antropofagia, pelo equívoco da palavra.<sup>456</sup>

Ainda despidoradamente dirá que, caso o latinista venha a sofrer de *spleen*, terá-de sofrê-lo em inglês, sem pedir o nome disso ao general Luculo,<sup>457</sup> ou seja, sem procurar o termo latino para o “tédio da vida”, pois apenas termos advindos do francês, a língua de maior divulgação no Oitocentos, pareciam incomodá-lo. Assim, “aprova xale, por vir do persa”.<sup>458</sup> O cronista, em meio à galhofa, expressa uma oposição sensata: “há nomes que, vindo embora do francês, não tenho dúvida de empregar, pela razão de que o francês apenas serviu de veículo; são nomes de outras línguas”, mostrando que a questão dos empréstimos linguísticos era muito mais complexa do que o faria supor Castro Lopes. Assim, não duvida de que um vocábulo abonado pelo latinista – “xale” –, por vir do persa, bem poderia ter passado antes pelos franceses, por intermédio da língua inglesa – “*shawl*” –, que o teria recebido do oriente. Os ponteiros das línguas, pelo que parece mostrar o cronista, não marcam a mesma hora, e a tentativa do latinista Castro Lopes de pôr “ordem no caos” seria condenável e, mais que isso, estaria fadada inevitavelmente ao fracasso.

A necessidade de atentar para o tempo próprio de cada coisa, sem esperar dos relógios que marquem sempre a mesma hora, também pode ser visualizada na reação do cronista diante dos curandeiros. Conforme já foi discutido, não era com bons olhos que Policarpo via o espiritismo. Com relação aos curandeiros e seus xaropes milagrosos, entretanto, mesmo mantendo o tom galhofeiro – “não sou curandeiro, eu não tenho parente curandeiro, não conheço curandeiro, e nunca vi cara, fotografia ou relíquia, sequer de curandeiro. Quando

<sup>454</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 257. O volapuque foi uma língua artificial propagada em 1879, para comunicação internacional, pelo padre alemão Johan Martin Schleyer (ASSIS. *Bons dias!*, p. 145n).

<sup>455</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 257.

<sup>456</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 247.

<sup>457</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 247. Assim está na edição consultada – “Luculo”. O dicionário de Caldas Aulete, na seção “Vocabulário onomástico”, traz “Lúculo” (AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, p. 5481).

<sup>458</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 247.

adoeço não é de espinhela caída, – coisa que podia aconselhar-me a curandeira; é sempre de moléstias latinas ou gregas” –, assim se manifesta em relação ao aumento no número de curandeiros apanhados pelo polícia:

punamos o curandeiro, mas não esqueçamos que a curandeira foi a célula da medicina. Os primeiros doentes que houve no mundo, ou morreram ou ficaram bons. Interveio depois o curandeiro, com algumas observações rudimentárias, aplicou ervas, que é o que havia à mão, e ajudava a sarar ou a morrer o doente. Daí vieram andando, até que apareceu o médico.<sup>459</sup>

Também nesse caso, parece o cronista alertar para o descompasso de dois relógios – o do curandeirismo e o da medicina –, causa da perseguição que vinham sofrendo os adeptos da primeira prática. Na mesma crônica de 29 de agosto de 1889, em contraponto, pedirá Policarpo punição aos espíritas – cuja doutrina, segundo foi visto, pregaria o “acerto dos ponteiros”, ou a perfeição progressiva das almas: “Eu, legislador, mandava fechar todas as igrejas dessa religião, pegava dos religionários e fazia-os purgar espiritualmente de todas as suas doutrinas”.<sup>460</sup>

É provável que o cronista deva seu pendor para tratar de assuntos relacionados ao tempo ao antigo ofício de relojoeiro; o descompasso dos ponteiros não seria o único tema tratado, como pode ser comprovado pela crônica de 26 de agosto de 1888. Valendo-se do agrado que diz sentir pela forma como os estudos de geólogos e astrônomos lidam com os números, reflete acerca da relatividade do tempo e da ilusão humana de o ter inventado:

Como essa gente joga os milhões e bilhões! Para eles umas mil léguas representa pouco mais que de Botafogo ao Catete... [...] E o tempo? Quem não tiver cabeça rija cai por força no chão; dá vertigens todo esse turbilhão de números inumeráveis. Ainda não vi astrônomo que, metendo a mão no bolso, não trouxesse pegados aos dedos uns dez mil anos pelo menos. Como lhes devem parecer ridículas as nossas semanas! [...] Se eu tivesse vagar ou disposição, puxava os colarinhos à filosofia e diria naquele estilo próprio do assunto que esta nossa deleitação a respeito dos trilhões astronômicos é um modo de consolar a brevidade dos nossos dias e do nosso tamanho. Parecemos assim que nós é que inventamos os tempos e os espaços; e não somente as dimensões e os nomes. Uma vez que inventamos, é que eles estavam em nós.<sup>461</sup>

Policarpo brinca com as dimensões temporais, mostrando como o tempo pode ser relativo, quando manipula a própria idade. Na mesma crônica em que ao leitor revela seu

<sup>459</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 296.

<sup>460</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 297.

<sup>461</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 166.

nome, a de 1º de junho de 1888, embora não declare expressamente a idade – 62 anos –, permite depreendê-la quando diz que, a 1831, tinha cinco anos e já sabia ler.<sup>462</sup> Já foi citado nesta dissertação um artigo que saiu na seção “Revistinha” da *Gazeta de Notícias* de 2 de agosto de 1889, comemorativa do aniversário da folha de Ferreira de Araújo, sobre os vários cronistas do jornal.<sup>463</sup> Na parte sobre “Bons noites!” – conforme já visto, essa era a forma pela qual os contemporâneos de Machado de Assis tratavam o cronista de “Bons dias!” –, é ridicularizado o sucesso alcançado pela sua série, suposta responsável pelo aumento na tiragem da *Gazeta de Notícias*. No intuito de se “defender” do que considera “calúnias de um quarentão inventivo e implicante”,<sup>464</sup> Policarpo apela para uma suposta mocidade: não tendo presenciado, por ainda não ter nascido, a “grande enchente de 1864”,<sup>465</sup> seria mais jovem que o “quarentão” que o provocara – não teria alcançado ainda os 25 anos, portanto – e poderia rir dele à vontade.<sup>466</sup> É muito provável que esse súbito “rejuvenescimento” do cronista esteja ligado ao desejo de fazer pilhéria e enaltecer suas próprias qualidades, afinal, “jovem simples, bom caráter, mansueto, de chapéu na mão” que era,<sup>467</sup> seria, não sem razão, digno de louvores pelo aumento na tiragem da *Gazeta*.

Pode estar também nessa “pilhéria”, a “mudança” de idade, questionamento quanto à relação que o homem mantém com o tempo: ele vive na ilusão de que é inventor do tempo e possui o controle sobre ele, como diz o cronista em 26 de agosto de 1888, mas se esquece de que dispõe apenas das “dimensões” e dos “nomes”, ou seja, instrumentos e normas para a contagem do tempo. Se o cronista de 62 anos, que há pouco abandonara a relojoaria, se apresenta agora como um jovem de menos de 25 anos, é talvez porque duvide da própria capacidade do homem de contar o tempo e, mesmo, “fixá-lo”: não nos esqueçamos de que foi justamente a descrença na possibilidade de acertar os relógios, na pressuposição de um tempo “uno” e “absoluto” – “tanto pode estar certo o meu relógio quanto o do meu vizinho”<sup>468</sup> –, que o fizera desistir do ofício, abraçando a carreira de cronista. Não deixaria, ainda, de ser um “profissional do tempo”, pois a crônica é o “tempo feito texto”, uma “escrita do tempo”.<sup>469</sup>

<sup>462</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 123.

<sup>463</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 283n. Nesta dissertação, trecho do artigo foi citado na página 71.

<sup>464</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 281.

<sup>465</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 281.

<sup>466</sup> O cronista aproveita para lembrar, vantajosamente para seu lado, que, após a “novidade” que introduzira na *Gazeta de Notícias*, “saudando-os [os leitores] antes de começar [seu discurso]” (ASSIS. *Bons dias!*, p. 281), o número de assinantes da folha, que nunca passara de onze a treze – com sete (!) leitores –, finalmente aumentara.

<sup>467</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 281.

<sup>468</sup> ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

<sup>469</sup> NEVES. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas machadianas, p. 82.

Na composição de “Bons dias!”, a principal “novidade” trazida não é a boa educação que o cronista afirma ter no trato com o seu leitor – o que dita, sim, o tom da série. Enquanto outros cronistas se preocupavam em “registrar” o tempo em que viviam, fornecendo sobre ele os comentários mais diversos, Policarpo vai além: à medida que percebe que cada relógio tem seu próprio tempo, colaborando para um desacerto permanente, escreve um relato agressivo e marcante “contra” qualquer tentativa de unificação do tempo. Falhara nesse objetivo, quando era relojoeiro. Cronista, não haveria porque não denunciar o que sugere ser a principal causa das contradições do homem: o não reconhecimento de que o tempo é relativo e de que o mundo é uma terra de relógios discrepantes. Para escrever a série, adotou um discurso difuso, apontando para várias direções, sempre com galhofas e pilhérias. Não deixa pedra sobre pedra, impondo-se a todo instante e rebaixando até mesmo o leitor. Embora se despeça dele ao fim de cada crônica com os “boas noites”, não dedica a última crônica para falar sobre o fim da série – não há, portanto, uma despedida, embora ele nunca mais volte. Na última crônica, apenas reforça a posição contrária ao espiritismo, o que, como já foi discutido, é paradigma de sua oposição a toda tentativa de simplificação do tempo.<sup>470</sup> Somente ele estaria apto a conhecer os homens, relógios em eterno desacerto.

O próximo capítulo é dedicado ao cronista d’“A semana”, que, conforme será estudado, adota uma postura distinta da de Policarpo perante os fatos que comenta. A “alma exterior” Brás ali dá lugar ao espírito de Aires, interessado e ao mesmo tempo enfasiado do homem e seus problemas. Ao final, será possível observar que são “dois cronistas”, que, lado a lado, mostram a forma como Machado de Assis questionou a concepção de um sujeito uno e sem fraturas, possibilitando, na literatura, o desdobramento do ser em várias personalidades.

---

<sup>470</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 233.

### 3 “A SEMANA” (1892-1893)

Este capítulo volta-se para outra série de crônicas e “outro cronista”. Quanto à série, convém retomar a breve crítica que a ela fez Artur Azevedo (A. A.) em sucinta biografia de Machado de Assis publicada pel’*O Álbum* de janeiro de 1893 – o cronista estava, pois, no seu segundo e intenso ano de atividade: “Atualmente escreve Machado de Assis, todos os domingos, na *Gazeta de Notícias*, uns artigos intitulados *A Semana*, que noutra país mais literário que o nosso teriam produzido grande sensação artística.”<sup>471</sup> Para John Gledson, tal fragmento mostra a “consciência de que se tratava de obras com pretensões literárias um pouco acima da norma deste gênero”.<sup>472</sup> De alguma forma, Artur Azevedo já esboçava a distinção entre literatura e ficção, estabelecida por Luiz Costa Lima em *História. Ficção. Literatura*. Esse teórico cita, inclusive, a crônica – e, particularmente, a crônica machadiana:

A crônica, esse comentário geralmente leve e lírico do cotidiano, tão presente no Brasil, tampouco pertence ao campo do ficcional. Ao contrário, a atenção a certas crônicas de Machado mostraria que sua montagem de documentos e reflexões as separa tanto da ficção quanto da análise historiográfica.<sup>473</sup>

Sem pertencer ao campo do ficcional, “A semana” pertence àquelas modalidades oscilantes a que se refere Costa Lima – os gêneros literários que não se encaixam na estrita ficção, “muitas vezes auxiliares da história social”, sem nela se esgotarem.<sup>474</sup> A percepção de Artur Azevedo, por exemplo, quanto à “sensação artística” que essas crônicas poderiam produzir, se fossem publicadas em país mais preocupado com questões literárias, é um bom argumento em favor de uma leitura que, sem desprezar o que as crônicas podem dizer a respeito dos primeiros anos da República no Brasil, valorize o que nelas é elaboração literária e diálogo profícuo com a tradição cultural do Ocidente. O conhecimento do contexto de publicação das crônicas, sem dúvida, não prejudica o estudo aqui empreendido – das séries como obras de “cronistas” distintos do indivíduo empírico Machado de Assis –, mas até o auxilia, uma vez que é importante conhecer o “mundo” em que viveu, alegoricamente, o “cronista d’*A semana*” – cronista que é *mais um* da galeria de cronistas machadianos, segundo a hipótese defendida nesta dissertação.

<sup>471</sup> Citado por: SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 34.

<sup>472</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*, p. 13.

<sup>473</sup> COSTA LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p. 382.

<sup>474</sup> COSTA LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p. 382.

Como já feito com “Bons dias!”, será lembrado o quadro político dos anos em que foi publicada “A semana” – lembrando que apenas seus dois primeiros anos de publicação constituem preocupação deste trabalho (1892-1893)<sup>475</sup> –, além de refletir acerca da história editorial de suas crônicas. No primeiro tópico deste capítulo – “Recepção crítica d’“A semana”” –, é apresentado um diálogo com importantes leituras já realizadas dessa série, como as empreendidas, sob perspectivas bem distintas, por Agrippino Grieco e John Gledson.<sup>476</sup> No segundo tópico – “À sombra de Aires: o cronista enfasiado” –, a hipótese da fratura do sujeito machadiano é desenvolvida a partir de sugestões presentes no *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, de Lúcia Miguel Pereira, e na pesquisa de Gabriela Kvacek Betella sobre os “narradores” machadianos dos últimos romances e séries de crônicas.<sup>477</sup>

Em relação ao contexto político de publicação d’“A semana”, é válido citar o panorama desenhado pela última estudiosa citada, Gabriela Betella:

O governo Floriano Peixoto é um dos períodos mais complexos da história política do Brasil. Além dos problemas que culminaram na renúncia de Deodoro no final de 1891, houve manifestações contrárias à subida de Floriano, tida como inconstitucional. A campanha federalista e a Revolta da Armada aconteceram praticamente ao mesmo tempo; a agitação dos jacobinos e dos monarquistas perturbou a ordem pública, principalmente com as passeatas e o empastelamento de diversos jornais. Tanta inquietação refletia, no ritmo acelerado, as dificuldades do ajuste entre o governo militar e as oligarquias estaduais, mesmo porque, até o final do governo Floriano, havia forte oposição ao grande capital, como também ao bacharelismo. Todavia, o acerto vem logo, rearticulando as antigas bases do sistema de dominação no espaço do poder.<sup>478</sup>

Com efeito, o clima de inquietação e perturbação traçado por Gabriela Betella apareceria, de alguma forma, nas crônicas d’“A semana” – intermediado, evidentemente, pelo cronista. John Gledson chega a afirmar que, “se há uma história para contar que ligue as crônicas como um todo, ela baseia-se na reação de Machado à cena política e social que o cercava, num período muito turbulento.”<sup>479</sup> Quanto à *Gazeta de Notícias*, folha em que regularmente saíram as crônicas d’“A semana” de 24 de abril de 1892 a 28 de fevereiro de 1897, a situação era de oposição ao governo “e até certo ponto ao próprio regime

<sup>475</sup> As razões para esse corte temporal estão explicitadas na Introdução desta dissertação (p. 16-17). São consideradas, na análise, as crônicas publicadas entre 24 de abril de 1892 e 26 de novembro de 1893.

<sup>476</sup> Cf. GRIECO. Machado de Assis; GLEDSON. Introdução. In: *A semana: crônicas (1892-1893)*; GLEDSON. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*.

<sup>477</sup> BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esauí e Jacó e Memorial de Aires)* e a simulada displicência das crônicas (*Bons dias!* e *A semana*).

<sup>478</sup> BETELLA, 2007, p. 203

<sup>479</sup> GLEDSON. In: ASSIS, 1996, p. 12

republicano.”<sup>480</sup> Machado, que “nunca fora republicano”,<sup>481</sup> compartilhava, pois, em essência, das ideias do jornal. Dentre os fatos importantes que a série cobriria, talvez sejam dignos de nota a morte de Deodoro da Fonseca, a 22 de agosto de 1892; a aprovação do projeto que permitia a imigração de chineses para o Brasil, a 16 de setembro de 1892; e a eclosão da Revolta da Armada na baía da Guanabara, liderada pelo almirante Custódio de Melo, a 6 de setembro de 1893.<sup>482</sup> A *Gazeta*, ao tentar desafiar a rígida censura governamental durante a Revolta, teve sua circulação suspensa por alguns dias, em dezembro, após a última crônica d’“A semana” publicada naquele ano, a 26 de novembro.<sup>483</sup>

Magalhães Júnior, em sua biografia de Machado de Assis, situa o início da publicação d’“A semana” em relação à contribuição do escritor para a *Gazeta*, indicando uma característica particular da série, em relação às outras que escrevera para aquele jornal:

No mês de abril [de 1892], logo depois de terminada a publicação desse conto [“O caso Barreto”, publicado parceladamente pel’*A Estação* em suas edições de 15 e 31 de março e 15 de abril de 1892], voltaria [Machado] regularmente às colunas da *Gazeta de Notícias*, para aí publicar uma série de crônicas admiráveis, com o título de “A semana”. Em cada domingo, traçava um comentário, às vezes humorístico, às vezes satírico ou irônico e, mais raramente, lírico e sentimental, sobre os acontecimentos ocorridos no Brasil e no mundo, nos sete dias anteriores. Mas, curiosamente, deixaria de assinar esses textos, quer com o seu nome, quer com um antigo ou novo pseudônimo. Nem João das Regras, nem Lélío, nem Malvólio, nem qualquer outro, ainda mesmo uma simples inicial... Para quê?<sup>484</sup>

A resposta viria na sequência do texto – para Magalhães Júnior, a situação nova causada pela falta de uma assinatura n’“A semana” poderia ser explicada pela suficiência do “estilo pessoal [de Machado de Assis], inconfundível, para a identificação de autoria”.<sup>485</sup> Se o estilo não fosse suficiente, porém, para a identificação de Machado como autor – dada a remota possibilidade, mas não nula, de uma tentativa de pastiche por escritor contemporâneo –, não faltariam testemunhos. Além daquele oferecido no primeiro parágrafo deste capítulo – a breve crítica que faz Artur Azevedo acerca d’“A semana” n’*O Álbum* de janeiro de 1893 –, poderia ser citada carta de Joaquim Nabuco, datada de 16 de março de 1897 – posterior, portanto, ao término da série a 28 de fevereiro daquele ano –, em que ele pergunta a José

<sup>480</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 14.

<sup>481</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 16.

<sup>482</sup> Cf. a Cronologia inclusa por John Gledson em sua edição d’“A semana” [ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 35-38].

<sup>483</sup> Cf. SODRÉ. *História da imprensa no Brasil*, p. 301; ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 11.

<sup>484</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis: vida e obra*, v. 3, p. 245.

<sup>485</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis: vida e obra*, v. 3, p. 245.

Veríssimo: “Diga-me por favor o que tem o Machado, porque vejo que não está mais escrevendo aos domingos na *Gazeta*.”<sup>486</sup> Em último caso, ainda que os contemporâneos não tivessem deixado depoimentos da publicação d’“A semana” por Machado de Assis, bastaria a verificação da história editorial das crônicas para a identificação de autoria: diferentemente das outras séries machadianas, cujas crônicas conheceram somente a versão no jornal, seis crônicas d’“A semana” conheceriam, em vida do autor, a publicação em livro.

Lançadas originalmente em 1899, as *Páginas recolhidas* traziam, além de oito contos – como “O caso da vara” e “Missa do galo”, só para citar algumas obras-primas machadianas no gênero – e quatro outros trabalhos – incluindo a peça *Tu, só tu, puro amor* –, uma seção intitulada “Entre 1892 e 1894”. Nesta seção, trouxe Machado de Assis para o suporte livro seis de suas crônicas d’“A semana”, dando-lhes títulos. Na ordem em que aparecem nas *Páginas recolhidas*, foram reeditadas as crônicas de 17 de julho de 1892 – no livro, sob o título “*Væ soli!*” –, 26 de novembro de 1893 – intitulada “Salteadores da Tessália” –, 4 de setembro de 1892 – “O sermão do Diabo” –, 3 de junho de 1894 – “A cena do cemitério” –, 22 de julho de 1894 – “Canção de piratas” – e 8 de outubro de 1893 – intitulada “Garnier”.<sup>487</sup> Em edições das *Páginas recolhidas* posteriores à morte de Machado de Assis, tem sido comum, sob o pretexto de já estarem as referidas crônicas enfileiradas nos volumes de “A semana”, a exclusão delas do livro de 1899.<sup>488</sup> Entretanto, lá estão, talvez como testemunho maior da consciência que tinha seu autor do valor literário que a crônica pode encerrar.<sup>489</sup>

Machado de Assis justifica, no Prefácio às *Páginas recolhidas*, a inclusão das crônicas no volume com a lembrança de que são “alguns retalhos de cinco anos de crônica na *Gazeta de Notícias* que me pareceram não destoar do livro, seja porque o objeto não passasse inteiramente, seja porque o aspecto que lhe achei ainda agora me fale ao espírito.”<sup>490</sup> Um dos argumentos machadianos para a republicação das crônicas – o objeto que não passou

---

<sup>486</sup> Citado por: SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 34. Em Portugal também se sabia que “A semana” era da autoria de Machado de Assis. A crônica de 12 de maio de 1895 fora reproduzida na *Revista Moderna*, de Lisboa, com o título “O Fonetismo” e a nota seguinte: “Citamos hoje [...] a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, que fornece a seus leitores, entre outros bocados literários, pequenos artigos dominicais do ilustre poeta e prosador Machado de Assis, intitulados *A Semana*.” (SAYERS. Machado de Assis no Portugal do século XIX, p. 137).

<sup>487</sup> ASSIS. *Páginas recolhidas*, p. 263.

<sup>488</sup> Cf. NOTA dos editôres. In: ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 15, p. 5.

<sup>489</sup> Acertadamente, a edição mais recente da *Obra completa* machadiana da Aguilar preserva as crônicas no conjunto das *Páginas recolhidas*, como foi decidido pelo autor (cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 2, p. 616; 618; 620; 622; 624; 626). Essas crônicas não reaparecem no volume 4, dedicado ao gênero crônica; há, entretanto, remissão a elas, juntamente com as demais que constituem “A semana”, em Índice ao final desse volume (cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1448-1451).

<sup>490</sup> ASSIS. *Páginas recolhidas*, p. VIII.

inteiramente – aproxima-se daquele que, segundo Roberto Schwarz,<sup>491</sup> seria utilizado por Walter Benjamin, em notas de 1938, para entender a perenidade, passado quase um século, dos versos de *Les Fleurs du mal*: permaneceu virulenta essa poesia, como no seu momento de origem, não porque fosse jovem a poesia de Charles Baudelaire, “mas porque as circunstâncias que ela cala e frente às quais compôs a sua voz e personagem continuam de pé”.<sup>492</sup> Considerando, com esse estudioso, que “algo semelhante vale para Machado de Assis”,<sup>493</sup> é possível concluir que também as crônicas d’“A semana” não envelheceram – e é lamentável que não tenham ainda recebido, em sua integridade, a edição que merecem. Uma primeira tentativa foi a de Mário de Alencar, que organizou uma seleção das crônicas<sup>494</sup> e lhes antepôs uma Advertência, na qual registrou: “não me pareceu que [Machado de Assis] ficasse alheio ao pensamento de fazer a coleção. A demora em dá-la viria da falta de tempo para reler e escolher as crônicas”.<sup>495</sup> Na edição Jackson das *Obras completas* e nas edições nela baseadas,<sup>496</sup> “A semana” apareceria em três volumes eivados de erros.<sup>497</sup> Em 1957, Aurélio Buarque de Holanda seria o responsável por uma nova edição d’“A semana” nas *Obras completas*, mais cuidadosa que a anterior, segundo Gledson, embora ainda ignorando “evidentes erros de impressão”.<sup>498</sup> Na *Obra completa* organizada por Afrânio Coutinho, apenas uma seleção das crônicas foi oferecida aos leitores.<sup>499</sup>

Atualmente, o pesquisador de Machado de Assis conta somente com uma edição anotada – de parte (1892-1893) – d’“A semana”, preparada por John Gledson.<sup>500</sup> Trata-se da edição utilizada nesta dissertação, embora também tenha sido consultada edição das *Obras completas* posterior a 1957.<sup>501</sup> A carência de edições completas e com o devido aparato não implica, todavia, terem sido as crônicas d’“A semana” ignoradas pelos estudiosos brasileiros. Geralmente, são elas as mais presentes – quando não as únicas – nas antologias de crônicas de Machado de Assis.<sup>502</sup> No volume da coleção “Nossos clássicos”, da editora Agir, por exemplo

<sup>491</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 11.

<sup>492</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 11.

<sup>493</sup> SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p. 12.

<sup>494</sup> ALENCAR. *A semana*.

<sup>495</sup> ALENCAR. Advertência, p. 7.

<sup>496</sup> Cf. ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 26-28.

<sup>497</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 11.

<sup>498</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 11.

<sup>499</sup> ASSIS. *Obra completa*, v. 3. Na edição mais recente da Nova Aguilar, organizada por Aluizio Leite, Ana Lima Cecilio e Heloisa Jahn, as crônicas aparecem em sua totalidade (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 879-1376).

<sup>500</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893).

<sup>501</sup> ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 26-28.

<sup>502</sup> Cf. ASSIS. *Machado de Assis*: crônicas; ASSIS. *Fuga do hospício* e outras crônicas; ASSIS. *Melhores crônicas*; ASSIS. *A economia em Machado de Assis*: o olhar oblíquo do acionista; ASSIS. *Machado de Assis afro-descendente*: escritos de caramujo [antologia].

– antologia organizada por Eugênio Gomes –,<sup>503</sup> todas as crônicas selecionadas pertencem a “A semana”, situam-se entre 19 de junho de 1892 e 24 de janeiro de 1897. Na Apresentação ao referido volume, Eugênio Gomes não justifica, explicitamente, a presença exclusiva de crônicas d’“A semana” no volume – outras séries ganharam, a bem da verdade, referências no estudo crítico que ele fez, propondo uma interessante diferenciação dos pseudônimos machadianos que assinaram as diversas séries, quanto à tonalidade psicológica e ao estilo dominante.<sup>504</sup> Apesar disso, não fez questão de coletar crônicas que não fossem d’“A semana” para o volume que preparou. É possível depreender, pela leitura que Eugênio Gomes fez da última série machadiana, uma possível razão para a exclusividade d’“A semana” em um volume que, *a priori*, deveria ser o mais representativo possível da presença do gênero crônica na obra de Machado de Assis. Afirma ele:

Em seu derradeiro e mais notável período, d’*A Semana*, [Machado de Assis] escolheu o anonimato puro e simples; tornara-se escusado recorrer a novos pseudônimos, já que *o estilo de suas crônicas estava definitivamente identificado com a sua personalidade e não havia mais como disfarçá-la. A crônica é sempre a expressão de uma personalidade*, e como tal se distingue de qualquer outro trabalho, tanto quanto uma autobiografia, e, a certos aspectos, ainda melhor.<sup>505</sup>

A identificação que faz esse autor entre o estilo das crônicas e a personalidade de Machado de Assis seria levada a grau extremo quando afirma que, “não obstante suas dissimulações, [...] o cronista era invariavelmente *o homem Machado de Assis*, cujos desígnios não mudavam, apesar de quaisquer aparências em contrário.”<sup>506</sup> A levar adiante a afirmação de Eugênio Gomes, pensando na hipótese do sujeito fraturado, é possível propor alguns questionamentos – ainda que para depois contestá-los. Teria sido “A semana” obra de um Machado de Assis “ortônimo”, “ele-mesmo”, enquanto os “outros” seriam os cronistas das séries anteriores? A leitura d’“A semana” seria capaz de propiciar o conhecimento do “verdadeiro” Machado de Assis, sem as máscaras – Lélío, Malvólio, Policarpo, entre outras – de tempos anteriores? Como possível explicação da resistência machadiana à publicação de mais páginas d’“A semana” em livro do que as contidas nas *Páginas recolhidas*, Eugênio Gomes sugere que teria Machado de Assis “deixado muito de si próprio em suas crônicas” e afirma que ele “não era dado a confissões, resguardando-se, como um molusco, em seus

<sup>503</sup> ASSIS. *Machado de Assis: crônicas*.

<sup>504</sup> GOMES. Apresentação, p. 9 *et seq.*

<sup>505</sup> GOMES. Apresentação, p. 11, grifo nosso.

<sup>506</sup> GOMES. Apresentação, p. 14, grifo nosso.

escritos”.<sup>507</sup> É o próprio crítico baiano que ajuda, provisoriamente, na resposta a essas questões, quando se depara com uma característica d’“A semana” que, parece-nos, não pode, sem consequências, ser transferida ao indivíduo empírico Machado de Assis:

Diligenciando talvez fugir a isso [a crônica como expressão da personalidade], Machado de Assis, nessa última etapa [“A semana”], embuçado de filósofo, inculca-se como um pequeno burguês que, para deixar transparecer superioridade social, chama à fala de vez em quando o mordomo, um respeitoso José Rodrigues, com o qual troca ideias sobre assuntos do dia.<sup>508</sup>

O que Eugênio Gomes viu como “fuga” pode ser, também, efeito da fratura do sujeito. Enquanto em sua antologia, “A semana” parece afigurar-se como a expressão mais perfeita de um sujeito definido e “inteiro” – o “gênio” Machado de Assis, poder-se-ia dizer, sob uma perspectiva romântica –, parece-nos, ao contrário, que tal série aponta, assim como “Bons dias!”, para mais um efeito do sujeito fraturado. A retomada que o crítico faz da imagem do burguês cronista d’“A semana”, conversando com o “mordomo” é importante, inclusive, para a argumentação apresentada no tópico 2 deste capítulo – “À sombra de Aires: o cronista enfasiado” –, em que a leitura d’“A semana”, longe de revelar por si só a individualidade machadiana, é vista como possibilidade para a exploração de um cronista distinto daquele que escreveu “Bons dias!”, mas não um suposto ortônimo. O cronista d’“A semana”, é preciso ressaltar, parece ser um autor literário e ter uma visão de mundo própria, ainda que o projeto heteronímico da série seja mais livre, conforme se verá no tópico 2 deste capítulo, do que o empreendido em “Bons dias!”. Antes, porém, de apresentar a proposta de interpretação deste trabalho para a série, é preciso conhecer a que conclusões chegaram outras leituras, destacando os pontos em que elas convergem para uma leitura d’“A semana” como resultado da fratura do sujeito.

### 3.1 Recepção crítica d’“A semana”

A recepção das crônicas d’“A semana” entre a crítica especializada não provocou, decerto, uma polêmica como aquela a que “Bons dias!” deu ensejo. Isso não significa,

---

<sup>507</sup> GOMES. Apresentação, p. 13.

<sup>508</sup> GOMES. Apresentação, p. 11.

obviamente, que tenha sido sempre lida da mesma maneira ou que não tenha chamado a atenção por algum aspecto em particular. No texto que introduz este capítulo, por exemplo, já foi citada a crítica extremante positiva que Artur Azevedo pôde elaborar, ainda durante o período de escrita e publicação das crônicas d’“A semana”. De uma maneira geral, diferentemente das crônicas de “Bons dias!”, o “escritor Machado de Assis” sempre foi considerado o autor da série. É ela que, na maioria das vezes, tem representado o Machado cronista – o que ele escreveu de melhor no gênero –, como comprovam sua presença abundante em republicações de suas crônicas e a “vida própria” que algumas das crônicas adquiriram, como a conhecida pelo título “O punhal de Martinha”, publicada originalmente a 5 de agosto de 1894.<sup>509</sup>

Enquanto “Bons dias!” não pôde ser consultada pela biógrafa Lúcia Miguel Pereira para a composição de sua pioneira biografia de Machado de Assis,<sup>510</sup> “A semana” teria em suas páginas um lugar especial, o que deu à escritora a oportunidade de procurar pelo que chamava “alma exterior”, ou “tipo”, que teria acompanhado Machado pela vida toda.<sup>511</sup> Relacionando esse “tipo” a uma preocupação crítica de fundamentação biográfica – saber como teria Machado reagido à “necessidade de policiar-se, de não ter o derramamento do mestiço, nem a impulsividade do nevropata” –,<sup>512</sup> a autora delimita como “primeira encarnação” dessa “alma exterior” o pseudônimo Job, com que Machado de Assis assinou crônicas para o *Diário do Rio de Janeiro*. Lúcia Miguel Pereira, evidentemente, em nenhum momento emprega a noção de heteronímia como elemento interpretativo para os desdobramentos da personalidade de Machado de Assis. Nota, entretanto, que o Job do *Diário do Rio* teria funcionado para Machado mais do que como um mero pseudônimo, “nome falso”.<sup>513</sup>

Tamanha seria a força desse “tipo”, representado na juventude machadiana pelo Job do *Diário do Rio*, que ele “se foi confundindo” com o autor, acabando por dominá-lo. Para

<sup>509</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*, p. 11.

<sup>510</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*.

<sup>511</sup> Cf. PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243. É provável que Lúcia Miguel Pereira tenha tomado a expressão “alma exterior” do conto de Machado de Assis “O espelho (esboço de uma nova teoria da alma humana)”, publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* de 8 de setembro de 1882 e selecionado pelo seu autor, no mesmo ano, para a coletânea *Papéis avulsos* (cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 2, p. 322-328). Em certo momento do conto, um personagem põe-se a distinguir as duas almas que cada criatura traria consigo. A “alma exterior” teria como ofício “transmitir a vida, como a primeira”, podendo ser “um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação.” (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 2, p. 323).

<sup>512</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243.

<sup>513</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243.

Miguel Pereira esse tipo seria, na maturidade machadiana, o espírito do Conselheiro Aires.<sup>514</sup> Como diplomata aposentado, homem cortês e ponderado, mais interessado em ficar à margem da existência para poder apreciar o espetáculo da vida humana foi como a biógrafa descreveu essa “alma exterior” machadiana.<sup>515</sup> É sabido que Aires é “pseudoautor” de dois romances de Machado de Assis, *Esau e Jacob* e o *Memorial de Aires*, que traz o nome do Conselheiro no título. Para Miguel Pereira, mais que um narrador-personagem, seria Aires figura essencial para a compreensão crítica e biográfica de Machado, dado que cristalizaria as “reminiscências de leituras e recordações da mocidade”, “um pouco de Montaigne, alguma coisa de Renan, traços dos parlamentares do Segundo Reinado e do Monsieur Bergeret de Anatole France”.<sup>516</sup> A partir de certo momento – para Miguel Pereira, propiciado pela elevação social do escritor –, uma “fusão” teria se operado entre Machado e Aires, de forma que, “em 1892, quem escreve os folhetins da *Semana*, sob o pseudônimo de Machado de Assis (*sic*), é o velho Aires.”<sup>517</sup>

Miguel Pereira cita, sem fazer referência a data, trecho de crônica d’“A semana” de 14 de agosto de 1892 – página, portanto, do primeiro ano de publicação da série. Diz o cronista, dirigindo-se a sua pena, no fragmento transcrito pela autora:<sup>518</sup> “Pena da minha alma, vai afrouxando os bicos; diminui esse ardor, não busques adjetivos, nem imagens, não busques nada, a não ser o repouso, o descanso físico e mental, o esquecimento, a contemplação que prende com o cochilo, o cochilo que expira no sono...”.<sup>519</sup> Para Miguel Pereira, não há dúvida: “Esse conselho, dado logo no início das colaborações semanais na *Gazeta de Notícias*, cheira a Aires. Desse momento em diante não é mais possível separar os dois sócias.”<sup>520</sup> Com efeito, a identificação entre os espíritos de Aires e “Machado de Assis” revelou-se marcante no decorrer da história da interpretação machadiana – a atribuição ao escritor de certo “tédio à controvérsia”<sup>521</sup> é recorrente manifestação dessa postura.

Já se perguntou, neste trabalho, se seria o caso, pensando na fratura do sujeito, de conceder ao cronista d’“A semana” – ou, ao gosto de Miguel Pereira, a Aires – o estatuto de “Machado ortônimo”. Considerando, entretanto, com investigações mais adiantadas, dirigidas ao fenômeno heteronímico complexo que se deu em Fernando Pessoa,<sup>522</sup> que também o “ele-

<sup>514</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243.

<sup>515</sup> Cf. PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 243.

<sup>516</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 244.

<sup>517</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 244-245.

<sup>518</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 245.

<sup>519</sup> ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*, p. 106.

<sup>520</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 245.

<sup>521</sup> ASSIS. *Esau e Jacob*, p. 89.

<sup>522</sup> Cf., v.g., SENA. *Fernando Pessoa & c.ª heterônima: estudos coligidos 1940-1978*.

mesmo” não deixa de ser fruto de uma fratura e, portanto, um heterônimo, é preciso destacar que, mesmo que seja essa a série com que Machado mais tenha se identificado pessoalmente, o simples ato de escrever já lhe obrigaria ao outramento, à criação de uma *persona*. É a própria Lúcia Miguel Pereira quem menciona, *en passant*, outra “alma exterior” que faria contraponto àquela d’“A semana”: “Um momento, Brás Cubas parece suplantar Aires no espírito de Machado, mas foi só um momento. De novo este volta, ocupa o antigo lugar, instala-se, aboleta-se para sempre.”<sup>523</sup> É preciso lembrar que Miguel Pereira não cita as crônicas de “Bons dias!” em seu estudo. Se as tivesse conhecido a tempo – a biógrafa veio a falecer em 1959, portanto apenas três anos após a primeira edição de “Bons dias!” –, talvez devesse admitir, em seu “estudo crítico e biográfico” que o “tipo” Brás não “suplantou” Aires apenas na experiência em romance das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Também em uma série de crônicas, conforme se procurou mostrar no capítulo anterior, a “alma exterior” – ou o heterônimo, para retomar aos termos deste trabalho – seria Brás Cubas, com todo seu caráter de impudor e volubilidade.

Em seu volume *Machado de Assis*, publicado 23 anos após a primeira edição (1936) da biografia de Miguel Pereira, Agrippino Grieco não teria o cuidado de separar o “cronista d’“A semana”” do homem Machado de Assis. “Protagonista” de seu livro crítico, Machado é ali estudado como escritor “superior ao gênero [crônica]”, o que teria tornado as crônicas d’“A semana” demasiado cerebrais, “antes para reflexão que para distração”.<sup>524</sup> É ambígua a forma como Grieco se refere àquelas crônicas. Em certos momentos, não lhes nega a qualidade – louva Mário de Alencar pela coletânea que fizera de algumas delas,<sup>525</sup> por exemplo, e coloca Machado ao lado somente de Eça de Queirós como o autor das melhores crônicas já impressas em jornais cariocas, com excertos superiores aos artigos que então se escreviam em Paris.<sup>526</sup> Em outros momentos, todavia, censura-lhe certas passagens – suficientes, segundo Grieco, para justificar a referência a Machado de Assis como “joalheiro do horrível”.<sup>527</sup> Diz o crítico:

Muitos dos temas de Machado [n’“A semana”] aturdiriam os seus consumidores dominicais, pobres burgueses desejosos de uma leitura amena, que lhes desse prazer no repouso de uma espreguiçadeira de varanda, e o prosador, não porque fosse fundamentalmente funéreo e mau, mas porque

<sup>523</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 244.

<sup>524</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 110.

<sup>525</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 109.

<sup>526</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 112.

<sup>527</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 111.

passara os olhos em [Jonathan] Swift, preferia falhar-lhes de remédios, úlceras, sarnas, erisipela, hidropisia.<sup>528</sup>

A par dos temas que desagradaram Grieco, entretanto, as crônicas d’“A semana” são para o crítico a oportunidade de encontrar “vários detalhes que esclareçam, no homem Machado, seus afetos e suas desconfianças”.<sup>529</sup> Ele aproxima, assim, as opiniões expressas n’“A semana” das que efetivamente teve Joaquim Maria Machado de Assis, ignorando a possibilidade, trazida pela modernidade, de crise do sujeito. A orientação não seria sensivelmente diferente no trabalho de Eugênio Gomes, anteposto como Apresentação ao volume de crônicas por ele organizado,<sup>530</sup> em que as crônicas d’“A semana” são estudadas como “registros do espírito do autor”, “a personalidade do autor”.<sup>531</sup> Tanto Agrippino Grieco como Eugênio Gomes puderam ter contato com a edição de “Bons dias!” organizada por Magalhães Júnior, em 1956. É interessante, portanto, que reconheçam mais em “A semana” o “espírito do autor” do que em uma série – “Bons dias!” – que, conforme se sabe, saiu no anonimato e teria propiciado ao cronista maior liberdade de expressão.

John Gledson, responsável pela primeira – e, até agora, única – edição anotada de parte d’“A semana”, dedicou a ela uma Introdução, republicada, com leves alterações, em seu *Por um novo Machado de Assis*.<sup>532</sup> Embora não fale, como Eugênio Gomes, na crônica como a escrita da personalidade do autor, afirma que foi “A semana” a série com que Machado mais teria se identificado pessoalmente.<sup>533</sup> O objetivo maior de seu texto é situar as crônicas no momento histórico, convicto de que o “conhecimento do contexto [é] um preliminar indispensável a toda compreensão válida delas [as crônicas], inclusive a literária”.<sup>534</sup> Não se preocupa com os aspectos literários das crônicas – aspectos que não contesta e caracteriza como “muitos e fascinantes”.<sup>535</sup> Ele não reconhece, quanto ao tom das crônicas, a estética do horrível identificada por Agrippino Grieco, mas não rejeita o caráter pessimista do cronista – segundo sua perspectiva, se há algo que une as crônicas d’“A semana”, é a reação de Machado ao conturbado cenário sociopolítico,<sup>536</sup> reação que não poderia ser otimista:

<sup>528</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 110.

<sup>529</sup> GRIECO. *Machado de Assis*, p. 115.

<sup>530</sup> ASSIS. *Machado de Assis*: crônicas.

<sup>531</sup> GOMES. Apresentação, p. 12-13.

<sup>532</sup> GLEDSON. *Por um novo Machado de Assis*: ensaios, p. 207-235.

<sup>533</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 11.

<sup>534</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 12.

<sup>535</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 12.

<sup>536</sup> cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 12.

Não há dúvida de que o tom dominante destas crônicas é pessimista: seria surpreendente que fossem outra coisa, e não só pela natureza e caráter do seu autor. Os acontecimentos que acompanham, seja na esfera política, seja na econômica ou até na militar não são feitos para otimistas. Mas seria um erro concluir disto que não [são] mais do que a reação de um homem amargado à mudança de regime, e assim reduzir a sua validade como comentário ao momento histórico. [...] Machado, por mais desesperado que ficasse nas últimas décadas de sua vida, também nunca deixou de se interessar apaixonadamente pela sorte do seu país: neste sentido, no único sentido bom da palavra, foi patriota.<sup>537</sup>

Diversamente do que ocorreu com “Bons dias!”, em que a defesa de um “narrador” que perpassaria por toda a série provocou polêmica desenvolvida em resenhas, artigos e até nota de rodapé,<sup>538</sup> o estudo do “narrador” n’“A semana”, mesmo com a forte ligação que, historicamente, tem-se feito da série com as opiniões do escritor, não deu ensejo a um debate comparável àquele realizado em torno das crônicas de 1888 e 1889. Pelo menos dois estudos podem ser citados dentre os que interpretam o “cronista d’A semana” – cronista que não revela seu nome, embora revele o do criado José Rodrigues, o que pode ter implicações importantes para o estudo da série como fruto de cisão – como “narrador”: além do já citado, no capítulo referente a “Bons dias!”, *Narradores de Machado de Assis*, de Gabriela Betella, a investigação de Dílson Cruz Júnior em *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*.

Para Gabriela Betella, “A semana” guardaria forte liame com a série anterior, “Bons dias!”, herdando algumas de suas características:

A modernidade do texto machadiano, tão apreciada e apregoada em seus romances, tem nessa série [“Bons dias!”] tão enraizada nos anos de 1888 e 1889 exemplos significativos, cuja sequência está em *A Semana*. Nesta coluna, [...] duzentas e quarenta e oito crônicas ofereceram aos leitores do jornal, aos domingos, um calculado plano de situação e defesa diante do momento político. Para isso, seguindo o momento aberto por *Bons Dias!*, as narrativas contam com momentos de patriotismo e ceticismo, petulância e familiaridade, consciência e surpresa.<sup>539</sup>

Da mesma forma como defende o “narrador” de “Bons dias!”, Gabriela Betella defende a existência de um narrador também n’“A semana”. Esse narrador, segundo a estudiosa, à medida que não possui a visão de totalidade do épico, aproximar-se-ia do narrador do romance – gênero moderno com o qual a crônica teria apreendido modos de

<sup>537</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*, p. 34.

<sup>538</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 59n.

<sup>539</sup> BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esauí e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A semana)*, p. 188.

comunicação próprios.<sup>540</sup> Para justificar esse diálogo entre gêneros aparentemente tão distintos, a autora vale-se do critério da subjetividade: “a crônica nunca abriu mão da subjetividade,” afirma, “intensificando a presença da vivência subjetiva na narração dos dados objetivos, na expressão do mundo narrado”.<sup>541</sup> Referindo-se, além d’“A semana”, às séries “Balas de estalo” e “Bons dias!”, o parecer seguinte de Gabriela Betella possibilita pensar a distinção entre as identidades de Lélío, Policarpo e do cronista d’“A semana”, com base nas características psicológicas de cada um e a personalização dos seus comentários:

A figura dos narradores ganha motivação realista devido aos procedimentos normais de criação, que incluem as características psicológicas fornecidas ao longo das crônicas e o discurso peremptório definindo uma postura social. Embora essa “ilusão elementar” seja abalada pela primeira pessoa, pela proximidade com a realidade e pela espontaneidade do gênero – tornando comum a ideia de ser Machado de Assis o narrador de suas crônicas –, é possível acreditar na persuasão e na coerência da obra ao determinar a existência de um sujeito condutor do enunciado com uma ideologia própria, conhecida pelo autor e, portanto, tão bem desenvolvida em forma de personalização dos comentários.<sup>542</sup>

Embora não sob a perspectiva de um “narrador”, mas sob a perspectiva de um possível “heterônimo”, o próximo tópico deste capítulo procurará no cronista d’“A semana” características que possibilitem a apreensão de sua particularidade frente a outros cronistas machadianos – especialmente o da série contraposta a “A semana”, “Bons dias!”. Conforme argumenta Betella, há uma “ilusão elementar” que possibilitaria a identificação de Machado de Assis como o “narrador de suas crônicas”, na expressão da autora. Segundo parece, talvez seja ainda mais patente n’“A semana” essa “ilusão elementar”, pois a constituição de um “heterônimo” aí segue parâmetros mais livres do que em “Bons dias!”. A afirmação pode parecer confusa, donde a necessidade de um exemplo que elucide os diferentes limites da “fratura” em “Bons dias!” e “A semana”. Em certo sentido, dois acontecimentos análogos exigiriam a definição da postura dos respectivos “cronistas”: a 29 de outubro de 1888, o falecimento do maranhense Joaquim Maria Serra Sobrinho, jornalista, poeta e homem de teatro;<sup>543</sup> e a 1º de outubro de 1893, a morte do editor de Machado de Assis, Baptiste Louis

<sup>540</sup> Cf. BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esau e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A semana)*, p. 189.

<sup>541</sup> BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esau e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A semana)*, p. 190.

<sup>542</sup> BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esau e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A semana)*, p. 196.

<sup>543</sup> Cf. ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 161n.*

Garnier, proprietário da Livraria Garnier.<sup>544</sup> Foi na *Gazeta de Notícias* de 5 de novembro de 1888 que Machado homenageou o amigo Joaquim Serra, morto aos 50 anos:

Quando há dias fui enterrar o meu querido Serra, vi que naquêlê féretro ia também uma parte da minha juventude. Logo de manhã lembrei-a tôda. Enquanto a vida chamava ao combate diurno tôdas as suas legiões infinitas, tão alegre e indiferente, como se não acabasse de perder na véspera um dos mais robustos legionários, recolhi-me às memórias de outro tempo, fui rereer algumas cartas do meu amado amigo.<sup>545</sup>

Há nesse trecho, e em todo o artigo dedicado a Joaquim Serra, a possibilidade da constatação de que, realmente, a voz que fala no texto é próxima à do sujeito empírico Machado de Assis, que há pouco perdera um amigo da juventude. O texto aparece na edição de Magalhães Júnior de “Bons dias!”, *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*, com a seguinte nota do organizador: “Interrompemos aqui a seriação dos “Bons Dias” para colocar este artigo na ordem cronológica de sua publicação na ‘Gazeta de Notícias’”.<sup>546</sup> Não é o “heterônimo” Policarpo, portanto, o autor da homenagem a Joaquim Serra. O tom do artigo é nitidamente distinto daquele das crônicas publicadas anterior e posteriormente – as que constituem, enfim, a série “Bons dias!”. Cessam a agressão particular de Policarpo e sua volubilidade, para que possa ser expressa, de forma serena, uma menção honrosa ao saudoso companheiro de Machado: “Creio que Joaquim Serra era principalmente um artista. Amava a justiça e a liberdade, [...] era bom e punha em tudo a sua alma inteira”.<sup>547</sup> Outra prova a favor dessa hipótese é a assinatura “Machado de Assis”, que encerra aquele texto.<sup>548</sup> Seu autor chega a citar o *humour* de Swift, mas como ausência no estilo “franco” e “jovial” de Serra; seu “querido morto” seria lembrado, ao contrário, pelo riso largo, como o de Voltaire, “com a mesma graça transparente e fina, e sem o fel de umas frases [...] que compõe (*sic*) a ironia do velho filósofo.”<sup>549</sup>

<sup>544</sup> Cf. ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 310n.

<sup>545</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 161.

<sup>546</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 161. Com razão, o texto não aparece na edição organizada por John Gledson (ASSIS. *Bons dias!*), uma vez que não integra a série de crônicas que começavam por “Bons dias!”.

<sup>547</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 163-164.

<sup>548</sup> Cf. ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 164.

<sup>549</sup> ASSIS. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”, p. 164. A edição da Nova Aguilar faz a concordância lógica, “compõem” (cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1316). Nessa última edição, o texto dedicado a Joaquim Serra não aparece, com acerto, na reunião de crônicas de “Bons dias!”; foi incluído na seção “Miscelânea”, que

O desaparecimento momentâneo de Policarpo e a aparição de um texto assinado por “Machado de Assis” – fatos que podem atestar uma cisão consolidada em “Bons dias!” – não encontraram fatura igual quando acontecimento semelhante ocorreu em 1893, segundo ano de publicação d’“A semana”. A homenagem de Machado de Assis ao editor morto não aparece fora da série, mas nela incluída, denunciando a presença de um cronista distinto – “Machado de Assis” – daquele que vinha então se exprimindo. No trecho seguinte, é possível perceber várias relações pessoais que não foram esquecidas pelos biógrafos de Machado: “Daquelas conversações tranquilas [na Livraria Garnier] [...], estão mortos quase todos os interlocutores, [Emmanuel] Liais, [Cônego Joaquim] Fernandes Pinheiro, [Joaquim Manuel de] Macedo, Joaquim Norberto, José de Alencar [...]. Pouco me dei com Macedo, o mais popular dos nossos autores [...]. Com José de Alencar foi diferente”.<sup>550</sup> Nessa última série de crônicas, portanto, a fratura entre dois dos “cronistas” machadianos revela-se menos fortalecida, o que pode dar margem à “ilusão elementar” de que falava Gabriela Betella no trecho citado alguns parágrafos atrás. Ilusão, ao que parece, justificada por elementos do texto que apontariam para o próprio Machado de Assis como o “narrador de suas crônicas” – remontando ao pensamento de Gabriela Betella<sup>551</sup> – mas que não deve impedir, absolutamente, uma leitura d’“A semana” preocupada em identificar seu cronista peculiar.

Como Gabriela Betella, também Dílson Cruz Júnior estuda “A semana” baseado no caráter narrativo, aproximando-a do romance. Segundo o pesquisador, nas crônicas “a presença do narrador também é marcante e com ela a preocupação com o ato de narrar, a qual se sobrepõe muitas vezes ao conteúdo narrado, mesmo considerando-se que a subjetividade e a formação de juízos de valor são típicos da crônica.”<sup>552</sup> Dílson Cruz Júnior faz menção à sugestão de Miguel Pereira, segundo a qual quem escreve os “folhetins da *Semana*”<sup>553</sup> é o Conselheiro Aires, mas prefere a dúvida à certeza, pois o que mais lhe interessa na observação de Miguel Pereira seria “a dificuldade, em se tratando de Machado, de separar não só as instâncias narrativas mas também a ficção da realidade.”<sup>554</sup> Aprofundando a relação existente entre a série e *Esau e Jacob*, Cruz Júnior vê na ambiguidade a característica primordial do que chama “narrador” da série. Segundo ele, mais do que satirizar ou criticar os acontecimentos da nascente República, estaria o narrador preocupado em “buscar o verniz capaz de conferir a

---

reúne textos diversos que não se encaixariam facilmente em outras seções (cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1314-1316).

<sup>550</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 311.

<sup>551</sup> BETELLA. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esau e Jacob e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A semana)*, p. 196.

<sup>552</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*, p. 56.

<sup>553</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 245.

<sup>554</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*, p. 59.

um texto ficcional aquele caráter de verdade que o discurso oficial tantas vezes buscou”.<sup>555</sup> Também não ignora o caráter volúvel desse “narrador”, dando um exemplo significativo. Na crônica d’“A semana” de 2 de outubro de 1892, o cronista – para Cruz Júnior, o narrador – apresenta-se ora como o autor “das linhas lidas pelos leitores”,<sup>556</sup> citando o trecho “Já a esta hora algumas das pessoas que me leem, sabem o que é a grande ópera”,<sup>557</sup> ora como um “jovem enamorado por uma certa Amália a que finge desprezar durante todo o espetáculo”.<sup>558</sup> O pesquisador conclui pela dúvida – o autor daquelas linhas poderia tanto ser “o cronista da *Gazeta de Notícias*” quanto “algum jovem apaixonado [...] oriundo de algum livro de Macedo” –,<sup>559</sup> dúvida indicadora das múltiplas personalidades que dizem “eu” dentro do mesmo texto.<sup>560</sup>

A volubilidade que Cruz Júnior destaca é estudada por outro pesquisador, Osmar Oliva, em termos de “metamorfose”. Segundo o pesquisador, as crônicas d’“A semana” revelam não somente “uma intensa reflexão sobre os acontecimentos importantes do Brasil oitocentista mas também o desenvolvimento de técnicas de construção narrativa, à semelhança de um mosaico, cuja reflexão aparece fragmentada nos vários assuntos de que trata o cronista”.<sup>561</sup> Exemplo do que fala o estudioso é dado em outro trabalho de sua autoria, o artigo “Metamorfoses dos narradores machadianos – entre defuntos, burros e filósofos”. A primeira crônica discutida por Oliva, nesse estudo, é a de 8 de abril de 1894. Segundo o raciocínio desse autor, após início em que o narrador justifica a escrita de espetáculo que, interessante para ele, poderia parecer vulgar a outros olhos – o encontro, na Praça 15 de Novembro, com um burro quase morto –, a crônica “empresta voz” ao profundo exame de consciência que o burro faria em seus últimos momentos de vida, tal qual um filósofo.<sup>562</sup> A presença de burros na crônica d’“A semana” é um capítulo à parte; desenvolvê-la na rica significação que possui não é, entretanto, interesse deste tópico. A par da voz do burro, Oliva cita também “defuntos” nessa série, como no texto de 12 de fevereiro de 1893, que marcaria o “retorno”, em tom de brincadeira, do famoso “defunto autor” de 1881: “Faleci ontem, pelas sete horas da manhã. Já se entende que foi sonho; mas tão perfeita a sensação da morte [...]

<sup>555</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis, p. 65.

<sup>556</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis, p. 47.

<sup>557</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 129.

<sup>558</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis, p. 47.

<sup>559</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis, p. 47.

<sup>560</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis, p. 48. No que tange ao romance, a volubilidade do narrador já havia sido observada, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por Roberto Schwarz (SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis).

<sup>561</sup> OLIVA. A escrita em mosaico: Machado de Assis e as crônicas de *A Semana*, p. 269.

<sup>562</sup> Cf. OLIVA. *Metamorfoses dos narradores machadianos – entre defuntos, burros e filósofos*, p. 171-172.

que posso haver tido um antegosto da bem-aventurança”, relata o cronista.<sup>563</sup> Os exemplos arrolados indicam uma característica que, de forma geral, a crítica tem apontado no cronista machadiano: o cronista movimenta-se, muda de estado, ponto de vista, sem qualquer prejuízo para a coerência interna do texto.<sup>564</sup> Embora um paralelo com o Brás das *Memórias* seja tentador – pensando na crônica de 12 de fevereiro de 1893, citada por Osmar Oliva –,<sup>565</sup> a semelhança parece terminar na volubilidade, ou não ir muito além dela. No mais, a pena do cronista, conforme o tópico seguinte tentará demonstrar, mais se aproxima da pena do diplomata aposentado e enfastiado do *Memorial*.

### 3.2 À sombra de Aires: o cronista enfastiado

Nas crônicas d’“A semana”, o leitor já não encontra o tom impudente e abusivo de “Bons dias!”. A própria relação com o leitor, a bem da verdade, é outra. Se, na série anterior, a proximidade não é interdita pela agressividade, convivendo com ela, há n’“A semana” notável distância entre cronista e leitor.<sup>566</sup> É indício dessa distância, por exemplo, a inexistência, na série, de uma saudação e de uma despedida que perpassasse por todas as crônicas, característica determinante para a coerência interna de “Bons dias!”. No que tange à despedida, vez ou outra, confirmando ainda a distância com que esse cronista se dirige a seu leitor, há um “adeus”.<sup>567</sup> É o que ocorre na crônica de 30 de outubro de 1892, em suas linhas finais: “Mas não me faças ir adiante, leitor amado. Adeus, vai votar. Escolhe a tua intendência e ficarás com o direito de gritar contra ela. Adeus.”<sup>568</sup> Essa mesma crônica, abordando situação semelhante à da crônica de “Bons dias!” de 19 de abril de 1888, é paradigmática da diferença de tom dominante existente nas duas séries. Em ambas as crônicas há referência a

<sup>563</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 195.

<sup>564</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*, p. 48.

<sup>565</sup> Cf. OLIVA. *Metamorfoses dos narradores machadianos – entre defuntos, burros e filósofos*, p. 180.

<sup>566</sup> Cf. BOENAVIDES. *Estudo da crônica machadiana: Bons dias! e A Semana*, p. 40. Um aspecto linguístico – a pessoa gramatical utilizada no tratamento do leitor – já é capaz de mostrar a diferença entre as duas séries. Em “Bons dias!”, o leitor é quase sempre tratado na 3ª pessoa: “Não me acham alguma diferença?”, “Talvez não saibam que eu tinha uma ideia e um plano”, “Fiquei como não imaginam” (ASSIS. *Bons dias!*, p. 179; 243; 277). N’“A semana”, o “distanciamento” existente entre cronista e leitor faz com que a 2ª pessoa apareça em mais casos: “Vês este tapume? Digo-vos que não ficará pedra sobre pedra”, “E a tua conclusão será como a tua premissa”, “Notai que o que legitima um vocábulo destes é a sua espontaneidade” [ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 50, 91, 276].

<sup>567</sup> Ver as crônicas de 22 de maio de 1892, 30 de outubro de 1892, 20 de novembro de 1892, 1º de janeiro de 1893, 16 de abril de 1893, 18 de junho de 1893 [ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 64; 144; 154; 176; 227; 256].

<sup>568</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 144.

uma eleição. Em “Bons dias!”, ela é aproveitada pelo cronista para reclamar da “terra de malcriados” que era a corte – os eleitores, a pretexto de que iriam votar, teriam ignorado seus cumprimentos.<sup>569</sup> N’“A semana”, entretanto, o cronista tem outro comportamento. Não exige a atenção do eleitorado para si, recomendando apenas a “paixão do bem e do interesse público”:

Trata-se não menos de eleger o primeiro conselho municipal do Distrito Federal, que é ainda e será a capital verdadeira e histórica do Brasil. Não é eleição que apaixone, concordo; não há paixões puramente políticas. Nem paixões são coisas que se encomendem, como partidos não são coisas que se evoquem. Mas (permitam-me esta velha banalidade) há sempre a paixão do bem e do interesse público. Eia, animai-vos um pouco, se não é tarde; mas, se é tarde, guardai-vos para a primeira eleição que vier. Contanto que não quebreis urnas, nem as fecundeis – a conselho meu, – agitai-vos, meus caros eleitores, agitai-vos um tanto mais. / Por hoje, leitor amigo, vai tranquilamente dar o teu voto. Vai, anda, vai escolher os intendentes que devem representar-nos e defender os interesses comuns da nossa cidade.<sup>570</sup>

O leitor de Machado de Assis do século XXI, acostumado à constante ironia presente nos textos desse escritor, pode ficar tentado a ler, “pelo avesso”, o trecho transcrito, como se ele quisesse dar a entender o contrário do que disse. Não parece, entretanto, que aquele fragmento deva ser lido em chave irônica. John Gledson, que estuda “A semana” como reação de Machado à cena sociopolítica que o cercava, em período “turbulento” de nossa história,<sup>571</sup> reconhece que a série é, entre outras coisas, prova importante do interesse apaixonado de Machado de Assis pelo destino do país em que nasceu e de que nunca saiu.<sup>572</sup> Não somente na crônica de 30 de outubro de 1892, mas, de forma geral, em toda a série, é notável que nada – ou quase nada: a cautela nunca é demais quando o assunto é Machado de Assis –<sup>573</sup> seja comparável à galhofa e às “gracinhas” típicas de Policarpo, a despeito da existência, em boa medida, de alusões literárias, paródias e a aproximação, em um só texto, dos mais diferentes e incomuns assuntos. É preciso, entretanto, atentar para o fato de que, muitas vezes, ele pode não estar sendo irônico.

Esta dissertação, é preciso dizê-lo mais uma vez, procura ler “A semana” como obra de um cronista particular, descolando a série do que seria a “identidade anterior” de Machado de Assis. Entretanto, a defesa de Gledson quanto à “sinceridade” do cronista nos momentos

<sup>569</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 91.

<sup>570</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 143.

<sup>571</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 12.

<sup>572</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 34.

<sup>573</sup> Cf. CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis, p. 215.

em que se mostra preocupado com o futuro do país importa-nos, na medida em que contribui para uma hipótese aqui defendida, a saber: diferentemente do que ocorreu com Policarpo, o cronista d’“A semana” teria alcançado, como Aires, a *ataraxia*, ou seja, a ausência de perturbações ou inquietações na mente, atingindo a tranquilidade por meio do domínio das paixões.<sup>574</sup> Em “Bons dias!”, a visão do mundo como uma terra de relógios desacertados não teria permitido a seu cronista alcançar a *ataraxia*, apenas a agressividade, causada pela perturbação diante de qualquer tentativa “otimista” de tornar absoluto o que ele expõe ser relativo, o tempo.

John Gledson não é o único pesquisador a identificar, sem reservas, as opiniões expressas n’“A semana” com as supostas opiniões do sujeito empírico Machado de Assis, e a recepção crítica da série, discutida no tópico anterior, mostrou que tal interpretação veio se consolidando com o passar do tempo. Talvez seja possível identificar uma das razões da apregoadada assimilação entre o sujeito empírico Machado de Assis e o cronista d’“A semana”. Já se escreveu que Aires, “entre todas as personagens ficcionais machadianas”, é o mais parecido com “a máscara/*persona* da representação do eu do escritor.”<sup>575</sup> Considerando que o cronista d’“A semana” escreve “à sombra” de Aires, adotando muito do tom e da postura daquele narrador – o que fez mesmo com que uma machadiana se perguntasse se não seria Aires o autor da série –,<sup>576</sup> é possível que também aquele cronista seja o que se pareça mais, entre todos os que perfazem a galeria de cronistas machadianos, com a *persona* do escritor, sua “representação pública”. O que teria propiciado essa vinculação? Talvez, sugestão do próprio escritor, pois, em missiva de 29 de maio de 1882, dirigida a Joaquim Nabuco, ele deixou reflexão não estranha ao cronista d’“A semana”:

Pela minha parte, creio escusado dizer a afeição que lhe tenho, e a admiração que me inspira. A impressão que você me faz é a que faria (suponhamos) um grego dos bons tempos da Hélade no espírito desencantado de um budista. Com esta simples indicação, você me compreenderá. Adeus, meu caro Nabuco. Você tem a mocidade, a fé e o futuro; a sua estrela há de luzir, para alegria dos seus amigos, e confusão dos seus inimigos.<sup>577</sup>

É preciso destacar, nesse fragmento, a expressão “espírito desencantado de um budista”. N’“A semana”, o desencanto é o sentimento do cronista que já perdeu todas as

<sup>574</sup> Cf. MAIA NETO. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, p. 186.

<sup>575</sup> BRANDÃO; OLIVEIRA. *Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros*, p. 72.

<sup>576</sup> Cf. PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 245.

<sup>577</sup> ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1357.

ilusões. Para expressá-lo, recorre constantemente a um livro bíblico, o *Eclesiastes*. A crônica de 15 de janeiro de 1893 revela a importância dessa fonte para suas reflexões:

Onde há muitos bens, há muitos que os comam, diz o *Eclesiastes*, e eu não quero outro manual de sabedoria. Quando me afligirem os passos da vida, vou-me a esse velho livro para saber que tudo é vaidade. Quando ficar de boca aberta diante de um fato extraordinário, vou-me ainda a ele para saber que nada é novo debaixo do sol.<sup>578</sup>

Lúcia Miguel Pereira chama a atenção, em vários momentos da obra machadiana, para o que nomeia “velhice precoce”, algo que pode estar ligado à convicção, patente no *Eclesiastes*, de que nada há de novo debaixo do sol e todas as coisas não passam de “vaidade”. Assim, pinça a biógrafa o seguinte comentário, do cronista da *Ilustração brasileira*: “Eu gosto de ver correr o tempo e as coisas; só isso”. Machado ainda não tinha quarenta anos quando escreveu isso, mas já daria a conhecer, na expressão de Miguel Pereira, a “influência do Conselheiro Aires”. Também em um romance, *Iaiá Garcia*, o Conselheiro faria “ligeira aparição” por meio do personagem Luís Garcia, com seu gesto “lento”, as atitudes “tranquilas”, o temperamento “inofensivo”.<sup>579</sup>

Na missiva enviada a Joaquim Nabuco, a “velhice precoce” de Machado, ou seu espírito desencantado, aparece como contraponto à “mocidade”, à “fé” a ao “futuro”, que seriam características daquele amigo.<sup>580</sup> Por se tratar de *topos* recorrente nos vários gêneros em que Machado escreveu, passando pela ficção, pela crônica e também pela correspondência – gênero que, supostamente, permitiria o conhecimento do “verdadeiro” escritor, sem as máscaras impostas pela literatura –, é compreensível que haja ocorrido confusão entre o “sujeito empírico” Machado de Assis e suas criações literárias. É preciso, entretanto, desfazer esse “equivoco”, procurando nas crônicas d’“A semana” não as opiniões que hipoteticamente seriam de Machado, mas o efeito de uma “fratura do sujeito”, golpe contra o ditame metafísico da centralidade. Importa procurar, portanto, assim como já feito em relação ao

<sup>578</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 180. Os versículos a que o cronista, nesse trecho, faz alusão, são os seguintes: “Onde há muitos bens, há também muitos que os comam. E de que servem eles a quem os possui, senão de ver com seus olhos muitas riquezas?” (*Eclesiastes* V, 10); “Que tira mais o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” (*Eclesiastes* I, 3); “Vaidade de vaidades, disse o Eclesiastes: vaidade de vaidades, e tudo vaidade.” (*Eclesiastes* I, 2); “Não há nada que seja novo debaixo do sol, e ninguém pode dizer: Eis – aqui está uma cousa nova: porque ela já houve nos séculos, que passaram antes de nós.” (*Eclesiastes* I, 10). Na crônica de 26 de novembro de 1893, trecho desse último versículo é citado em latim, como na *Vulgata*: “*Nihil sub sole novum.*” [ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 336].

<sup>579</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 244.

<sup>580</sup> Cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1357.

Policarpo de “Bons dias!”, a especificidade desse cronista, sua particular forma de comentar os fatos na série e possíveis elementos de sua biografia.

No início deste tópico, esboçou-se uma distinção entre os dois cronistas no que tange ao tom – a maneira de se expressar e o modo de encarar um assunto – de cada um. Em “Bons dias!”, a agressividade com que Policarpo trata o leitor é sinal de tormento perante um mundo de relógios em discrepância; n’“A semana”, diferentemente, há uma “estética do distanciamento”,<sup>581</sup> indício talvez de que tenha o cronista atingido a *ataraxia*, a tranquilidade.<sup>582</sup> Na crônica de 28 de agosto de 1892, por exemplo, publicada após a morte do marechal Deodoro da Fonseca, o cronista define seu *métier* e a impossibilidade de ser “solene e grave”:

Para um triste escriba de coisas miúdas, nada há pior que topar com o cadáver de um homem célebre. Não pode julgá-lo por lhe faltar investidura; para louvá-lo, há de trocar de estilo, sair do comum da vida e da semana. Não bastam as qualidades pessoais do morto, a bravura e o patriotismo, virtudes nem defeitos, grandes erros nem ações lustrosas. Tudo isso pede estilo solene e grave, justamente o que falta a um escriba de coisas miúdas.<sup>583</sup>

O tom do cronista d’“A semana” está aí resumido: escrevinhador de “coisas miúdas”, estaria ele cansado dos grandes feitos – os “grandes erros”, as “ações lustrosas”, etc. – e conseqüentemente desejoso de um “tom menor”, próprio ao “comum da vida e da semana”, para seus textos. Ao contrário de Policarpo, portanto, orgulhoso de ser impudente e de não ter “papas na língua”,<sup>584</sup> seria esse cronista mais “reservado”, sabedor de que nada há de novo debaixo do sol e de que tudo é vaidade, assim como ensinava seu “manual de sabedoria”, o *Eclesiastes*. O estudo da crônica d’“A semana” de 4 de setembro de 1892 poderia, em um primeiro momento, suspender a hipótese da diferença de tom entre os dois cronistas, ou pelo menos relativizá-la.<sup>585</sup> Nesse texto, diz o cronista apresentar um pedaço do “evangelho do Diabo”, seguindo a estrutura do “sermão da montanha, à maneira de S. Mateus.”<sup>586</sup> Segue, então, uma paródia bíblica que, conforme se dá com Policarpo, poderia *a priori* ser interpretada como pretensão, do cronista, de rebaixamento – das Sagradas Letras e, por extensão, de qualquer outra autoridade:

<sup>581</sup> BOSI. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, p. 62.

<sup>582</sup> Cf. MAIA NETO. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, p. 186.

<sup>583</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 110.

<sup>584</sup> Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 80.

<sup>585</sup> Publicada nas *Páginas recolhidas*, a crônica recebeu o título de “Sermão do Diabo” (cf. p. 110 desta dissertação).

<sup>586</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 113.

“1.º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos.

“2.º E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.

“3.º Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.

4.º Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra.

[...]

“8.º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.

“9.º Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar?

[...]

“20.º Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões tiram e levam.

“21.º Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.”<sup>587</sup>

Embora a retórica desse “Sermão do Diabo” seja semelhante à do “Sermão da Montanha”, do *Evangelho de S. Mateus*, em que foi baseada, sua argumentação difere daquela do “primeiro texto”, “por ser o contrário do que é proposto pelo discurso cristão.”<sup>588</sup> Ainda que seja evidente o caráter de contraste com o discurso do cristianismo, a paródia bíblica d’“A semana”, diferentemente do que ocorre em “Bons dias!”, não parece ter na necessidade de chamar a atenção ou rebaixar toda autoridade sua primeira motivação – o que aproximaria seu cronista a Policarpo.<sup>589</sup> É necessário, a fim de entender a particularidade d’“A semana”, voltar ao *Evangelho de S. Mateus*, procurando no “Sermão da Montanha” uma possível explicação para a “oposição” do cronista:

<sup>v,1</sup> E vendo Jesus a grande multidão do povo, subiu a um monte, e depois de se ter sentado, se chegaram para o pé dele os seus discípulos, <sup>2</sup> e ele abrindo a sua boca os ensinava, dizendo:

<sup>587</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 113-114.

<sup>588</sup> CASA NOVA. Do sermão do Diabo: o avesso da narrativa, p. 180-181.

<sup>589</sup> Na crônica de “Bons dias!” de 20-21 de maio de 1888, seria modelar o uso da escritura bíblica no intuito de ridicularizar os poderes constituídos e suas contradições. Dizendo apresentar uma “tradução” do evangelho lido na missa campal do dia 17 último, o cronista utilizar-se-ia do primeiro capítulo do *Evangelho de S. João* para rebaixar membros dos partidos Conservador e Liberal, além da própria regente, a princesa Isabel (cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 113-117).

<sup>3</sup> Bem-aventurados os pobres de espírito: porque deles é o reino dos céus.

<sup>4</sup> Bem-aventurados os mansos: porque eles possuirão a terra.

[...]

Folgai, e exultai, porque o vosso galardão é copioso nos céus: [...]

<sup>13</sup> Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra coisa se há de salgar? [...]

<sup>VI, 19</sup> Não queirais entesourar para vós tesouros na terra: onde a ferrugem, e a traça os consome: e onde os ladrões os desenterram, e roubam.

<sup>20</sup> Mas entesourai para vós tesouros no céu: onde não os consome a ferrugem nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram, nem roubam.<sup>590</sup>

O discurso cristão, expresso nesse trecho do evangelho, é um discurso de esperança e compromisso com a mudança. Promete àqueles que, na terra, não usufruíram de riquezas, “tesouros no céu”. Aos que foram “pobres de espírito” e “mansos” na vida terrena, garante o “reino dos céus” e a posse da terra. A “paródia” apresentada n’“A semana” – o “sermão do Diabo” –, conquanto seja uma “resposta” do cronista – “Nem sempre respondo por papéis velhos; mas aqui está um que parece autêntico” –, não foi “escrito” pelo cronista da série. Isso é, pelo menos, o que ele diz, garantindo que “o manuscrito [...] me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio.”<sup>591</sup> Autor ou não autor do aludido sermão, o fato é que o “sermão do Diabo” se incorpora ao discurso do cronista d’“A semana”, marcando sua oposição ao discurso cristão da esperança, da mudança. É muito possível que essa oposição seja fruto das leituras do *Eclesiastes*: como acreditar em uma doutrina que prega “algo novo” debaixo do sol? No “sermão do Diabo”, as coisas simplesmente ocorrem como parecem ocorrer cotidianamente: sem o homem, não existiria o mercado financeiro; aqueles que pertencem a classes mais favorecidas, geralmente, são os que possuem contas no exterior. Em vez de um “galardão copioso nos céus”, o “sermão do Diabo” fala em “galardão copioso na terra”, interesse que, a julgar pelo número de crônicas d’“A semana” que tratam de economia, parece ter prendido mais o espírito dos leitores.

Assuntos relacionados à economia n’“A semana” permitiram a Gustavo Franco enfeixar algumas das crônicas da série na antologia temática de crônicas de Machado de Assis que preparou.<sup>592</sup> Alfredo Bosi já notou que, embora o “animal político” fascinasse o cronista –

<sup>590</sup> *Evangelho de S. Mateus* V 1-4, 12-13; VI, 19-20.

<sup>591</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 115.

<sup>592</sup> Cf. ASSIS. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*.

ou o “analista das paixões”, expressão que utiliza –, “o puro *homo oeconomicus*, que a orgia financeira multiplicava, só causava tédio ao cronista de 1892 e voltará, anos depois, na pena do narrador de *Esau e Jacó* ao descrever a figura do Nóbrega, o irmão das almas enriquecido nos jogos escusos do encilhamento.”<sup>593</sup> O comentário de Bosi é importante por estabelecer mais um vínculo entre a série e um livro ficcionalmente assinado por Aires, “pseudoautor” a que o cronista d’“A semana” é aqui aproximado. Quanto ao enfado sentido pelo cronista, é preciso ampliá-lo: não abrangia somente a economia, mas todos os assuntos que se pretendiam “graves”.<sup>594</sup> Mesmo no contexto dessas questões, o que atrai o cronista são as “coisas miúdas” de seu entorno. Na crônica de 12 de março de 1893, cita Prosper Mérimée, que teria um dia confessado que da história “só dava apreço às anedotas.”<sup>595</sup> Indo além de Mérimée no gosto pelas miudezas, comenta:

Eu nem às anedotas [dou apreço]. Contento-me com palavras. Palavra brotada no calor do debate, ou composta por estudo, filha da necessidade, oriunda do amor ao requinte, obra do acaso, qualquer que seja a sua certidão de batismo, eis o que me interessa na história dos homens. [...] Que valem, por exemplo, todas as lutas do nosso velho parlamentarismo, em comparação com esta simples palavra: *inverdade*? Inverdade é o mesmo que mentira, mas mentira de luva de pelica. Vede bem a diferença. Mentira só, nua e crua, dada na bochecha, dói. Inverdade, embora dita com energia, não obriga a ir aos queixos da pessoa que a profere. – “Perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup>, mas o que acaba de dizer é uma inverdade; nunca o presidente da Paraíba afirmou tal coisa.”<sup>596</sup>

Reação semelhante teve o cronista diante de telegrama de Tubarão, datado de 24 de julho de 1893, noticiando, nos seguintes termos, a proclamação, em Blumenau, de Hercílio Luz como governador de Santa Catarina: “Estrepitosas manifestações! Delirantes manifestações aqui, em honra ao nosso governador Dr. Hercílio! Quedou afinal o prepotente governo do Tenente Machado. Viva o brioso povo catarinense! Viva a República!”<sup>597</sup> Não seriam as consequências políticas para a jovem República nem o novo quadro formado naquele estado a preocupação do cronista. O “escriba das coisas miúdas” voltaria seu olhar,

<sup>593</sup> BOSI. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, p. 61-62.

<sup>594</sup> Mesmo em relação ao homem político, que Alfredo Bosi afirma ter chamado a atenção do cronista, há uma importante distinção, elaborada pelo próprio crítico: o verdadeiro objeto do cronista não é a Política, nem a História, “com iniciais maiúsculas”, mas os “políticos e suas histórias”, como atores em cena (BOSI. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, p. 53).

<sup>595</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 209.

<sup>596</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 209-210.

<sup>597</sup> O telegrama é citado por John Gledson em sua edição d’“A semana” [ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 275-276n].

com humor, a uma palavra em especial, “um ganho efetivo”, “um produto novo, filho do conflito”:<sup>598</sup> o verbo “quedar”:

A princípio cuidei que era um estratagema do fio. Obrigado a passar a notícia, e não sabendo em que paravam as modas, teria empregado um vocábulo que pelo sentido natural desse ideia contrária à que trazia. Quedou o governo, isto é, ficou, prossegue, está quieto. Mas abri mão da suspeita; o resto e o princípio do telegrama não permitiam semelhante interpretação. *Quedar*, no sentido telegráfico, era *levar queda, cair*. Os substantivos, filhos de verbos, dão assim novos verbos. Se de *cair* se fez *queda*, era tempo que de *queda* se fizesse *quedar*. Dia virá em que este verbo, como o avô *cair*, produza também um substantivo, *quedação*. Passados anos, quando Hercílio e Machado descansarem para sempre no seio do Senhor, a geração haverá continuado. Santa Catarina poderá então telegrafar: “*Quedacionou* o governo de X...” Quem calculará o limite dessa geração contínua?<sup>599</sup>

O gosto pelo “miúdo” seria constante; é dele que o cronista prefere extrair suas reflexões, enfasiado que está dos assuntos “solenes” e “graves”. No caso do telegrama vindo do sul do país, o “novo verbo” deu margem a um comentário extremamente cômico, assim como ocorrera com o substantivo “inverdade”, superior a “todas as lutas do nosso velho parlamentarismo”. Diversa seria a natureza do comentário propiciado por outra “miudeza”: certa palavra utilizada por Sarah Bernhardt, caracterizando o Brasil, em resposta ao jornal argentino *Heraldo*, segundo o qual a prestigiada atriz teria, após passagem por terras brasileiras, a ele se referido depreciativamente. O desmentido foi publicado na seção de Teatros e variedades do *Jornal do Comércio* de 16 de agosto de 1893. Depois de registrar que as afirmações do *Heraldo* não passavam de “lâches calomnies”,<sup>600</sup> Sarah escreveu: “J’ai la plus grande admiration pour le Brésil, ce pays féérique”.<sup>601</sup> O “ce pays féérique” não ficaria “impune”; seria mote da crônica de 20 de agosto de 1893.

Nesse texto, o que interessa ao cronista não é a possível polêmica “diplomática” entre Brasil e Argentina, “assunto grave” que o deixaria enfadado. Sua conclusão, entretanto, não deixa de ser muito perspicaz: ao utilizar o “feérico” na caracterização do Brasil, Sarah Bernhardt acabava por empregar “a velha chapa de todos os viajantes que por aqui

<sup>598</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 275.

<sup>599</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 276.

<sup>600</sup> Em tradução nossa, “calúnias levianas”.

<sup>601</sup> O episódio é contado por John Gledson, em nota de sua edição d’“A semana”, em que também transcreve o telegrama de Sarah Bernhardt [ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 285n]. Tradução nossa: “Eu tenho a maior admiração pelo Brasil, esse país feérico”.

passam”.<sup>602</sup> Por ter sido utilizada por Bernhardt, a quem o cronista chama “Melpômene”,<sup>603</sup> o “feérico” seria mais que “chapa” – ou “dito sem originalidade, chavão”:

Não é só chapa, é estilete. O meu sentimento nativista, ou como quer que lhe chamem, – patriotismo é mais vasto, – sempre se doeu desta adoração da natureza. Raro falam de nós mesmos: alguns mal, poucos bem. No que todos estão de acordo, é no *pays féerique*. Pareceu-me sempre um modo de pisar o homem e suas obras. Quando me louvam a casaca, louvam-me antes a mim que ao alfaiate. Ao menos, é o sentimento com que fico; a casaca é minha; se não a fiz, mandei fazê-la. Mas eu não fiz, nem mandei fazer o céu e as montanhas, as matas e os rios. Já os achei prontos, e não nego que sejam admiráveis; mas há outras coisas que ver.<sup>604</sup>

Assim como se procedeu em relação ao texto de 19 de abril de 1888, em que o cronista fala da importância do voto, também esse trecho, seguramente, não deve ser lido em chave irônica. Primeiramente, é marcante o lugar em que o cronista situa sua concepção de “patriotismo” – mais ampla que a de “nativismo”. Depois, chama a atenção o fato de, sem ignorar as belezas naturais do país – “certo, a nossa baía é esplêndida” –,<sup>605</sup> reclamar o cronista da não divulgação de outras “coisas que ver”. Para ele, algumas dessas coisas seriam “a morte de um bravo soldado, um dos restantes heróis da Guerra do Paraguai”<sup>606</sup> – pois “também nós tivemos a nossa grande guerra” –<sup>607</sup> e obras de “outra casta, seja de arte, seja de política, seja de ciência, obras que podem recomendar-nos, embora não espantem a estranhos.”<sup>608</sup> Novamente nessa crônica, portanto, o cronista revela importar-se com seu país, pontuando que não há nele somente uma natureza deslumbrante, mas também costumes próprios, além de contribuições às áreas mais diversas do conhecimento humano. Com efeito, o sentimento de “patriotismo” – no “único bom sentido da palavra” –<sup>609</sup> estaria presente nessa crônica e por toda a série, convivendo com o sentimento de enfado que muitas vezes o cronista expressa, como na crônica de 26 de novembro de 1893:

Tudo isto cansa, tudo isto exaure. Este sol é o mesmo sol, debaixo do qual, segundo uma palavra antiga, nada existe que seja novo. A lua não é outra

<sup>602</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 285.

<sup>603</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 285. Melpômene é a musa da tragédia [ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 285n]. Certamente, foi assim chamada por Machado em virtude de ter se celebrizado pela atuação em tragédias, como a *Phèdre*, de Racine (cf. SARAH BERNHARDT jõe Phèdre de Racine, acesso *online*).

<sup>604</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 286.

<sup>605</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 286.

<sup>606</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 286.

<sup>607</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 286.

<sup>608</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 287.

<sup>609</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 34.

lua. O céu azul ou embruscado, as estrelas e as nuvens, o galo da madrugada, o burro que puxa o bonde, o bonde que leva a gente, a gente que fala ou canta, é tudo a mesma coisa. Lá vai um para a banca da advocacia, outro para o gabinete médico, este vende, aquele compra, aquele outro empresta, enquanto a chuva cai ou não cai, e o vento sopra ou não; mas sempre o mesmo vento e a mesma chuva. Tudo isto cansa, tudo isto exaure.<sup>610</sup>

A primeira crônica da série, publicada a 24 de abril de 1892, pode ajudar-nos a compreender como convivem duas características em princípio tão diferentes n'“A semana”: o tédio, como sensação de enfado, e o patriotismo, não no sentido de quem se devota cegamente à pátria, mas referindo-se ao sentimento daquele que se preocupa com a sorte de seu país. A crônica foi publicada no contexto do centenário do “grande mártir”, Tiradentes, a quem o cronista presta um louvor que, tudo indica, está isento de dissimulações:<sup>611</sup>

Tivemos esta semana o centenário do grande mártir. A prisão do heroico alferes é das que devem ser comemoradas por todos os filhos deste país, se há nele patriotismo, ou se esse patriotismo é outra coisa mais que um simples motivo de palavras grossas e rotundas. [...] Merecem, decerto, a nossa estima aqueles outros [inconfidentes]; eram patriotas. Mas o que se ofereceu a carregar com os pecados de Israel, o que chorou de alegria quando viu comutada a pena de morte dos seus companheiros, pena que só ia ser executada nele, o enforcado, o esquartejado, o decapitado, esse tem de receber o prêmio na proporção do martírio, e ganhar por todos, visto que pagou por todos.<sup>612</sup>

Patriotismo não implica ingenuidade. Após comparar Tiradentes a Prometeu, dizendo que os outros inconfidentes “têm ainda um belo papel”, formando em torno do mártir da Inconfidência “um coro igual ao das Oceânides diante de Prometeu encadeado”<sup>613</sup> – e, principalmente, igualando as ações de Tiradentes às daquele titã, famoso por ter dado “o fogo aos homens” e lhes ensinado todas as artes –,<sup>614</sup> não deixa de falar sobre o decepcionante “caso eleitoral”:

não entendo eu de política, ignoro se a ausência de tão grande parte do nosso eleitorado na eleição do dia 20 quer dizer descrença, como afirmam uns, ou

<sup>610</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 334.

<sup>611</sup> John Gledson ainda comenta que, a despeito de a Inconfidência Mineira não ter sido celebrada oficialmente durante o Império, uma vez que a conspiração havia sido “esmagada” em nome de Dona Maria I, bisavó de Dom Pedro II, “Machado tinha pertencido (e em essência ainda pertencia) a uma tradição liberal monárquica que acreditava que as duas coisas (liberalismo e monarquia) podiam e deviam ser reconciliadas. Talvez mais do que nada, o caloroso (e sem dúvida sincero) louvor a Tiradentes [...] permitiu-lhe uma forma adequada de afirmar o seu patriotismo numa situação política muito tensa” [GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 13-14, grifo nosso].

<sup>612</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 45-46.

<sup>613</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 46.

<sup>614</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 46.

abstenção como outros juram. A descrença é fenômeno alheio à vontade do eleitor; a abstenção é propósito. Há quem não veja em tudo isto mais que ignorância do poder daquele fogo que Tiradentes legou aos seus patrícios. O que sei, é que fui à minha seção para votar, mas achei a porta fechada e a urna na rua, com os livros e ofícios. Outra casa os acolheu compassiva; mas os mesários não tinham sido avisados e os eleitores eram cinco.<sup>615</sup>

Diante da ignorância do “fogo” legado por Tiradentes, o cronista conta que, com os outros poucos eleitores presentes, passaram a discutir “o que é que nasceu primeiro, se a galinha, se o ovo”.<sup>616</sup> Impossibilitado de contribuir, com o voto, para o destino do país, o cronista termina seu texto com alguns versos das *Orientais*, de Victor Hugo, certamente sem nenhuma relação com a discussão anterior sobre a comemoração da Inconfidência e a necessidade da participação política – “Sara, belle d’indolence, / Se balance / Dans un hamac...”:<sup>617</sup> tinha início n’“A semana”, assim, a expressão de um constante fastio. É importante que esse sentimento não seja confundido com indiferença. John Gledson chega até a dizer que, muitas vezes, “aquilo que parece ser ‘tédio à controvérsia’ é menos uma fuga à política do que um comentário sobre a política da República.”<sup>618</sup> É possível dizer, então, que o enfatiamento do cronista d’“A semana” não deixa de ser também sua forma de se posicionar em relação aos fatos que o cercam, mormente os políticos, não eliminando suas demonstrações de patriotismo.

Diferentemente de “Bons dias!”, em que a primeira crônica, a contrapelo, apresenta um programa bem delimitado, o mesmo não ocorre n’“A semana”. Parece-nos que esse fato importa para uma distinção fundamental entre as séries e seus cronistas: o “projeto heteronímico” de “Bons dias!” é, de certa forma, mais “fechado” que o d’“A semana”. A ausência de um programa delimitado na primeira crônica d’“A semana” certamente favoreceria a liberdade do cronista para comentar os fatos que quisesse, da forma que achasse melhor. Além de não apresentar um programa bem desenvolvido, essa última série tampouco traz uma “assinatura”. Com consequências para o estudo desse conjunto de crônicas como efeito da concepção de sujeito fraturado, é importante notar que o cronista permanece “inominado” ao longo de toda série – o leitor fica conhecendo apenas o nome de seu criado,

<sup>615</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 47.

<sup>616</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 47.

<sup>617</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 47. Em tradução nossa: “Sara, bela em sua indolência, / balance-se / numa rede...” Os versos abrem o poema hugoano “Sara la baigneuse” (“Sara, a banhista”). É significativo, nessa crônica, o fato de o tédio do cronista ter encontrado “alento” na arte de Hugo. Conforme veremos, os momentos em que o fastio do cronista se esvanece são os momentos em que há a contemplação estética (cf. BOSI. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, p. 72-77; DIAS. A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em *O nascimento da tragédia*, p. 13).

<sup>618</sup> GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 31.

José Rodrigues, fato que em si pode revelar algo sobre a identidade desse cronista.<sup>619</sup> De certa forma, é como se ele estivesse enfasiado também da “glória” que a autoria de uma obra – e ainda mais de uma série tão elogiada, como foi “A semana” –<sup>620</sup> viesse a propiciar-lhe ou visse nisso tudo o *omnia vanitas* do *Eclesiastes*. Não revela, assim, seu nome, mas nos dá a conhecer o de seu criado. Lúcia Miguel Pereira já notou que José Rodrigues era também o criado de Aires, o que possibilita ainda mais aproximar o cronista àquele “pseudoautor”.<sup>621</sup> Como no romance, também n’“A semana” José Rodrigues representaria “a personificação do homem simples”.<sup>622</sup> O cronista d’“A semana”, que já foi comparado a Montaigne em razão da *salade* que faz com os temas que comenta,<sup>623</sup> talvez tenha compartilhado com o ensaísta francês a admiração pelo homem simples,<sup>624</sup> fazendo questão que seu criado, e não o “autor” das crônicas, fosse lembrado pelo nome.

Na crônica de 29 de janeiro de 1893, José Rodrigues aparece pela primeira vez: “Um criado meu, que perdeu tudo o que possuía na compra de *desventuras*... perdoem-lhe; é um pobre homem que fala mal. Ensinei-lhe a correta pronúncia de *debêntures*, mas ele disse-me que *desventuras* é o que elas eram, *desventuras* e *patifarias*.”<sup>625</sup> É evidente que na sua simplicidade, assinalada pela incapacidade de pronunciar corretamente uma palavra, José Rodrigues acabava por ridicularizar o possível benefício dos títulos de créditos – “*debêntures*”/“*desventuras*” –, revelando uma “insuspeita” sabedoria. Na crônica de 27 de agosto de 1893, é por José Rodrigues que o cronista chama em sonho:

— Que é, patrão?

Abri os olhos, vi ao pé da cama o meu criado José Rodrigues, – aquele mesmo ignaro que traduzira *debêntures* por *desventuras*. Ao cabo, um bom homem; pouca suficiência intelectual, mas uma alma... Deu-me água e ficou ao pé de mim, contando-me histórias alegres, até que adormeci.<sup>626</sup>

A presença do criado por toda a série é capaz, de alguma forma, de lhe assegurar certa unidade. Entretanto, é preciso reconhecer que muitas vezes o cronista não parece o mesmo,

<sup>619</sup> As crônicas em que José Rodrigues aparece estão situadas no ano de 1893, especificamente nos dias 29 de janeiro, 12 de fevereiro, 27 de agosto, 24 de setembro e 12 de novembro.

<sup>620</sup> Ver, por exemplo, o comentário elogioso de Artur Azevedo em SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 34.

<sup>621</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 245; cf. ASSIS. *Memorial de Aires*, p. 159.

<sup>622</sup> PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 245.

<sup>623</sup> Cf. CORÇÃO. *Machado de Assis cronista*, p. 325.

<sup>624</sup> “A simplicidade torna a existência mais agradável e a alma mais pura e melhor. Os simples e os ignorantes, diz São Paulo, elevam-se e conquistam o reino dos céus; nós, com todo o nosso saber, afundamos no abismo do inferno.” (MONTAIGNE. *Ensaaios*, p. 230).

<sup>625</sup> ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*, p. 190-191.

<sup>626</sup> ASSIS. *A semana: crônicas (1892-1893)*, p. 289-290.

apresentando-se constantemente em metamorfose, ou volubilidade. É o que já detectou Dílson Cruz Jr., em estudo sobre o “narrador” d’“A semana”:

Como ocorre em boa parte da obra de Machado, nas crônicas o narrador é a figura central. À medida que avança a leitura, multiplicam-se suas feições, pois Machado leva às últimas consequências a definição de pronome pessoal de primeira pessoa. Como é *eu quem diz eu*, e todos podem dizer *eu*, é impossível determinar quem é efetivamente o cronista. [...] o narrador, sem prejuízo de anunciar-se como sendo o produtor efetivo do texto, assume identidades no mínimo conflitantes entre si. Suas opiniões, classe, idade, moral, conhecimento e temperamento são diferentes. Em uma crônica ele é um jovem enamorado, na outra á um capitalista, em uma terceira já morreu, em outra é um ingênuo, na seguinte tem mau caráter, na próxima...<sup>627</sup>

Outro pesquisador, Osmar Oliva, chega a conclusão parecida, defendendo a “pluralidade narrativa” dessas crônicas. Segundo nota ele, muitas vezes a crônica apresentaria, no mesmo texto, uma junção de vários assuntos e narradores, com digressões psicológicas, vozes múltiplas, etc.<sup>628</sup> Pensando nesse caráter das crônicas d’“A semana”, Cruz Júnior formula uma hipótese para a não assinatura da série: sem a assinatura, o cronista teria maior liberdade para assumir a “profusão de *eus*”<sup>629</sup> que ali se configura. Embora a hipótese de Cruz Júnior possa indicar que o “cronista” d’“A semana” não fez parte de um “projeto heteronímico” da consistência do de “Bons dias!” – em que o cronista tem nome, profissão, data de nascimento, etc. –, é preciso ressaltar que, à medida que Machado de Assis desenvolveu uma série de crônicas em que o cronista nunca é o mesmo, metamorfoseando-se continuamente, não faz outra coisa senão questionar, por meio de sua série, a concepção de sujeito solar, que prega a rigidez do sujeito. N’“A semana” de 16 de julho de 1893, o cronista questionaria ainda mais a unicidade do sujeito ao afirmar que, sonhando que era um casal de burros de bonde, teve a percepção da divisão de sua consciência.<sup>630</sup>

A despeito da multiplicidade narrativa que aparece n’“A semana”, entretanto, é possível que a principal característica que identifique seu cronista seja, como já foi discutido, o enfatiamento diante de questões “graves”.<sup>631</sup> Recorrentemente, dirá que o mundo está caduco, e que a humanidade é viúva de Deus.<sup>632</sup> Entretanto, tem na arte, na contemplação

<sup>627</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis, p. 215-216.

<sup>628</sup> OLIVA. A escrita em mosaico: Machado de Assis e as crônicas de *A Semana*, p. 271.

<sup>629</sup> CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis, p. 215.

<sup>630</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 268.

<sup>631</sup> É importante que não se confunda o “cronista heterônimo” da série, segundo esta dissertação defende, do narrador ou dos narradores que nas crônicas possam vir a aparecer.

<sup>632</sup> Crônica de 4 de dezembro de 1892: “Temo que a Humanidade, viúva de Deus, se lembre de entrar para um convento; mas também posso temer o contrário. Questão de humor. Há ocasiões em que, neste fim de século,

estética, o fim ainda que momentâneo do seu tédio. É o que ocorre, por exemplo, quando comenta a chegada de Sarah Bernhardt: “A arte virá assim, com as suas notas de ouro, cantadas e faladas, trazer à nossa alma aquela paz que alguns homens de boa vontade tentaram restituir à alma rio-grandense, reunindo-se quinta-feira na Rua da Quitanda. / Creio que a arte há de ser mais feliz que os homens.”<sup>633</sup> Também as *Orientais*, de Hugo, seriam novamente evocadas – alguns versos já apareceram na primeira crônica da série, publicada a 24 de abril de 1892 – para marcar o contraste do cronista com os leitores. “Com efeito, enquanto vós outros cuidáveis da reforma financeira e tantos fatos da semana”<sup>634</sup> – em outras palavras, assuntos “graves” –, diz o cronista no texto de 25 de dezembro de 1892 que se encantara com telegrama vindo de Constantinopla falando a respeito de

“Cinco odaliscas...” Parei; lidas essas primeiras palavras, senti-me necessitado de tomar fôlego. Cinco odaliscas! Murmura esse nome, leitor: faz escorrer da boca essas quatro sílabas de mel, e lambe depois os beijos, ladrão. Pela minha parte, achei-me, em espírito, diante de cinco lindas mulheres, com o véu transparente no rosto, as calças largas e os pés metidos nas chinelas de marroquim amarelo, – *babuchas*, que é o próprio nome. Todas as *orientais* de Hugo vieram chover sobre mim as suas rimas de ouro e sândalo. Cinco odaliscas!

Osmar Oliva, citando essa e outras crônicas d’“A semana”, já mostrou como o Oriente foi não poucas vezes retomado nessa série como “matéria poética” para a criação ficcional. Esse *topos* permitiria ao escritor evocar o idealismo do “primeiro Romantismo” – constituído por autores como Hugo, Lamartine, Byron, entre outros –, que grande fascínio teria exercido sobre Machado.<sup>635</sup> Outros dois autores – Tennyson e Renan –, apareceriam em crônica modelar da “contemplanção estética” para o cronista d’“A semana”. Trata-se da crônica de 9 de outubro de 1892, que, como muitas da série, começava invocando o fastio da semana:

Eis aí uma semana cheia. Projetos e projetos bancários, debates e debates financeiros, prisão de diretores de companhias, denúncia de outros, dois mil comerciantes marchando para o palácio Itamarati, a pé, debaixo d’água, processo Maria Antônia, fusão de bancos, alça rápida de câmbio, tudo isso grave, soturno, trágico ou simplesmente enfadonho.<sup>636</sup>

---

penso o que pensava há mil e quatrocentos anos um autor eclesiástico, isto é, que o mundo está ficando velho.” [ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 162].

<sup>633</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 215.

<sup>634</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 170.

<sup>635</sup> OLIVA. Orientalismo e Romantismo: operadores conceituais e filosóficos para a criação literária em crônicas de “A semana”, p. 11.

<sup>636</sup> ASSIS. *A semana: crônicas* (1892-1893), p. 132.

O mesmo tom perpassaria pela conclusão desse texto – Alfredo Bosi nota ainda que é possível reconhecer, nele, “a mesma matéria opressiva de que os jornais andavam saturados”:<sup>637</sup>

Finanças das finanças, são tudo finanças. Para onde quer que me volte, dou com a incandescente questão do dia. Conheço já o vocabulário, mas não sei ainda todas as ideias a que as palavras correspondem, e, quanto aos fenômenos, basta dizer que cada um deles tem três explicações verdadeiras e uma falsa. Melhor é crer tudo. A dúvida não é aqui sabedoria, porque traz debate ríspido, debate traz balança de comércio, por um lado, e excesso de emissões por outro, e, afinal, um fastio que nunca mais acaba.<sup>638</sup>

Em nítida oposição ao fastio das questões “graves”, o escritor e historiador francês Ernest Renan e o poeta inglês Alfred Tennyson, há pouco tempo falecidos, “surgem como feixes de luz, e a sua presença torna ainda mais plúmbea a atmosfera das políticas monetárias”.<sup>639</sup> O cronista diz não se preocupar em compor biografias dos escritores, mas cuidar da morte deles “por ser a única nota idílica, entre tanta coisa grave, soturna, trágica ou simplesmente enfadonha.”<sup>640</sup>

Comentando esse aspecto d’“A semana”, afirma Alfredo Bosi:

Como a natureza, a arte é poderosa, fecunda e criadora de suas próprias formas e leis. E como a Vida, os seus fins situam-se aquém do bem e do mal dos homens, ignorando as veleidades concebidas pelos mortais: daí viria o segredo da sua perpetuidade em um universo em que a regra é a usura do tempo.<sup>641</sup>

Aires, assim como o cronista d’“A semana”, reconheceria o valor da arte, como demonstra, entre vários outros momentos, a contemplação que faz de um verso de Shelley, “*I can give not what men call love*”.<sup>642</sup> Em *Esaú e Jacob*, Aires cita para Paulo e Pedro, ao fim de um almoço, as aberturas da *Ilíada* e da *Odisseia*, em prosa portuguesa e no texto original grego, “que é melhor que a nossa língua e prosa do nosso tempo”, diz.<sup>643</sup>

<sup>637</sup> BOSI. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, p. 62.

<sup>638</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 134.

<sup>639</sup> BOSI. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, p. 62. Como também afirma Bosi, nos momentos de contemplação estética, parece que o ceticismo dá lugar ao desengano de Leopardi e Schopenhauer, que permitiria o encantamento com a beleza sem-par “daquelas obras capazes de sobreviver na memória dos homens ainda sensíveis ao seu fascínio” (BOSI. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, p. 74).

<sup>640</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 134.

<sup>641</sup> BOSI. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, p. 74.

<sup>642</sup> ASSIS. *Memorial de Aires*, p. 76.

<sup>643</sup> ASSIS. *Esaú e Jacob*, p. 146.

N“A semana”, é à arte que o cronista recorre, muitas vezes, para expressar seu estado de espírito – seja o fastio, seja a sensação de incompreensão. Entre vários exemplos que poderiam ser citados, podemos destacar o gosto do cronista por certas poesias populares espanholas, ou *coplas*, que duas vezes aparecem no período compreendido entre 1892 e 1893.<sup>644</sup> Na crônica de 24 de setembro de 1893, o mote inicial seria “uma cantiga andaluza, tão apropriada ao meu intento”:<sup>645</sup>

Un remendero fué a missa,  
Y no sabía rezar,  
Y andaba por los altares:  
¿Zapatos que remendar?<sup>646</sup>

A identificação com o “*remendero*” da *copla* vem logo a seguir: “Eu sou esse remendão da cantiga. Ao pé dos altares, pergunto por tacões corroídos e solas rotas; é o meu breviário. Nem sou o único remendão desse mundo”.<sup>647</sup> O cronista cita, na sequência, Alexandre Magno, que lia a *Ilíada* não à procura de modelos de poesia – como faria a maior parte das pessoas –, mas como “um manancial das artes bélicas”. “Alexandre às avessas”, era nas “artes bélicas” que o cronista procuraria, diferentemente de todos os outros, a “lição do estilo”.<sup>648</sup> O Rio de Janeiro passava, quando essa crônica foi escrita, pela Revolta da Armada, convivendo frequentemente com os bombardeios. Enfastiado com a gravidade da situação, enquanto “qualquer pessoa acharia naquele rumor tremendo as ideias de combate que ele trazia em si”, o cronista diz ter achado “uma ideia literária”, *Zapatos que remendar*, fugindo, com a arte e suas “miudezas”, à usura do tempo. Não é também dessa forma que a crônica tem fugido da fome insaciável de Cronos?

---

<sup>644</sup> A *Biblioteca de Machado de Assis*, fundamental trabalho organizado por José Luís Jobim, não registra a provável fonte de que Machado teria retirado as *coplas*. Todavia registra, como pertencente ao acervo machadiano, tomo da “Colección de autores españoles” referente às *Novelas ejemplares*, de Miguel de Cervantes (JOBIM. *A biblioteca de Machado de Assis*, p. 170). Os *Cuentos y poesias populares andaluces*, organizados por Fernan Caballero, saíram pela mesma coleção, em 1861, e contêm os dois poemas citados pelo cronista d’“A semana” nas crônicas de 5 de fevereiro e 24 de setembro de 1893. Trata-se, pois, seguramente, da fonte machadiana para o conhecimento da poesia popular espanhola.

<sup>645</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 304.

<sup>646</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 304. Nessa edição, o último verso da *copla* aparece sem o ponto de interrogação invertido – ¿ –, que a tradição espanhola exige e que consta da provável fonte consultada por Machado de Assis (cf. CABALLERO. *Cuentos y poesias populares andaluces*, p. 204). Tradução nossa: “Um remendeiro [ou “remendão”, como traduz o cronista] foi à missa / e não sabia rezar / e andava pelos altares: / Sapatos para consertar?”

<sup>647</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 304.

<sup>648</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 304.

Embora se metamorfoseie a todo instante, como já estudaram vários autores,<sup>649</sup> parece residir nessa postura reflexiva do cronista o que lhe confere autonomia à identidade: retirar dos acontecimentos mais “solenes” “coisas miúdas”, coisas que só a ele, como um “remendero” em uma missa, interessariam. Em um mundo que espera por novidades e as exige, representado por um personagem do teatro de José de Alencar que, na comédia *Verso e reverso*, “não vê ninguém entrar em cena, que não lhe pergunte: / — *Que há de novo?*”<sup>650</sup> esse cronista, sem o tom agressivo do outro, mas com a serenidade e a diplomacia de Aires, viria lembrar-nos que, semana após semana, o homem é sempre o mesmo, com semelhantes problemas e a mesma vaidade.

Curiosamente, será com o período da publicação de “Bons dias!” e não com o d’“A semana” que Machado “sincronizaria” o período de “escrita ficcional” do *Memorial de Aires*. Uma hipótese para essa aparente “coincidência” vem a favor do questionamento machadiano da unidade do sujeito. Nos anos de 1888 e 1889, o leitor teria, simultaneamente, tanto Policarpo, cronista impudente de “Bons dias!”, quanto o conselheiro Aires do *Memorial*, o diplomata polido. Sutilmente, Machado de Assis teria deixado essa simultaneidade sugerida. A epígrafe desta dissertação é um fragmento de *Tutameia*, de Guimarães Rosa, em que o narrador pergunta-se se não teríamos vários cérebros e corações, “para simultaneidades no sentir e pensar”.<sup>651</sup> Em suas crônicas da maturidade – “Bons dias!” e “A semana” –, deixou Machado de Assis dois cronistas com diferentes jeitos de “sentir” e “pensar”, golpeando, tal qual Fernando Pessoa, o ditame metafísico da centralidade.

---

<sup>649</sup> Cf. CRUZ JÚNIOR. *Estratégias e máscaras de um fingidor*: a crônica de Machado de Assis; OLIVA. *Metamorfoses dos narradores machadianos – entre defuntos, burros e filósofos*.

<sup>650</sup> ASSIS. *A semana*: crônicas (1892-1893), p. 324.

<sup>651</sup> ROSA. *Tutameia – Terceiras estórias*, p. 154.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando às considerações finais, que não pretendem, de forma alguma, apresentar uma conclusão definitiva – é sempre temerário fazê-lo em estudo acadêmico e, sobretudo, em estudo sobre Machado de Assis –, é preciso lembrar alguns dos pressupostos e passos que permitiram a este trabalho verificar, na crônica machadiana, um golpe ao ditame metafísico da unidade do sujeito “monadicamente constituído”.<sup>652</sup> Machado de Assis, já conhecido por desvelar em seus contos e romances os recônditos mais secretos da alma humana, teria, utilizando-se de um gênero que é considerado “menor”, demonstrado que não há para o sujeito a possibilidade da centralidade? Lendo comparativamente duas séries de crônicas – “Bons dias!” e “A semana” –, foi possível verificar que Machado de Assis questionou, por intermédio do trabalho de arte, a concepção de sujeito solar, na medida em que sugere o desmembramento do sujeito nos dois cronistas particulares, ou “heterônimos”, de suas últimas séries de crônicas: Policarpo, o cronista de “Bons dias!”, e o cronista inominado d’“A semana”.

Se, durante muito tempo, foi negada à crônica o espaço que lhe é devido no campo dos estudos machadianos, hoje é possível afirmar que muito perdem os estudos que não pressupõem a obra machadiana como um todo, nem percebem que um trabalho não ficaria completo se optasse por se concentrar em um só gênero.<sup>653</sup> Recusando a pretensão à completude, procurou este trabalho, conquanto baseado em um *corpus* bem delimitado, o diálogo com outros trabalhos de Machado de Assis, sempre que isso fosse útil à defesa da contrariedade machadiana à concepção de sujeito solar. Assim, na primeira parte desta dissertação, foi citada a carta assinada por “Gatinho preto”, em que Machado de Assis, sem admitir a centralidade do sujeito, “outra-se” em um pequeno animal, além de crônica de “Ao acaso” em que, apresentando um poema de sua autoria, refere-se a si como se fosse outro, “um poeta”.<sup>654</sup> Ainda nessa primeira parte, foram discutidos os conceitos de “heteronímia”, assim como aparece na obra pessoana, e “sujeito fraturado”, via alternativa à concepção de

<sup>652</sup> MELO E SOUZA. O estilo narrativo de Machado de Assis, p. 65.

<sup>653</sup> Cf. GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 16; GUIMARÃES. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, p. 16.

<sup>654</sup> Cf. MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 4, p. 241; ASSIS. *Obras completas de Machado de Assis*, v. 23, p. 76.

sujeito solar e indivisível,<sup>655</sup> concluindo que é essencial a todo fingidor/ficcionista, como um fundamento da própria literatura, o domínio do desmembramento da personalidade.

O principal pressuposto da segunda parte deste trabalho foi a possibilidade de ler os cronistas particulares de Machado de Assis à luz do que os vários poetas de Fernando Pessoa representam como golpe à concepção de sujeito uno. Preocupou-se, a todo o momento, não forçar a nota, atentando-se, na medida do possível, aos sentidos verdadeiramente presentes no texto ou possibilitados por ele. Já foi destacado que o exercício de estudo comparativo das séries de crônicas machadianas ajuda no esforço de compreensão delas.<sup>656</sup> Com essa premissa, no capítulo 1, dedicado a “Bons dias!”, foi investigado seu cronista particular, Policarpo, discutindo o tom agressivo com que trata o leitor, a importância do antigo ofício de relojoeiro para a série, entre outros pontos. No capítulo 2, dedicado a “A semana”, identificou-se outro cronista, com outras preocupações, um tom não mais agressivo, mas de constante enfatiamento dos homens e seus conflitos. Para ajudar na diferenciação dos cronistas, ao mesmo tempo promovendo diálogo com o Machado de Assis romancista, o primeiro foi aproximado do defunto autor, Brás Cubas, ao passo que o segundo foi identificado como bom representante do espírito do diplomata aposentado Aires. Em cada um dos capítulos que constituem a segunda parte deste trabalho, procurou-se também dialogar com autores que já se debruçaram sobre as crônicas de “Bons dias!” e “A semana”, destacando em que suas posições contribuía ou não para o estudo das duas séries como questionamento machadiano à centralidade do sujeito.

Embora tenham sido expostas as razões, na Introdução desta dissertação, para a escolha dessas duas séries de crônicas, uma possível extensão deste trabalho constituiria no estudo dos outros cronistas particulares de Machado de Assis, como o Manassés das “Histórias de quinze dias”, o Lélío das “Balas de estalo”, além de vários outros, procurando em cada um a particularidade da assinatura, o tom em que se mantém a série, etc. Mesmo no que se refere às séries “Bons dias!” e “A semana”, este trabalho não foi suficiente para esgotar todas as possibilidades de contraste, podendo ainda ser prolongado. Em virtude das dimensões de uma dissertação, foram precisos recortes vários, que exigiram muitas vezes a não inclusão de certas análises e leituras. Terão lugar, seguramente, em trabalhos derivados deste, como artigos e comunicações. Uma das epígrafes da segunda parte deste trabalho, retirada de crônica d’“A semana”, é, nesse sentido, sugestiva. Após afirmar a divisão de sua consciência em duas, o cronista machadiano afirma não atinar para a razão disso, convocando os

<sup>655</sup> Cf. COSTA LIMA. *Mimesis*: desafio ao pensamento.

<sup>656</sup> CANO *et al.* Narradores do ocaso da monarquia (Machado de Assis, cronista), p. 316.

estudiosos à pesquisa do “curioso fenômeno”. Esta dissertação, destacando o golpe machadiano a uma concepção de sujeito que se pretendia verdadeira, propôs essa postura do escritor como possível explicação para o “fenômeno” que trata o cronista, contribuindo, de alguma forma, para as exigências de estudo que a própria obra machadiana impõe.

Gustavo Bernardo já alertou para a natureza assertiva e dogmática da língua.<sup>657</sup> Em vários momentos deste trabalho, optou-se pela interrogação, dada a consciência de que a obra machadiana nunca se “revela” de uma só vez, guardando sempre problemas que só serão percebidos em outras leituras. Mesmo nos momentos em se adotou a forma afirmativa, entretanto, as relativizações são sempre necessárias. Assim, é preciso pontuar mais uma vez que a aproximação realizada entre o autor de *Dom Casmurro* e o cantor de *Mensagem* não intenta, de forma alguma, ignorar as consideráveis diferenças entre o escritor brasileiro e o poeta português, uma vez que viveram em países e tempos distintos e tiveram acesso a leituras também distintas. Entretanto, os dois não parecem ter visto a literatura como a melhor forma de expressão da individualidade, como queria o romantismo, e questionaram essa postura por meio de suas próprias criações artísticas. O caso pessoano já foi, nessa perspectiva, objeto de várias pesquisas. Entretanto, a procura de muitos críticos por uma “identidade anterior à ficção” em Machado de Assis, já criticada por Abel Barros Baptista,<sup>658</sup> tem dificultado, de alguma forma, a percepção de que também os cronistas machadianos podem ser lidos como heterônimos: cada um insere seu nome ao lado do nome de Machado de Assis, exigindo que sejam lidos como escritores particulares e complementares. Diferentemente do caso pessoano, entretanto, em que os heterônimos permitem ao escritor “revelar-se”, os “heterônimos” machadianos seriam controlados pelo escritor afim de que ele pudesse “se ocultar”, fazendo uso de técnicas ficcionais que não deixam de ser necessárias a todo autor literário.

Antonio Candido já afirmou, acertadamente, que nosso modo de ser é ainda bastante romântico: o gênio nos parece incompatível com a vida comum, razão pela qual muitas vezes o reconhecimento da superioridade de Machado de Assis precisa vir acompanhado de considerações a respeito de sua origem humilde, a cor escura, a carreira difícil, etc.<sup>659</sup> Talvez, como se procurou mostrar, a genialidade de Machado de Assis esteja justamente na adesão dele às conjecturas da “vida normal”, inconciliável com as singularidades exorbitantes de nossa visão de “gênio”, mas com as características do sujeito que é “vários” – nos diversos

<sup>657</sup> BERNARDO. *O problema do realismo de Machado de Assis*, p. 113.

<sup>658</sup> Cf. BAPTISTA. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*, p. 15.

<sup>659</sup> CANDIDO. *Esquema de Machado de Assis*, p. 15.

ambientes que frequenta, com as diversas pessoas com que convive –, sem que isso implique falsidade da parte do sujeito. Policarpo e o cronista inominado d’“A semana” não são, nenhum deles isoladamente, “Machado de Assis”. Entretanto, sem eles, é possível que a obra de Machado de Assis não fosse o que, em parte, é: uma forte ameaça ao ditame da centralidade.

## REFERÊNCIAS

- A BIBLIA SAGRADA. N. T. *Evangelho de S. Mattheus*. Traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: W. Clowes e Filhos, 1865. p. 931-967.
- A BIBLIA SAGRADA. V. T. *Ecclesiastes*. Traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: W. Clowes e Filhos, 1865. p. 660-669.
- AGUIAR, Denise Brasil Alvarenga. Modernidade instável: figuras machadianas e sombras contemporâneas. In: SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS, 1., 2008, Rio de Janeiro. [Anais...]. Rio de Janeiro: UERJ; UFF; UFRJ, 2008. 1 CD-ROM. p. 1-21.
- ALENCAR, Mário de. Advertência. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Mérito, 1961. v. 26, p. 7-12.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa: conforme as disposições do autor. Fixação de textos e notas de Gilberto Mendonça Teles*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 1602 p. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, coleção Nova Aguilar).
- ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas por Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993. xxxii, 272 p. (Márioandrando, v. 1).
- ÂNGELO, Ivan. Sobre a crônica. *Veja São Paulo*, São Paulo, 25 abr. 2007. Disponível em: <<http://veja.sp.abril.com.br/revista/edicao-2005/sobre-cronica>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ANJOS, Cyro dos. Cyro dos Anjos. Entrevista concedida a Edla van Steen. In: STEEN, Edla van (Comp.). *Viver & escrever*. Porto Alegre: L&PM; Brasília, INL, 1982. v. 2. p.13-26.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.
- ASSIS, Machado de. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Organização, introdução e comentários de Gustavo H. B. Franco. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 272 p.
- ASSIS, Machado de. *A semana: crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996. 360 p. (Literatura Brasileira, 2).
- ASSIS, Machado de. *A semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, [1914?]. 455 p.
- ASSIS, Machado de. *Balas de estalo de Machado de Assis*. Organização de Heloisa Helena Paiva De Luca. São Paulo: Annablume, 1998.
- ASSIS, Machado de. *Bons dias!*. Introdução e notas de John Gledson. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008. 320 p.

ASSIS, Machado de. *Comentários da semana*. Organização, introdução e notas de Lúcia Granja e Jefferson Cano. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008. 216 p.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. 282 p. [Outra edição: Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]. 156 p. (Coleção Prestígio).]

ASSIS, Machado de. *Dispersos de Machado de Assis*: coletados e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: MEC; INL, 1965. 574 p.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacob*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. 286 p. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v. 15).

ASSIS, Machado de. *Fuga do hospício e outras crônicas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003. 120 p. (Coleção Para gostar de ler, 26).

ASSIS, Machado de. *História de quinze dias, história de trinta dias*: crônicas de Machado de Assis – Manassés. Organização de Silvia Maria Azevedo. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. 214 p.

ASSIS, Machado de. *História de quinze dias*. Organização, introdução e notas de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2009. 304 p.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis afro-descendente*: escritos de caramujo [antologia]. Organização, ensaio e notas de Eduardo de Assis Duarte. 2. ed. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Pallas; Crisálida, 2007. 294 p.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis*: crônicas. Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 1963. (Nossos clássicos, 69).

ASSIS, Machado de. *Melhores crônicas*. Organização de Salette de Almeida Cara. São Paulo: Global, 2003. 406 p.

ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasil; Brasília: INL, 1977b. 220 p. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v. 10).

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2011. 280 p.

ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008. 280 p.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas de João Roberto Faria. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2009. 200 p.

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 3, p. 1007-1012.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008d. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. 3 v. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, v. 17).

ASSIS, Machado de. *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Mérito, 1961. 31 v.

ASSIS, Machado de. *Outras reliquias* (proza e verso). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910. 244 p.

ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899. VIII, 72 p.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 2011. 340 p.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Edição brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1958. v. 5. p. 4447-5538.

BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003. 276 p.

BAPTISTA, Abel Barros. *Autobibliografias: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003. 606 p.

BAPTISTA, Abel Barros. O romanesco extravagante: sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: GUIDIN, Márcia Lígia; GRANJA, Lúcia; RICIÉRI, Francine Weiss (Org.). *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008. p. 17-29.

BARRETO, José. O mago e o louco: Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Dias. *Pessoa Plural: revista de estudos pessoanos/journal of Fernando Pessoa studies*, Brown, v. 1, p. 70-138, primavera/spring 2012. Disponível em: <[http://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/pessoaplural/Issue1/PDF/I1A02.pdf](http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue1/PDF/I1A02.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 197-221.

BERNARDO, Gustavo. *O problema do realismo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 120 p.

BETELLA, Gabriela Kvacek. *Bons dias!: o funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revan, 2006. 216 p.

BETELLA, Gabriela Kvacek. Machado de Assis enfrenta tragédias e farsas na crônica: a reflexão crítica de *Bons dias!*. *Revista Letras*, Curitiba, n. 62, p. 11-25, jan.-abr. 2004.

BETELLA, Gabriela Kvacek. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do Conselheiro (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A semana)*. São Paulo: Ed. USP; Nankin, 2007. 240 p.

BOENAVIDES, William Moreno. *Estudo da crônica machadiana: Bons dias! e A Semana*. 2009. 46 f. Monografia (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BORGES, Diuvanio de Albuquerque. *Bons Dias! de Machado de Assis e a grande dor das coisas que passaram: um sentido solene e alto às palavras de todo dia*. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BOSI, Alfredo. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 53-103.

BRANDÃO, Ruth Silviano. A narrativa literária: um jogo de espelhos. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 109-115, 2012. [Originalmente publicado no n. 2 (jun. 1984) da mesma revista, p. 201-212.]

BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. *Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. 242 p. (Humanitas).

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 407-417.

BRUNO, Haroldo. A crônica como ficção. In: \_\_\_\_\_. *Novos estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980. p. 235-241.

CABALLERO, Fernan (Org.). *Cuentos y poesias populares andaluces*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1861. 299 p. (Coleccion de autores españoles, tomo VIII).

CAMPOS, Alex Sander. A recepção crítica da série de crônicas “Bons dias!”, de Machado de Assis. *Revista Querubim*, Niterói, n. 12, p. 10-15, 2010. Disponível em: <[http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/zquerubim\\_12\\_2010.pdf](http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/zquerubim_12_2010.pdf)>. Acesso em: 6 set. 2012.

CAMPOS, Alex Sander. *Sob o signo de relógios em discrepância: um estudo da série de crônicas “Bons dias!”, de Machado de Assis*. 2010. 50 f. Monografia (Graduação em Letras – Português) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2010b. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/63043177/Sob-o-signo-de-relogios-em-discrepancia>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. 552 p.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_ *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22. [Originalmente publicado em: ANDRADE, Carlos Drummond de *et al.* *Para gostar de ler: crônicas*. Ed. didática. São Paulo: Ática, 1979-1980. p. 4-13.]

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 15-32.

CANO, Jefferson *et al.* Narradores do ocaso da monarquia (Machado de Assis, cronista). *Revista Brasileira*, n. 55, p. 289-316, abr.-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/RB%2055%20-%20PROSA-final.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2012.

CARA, Salete Almeida. Prefácio. In: Machado de Assis, Joaquim Maria. *Melhores Crônicas*. Org. de Salete Almeida Cara. São Paulo: Global, 2003. (Coleção Melhores crônicas).

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 137-151. [Também disponível sob o título “Vitrines da modernidade” (*Verbo de Minas: letras*, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p. 113-123, jan.-jun. 2008).]

CARDOSO, Patrícia da Silva. Hoje amanuense. Amanhã diplomata? – A memória em *O amanuense Belmiro e Memorial de Aires*. *Letras*, Curitiba, n. 47, p. 39-53, 1997.

CARVALHO, Castelar de. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 328 p.

CARVALHO, Luiz Fernando. Diálogo com o diretor. In: RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins *et al.* *Capitu: minissérie de Luiz Fernando Carvalho, a partir da obra Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 75-83.

CASA NOVA, Vera. Do sermão do Diabo: o avesso da narrativa. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 16, p. 179-184, 2008.

CASTRO, Manuel Antonio de. Machado de Assis e a modernidade. *Revista LETRAS*, Santa Maria, n. 3, p. 1-5, jan.-jun. 1992.

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 736 p.

CAVALLINI, Marco Cícero. Monumento e política: os “Comentários da semana” de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005. p. 299-340.

CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias: a série “A+B” de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005. p. 67-85.

CHALHOUB, Sidney. A crônica machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa. *Remate de males*, n. 29, v. 2, p. 231-246, jul./dez. 2009.

CHALHOUB, Sidney. John Gledson, leitor de Machado de Assis. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 109-115, jul.-dez. 2006. Resenha de: GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 452 p.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 350 p.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005. 592 p.

COELHO, Jacinto do Prado. *Camões e Pessoa: poetas da utopia*. [Sintra]: Publicações Europa-América, 1983. 224 p. (Estudos e documentos, v. 202).

COELHO, Jacinto do Prado. Lima, Alceu Amoroso. In: \_\_\_\_\_ (Dir.). *Dicionário de literatura*. 3. ed. Figueirinhas; Porto: [s.n.], 1973. v. 2, p. 528.

COELHO, Jacinto do Prado. Pseudónimos. In: \_\_\_\_\_ (Dir.). *Dicionário de literatura*. 3. ed. Figueirinhas; Porto: [s.n.], 1973. v. 2, p. 876.

CORÇÃO, Gustavo. Machado de Assis cronista. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. v. 3, p. 325-331. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, v. 17).

COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 434 p.

COSTA LIMA, Luiz. Machado: mestre de capoeira. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de; MELO E SOUZA, Ronaldes de (Org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 183-190.

COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 432 p.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e críticos*. [Rio de Janeiro]: Organização Simões, [1969]. 248 p. (Coleção Crítica e História Literária, v. 1).

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: \_\_\_\_\_ (Dir.). *A literatura no Brasil*. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1999. v. 6, cap. 57, p. 117-143.

CRUZ JÚNIOR, Dílson Ferreira da. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin; Humanitas FFLCH/USP, 2002. 238 p.

DE LUCA, Heloisa Helena Paiva. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Balas de estalo de Machado de Assis*. Organização de Heloisa Helena Paiva De Luca. São Paulo: Annablume, 1998. p. 19-25.

DIAFÉRIA, Lourenço. A crônica: algumas considerações em cima do cotidiano. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *Literatura brasileira: crônica, teatro, crítica*. São Paulo: Norte, 1986. (Ensaios/seminário, v. 1). p. 17-22.

DIAS, Rosa Maria. A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em *O nascimento da tragédia*. *Cadernos Nietzsche*, n. 3, p. 7-21, 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. Estratégias de caramujo. In: ASSIS, Machado de. *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo* [antologia]. Organização, ensaio e notas de Eduardo de Assis Duarte. 2. ed. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Pallas; Crisálida, 2007. p. 239-281.

DUARTE, Lélia Parreira. Heteronímia e consciência irônica. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1010, p. 6-7, 8 fev. 1986.

FERREIRA, Andréa Cabral. *The crônicas of Machado de Assis, 1871-1878*. 2009. 81 f. Thesis (Master of Arts) – Graduate School, University of Florida, Gainesville, 2009.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *O álubi infinito: o projecto e a prática na poesia de Fernando Pessoa*. Trad. de Amílcar Guerra. [Lisboa]: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987. 284 p. (Temas Portugueses).

FRANCO, Gustavo. A crônica do tempo. In: ASSIS, Machado de. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Organização, introdução e comentários de Gustavo H. B. Franco. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 13-36.

GALHOZ, Maria Aliete. Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA, Fernando. *Obra poética: volume único*. Organização de Maria Aliete Galhoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. (Biblioteca luso-brasileira, série portuguesa). p. 15-60.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Heteronímia em Guimarães Rosa. *Revista USP*, São Paulo, v. 36, p. 18-25, dez. 1997-fev. 1998. [Também disponível em, da mesma autora: *Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 167-178.]

GALVEZ, José A. (Coord.). *Dicionário Larousse português-francês, francês-português*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005. 288 p.

GLEDSON, John. Apresentação. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2004. p. 17-21.

GLEDSON, John. “A sistematização do mal” – Machado de Assis, anarquismo e simbolismo. In: GUIDIN, Márcia Lígia; GRANJA, Lúcia; RICIÉRI, Francine Weiss (Org.). *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008. p. 179-186.

GLEDSON, John. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Bons dias!*. Introdução e notas de John Gledson. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008. p. 13-61.

GLEDSON, John. Introdução. Trad. de Maria Teresa David. In: ASSIS, Machado de. *A semana: crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996. (Literatura Brasileira, 2). p. 11-34.

GLEDSON, John. Bons dias!. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 135-186.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 338 p.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro*. Trad. de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 196 p. Título original: *The deceptive realism of Machado de Assis: a dissenting interpretation of Dom Casmurro*.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 452 p.

GLEDSON, John. Uma leitura equivocada: incompreensão do funcionamento da crônica de Machado de Assis. *Jornal de Resenhas*, São Paulo, p. 6-7, mar. 2010. Resenha de: ASSIS, Machado de. *História de quinze dias*. Org., introd. e notas de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2009.

GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. Machado de Assis, o maior cronista de seu tempo. *Gazeta do Povo*, 2 ago. 2008. Entrevista concedida a Christian Schwart. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=793096>>. Acesso em: 25 out. 2011.

GÓGOL, Nikolai Vassílievitch. *Almas mortas*. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Abril Cultural, 1987. 446 p. Título original: *Miórtvie Dúchi*.

GOMES, Eugênio. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: crônicas*. Org. de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 1963. (Nossos clássicos, 69). p. 5-15.

GOTLIB, Nádía Batella (Coord.). A crônica: uma bibliografia comentada. *Boletim bibliográfico Mário de Andrade*, São Paulo, v. 46, n. 1-4, p. 181-220, jan.-dez. 1985.

GOTLIB, Nádía Batella. Editorial. *Boletim Bibliográfico Mário de Andrade*, São Paulo, v. 46, n. 1-4, p. 5, jan.-dez. 1985.

GOTLIB, Nádía Batella. *Teoria do conto*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985. 96 p.

GRANJA, Lúcia. Das páginas dos jornais aos gabinetes de leitura: rumos dos estudos sobre as crônicas de Machado de Assis. *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, v. 6/7, p. 385-399, 2006.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis cronista: primeiros anos. In: DIAS, Tânia; SÜSSEKIND, Flora (Org.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Vieira & Lent, 2004. p. 595-608.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2000. 168 p.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis, jornalista: o homem, o texto, o tempo. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 1, n. 2, p. 75-81, 2009.

GRANJA, Lúcia. Um espaço de experimentação narrativa. *Jornal da UNICAMP*, Campinas, SP, 25-31 ago. 2008. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/agosto2008/ju406\\_pag1011.php](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2008/ju406_pag1011.php)>. Acesso em: 5 nov. 2011.

GRIECO, Agrippino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. 320 p.

GUIDIN, Márcia Lúgia; GRANJA, Lúcia; RICIÉRI, Francine Weiss (Org.). *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008. 332 p.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2004. 510 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

JACKSON, K. David. A modernidade do eterno em Machado de Assis. In: ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio Vicente (Org.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. 280 p.

JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. 396 p.

JOSÉ, Elias. Um Machado de Assis menos prestigiado. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1126, p. 3-4, 15 jul. 1989.

JUNQUEIRA, Ivan. Machado de Assis cronista. In: CHAVES, Vania Pinheiro; MOREIRA, Lauro; CARDOSO, Solange Aparecida (Org.). *Lembrar Machado de Assis: 1908 – 2008*. Lisboa: CLEPUL, 2009. p. 123-131.

LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado: leitura estruturante do drama em gente*. Porto: INOVA, [1973]. 248 p. (Civilização Portuguesa, 17).

LOURENÇO, Eduardo. *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986. 144 p.

LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e metafísica: Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa: Gradiva, 2002. 254 p.

LUCAS, Fábio. Os heterônimos de Machado de Assis. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v. 53, p. 29-40, jul.-set. 2009. [Também disponível em, do mesmo autor: *O núcleo e a periferia de Machado de Assis*. Barueri, SP: Manole, 2009. p. 69-81.]

LUZ, Eduardo. Crônica e brasilidade: a catação do mínimo e do escondido. *Machado de Assis em linha: revista eletrônica de estudos machadianos*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 102-121, jun. 2012. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero09/num09artigo06.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

MACHADO, Ubiratan. *Bibliografia machadiana – 1959-2003*. São Paulo: EDUSP, 2005. 274 p.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro: escritos de 1886 (“A+B”), de 1888 e 1889 (“Bons dias”), recolhidos da “Gazeta de Notícias”*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. p. 1-18.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2008. 4 v.

MAIA NETO, José Raimundo. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007. 198 p.

MARCONDES, Ayrton. *Machado de Assis: exercício de admiração*. São Paulo: A Girafa, 2008. 342 p.

MELO E SOUZA, Ronaldes de. Bibliografia machadiana comentada. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de; MELO E SOUZA, Ronaldes de (Org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 227-240.

MELO E SOUZA, Ronaldes de. O estilo narrativo de Machado de Assis. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de; MELO E SOUZA, Ronaldes de (Org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 65-79.

MEYER, Marlyse. De estação em estação com Machadinho. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 437-465.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 472 p.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-133. [Também disponível em: *Boletim bibliográfico Mário de Andrade*, São Paulo, v. 46, n. 1-4, p. 17-42, jan.-dez. 1985.]

MOISÉS, Massaud. *Machado de Assis: ficção e utopia*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001. 152 p.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaios*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 506 p. (Os pensadores).

MONTEIRO, Pedro Meira. A cidade ausente de Machado de Assis. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 46, p. 29-41, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rieb/n46/a02n46.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2011.

MONTELLO, Josué. *Machado de Assis*. Lisboa: Verbo, 1972. 136 p. (Gigantes da literatura universal).

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

NOGUEIRA, Nícea Helena. Nem românticos, nem realistas: reflexões sobre os romances machadianos. In: OLIVA, Osmar Pereira (Org.). *Machado de Assis e suas múltiplas vozes*. Montes Claros, MG: Ed. UNIMONTES, 2008. p. 153-170.

NOTA dos editôres. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Mérito, 1961. v. 15, p. 5.

NOTA dos editôres. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Mérito, 1961. v. 25, p. 281.

O FUTURO: Periodico Litterario. Rio de Janeiro: Typographia de Brito & Braga; Typographia do Correio Mercantil, 1862-1863. Quinzenal. 20 fasc. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/633>>. Acesso em: 20 set. 2012. Coleção da Brasiliana USP: 1862 (1-7); 1863 (8-19).

OLIVA, Osmar Pereira. A escrita em mosaico: Machado de Assis e as crônicas de *A Semana*. In: REBELO, Helena (Coord.). *Lusofonia: tempo de reciprocidades*. Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Porto: Afrontamento, 2011. v. 2, p. 269-279.

OLIVA, Osmar Pereira. Machado de Assis e a Revolta de Canudos. Disponível em: <<http://www.revistas.unimontes.br/index.php/fronteiras/article/view/11>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

OLIVA, Osmar Pereira. Metamorfoses dos narradores machadianos – entre defuntos, burros e filósofos. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Machado de Assis e suas múltiplas vozes*. Montes Claros, MG: Ed. UNIMONTES, 2008. p. 171-184. [Também disponível em: *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 16, p. 99-109.]

OLIVA, Osmar Pereira. O imaginário de Minas Gerais nas crônicas de Machado de Assis. In: FÓRUM ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 1., 2007, Montes Claros. [*Anais eletrônicos...*] Montes Claros: UNIMONTES, 2007. p. 1-3. 1 CD-ROM.

OLIVA, Osmar Pereira. Orientalismo e Romantismo: operadores conceituais e filosóficos para a criação literária em crônicas de “A semana”. In: SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS, 1., 2008, Rio de Janeiro. [*Anais...*]. Rio de Janeiro: UERJ; UFF; UFRJ, 2008. 1 CD-ROM. p. 1-12.

OLIVEIRA, Aline Aimée Carneiro de. Machado cronista: despretensão e disfarce no olhar arguto sobre a modernidade. In: SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS, 1., 2008, Rio de Janeiro. [*Anais...*]. Rio de Janeiro: UERJ; UFF; UFRJ, 2008. 1 CD-ROM. p. 1-10.

PEREIRA, Edgar. A correspondência de Fradique Mendes: entre a biografia e a ficção. In: BOËCHAT, Maria Cecília; MOTTA, Paulo; PESSÔA, Silvana Maria (Org.). *Romance*

*histórico*: recorrências e transformações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000. p. 349-355.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (*leonardo@puc-rio.br*). *Re: Auxílio em pesquisa* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por alexslc@ufmg.br em 21 jun. 2011.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2004. 320 p.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 5. ed. rev. pela autora. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. 310 p. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 82).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 160 p.

PESSOA, Fernando. Carta a Casais Monteiro, 13-01-1935. In: TABUCCHI, Antonio. *Pessoana mínima: escritos sobre Fernando Pessoa*. Lousã: Imprensa Nacional, 1984. (Temas portugueses). p. 121-126.

PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus*. Seleção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008. 416 p.

PESSOA, Fernando. *Obra poética: volume único*. Organização de Maria Aliete Galhoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 842 p. (Biblioteca luso-brasileira, série portuguesa).

PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 730 p. (Biblioteca luso-brasileira, série portuguesa).

PESSOA, Fernando. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, [1966]. 384 p.

PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, [1966]. 452 p.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 406 p.

PORTELLA, Eduardo. A crônica brasileira da modernidade. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *Literatura brasileira: crônica, teatro, crítica*. São Paulo: Norte, 1986. (Ensaio/seminário, v. 1). p. 7-13.

PORTELLA, Eduardo. Machado de Assis, cronista do Rio de Janeiro. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de; MELO E SOUZA, Ronaltes de (Org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 179-182.

PORTOLOMEOS, Andréa. A crônica machadiana na formação da literatura brasileira. In: SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS, 1., 2008, Rio de Janeiro. [*Anais...*]. Rio de Janeiro: UERJ; UFF; UFRJ, 2008. 1 CD-ROM. p. 1-8.

PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *Literatura brasileira: crônica, teatro, crítica*. São Paulo: Norte, 1986. 134 p. (Ensaios/seminário, v. 1).

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. 336 p.

PUJOL, Alfredo. O crítico e o cronista. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 229-272.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. Política e humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de estalo”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005. p. 87-121.

REBELO, Luís de Sousa. Elísio, Filinto. In: COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura*. 3. ed. Figueirinhas; Porto: [s.n.], 1973. v. 1, p. 280-281.

REIS, Carlos. Fradique Mendes, origem e modernidade de um projecto heteronímico. *Cadernos de Literatura*, Coimbra, n. 18, p. 45-60, out. 1984.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

RESENDE, Beatriz. Em caso de desespero, não trabalhem. A política nas crônicas de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 419-435.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; 7 Letras, 2008. 216 p.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Machado de Assis é moderno por excelência. In: \_\_\_\_\_. *et al.* *Capitu: minissérie de Luiz Fernando Carvalho, a partir da obra Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 11-17.

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim bibliográfico Mário de Andrade*, São Paulo, v. 46, n. 1-4, p. 9-16, jan.-dez. 1985.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. 194 p.

SANTOS, Gérson Tenório dos. Desconstruindo Sísifo: o tempo kairótico da crônica. *Kalíope*, São Paulo, ano 3, n. 1, p. 30-43, jan.-jun. 2007.

SARAH BERNHARDT joue Phèdre de Racine. Encyclopédie Larousse. Disponível em: <[http://www.larousse.fr/encyclopedie/musique/Laroussefr\\_-\\_Article/1101941](http://www.larousse.fr/encyclopedie/musique/Laroussefr_-_Article/1101941)>. Acesso em: 8 dez. 2012.

SAYERS, Raymond. Machado de Assis no Portugal do século XIX. In: \_\_\_\_\_. *Onze estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 123-142.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997. 232 p.

SENA, Jorge de. *Fernando Pessoa & c.<sup>a</sup> heterónima: estudos coligidos 1940-1978*. Lisboa: Edições 70, 1982. 2 v. (Obras de Jorge de Sena).

SEVCENKO, Nicolau. A ficção capciosa e a história traída. In: GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 13-20.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Gogol, matriz de *Quincas Borba*. *Machado de Assis em linha: revista eletrônica de estudos machadianos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 84-100, jun. 2008. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero01/num01artigo08.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

SIMÕES, Álvaro Santos. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 235-246, 2003/2004.

SOARES, Ivanete Bernardino. *A dimensão discursiva e estratégica das crônicas da série Bons dias!, de Machado de Assis*. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOARES, Ivanete Bernardino; MELLO, Renato de. A política de ontem e de hoje na crônica de Machado de Assis. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1.; COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4., 2010, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2010. p. 1-12.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. Machado de Assis: folhetim e crônica. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *À roda de Machado de Assis: ficção, crônica e crítica*. Chapecó: Argos, 2006. (Coleção Debates). p. 365-394.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. 586 p.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. 772 p.

SOUSA, José Galante de. *Fontes para o estudo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958. 310 p.

TABUCCHI, Antonio. *Pessoana mínima: escritos sobre Fernando Pessoa*. Lousã: Imprensa Nacional, 1984. 154 p. (Temas portugueses).

TÁTI, Miécio. *O mundo de Machado de Assis: o Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995. 224 p. (Biblioteca Carioca, v. 16, série publicação científica).

TÁVOLA, Artur da. O rapsodo. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *Literatura brasileira: crônica, teatro, crítica*. São Paulo: Norte, 1986. (Ensaio/seminário, v. 1). p. 14-16.

TINOCO, Robson Coelho. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*. São Paulo: Horizonte, 2010. 192 p.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Jogo alusivo nas crônicas de Machado de Assis. In: SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS, 1., 2008, Rio de Janeiro. [Anais...]. Rio de Janeiro: UERJ; UFF; UFRJ, 2008. 1 CD-ROM. p. 1-9.

TUFANO, Douglas (Org.). *Antologia da crônica brasileira: de Machado de Assis a Lourenço Diaféria*. São Paulo: Moderna, 2005. 208 p. (Lendo & relendo).

TUFANO, Douglas. Uma viagem pelo cotidiano de ontem e de hoje. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Antologia da crônica brasileira: de Machado de Assis a Lourenço Diaféria*. São Paulo: Moderna, 2005. p. 7-10. (Lendo & relendo).

VERISSIMO, Luis Fernando *et al.* Intervenções. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *Literatura brasileira: crônica, teatro, crítica*. São Paulo: Norte, 1986. (Ensaio/seminário, v. 1). p. 23-32.

VERISSIMO, Luis Fernando. Preto e Branco. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 nov. 2001. Caderno 2/Cultura, p. D2.

ZAPATERO, Javier Sánchez. Una charla de vecinos: la crónica periodística en Machado de Assis, entre lo local y lo universal. In: HERNÁNDEZ, Ascensión Rivas (Coord.). *Un clásico fuera de casa: nuevas miradas sobre Machado de Assis*. Recife: Massangana; Salamanca: Centro de Estudios brasileños de La Universidad de Salamanca, 2010. p. 125-136.

## ÍNDICE DE AUTORES

O objetivo deste Índice é auxiliar o leitor a encontrar passagens e citações no corpo da dissertação. Seria contraproducente a inclusão do nome Machado de Assis, dado o grande número de citações desse escritor neste trabalho.

- |  |   |
|--|---|
| ALENCAR, Mário de, 10, 23, 111, 116, 145                               | CANDIDO, Antonio, 29, 33, 34, 88, 143, 148, 149 154, 155, 157                   |
| ANDRADE, Carlos Drummond de, 28, 33, 37, 145, 148                      | CANO, Jefferson, 10, 64, 89, 142, 146, 148                                      |
| ANDRADE, Mário de, 28, 40, 51, 63, 64, 145, 152, 154, 157              | CARA, Salete Almeida, 10, 149   |
| ÂNGELO, Ivan, 37, 145  | CARDOSO, Patrícia da Silva, 17, 149   |
| ANJOS, Cyro dos, 17, 67, 145   | CARVALHO, Castelar de, 17, 18, 149  |
| ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi, 8, 32, 33, 145                                 | CARVALHO, Luiz Fernando, 37, 157  |
| AULETE, Caldas, 103, 147   | CASA NOVA, Vera, 128, 149   |
| BAPTISTA, Abel Barros, 20, 51, 52, 53, 64, 88, 93, 97, 143, 147        | CAVALCANTI FILHO, José Paulo, 39, 40, 41, 43, 149                               |
| BARRETO, José, 38, 147   | CHALHOUB, Sidney, 14, 15, 78, 79, 98, 99, 149, 150, 157                         |
| BENJAMIN, Walter, 13, 53, 64, 111, 147                                 | COELHO, Jacinto do Prado, 58, 150, 156, 157                                     |
| BERNARDO, Gustavo, 12, 13, 46, 143, 147                                | CORÇÃO, Gustavo, 25, 26, 135, 150   |
| BETELLA, Gabriela Kvacek, 11, 80, 81, 82, 101, 108, 118, 119, 121, 147 | COSTA LIMA, Luiz, 5, 35, 36, 39, 44, 45, 46, 47, 48, 67, 88, 107, 142           |
| BOENAVIDES, William Moreno, 83, 123, 148                               | COUTINHO, Afrânio, 25, 111, 147, 150, 156                                       |
| BOSI, Alfredo, 127, 130, 134, 138, 148                                 | CRUZ JÚNIOR, Dílson Ferreira da, 17, 57, 118, 121, 122, 123, 124, 136, 140, 150 |
| BRANDÃO, Ruth Silviano, 24, 25, 67, 125, 148                           | DE LUCA, Heloisa Helena Paiva, 10, 50, 145, 150                                 |
| BRUNO, Haroldo, 27, 28, 148  | DIAFÉRIA, Lourenço, 29, 31, 32, 150, 159  |
| CABALLERO, Fernan, 139, 148  | DIAS, Rosa Maria, 95, 134, 151  |

- DRUMMOND, Carlos *ver* ANDRADE, Carlos Drummond de
- DUARTE, Eduardo de Assis, 69, 71, 73, 85, 101, 146, 151
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore, 16, 151
- FRANCO, Gustavo, 9, 10, 73, 130, 145, 151
- GALANTE, José *ver* SOUSA, José Galante de
- GALHOZ, Maria Aliete, 60, 151, 156
- GALVÃO, Walnice Nogueira, 17, 59, 151
- GALVEZ, José A., 94, 151
- GLEDSON, John, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 27, 29, 36, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 90, 94, 95, 96, 99, 102, 107, 108, 109, 111, 114, 117, 118, 120, 124, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 145, 146, 150, 151, 152, 158
- GÓGOL, Nikolai Vassílievitch, 100, 152
- GOMES, Eugênio, 112, 113, 117, 146
- GOTLIB, Nádía Batella, 28, 152
- GRANJA, Lúcia, 10, 27, 29, 36, 50, 70, 146, 147, 151, 152, 153
- GRIECO, Agrippino, 57, 58, 108, 116, 117, 153
- GUIDIN, Márcia Lígia, 50, 147, 151
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 8, 18, 31, 32, 141, 151, 153
- HOUAISS, Antônio, 24, 27, 40, 43, 86, 87, 93, 94, 99, 153
- JOBIM, José Luís, 18, 139, 153, 157
- JOSÉ, Elias, 9, 153
- LOURENÇO, Eduardo, 40, 44, 48, 50, 59, 153
- LUCAS, Fábio, 55, 56, 57, 58, 153
- LUZ, Eduardo, 87, 88, 153
- MACHADO, Ubiratan, 22, 154
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo, 8, 10, 62, 65, 69, 72, 73, 74, 75, 85, 87, 90, 109, 141
- MAIA NETO, José Raimundo, 124, 127, 154
- MARCONDES, Ayrton, 9, 12, 154
- MELO E SOUZA, Ronaldes de, 21, 29, 40, 47, 60, 61, 141
- MEYER, Marlyse, 27, 32, 33, 52, 154
- MOISÉS, Massaud, 36, 154
- MONTAIGNE, Michel Eyquem de, 25, 90, 115, 135, 154
- MONTELLO, Josué, 11, 154
- NEVES, Margarida de Souza, 34, 35, 105, 149, 150, 155, 157
- NOGUEIRA, Nícea Helena, 68, 155
- OLIVA, Osmar Pereira, 12, 13, 64, 122, 123, 136, 137, 140
- OLIVEIRA, José Marcos Resende, 24, 25, 125, 148
- PEREIRA, Edgar, 59, 82, 86, 102, 155, 156
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, 10, 14, 75, 76, 80, 99, 146, 149, 150, 152, 156, 157
- PEREIRA, Lúcia Miguel, 16, 19, 20, 97, 114, 115, 116, 121, 125, 126, 135, 156
- PERRONE-MOISÉS, Leyla, 16, 44, 45, 49, 58, 156

- PESSOA, Fernando, 13, 16, 17, 38-58, 115, 117, 119, 121, 147, 149, 151, 156
- PIZA, Daniel, 80, 156
- PORTELLA, Eduardo, 29, 30, 156
- PROENÇA FILHO, Domício, 29, 31, 150, 156, 159
- PUJOL, Alfredo, 22, 23, 24, 26, 73, 157
- RAMOS, Ana Flávia Cernic, 14, 157
- REBELO, Luís de Sousa, 58, 157
- REIS, Carlos, 82, 157
- REIS, Roberto, 18, 157
- RICIERI, Francine Weiss, 50, 147, 151, 153
- RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins, 30, 157
- RONCARI, Luiz, 28, 29, 157
- ROSA, João Guimarães, 4, 17, 59, 140, 156, 157
- SANTOS, Gérson Tenório dos, 26, 27, 157
- SAYERS, Raymond, 110, 158
- SCHWARZ, Roberto, 18, 37, 52, 84, 86, 87, 111, 122, 158
- SENA, Jorge de, 13, 16, 62, 63, 115, 158
- SEVCENKO, Nicolau, 11, 158
- SILVA, Ana Cláudia Suriani da, 100, 158
- SIMÕES, Álvaro Santos, 24, 68, 69, 158
- SOARES, Marcus Vinicius Nogueira, 36, 158
- SODRÉ, Nelson Werneck, 109, 158
- SOUSA, José Galante de, 14, 16, 23, 69, 70, 72, 107, 110, 135
- TABUCCHI, Antonio, 40, 156, 158
- TÁTI, Miécio, 30, 159
- TÁVOLA, Artur da, 29, 30, 31, 159
- TINOCO, Robson Coelho, 53, 54, 55, 159
- TUFANO, Douglas, 31, 159
- VERISSIMO, Luis Fernando, 37, 159
- VILLAR, Mauro de Salles, 24, 27, 40, 43, 86, 87, 93, 94, 99, 153
- ZAPATERO, Javier Sánchez, 26, 159